

CAMILA FERREIRA

INFERNO PERFEITO





PERIGOSAS NACIONAIS

CAMILA FERREIRA

INFERNO PERFEITO



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2018 Editora PL

Copyright © 2018 Camila Ferreira

Capa: Denis Lenzi

Revisão: Carla Santos

Diagramação: Carla Santos

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial da obra sem
a permissão da editora.

Proibido para menores de 18 anos.

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Passado Confidencial

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Amor Confidencial

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Queima de Arquivo

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

Capítulo 24

Bônus 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

A Culpa

Capítulo 31

Epílogo

Agradecimentos

Biografia

Saiba mais sobre a Editora PL



Em algum lugar da Somália...

Dispensaram quaisquer tipos medicinais para controlar os distúrbios que desenvolvi estando acorrentada dentro de minúsculos quartos escuros. Aliás, eu nunca pude me dar ao luxo de tê-los por aqui. Neste momento posso ouvir, com bastante clareza, zumbidos incomuns, que me perseguem e se instalam permanentemente dentro de meus ouvidos. Talvez seja resultado dos barulhos pavorosos de bombas. Eles são ouvidos o tempo todo, devido às guerras civis; conflitos motivados,

PERIGOSAS NACIONAIS

principalmente, por questões religiosas, as quais perpassam a história desse país. Meio milhão de pessoas já morreram na Somália, por conta disso, e hoje estou aqui, escondida, esperando fazer parte desse número. Esperando, talvez, tornar-me mais um caso que vai se misturar à poeira e se dissipar em meio aos mortos. Já me tornei apenas mais uma estatística.

Meu coração já não bate regularmente há meses e essa sensação de morte iminente me apavora a cada maldito dia. Não faço ideia de onde ou com quem exatamente estou, já que meus captores estão sempre escondidos atrás de lenços escuros, os quais cobrem seus rostos. Eu também levo o rosto coberto quando eles saem comigo, sempre na calada da noite, o que torna impossível qualquer identificação ou reconhecimento; passo despercebida em qualquer lugar que me levem.

PERIGOSAS ACHERON

Meus cabelos, castanhos e longos, estão escondidos dentro de uma *abaya*, vestimenta preta muito usada por aqui. Esta que uso é uma peça grossa de cetim, que cobre também meu rosto, deixando ver, apenas e discretamente, meus olhos castanhos e extremamente cansados.

Os quinze dias de reportagens sobre as novas gerações somalis nascidas em meio ao conflito que eu pretendia realizar transformaram-se em meses de angústias e incertezas. Era para ser a reportagem do ano; a realização profissional de um verdadeiro jornalista de guerra.

O jornalista, fotógrafo e amigo que me acompanhou nesta viagem também está preso, mas em local diferente. Ele se chama Christian e, assim como eu, ama verdadeiramente o que faz; nossa paixão por aventuras jornalísticas nos trouxe até

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui. A família dele tem posses e deve estar movendo céus e terra para livrá-lo do cativeiro. Desconheço o motivo de ele ainda não ter sido libertado. Talvez estejam negociando sua libertação.

Não é a primeira vez que sequestram ocidentais e, com base em outros casos que acompanhei à distância, sei que essas negociações costumam ser longas. Confesso que, apesar de conhecer os riscos antes de vir, nunca me imaginei como uma vítima e, embora já esteja nessa situação há meses, tudo ainda me parece absurdo, mais que isso, parece surreal. Sei que eles demoram a entrar em contato com o governo, mas, somente esta semana, tive que me ajoelhar por duas vezes e passar por um momento de tortura em frente a uma câmera. Obrigaram-me a ler uma carta que dizia coisas sobre sua religião e um pedido de clemência para

PERIGOSAS ACHERON

que não cortem a minha cabeça. Além disso, pediram uma quantia obscena pela minha libertação, a qual jamais conseguirei pagar. Foi uma cena humilhante, indigna, mas a única em que pude mostrar meu rosto.

O fato de não ter mais uma mãe e de meu pai ser um engenheiro da Marinha aposentado não me favorece em nada. Meu pai tem mal de Parkinson e outros problemas de saúde. Conto apenas com o governo americano, que, somente agora, deve estar recebendo a informação de que ainda estou viva. É provável que as negociações estejam se tornando um grande fracasso.

Sempre fui a cuidadora de meu pai e, para vir até aqui, tive que colocá-lo em uma clínica. Ele não parecia bem quando liguei antes de ser pega por esses homens, e essa é apenas mais uma entre

PERIGOSAS NACIONAIS

minhas preocupações. Pergunto-me diariamente se ele está sendo bem cuidado e sinto-me mal em imaginar sua dor. Isso é o que mais me machuca, a cada dia que permaneço presa neste lugar, sem o mínimo de notícias. Eu o deixei em uma clínica, mas não o imagino esse tempo todo sem mim. Estou isolada do restante do mundo há muitos e torturantes meses. Nosso intuito para uma grande reportagem se transformou, no fim das contas, em um grande e terrível pesadelo.

Perdi a conta de em quantos esconderijos estivemos. Sinto que a lucidez se esvai de forma dolorosamente lenta. Minha pele ressecada e minha magreza revelam que já estou aqui há um longo tempo; não há mais o que fazer. Provavelmente morrerei a qualquer momento.

Todos os dias, acho que isso vai acabar, mas o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que vejo é que, com frequência, sou conduzida para um lugar diferente. Nas casas para onde sou levada há sempre resíduos de alguma família. A impressão que dá é a de que largaram seus pertences e desapareceram de forma abrupta. É o reflexo de um país marcado pela guerra.

Os homens que me cercam parecem ter sonhos, mas não são comuns. Não são aspirações como as da maioria das pessoas, pelo menos não das que sempre estiveram a minha volta: estudar, ter uma profissão, casar, ter filhos e construir uma família. Embora todas as conversas sejam na língua somali, alguns deles demonstram que sabem se comunicar bem em inglês. Algumas conversas que ouvi me fizeram acreditar que, dos cinco homens que ali estavam, ao menos um planejava se casar; os demais almejavam um dia poder se explodir. Conheço o nome de somente um deles, Jamal. É

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas um jovem, que nem era nascido quando o último presidente da Somália, o ditador Mohamed Siad Barre, foi derrubado e o país mergulhou em anarquia. Tal como os outros de sua geração, Jamal não tem ideia do que significa viver numa república estável. Ele me confidenciou, com um inglês carregado de sotaque, sua vontade de ir embora; de fazer algo em que realmente acredite. Isso me deixou aliviada. Mesmo que Jamal conversasse pouco, percebi que ele sempre foi diferente de todos. Alivia-me saber que não deseja se explodir e sequestrar pessoas, mas acredito que seus desejos estejam relacionados diretamente a mim, pois é o único que me trata com educação, que me alimenta e me hidrata quando pode. Seus olhos escuros, assim como o pequeno pedaço de pele negra que os rodeia, são tudo que consigo ver de sua aparência, mas o bastante para sentir sua sinceridade.

PERIGOSAS ACHERON

Um feixe de luz se revela através da porta e um dos homens — que não é Jamal — entra, posicionando-se bem a minha frente. Empunhando uma arma, observa-me calado, esperando que eu adivinhe o que espera de mim. Talvez seja hora de rezar. Sim, rezamos algumas vezes por dia e aprendemos o alcorão. Nesses momentos, eu me apego, secretamente, às minhas próprias crenças, para conseguir achar uma saída nesse caminho torturante.

Encaro meu sequestrador, que continua mudo, e ainda tento entender o que quer. Não posso imaginar o que possa ser. Dois deles já me molestaram e outro tentou me estuprar, certa vez, mas Jamal sempre esteve lá para me ajudar. Acredito que, se ele não estivesse aqui, eu já teria sido estuprada. É dolorosamente triste saber que, depois de tudo que passei, ainda posso morrer, mas,

talvez, no fim das contas, eu queira mesmo isso.

O homem com o rosto coberto se abaixa e me liberta das correntes que prendem meus pés. Segura meu cotovelo, ajudando-me a me levantar, e ajeita o tecido que cobre meu rosto. Esse procedimento indica apenas uma coisa: é hora de partir. Iremos para outro lugar e eu não poderia me sentir mais amedrontada, já que não estamos indo em um horário comum. Eles têm rivais com quem travam uma luta religiosa e estou no meio disso tudo. Geralmente, quando saímos às pressas, é por causa dos morteiros, ou quando os confrontos entre milícias inimigas ficam muito pesados. Nesses casos, sempre nos deslocamos para outro lugar.

Entramos na perua, ao lado dos homens que empunham suas enormes metralhadoras como se fossem troféus. Chris, meu colega, já está no

PERIGOSAS NACIONAIS

interior do veículo e, como é de costume por aqui, leva o rosto coberto. Nossos olhares sempre fazem perguntas um para o outro, as quais nunca são respondidas. Ele está ainda mais magro que da última vez em que o vi. Seus cabelos castanhos estão escondidos e quase não posso ver seus olhos verdes. Desde que estamos nessa situação, raramente conseguimos trocar duas palavras, porém sentimos o medo um do outro; está impregnado em nós, em nossa mente, em nosso espírito. Meses se passaram e as incertezas estão cada vez maiores.

O rugido da partida ecoa, dando vida ao motor da perua, que rapidamente acelera pelas ruas. Olho para o retrovisor e vejo a poeira rodopiando caoticamente na estrada. Estamos no meio do nada e o que sempre nos espera é o incerto.

Depois de algumas horas cansativas, percebo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que, pela primeira vez, desde que fui sequestrada, estamos em um lugar diferente: um vilarejo com poucas casas. Fico momentaneamente feliz com um fio de esperança de que eu consiga me comunicar com alguém.

Sáímos da perua e logo somos conduzidos para dentro de uma casa. Talvez seja a melhor em que já estive em todos esses meses. A moradia fica atrás de portões de ferro trancados e muros extremamente altos feitos de concreto. Confesso que não posso esconder o medo de que este seja o nosso último lugar e de que seja hora de morrer. Sim, morrer. É o que mais temo nesses últimos meses e o que mais quero ao mesmo tempo. Essa tortura precisa acabar de alguma forma.

Depois que passamos pelos portões, dois homens encapuzados abrem a porta de ferro da

PERIGOSAS ACHERON

casa. Assim que entramos, damos de cara com outros homens sentados sobre um grande sofá e armados até os dentes. Nenhum deles revela seu rosto e eu decido não fazer contato visual. Chris está logo atrás de mim. Somos obrigados a dar mais alguns passos e logo em seguida nossos corpos são pressionados, de costas, contra a parede. Fecho os olhos. Minha respiração está difícil e tento controlá-la, pois meu corpo ameaça entrar em colapso mais uma vez. Engulo as lágrimas e rezo, silenciosamente, para que nos libertem e nos tirem desse pesadelo.

— Traga o rapaz! — ordena um dos homens em um inglês carregado de sotaque. Sua voz é muito grave; é assustadora e me faz estremecer. Nunca o ouvi antes e presumo que seja algum tipo de líder ou algo assim. Não faço movimento algum, tampouco olho para os lados; apenas mantenho os

olhos fixos sobre o tapete gigante e vermelho sob meus pés.

Chris se afasta de mim e é conduzido até o homem.

— Levem-no.

Meus olhos estão arregalados. Será que vão libertá-lo? Desta vez encaro-os com expectativa.

Deus, eles vão nos libertar. É o que tudo indica!

— Vocês vão me libertar? — Chris arrisca a pergunta com uma voz sussurrada. Ele se vira para encontrar meus olhos ansiosos e volta a atenção ao homem, que não responde a sua pergunta. *Talvez ele tenha vontade de mencionar meu nome, mas não o faz.*

— Vá! — o homem repete taxativo.

Chris é levado para fora e eu espero, com expectativa, que o assombroso homem me chame. Porém, ele não diz nada. Apenas me encara de um modo conhecedor, como se soubesse exatamente quem sou, analisando-me como se eu fosse algum tipo de espécime peculiar para ser estudada.

— Levem-na para o quarto.

E eu concluo que não vão me libertar. Pelo visto, não estão interessados em se livrar de mim.

Reprimo a imensa vontade de chorar e sou levada para um quarto, depois de seguir um longo corredor. Até agora, desde que chegamos, não vi Jamal. Queria que ele estivesse aqui, mas parece que não está.

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que entro, vejo paredes estéreis e apenas uma cama simples de solteiro num canto. No cômodo não há janelas, mas quem se importa? Como eu poderia escapar com todos esses homens que empunham armas do lado de fora?

Exalo um suspiro profundo e me deito sobre a cama. Pela primeira vez, estou em uma cama razoavelmente confortável. Muito dura, mas é uma cama. Ainda estou apreensiva e assustada, mas a exaustão e o sono extremo sobrepõem o medo.



Um barulho de fechadura se abrindo me deixa em alerta e meu coração acelera. Novamente um homem entra, mas, por causa da escuridão, não o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

identifico. Ele se aproxima e meu corpo se encolhe instintivamente. Em todos esses meses, fui molestada. Não chegaram a me estuprar, mas, pela primeira vez, sinto que é o que vai acontecer. Embora tenham tentado, nunca conseguiram entrar no meio da madrugada. Jamal sempre arranjava um modo de ser escalado para me vigiar durante a noite, momento mais propício para que um estupro acontecesse. Até agora ele conseguiu me proteger, mas não sei até quando driblará os outros.

— Fique calma. — É a voz de Jamal em inglês. Solto um suspiro de alívio ao ouvi-lo.

— O que faz aqui?

— Mohamed quer que você seja uma escrava sexual. Depois planeja te matar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele deve estar se referindo ao homem da voz assombrosa. Um nó se forma em minha garganta e as lágrimas começam a se acumular no canto dos meus olhos. Meu coração parece ter congelado, assim como todo o meu corpo.

— Acabou — concludo, sussurrando, mas Jamal não diz nada. Apenas me observa.

— Eu não quero morrer, Jamal.

— Eu vim te libertar. — Suas palavras arrastadas me surpreendem. Pela primeira vez, em meses, sinto que posso confiar em alguém.

— Como vou sair daqui? Existem homens armados lá fora! — lembro-o, mas ele parece não se importar.

PERIGOSAS ACHERON

— Eles estão dormindo.

E, então, tudo faz sentido. Jamal pretende fugir comigo.

— Vamos fugir?! — questiono com expectativa.

— Não podemos fugir juntos ou irão nos encontrar. Você terá que seguir seu caminho sozinha.

Não quero que Jamal alimente esperanças em relação a mim, mas confesso que seria melhor se ele viesse comigo. Estou perdida e poderia morrer facilmente solta por aí.

— Não sei onde estou, Jamal. Posso morrer nas mãos de outras pessoas.

— Estamos em uma aldeia afastada do centro —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

informa, enquanto retira as correntes que prendem meus pés. — Mogadíscio não fica longe daqui e lá existem mesquitas.

— Venha!

Saímos em disparada pelo corredor, até alcançarmos a rua. Meu coração está disparado, mas faço tudo o que ele pede sem questionar. No caminho, tudo que vejo são homens jogados pelo chão. Encaro Jamal com um ar interrogativo, mesmo que ele não possa ver a expressão de meu rosto através dos tecidos.

— Eu os dopei — é a única coisa que ele diz em resposta. Jamal, provavelmente, planejou tudo de forma minuciosa. Ele é o meu herói. Todos parecem bebês ao lado de suas armas.

PERIGOSAS ACHERON

Jamal se arriscou por mim!

Assim que saímos, ele me entrega a chave da perua em que estive viajando e alerta de que devo abandoná-la no primeiro lugar em que parar. O veículo só servirá para que eu me afaste dali o mais rápido possível. Entrega-me um mapa e me orienta sobre como devo proceder, recomendando que eu use a abaya até chegar ao centro de Mogadíscio. No mapa, mostra-me brevemente o caminho que devo seguir para não ser um alvo fácil para os atiradores.

Antes que eu saia, ele me conta que Christian realmente foi libertado e que não fez muito para me ajudar. Parece que estava apressado para ir embora daqui, o que é totalmente compreensível, já que se livrou da morte. Neste momento, faltam-me palavras para agradecer à pessoa que está me dando a chance de viver.

— Cuide-se, Jamal.

Ele abaixa, lentamente, o tecido que lhe cobre o rosto e eu me surpreendo com sua juventude. Certa vez, ele me disse sua idade, mas, vendo-o agora, acho que parece ser bem mais jovem, aparenta ser um adolescente.

— Obrigada!

Ele acena com um sorriso torto e, rapidamente, volta a colocar o tecido. Ajeita também a *abaya* que cobre meu rosto, atando-a para que não se solte. Afasta-se e segue seu caminho em direção a outro veículo. Eu faço o mesmo enfiando-me dentro da perua. A adrenalina me consome, mas procuro me controlar e ligo o motor, dando vida ao carro que me levará para longe daqui. Essa é a minha chance.

PERIGOSAS NACIONAIS



Não sei há quanto tempo estou rodando, mas acredito estar bem longe daquele lugar. Acho que finalmente estou chegando ao centro de Mogadíscio. O mapa que Jamal me deu é um pouco confuso, mas ajudou muito até agora. Ele me orientou a acelerar e nunca parar ou corro sérios riscos de ser alvo de algum extremista. Havia combustível quando saí do vilarejo — presumo que isso seja obra de Jamal também —, mas já está acabando. Não sei como tive tanta sorte de encontrar um aliado que não quis nada em troca de sua ajuda. Jamal é muito jovem, mas sabe exatamente o que quer. Espero que consiga atingir seus objetivos e que seja feliz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acelero o carro o máximo que é possível. Mesmo estando tão distante, tenho a sensação de que alguém está me seguindo. A adrenalina ainda corre em abundância dentro de mim, e meu coração não se acalmou um segundo sequer.

Agora o sol está brilhando com muita intensidade no céu. Pelo retrovisor, a única coisa que vejo é a poeira rodopiando caoticamente e rastros dos pneus marcando meu caminho. Ainda estou no meio do nada e, confesso, o desespero começa a me atingir, quando não vejo nada além da estrada empoeirada e um imenso deserto. Começo a cogitar a possibilidade de que não tenha seguido o caminho indicado; isso ou os lugares são bem mais confusos do que eu pensava.

Um barulho semelhante ao de uma explosão faz com que eu quase perca o controle da direção e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu coração bate ainda mais forte quando percebo isso. Piso fundo no freio, mas o carro tomba violentamente, deslizando em alta velocidade pelo chão empoeirado do deserto. A perua está girando com muita rapidez, deixando-me tonta. Ela finalmente para e eu cubro o rosto com as duas mãos, completamente apavorada. *Será que fui atingida?*

O barulho intenso é substituído pelo completo silêncio. Tento me mover e percebo que estou presa ao cinto de segurança. Um clarão refletido no retrovisor chama minha atenção. Olho para trás, vejo o fogo se alastrando e o desespero toma conta de mim. Meu corpo treme e o pânico retorna com força total quando o carro se enche de uma nuvem escura. As chamas já atingiram os pneus, trazendo uma fumaça tóxica para minhas vias aéreas. Tento tirar o cinto, mas ele está emperrado. Esforço-me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

puxando-o com toda a força, sem resultado. Debato-me desesperadamente, mas é inútil.

O ar começa a faltar e a esperança de que eu consiga me soltar e sair daqui se esvai.

— SOCORRO! — grito sabendo que isso pode ser ainda pior, mas não me importo, já que vou morrer de qualquer jeito. Continuo clamando por socorro, mas perco as forças no momento em que sinto meus pulmões arderem.

Decido tirar o lenço do rosto para tentar respirar com mais facilidade, mas, inesperadamente, vejo o cinto sendo arrebatado. Mãos ágeis me puxam rapidamente para fora da perua, arrastando o meu corpo até uma distância segura. Minhas vistas estão ardendo e embaçadas por conta da fumaça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos sair daqui. — A voz masculina chama minha atenção, mas a tosse incessante não me deixa responder. Agora pareço um cachorro enquanto tento expelir a fumaça que se infiltrou dentro de mim. Sinto meus pulmões arderem. De repente me dou conta de que o homem falou a minha língua enquanto me arrastava para dentro de um jipe. Isso me deixa em completo estado de alerta e, depois de esfregar meus olhos e encará-lo, percebo que ele também usa um lenço cobrindo sua cabeça. Apesar disso, posso ver parcialmente seu rosto. Sim, ele é americano.

— Você é americano? — pergunto entre tosses; seus olhos não revelam nada.

— Você é — ele afirma sem responder a minha pergunta.

PERIGOSAS ACHERON

— Eles estão atrás de mim. Eu estive presa em vários cativeiros durante vários meses.

O homem não demonstra emoção alguma com o que digo e, mesmo que tenha me ajudado, sinto que ele não se importa.



O motor do jipe ganha vida enquanto afivelo o cinto. Seguimos pelas ruas empoeiradas nesse ar morno do deserto da Somália, em direção a Mogadíscio. Com uma das mãos, o homem ao meu lado segura firme o volante; com a outra, retira habilmente o tecido escuro que cobre seu rosto, jogando-o casualmente no banco de trás. Sua face se revela totalmente e, por um momento, fico admirada com sua aparência. De perfil, é um homem muito bonito. Os cabelos castanhos e curtos, aliados à expressão fechada, fazem com que pareça misterioso, instigante. Sua postura

PERIGOSAS NACIONAIS

controlada me impressiona. Sem dúvida, este homem não aparenta ser uma pessoa que acabou de salvar uma mulher prestes a morrer dentro de um carro em chamas. Parece que nada o abala.

— Qual é o seu nome? — questiono, mas ele continua com o olhar fixo na estrada. Sua expressão séria não deixa nenhuma pista sobre o que está fazendo aqui. — Meu nome é Laura Ryder e eu realmente preciso de sua ajuda. Não tenho a quem recorrer estando presa neste país. Realmente agradeço por ter me tirado daquela perua. Se não fosse por sua ajuda, eu teria morrido. — Espero que ele diga alguma coisa, mas é como se eu não tivesse dito absolutamente nada.

Fico alguns segundos observando-o, mas decido continuar falando até que ele diga alguma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será que alguém me atingiu?

— Se tivessem atingido, você não estaria falando como se tivesse engolido um gravador com defeito. Aliás, você não estaria aqui. Eles não costumam errar a mira e geralmente atiram para matar.

— Mas eu ouvi barulhos de explosão e...

— Foram os pneus da perua que estavam velhos e gastos. Eles estouraram.

— Sim, mas parecia realmente que alguém havia atirado. Eu senti um tremor enquanto dirigia e pode ser que...

— Fique calada. Não fale besteira — corta-me com uma voz áspera, fazendo com que eu me vire

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

instintivamente para frente. Está claro que o homem está me ajudando contra sua vontade. Ter me salvado e trazido consigo parece deixá-lo contrariado de alguma forma.

Algumas horas se passaram e o silêncio permaneceu durante todo o percurso. Finalmente saímos do meio do nada. Passamos agora por ruas marcadas pelo terror. O cenário é repleto de ruínas; antigas moradias, agora crivadas de balas. O carro derrapa no cascalho e salta sobre pedras, fazendo com que os eixos produzam ruídos estridentes. O sol brilha sobre os ossos ressecados de animais mortos espalhados no deserto. Mogadíscio é um dos lugares mais devastados pela guerra civil. Cada lugar pelo qual passamos retrata marcas da destruição, morte e de uma guerra que dura mais de duas décadas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não fiz nenhum contato visual com o completo desconhecido e rezo silenciosamente para que ele não me deixe no meio deste caos. O carro se aproxima de um porto que eu reconheço imediatamente. Aqui seria o próximo lugar onde eu faria algumas reportagens com Christian. Infelizmente não tivemos tempo para fazer tudo que havíamos planejado. O farol de Mogadíscio está em total ruína, assim como em algumas fotos que vi pela internet. O jipe estaciona e eu não consigo entender o que ele faz aqui.

— Desça! — exige sem me dirigir o olhar.

— Você não pode me deixar aqui.

Pela primeira vez, o homem olha em meus olhos. Ainda uso o lenço, que está bem atado, e não pretendo tirá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Iremos trocar de carro, mas antes preciso pegar uma encomenda — é sua única resposta.

Faço o que ele manda e desço do veículo, ajeitando o tecido que cobre meu rosto.

Ele caminha a passos largos e eu tento acompanhar, mas é quase impossível. O homem é alto e extremamente rápido. Aparentemente, nem se preocupa se eu realmente o estou seguindo.

Entramos nas ruínas do farol e eu deparo com uma escada em espiral em estado de colapso. O porto italiano foi abandonado há cerca de 20 anos, quando começou a pirataria e as guerras. Ele se transformou em alojamento de pescadores sem teto e de viciados em "Khat" — um tipo de folha que eles mascam como chicletes e que contém estimulantes. Estudei sobre tudo isso antes de vir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para a Somália. Preparei-me profundamente para as matérias que faria e agora apenas meus olhos serão capazes de captar tudo o que vejo por aqui; tudo que queria eternizar em uma série de reportagens. Muitas vezes, o que estou vivendo hoje passou pela minha mente, mas nunca pensei que passaria do plano imaginário. Sou uma repórter de guerra, de conflitos, e esse seria meu primeiro trabalho fora do país para uma grande emissora.

O lugar se transformou em um lembrete da destruição e do abandono.

O cheiro forte de urina é quase insuportável aqui dentro, mas tento me controlar; no fim das contas, estive em locais tão ruins e fétidos quanto este.

O imponente oceano Índico que nos cerca, ressalta a atmosfera de abandono e deixa a

PERIGOSAS ACHERON

aparência da paisagem ainda mais melancólica.

— Fique aqui. — Seus braços me impedem de continuar e eu, obedientemente, permaneço onde estou. Aproximo-me da grande entrada e o observo. Ele se aproxima de um homem que também cobre a cabeça com um lenço e usa óculos escuros. Este entrega um papel ao meu companheiro desconhecido, que, por sua vez, entrega-lhe um envelope. Ambos se cumprimentam e se afastam.

O homem mal-humorado retorna e passa por mim como se eu não estivesse aqui. Mesmo sem ser chamada, decido segui-lo. Ele se aproxima novamente do jipe e retira uma pasta relativamente grande do banco de trás. Observo-o calada, até que se reaproxima de mim.

— O outro veículo está bem ali — informa e

PERIGOSAS NACIONAIS

rapidamente se afasta. Andamos por alguns minutos, até que encontramos uma caminhonete velha estacionada. Ela está parada no meio do nada e eu me pergunto como veio parar aqui. Talvez sua aparição esteja relacionada ao homem com quem meu companheiro silencioso acabou de se encontrar. Minhas sobrancelhas se unem e eu não consigo entender o que de fato está acontecendo. Assim que entro no veículo, sou surpreendida novamente por um barulho ensurdecedor, aparentemente uma explosão. Instintivamente, abaixo-me e cubro meus ouvidos com as mãos. Viro meu pescoço para olhar o lugar onde estávamos e vejo o jipe completamente destruído. A fumaça preta sobe rapidamente, tomando espaço no céu.

— Deus! Havia uma dinamite potente naquele jipe e eu estive lá? — minha pergunta soa mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como uma afirmação. O homem ao meu lado parece nem ter se abalado com o que acaba de acontecer.

— Eu a explodi.

Vejo um pequeno aparelho que não havia percebido em sua mão. Abro parcialmente minha boca, mesmo que ele não possa vê-la através do fino tecido que cobre meu rosto. Assim como o carro onde agora estou, meu corpo tremeu, devido à explosão.

— Nesta caminhonete não há explosivos, há? —
Estou trêmula enquanto pergunto.

— Não — ele afirma e, rapidamente, acelera pelas ruas empoeiradas de Mogadíscio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aonde estamos indo? — arrisco a pergunta, observando o homem sério, que, com as duas mãos, segura firmemente o volante. Percebo que está extremamente atento, mas não somente à estrada. Parece estar ligado em tudo; quase não pisca enquanto seus olhos varrem tudo ao nosso redor.

— Vou deixá-la em algum hotel e, de lá, você pode ligar para alguém. — Sua resposta é evasiva, mas eu não me contento. Preciso que ele ao menos me ajude a sair do país.

— Não tenho mais meus documentos ou dinheiro. Não tenho nada. Sou uma indigente neste país. Apenas preciso que me auxilie.

— Você está viva. — Sua resposta é áspera novamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estreito meu olhar em sua direção.

— Não entendi — digo.

Ele sopra o ar pesadamente.

— Era para você estar carbonizada naquela perua e esquecida a essa altura. Já a ajudei o suficiente. — Pelo tom de voz, noto sua impaciência, mas estou longe de me calar.

— Antes de vir parar aqui, eu estudei muito sobre os perigos dessa região.

— Você sobreviverá.

— Eles devem estar me procurando. Sou algum tipo de mercadoria para eles. Você sabe que estamos no inferno — tento convencê-lo, mas sinto que cada palavra que digo é ainda mais inútil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você também é americano? — Na verdade, isso não foi bem uma pergunta.

Seus olhos nem piscam enquanto dirige. Ele não se dá ao trabalho de me responder, então continuo meu monólogo:

— Não faço a mínima ideia do que você está fazendo aqui e nem quero saber, mas sou uma jornalista e somos compatriotas. Talvez você pense que estou aqui para atrapalhar, mas essa não é a minha intenção. Quero apenas voltar para o meu país. Preciso ver meu pai, preciso sair daqui, preciso me livrar desse...

Ele freia o carro bruscamente. Se eu não estivesse presa ao cinto, meu corpo certamente seria projetado para fora. Os nós dos seus dedos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estão ainda mais visíveis, enquanto apertam com força o volante, mas sua aparência ainda é muito controlada.

— Gostaria que você ficasse muda até chegarmos ao hotel se não for pedir muito.

Engulo em seco, pois, mesmo que ele não tenha alterado a voz, senti um tom de ameaça nela. Ele é intimidador. Sua expressão fria me deixa amedrontada.

— Tudo bem.

Gira a chave ligando motor da velha caminhonete e acelera pelas ruas empoeiradas.

Por mais que eu esteja aliviada por não estar mais nas mãos de sequestradores rebeldes, não

PERIGOSAS ACHERON

posso negar que o fato de estar sozinha com este homem me causa certo medo também. Ele é completamente estranho.

Meu monólogo interior me distraiu de tal forma, que não percebi que o carro estava parando.

— Você pode descer. Eu iria te deixar no "Jazzeera hotel", que é o meu preferido, por sinal, mas ele foi bombardeado. Esse não é tão ruim — informa sério, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. Em vez de me ajudar, assusta-me ainda mais. O homem não faz contato visual em momento algum.

Olho ao meu redor e percebo que deveria seguir o conselho de Jamal e ir a uma mesquita.

— Não tenho nada. Leve-me ao menos a uma

mesquita. Não posso simplesmente ser abandonada aqui.

O homem exala um suspiro profundo. Apenas meus olhos são visíveis através da abaya, mas ele não me olha.

— Desça.

Ouçó a ordem e encaro-o procurando em sua expressão algum resquício de remorso por abandonar uma mulher em um lugar totalmente desconhecido, mas não encontro. Vejo apenas frieza estampando seu rosto. Sinto as lágrimas se acumularem em meus olhos, ao perceber que, daqui por diante, estarei jogada à sorte. Engulo em seco e tento reunir o resto da minha dignidade.

— Você deveria ter me deixado morrer —

PERIGOSAS NACIONAIS

afirmo com veemência, tentando reprimir as lágrimas e desço do carro sem dizer mais nada. Ele mal espera que eu feche a porta e acelera, saindo em disparada, deixando uma imensa nuvem de poeira para trás.

— Estou ferrada — sussurro, enquanto observo o desaparecer no horizonte.

Devastada por ter sido abandonada pela única pessoa que poderia me ajudar, caminho até a recepção do simples hotel e tento explicar, em inglês, a minha situação. Os recepcionistas falam um inglês carregado, mas eu me sinto agradecida por isso. Eles me explicam que houve um bombardeio próximo daqui e que não há telefones na região funcionando no momento. A forma como dizem dá a sensação de que estão me contando sobre um acidente de carro idiota e não sobre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peessoas sendo mortas por milícias. Apesar disso, são gentis e entendem a minha situação. Pedem que eu espere um superior, pois só então poderão arrumar algum lugar para que eu passe ao menos essa noite.

Sento-me em uma poltrona e tento não deixar que o pânico tome conta de mim. Gostaria de esfregar meu rosto com as mãos, mas não quero ser identificada enquanto estiver neste país.

— Preciso de um quarto. — Uma voz familiar masculina ecoa pela recepção onde estou e eu ergo a cabeça encontrando um homem alinhado usando terno. Engulo em seco ao imaginar que o homem bem diante de mim, agora com trajes de alguém nascido em qualquer país ocidental, pode ser o mesmo que estava presente em meu último dia de cativoiro, dando ordens àqueles homens. Pela sua

PERIGOSAS ACHERON

voz, tenho quase cem por cento de certeza de que é o mesmo que ordenou que eu ficasse naquele quarto assombroso. Seu timbre é marcante e muito intimidador para que eu esqueça.

Paro de respirar por alguns segundos e, lentamente, levanto-me para escapar sem ser vista. Ele pode estar atrás de mim. Ainda que não seja o mesmo homem, não quero me arriscar.

Caminho a passos largos, enquanto ele ainda está de costas para mim. Prendo a respiração e não volto minha cabeça para encará-lo.

— Senhora? Não vai esperar? — o rapaz que trabalha na recepção do hotel me chama e eu congelo no mesmo instante. Viro-me lentamente para encará-lo e deparo com os olhos do homem de quem eu pretendia fugir; estão exatamente sobre

mim. Dessa vez, seu rosto está livre de qualquer tecido e, mesmo que eu não o tenha visto, exatamente, pela simples maneira como me olha, sei que é ele. Seus cabelos são negros, assim como seus olhos. Sua pele é morena e sua expressão é séria. Pela voz, julguei que fosse mais velho, mas, sem o lenço, aparenta mais ou menos quarenta anos; jovem ainda.

— Aí está você! — diz confirmando que eu estava certa o tempo todo. Engulo o nó em minha garganta e arregalo os olhos, ao ouvir novamente essa voz grave, que eu reconheceria em qualquer lugar. Ele se vira para o gerente e sorri. — Quarto para dois — diz casualmente, com seu inglês carregado. O atendente parece confuso, mas não é para menos, depois de tudo o que eu disse sobre ter sido sequestrada. — Ela toma medicamentos controlados e acredita ter sido sequestrada. Não se

PERIGOSAS NACIONAIS

preocupem, é a minha mulher, que fugiu do aeroporto depois de uma crise. — Exala um suspiro profundo, como se estivesse se sentindo frustrado. — Vamos para Londres procurar outro especialista. Ela não pode mais viajar assim — convence o homem, que sorri atrás do balcão.

Começo a contar e, no dois, já estou correndo feito uma louca pelas ruas de Mogadíscio.

As pessoas que me veem correr, instintivamente, correm também, mas para longe de mim. Aqui na Somália é assim. Quando alguém corre, é sinal de que algo extremamente perigoso virá logo atrás, o que obriga os outros a fugirem de quem quer que esteja correndo. Inesperadamente, sinto mãos me segurando e me lançando de encontro ao chão. Em seguida percebo um homem desconhecido sobre mim, segurando meus braços

PERIGOSAS ACHERON

acima da cabeça. Seu rosto está coberto e eu não posso identificá-lo.

— Segure-a com firmeza. — Ouço aquela voz grave e assombrosa. Eu deveria ter imaginado que ele estava acompanhado por homens armados, já que parecia muito calmo; eu deveria saber que seria impossível fugir dele. Abruptamente, meu captor vira-me de costas e esmaga meu rosto contra o chão. Sinto as minúsculas pedras cravarem-se em minha face coberta pelo tecido. Em poucos segundos, sinto que alguém se aproxima muito de mim. Um hálito quente toca meu ouvido e me faz ter calafrios.

— Eu vou te matar, mas, antes disso, vou foder você no quarto daquele hotel. — Ele se ergue ficando de pé. — Vou na frente — diz aos outros. Podem usá-la antes de me entregarem. Viva. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Suas palavras são frias e fazem meu corpo tremer no mesmo instante.

— Não, por favor! — grito, mas sou completamente ignorada. As lágrimas deslizam, enquanto um dos homens me arrasta em direção a um furgão que está parado no pequeno estacionamento do hotel. Debato-me com ferocidade, mas é inútil, já que o homem é um “armário”.

— Não grite ou eu vou te matar aqui mesmo.

A bile sobe à minha garganta, enquanto sou, de forma violenta, jogada na parte de trás do veículo. O pânico é crescente, ao passo que o homem sobe minha longa saia escura, e eu sinto que vou desmaiar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— NÃO. — Engasgo com as lágrimas. Meu peito treme e meu corpo se agita, repercutindo os efeitos que o pânico produz em minha mente. O homem monta sobre mim. Sinto seu enorme e fétido corpo pesar sobre o meu e grito descontrolada. Sua mão fecha a minha boca e, de repente, ele cai sobre mim. Paro de respirar e fecho os olhos imaginando o que fará em seguida, mas seu corpo está imóvel e eu não entendo o que aconteceu. Com muita dificuldade, empurro-o e, assim que jogo seu corpo pesado para o lado, vejo sangue escorrer de sua nuca. Ele está morto.

Engulo em seco quando a imagem da última pessoa que imaginava ver novamente se revela bem diante dos meus olhos.

— Venha! — ordena o americano desconhecido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Imediatamente, ergo meu corpo, encarando-o com total perplexidade.

— Você?

Ele apenas estende sua mão e me ajuda a sair.

— Não temos tempo para conversas. Vamos para o meu carro. — Puxa-me pelo cotovelo e caminhamos apressadamente. Passamos pelo corpo sem vida de um homem e continuamos até o outro lado do estacionamento, onde a caminhonete está estrategicamente parada. Entramos rapidamente no veículo; mal fecho a porta e o carro parte em disparada pelas ruas, em direção ao desconhecido...

PERIGOSAS ACHERON



A estrada de Mogadísio é ampla e bem movimentada. Uma confusão bizarra de carros caindo aos pedaços, carroças puxadas por burros e cabras dominam as ruas esburacadas. Homens e mulheres vendem frutas em meio ao caos. A adrenalina ainda corre em minha corrente sanguínea e meu coração bate acelerado.

— Nossa, obrigada por ter voltado e me tirado dali — digo, depois de alguns minutos de total silêncio. Ele, naturalmente, não me responde, mas eu insisto. — Será que estão nos seguindo? — Meu

pescoço ainda está virado para trás. Tenho receio de que alguém esteja em nosso encalço.

— Eu os matei.

Volto minha cabeça para frente encarando-o com atenção.

— Todos? — pergunto. — Digo... Estou me referindo ao que... Bom, talvez você nem o tenha visto. Acredito que seja o líder, ou, sei lá, não tenho certeza. Ele estava entre aqueles homens nojentos — tento explicar.

— Você deve estar se referindo a Mohamed. Sim, ele foi o meu motivo para voltar.

Abro minha boca, incrédula com o que ele diz.

— Então você não sabia que eu estava a ponto

PERIGOSAS ACHERON

de ser estuprada por aqueles homens?

— Não. De longe, eu os vi te arrastando pela rua. Mohamed Zahir não estava mais ao meu alcance. Ele é o motivo de eu ainda estar aqui na Somália.

Estreito meu olhar, completamente confusa com o que ele diz.

— Quem é ele, afinal?

O homem pondera antes de falar. Parece derrotado com a falha do seu plano e tudo indica que eu tenha sido a grande culpada.

— É o meu alvo — revela, deixando-me ainda mais aturdida.

— Você deixou de matá-lo por minha causa?

PERIGOSAS ACHERON

Ele comprime a mandíbula e solta o ar pelo nariz.

— Exatamente.

— O que você é, afinal? — Ele ignora minha pergunta, mas eu não deixo de questioná-lo. — Preciso saber se você vai me ajudar.

— Acabo de adiar a efetivação de meu objetivo, após meses de buscas cronometradas, por sua causa, e você me pergunta se eu vou te ajudar? — Sua voz, embora calma, ganha uma nota acima do normal.

Diante disso, não tenho o que argumentar, afinal é a segunda vez que ele salva minha vida; não posso negar que já está me ajudando. Sem querer,

mas está.

— Posso, ao menos, saber seu nome? — Alguns longos segundos se passam e eu exalo um suspiro de frustração, voltando minha atenção para a estrada.

— Você já atrasou meu trabalho, por que não saber meu nome? — diz com a voz carregada de sarcasmo. — Meu nome é Dan Walker. — Olha-me rapidamente, voltando a atenção para estrada. Sua resposta me surpreende. Acho que isso talvez tenha me surpreendido mais do que o fato de ele ter matado aqueles homens. Observo-o com o canto do olho; sua postura não denota remorso algum. Na verdade, nem eu teria. Contento-me com a sua última resposta e decido me calar antes que ele resolva me jogar pela janela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda tenho Mohamed sob controle. — Ele parece retomar sua "persona" anterior e eu consigo respirar um pouco mais calmamente. Não sei o que quis dizer sobre Mohamed ser seu alvo, mas, se veio para matá-lo, só pode ser algum tipo de policial disfarçado.

Algumas horas se passam e, talvez para tentar evitar minhas perguntas contínuas, o homem, que agora tem nome e se chama Dan Walker, liga o aparelho de som da velha caminhonete; para minha surpresa, funciona perfeitamente. A música que ecoa através dos pequenos alto-falantes é um rock clássico da banda AC/DC, "*Highway to Hell*". Sei que é loucura, mas tenho a estranha sensação de que foi escolhida a dedo para esse momento.

♪ ♪ ♪ *I'm on the highway to hell... I'm on the
highway to hell. Don't stop me!* ♪ ♪ ♪

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

♪ ♪ ♪ *Estou na estrada para o inferno... Estou na estrada para o inferno. Não me pare!* ♪ ♪ ♪

O som preenche o ambiente, enquanto Dan Walker parece apreciar, de um jeito peculiar, a música. Apenas seus dedos se movimentam, discretamente, enquanto ele dirige em alta velocidade. Sua expressão fechada ainda permanece intacta e inabalável. Não existem placas de “parada obrigatória” ou qualquer outra coisa que nos faça parar.



Abro os olhos, parece que apaguei. Acredito que tenha dormido por muitas horas, já que vejo o sol

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nascendo timidamente no horizonte. Aparentemente, estamos passando pelo limite de alguma cidade e próximos à fronteira de algum país. Sei disso porque vejo refugiados — muitas famílias carregando seus pertences, caminhando para longe da guerra, obviamente à procura de paz. Homens e mulheres extremamente magros, que, em condições precárias, carregam seus filhos igualmente subnutridos, os quais, talvez, não conseguirão sobreviver por muito tempo.

Meu rosto está colado ao vidro da janela, enquanto a caminhonete trepida, devido aos buracos na estrada. Os ruídos que o carro faz são ainda mais intensos. Tento ajeitar o tecido que ainda cobre meu rosto. Estou farta dessa *abaya*, mas confesso que não consigo retirá-la; sinto-me nua sem ela, já que a estive usando durante muitos meses. Preciso me livrar desta roupa e necessito

PERIGOSAS ACHERON

desesperadamente de um banho. Quero fugir dessa realidade, que, a cada quilômetro rodado, parece mais cruel.

— Aonde estamos indo? — pergunto com uma voz rouca.

O homem parece um robô enquanto dirige. Não aparenta cansaço e nem sequer me olha enquanto responde:

— Quênia.

— Estamos perto do Quênia? Há quanto tempo estamos rodando?

— Talvez mais de dez horas. Parei uma vez para abastecer.

— Não vi posto em lugar algum.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Guardo combustível no carro. Comprei em um lugar específico!

— Sei que não é problema seu, mas preciso de água e comida. Não me lembro da última vez em que coloquei algo na boca.

— Não há comida aqui no carro — continua sem olhar-me.

— Vou desidratar se continuar nessas condições. Preciso ao menos de um pouco de água.

Ele solta o ar pelo nariz.

— Debaixo do seu banco, há algumas garrafas. Pegue uma.

Ergo as sobrancelhas, espantada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que não me disse antes?

— Porque você não pediu.

Encaro-o perplexa.

— Assim que encontrar um lugar, vou parar. Quero que você seja muito breve ou eu a abandonarei. Tenho um horário rigoroso a seguir. Meu tempo é cronometrado.

Alguns minutos se passam e o carro se aproxima de um lugar onde há algumas cabanas feitas de lonas. Uma delas é um pouco iluminada, graças a algumas lâmpadas que pendem presas a frágeis cordões. Embora o sol esteja nascendo, ainda está um pouco escuro aqui. O lugar parece uma espécie de armazém, mas, na realidade, não vejo nada, além de algumas bananas e mangas velhas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pego o que posso. Dan paga ao senhor de pele enrugada e barba branca, que sorri agradecido, falando algo ininteligível enquanto saímos.

Minutos se passam e somos literalmente abraçados pelo calor. O ar morno entra pelas janelas do carro como um secador de cabelos ligado em alta potência. Logo à frente, avistamos o que parece ser uma barreira. Olho para Dan, mas não percebo preocupação alguma em suas feições. Ainda posso ver e sentir o seu controle.

— Não tenho documento algum. Eles parecem policiais.

— Não. Eles não são.

Meu coração se acelera imediatamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, quem são eles?

— O meu alvo — responde calmamente.

Meu coração parece ter vida própria; sinto que a qualquer momento atravessará meu peito.

— Como sabe?

— Mohamed tem a sua localização. — Retira do bolso um pequeno aparelho celular. — Ele sempre sabe onde você está — afirma e agora tenho a sensação de que um tijolo se alojou em minha garganta. Sugo o ar com força, temendo o que irá nos acontecer. Então não foi por acaso que encontrei aquele homem no hotel.

— Ele vai nos matar. — Minha voz sai esganiçada, mas Dan Walker parece inabalável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Encosta o carro e logo os homens fortemente armados, que parecem somalis, caminham em nossa direção.

— Fique calada ou eles irão atirar em sua cabeça quando você menos esperar — instrui, sussurrando, aparentando a mesma concentração de alguém que assiste a um jogo.

O som de meu coração batendo repercute em meus ouvidos da mesma maneira que aconteceu tantas vezes, enquanto estive encarcerada naqueles lugares horríveis.

Os homens ordenam algo na língua somali, mas Dan não se move. Mais ou menos cinco sujeitos se aproximam e começam a falar em um inglês arrastado. Prendo a respiração temendo que eles atirem. Estou tremendo por dentro.

PERIGOSAS ACHERON

— O que você carrega?

— Dinheiro — é a sua única resposta.

Eles se entreolham e parecem satisfeitos.

— Quanto?

— Cem mil dólares americanos — Dan informa, e eles apontam, simultaneamente, os fuzis em nossa direção. Secretamente, quase tenho um ataque cardíaco. Faço um grande esforço para me controlar. Estou toda coberta, o que dissimula o tiritar de meu corpo, mas não me engano. Eles sabem que estou com medo.

— Onde está o dinheiro?

— Uma parte está em uma maleta, no banco traseiro; a outra, escondida dentro do pneu reserva.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eles novamente se entreolham.

— Desçam agora.

Olho para Dan Walker, que acena levemente com a cabeça, indicando que devo obedecê-los. Ambos fazemos o que os homens ordenam e somos conduzidos para perto de uma Pajero preta, apenas alguns metros adiante, de frente para uma pequena cabana feita de lona.

O assombroso homem sai do interior do veículo. De alguma forma, Dan Walker estava certo. Seu alvo está aqui. Meus pés se fixam ao chão no momento em que deparo com meu perseguidor. Minhas pernas estão trêmulas e não consigo disfarçar o medo da morte iminente.

PERIGOSAS ACHERON

— Você mata os meus homens e pensa que vai escapar ileso? — dirige a palavra a Dan. Este não parece se abalar com sua presença, tampouco com suas palavras. Acho que jamais vi alguém tão calmo e controlado em toda a minha vida.

— Ele tem cem mil dólares americanos no carro. Aqui está uma parte do dinheiro — informa o homem somali, entregando a maleta que encontrou no banco traseiro da caminhonete.

Mohamed ergue as sobrancelhas e faz um gesto para que o homem abra a maleta. Olha para o interior dela e sorri satisfeito com o que vê. Dan Walker não estava blefando, realmente tem muito dinheiro guardado.

— Vão buscar o restante do dinheiro do nosso irmão. — A voz de Mohamed é carregada de

PERIGOSAS NACIONAIS

sarcasmo, enquanto aponta uma arma na direção de Dan Walker. Não temos como fugir ou reagir a isso. Somos apenas dois, contra seis homens armados no meio do nada.

Quatro dos cinco homens vão até a nossa caminhonete e começam a retirar o grande pneu reserva, onde, segundo Walker, está o restante do dinheiro. O pneu fica embaixo do carro e os homens enfrentam grande dificuldade para retirá-lo. Um deles aponta a arma em nossa direção.

Olho para Dan Walker, que, apesar de retribuir brevemente o contato visual, parece atento a tudo. A tensão paira no ar. Contenho a respiração e tento não entrar em pânico. De repente, somos surpreendidos por uma violenta explosão. Instintivamente, jogo-me ao chão, protegendo os ouvidos com as mãos. Aperto os olhos, temendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que seja o fim. Alguém nos acertou.

Quando cessa o estrondo, não sinto dor alguma. Talvez não tenham nos atingido. Abro vagarosamente os olhos e, quando ergo a cabeça, vejo que a caminhonete em que estive viajando durante todo esse tempo voou pelos ares. Procuro Dan Walker e vejo-o jogado ao chão com uma arma apontada para Mohamed, que já está morto ao lado de outro homem. Não sei como conseguiu ser tão rápido, acertando os dois ao mesmo tempo, mas o fato, está claro, é que ele já tinha tudo muito bem planejado em sua cabeça. Com toda a maldita certeza!

Olho para trás e vejo a velha caminhonete em que estávamos, completamente destruída, pegando fogo por causa da explosão. Pedacos de corpos estão espalhados por todos os lados. Mesmo

PERIGOSAS ACHERON

estando a uma distância considerável, acredito que fui atingida por pequenos estilhaços que voaram no momento da explosão. Encaro Dan Walker, incrédula.

— Você disse que não tinha explosivos dentro daquela caminhonete! — grito. Dan está um pouco ofegante, mas me encara com a mesma expressão séria de sempre.

— Eu menti.



Dez anos dentro de uma agência especializada incrementaram a minha habilidade de ler as pessoas. Não. Eu não devo isso somente a CIA, embora tenha aprendido muito com eles. Os exaustivos e contínuos treinamentos levaram a um aprimoramento de todas essas habilidades, mas eu já as possuía, são inerentes a mim.

Desde criança, sei ler as pessoas. Sempre fui atento a tudo ao meu redor. Nada passava despercebido ante mim. Sabia o que todos queriam. Manipulava-os com a maior facilidade e

PERIGOSAS NACIONAIS

naturalidade. Porém, durante todos esses anos, nunca imaginei que me tornaria o melhor e que seria contratado pela agência de inteligência para espionar os alvos mais difíceis do mundo. Terrorismo e narcotráfico sempre foram as minhas especialidades. Recrutar espiões que eu sabia que guardavam informações internas e que seriam úteis para o governo americano sempre foi o meu trabalho.

Meu trabalho era cultivar, de forma lenta e sistematicamente, aliados adversários para me levar à fonte do meu maior objetivo. Eles sempre estavam ligados à proliferação de armas e explosivos de todos os tipos. Encontrar os lugares onde armazenavam tudo isso sempre foi algo extremamente difícil. Com o tempo, porém, além de aprimorar as habilidades, adquiri confiança. Tudo isso, aliado aos treinamentos adequados,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tornou-me o melhor. Eu sempre alcançava meus objetivos e destruía todo o material encontrado.

Não costumo falhar. Aliás, quase nunca falho. Tudo que faço é calculado e analisado minuciosamente. Questionei-me sobre o real motivo que me levou a salvar uma mulher em meio ao deserto. Cheguei a ignorar aquela perua sendo completamente tomada pelo fogo, mas, quando ouvi gritos de uma mulher, sabendo que ela certamente não era daqui, parei. Parei agindo, pela primeira vez, sem pensar.

Para a minha sorte, esses questionamentos foram logo substituídos por algo que me fará ir embora mais cedo deste inferno. Essa atitude poderia ter destruído, em segundos, o que levei anos para construir, mas acabou atraindo o problema para ser eliminado com mais rapidez. Ela

PERIGOSAS ACHERON

é uma americana fugitiva, mais uma entre tantas vítimas de sequestro, os quais são frequentes em zonas de conflitos. Não a questioneei sobre sua terrível experiência ou sobre como conseguiu o feito inédito de fugir de um grupo extremista. Embora sinta certa curiosidade, não toquei no assunto.

Não é a primeira vez que atuo aqui ou em outro lugar tomado pela guerra. Posso imaginar o que ela passou. Logo após resgatá-la, um de meus principais contatos me informou que estávamos sendo monitorados justamente pelo meu alvo. O motivo? Ironicamente, o motivo era a mulher que eu carregava em meu carro. A mesma que, sem saber, atuou como isca, atraindo Mohamed, para que eu pudesse matá-lo.

Quando a deixei no hotel, já sabia que meu alvo

PERIGOSAS NACIONAIS

estava a caminho. Acelerei o carro, cronometrando o tempo que levaria até que ele voltasse ao hotel. No entanto, assim que estacionei, deparei com a mesma mulher, dessa vez, prestes a ser estuprada por um de seus homens. Achei que conseguiria pegá-lo antes que ele a encontrasse, mas não consegui. Meu objetivo era ele e, por mais que quisesse ajudá-la, de qualquer maneira, deveria matá-lo primeiro. Mais uma vez, questionei-me sobre o motivo de preferir adiar meu plano e salvá-la. Afinal, já era para ele estar morto se eu não tivesse decidido poupá-la da morte pela segunda vez.

Construí uma parede de concreto invisível e inabalável, que não permite que eu desvie de meu foco. De meu único objetivo. Mesmo que eu tenha escorregado em minha determinação, nada me fará parar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mesmo tendo me desligado da agência de inteligência, continuo ativo e fazendo basicamente os mesmos trabalhos, mas com um grande diferencial: trabalho para mim mesmo. Exatamente. Sou um assassino freelance.

Tudo relacionado ao terrorismo tomou, para mim, um significado totalmente distinto e de proporções muito maiores, desde um novembro em que dezenas de pessoas inocentes foram atacadas por homens ligados a grupos islâmicos. Eles atacaram de forma violenta em meio a uma parada de Ação de Graças em Manhattan. Todos sabíamos que a Sexta Avenida estaria abarrotada de pessoas. Como acontece todos os anos, uma multidão se reúne para celebrar. Dez pessoas morreram e mais de trinta ficaram feridas. Nova York sofreu mais um terrível ataque, mas, dessa vez, não foi por motivos religiosos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois desse dia, afastei-me definitivamente da CIA. Não conseguia seguir um protocolo, muito menos esperar a hora certa para agir. Não concordava com alguns métodos e não queria mais seguir ordens como se fosse um robô programado.

Para seguir um caminho menos burocrático, tomei a decisão de me afastar da agência, permanentemente. Ainda tenho contatos valiosos; aliados lá dentro e aqui fora para continuar de forma secreta e prática, embora irregular, o mesmo trabalho. Entretanto minhas motivações, que antes serviam apenas ao governo americano, hoje, estão ligadas a um propósito muito maior.

Para bancar minhas viagens e obter o mesmo retorno financeiro, além de dispor das melhores tecnologias, tornei-me um dos melhores assassinos profissionais do mundo. Mato pessoas diretamente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

envolvidas com o narcotráfico e tráfico de armas. Recebo uma pequena fortuna e obtenho cem por cento de êxito em cada trabalho que me é designado. Tudo isso para manter o alto padrão dos recursos necessários, desde veículos até as mais altas tecnologias em termos de armamento e ferramentas de espionagem, entre outros. Se for preciso, mato os alvos de outras pessoas, apenas para pegar um atalho e encontrar o meu próprio alvo.

Não sinto remorso algum por enfiar uma bala em seus crânios. Não me incomodo de ter mais um em minha vasta lista de mortos. Se eu os matei, foi porque mereceram morrer.

Durante os dias em que estive nesse inferno, consegui dizimar alguns dos maiores armazenamentos subterrâneos de armas e, graças à

PERIGOSAS ACHERON

mulher que está comigo, Laura Ryder, encontrei quem há tempos procurava. Ele é o irmão do líder responsável pela tragédia de Nova York. A tragédia que eu não pude evitar. A tragédia que me levou a falhar pela primeira vez. Mohamed é o seu nome e eu, finalmente, acabei de matá-lo.

Agora preciso esperar o efeito colateral de meu feito.



LAURA RYDER

Ainda com uma pequena arma em uma das mãos, Dan examina minuciosamente a Pajero de Mohamed. Ele abre todos os compartimentos, encontra papéis e uma maleta que estava no interior

PERIGOSAS NACIONAIS

do veículo. Em seguida sai em direção ao corpo de Mohamed e pega a maleta jogada ao chão, sob o corpo sem vida, recuperando seu dinheiro. Coloca a arma no coldre, em algum lugar próximo ao tornozelo, e, com a mão livre, guarda os papéis junto à maleta de dinheiro. Tira um aparelho celular do bolso e começa a falar:

— Tudo feito. O alvo foi morto com sucesso. Minha maleta e alguns documentos que parecem importantes já estão em meu poder. — Ele ouve com atenção o que a pessoa fala do outro lado da linha e desliga.

— O que vamos fazer? — pergunto apavorada.

Ele coloca o aparelho no bolso de sua calça jeans e caminha de volta ao carro de Mohamed.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos usar este carro para sair daqui. Uma pessoa estará nos esperando com suas documentações para que você possa entrar no Quênia. Ficaremos em um hotel em Dadaad e amanhã partiremos.

— Vou entrar em outro país com documentações falsas? Como você conseguiu isso tão rápido?

— Geralmente, eu consigo tudo que quero — responde calmamente. — Se preferir, fique aqui e espere por ajuda — diz ríspidamente, enquanto caminha até o veículo. Abre a porta e ocupa o banco do motorista.

— Você só pode ser um louco!

Ele me encara com as sobrancelhas erguidas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Decidiu ficar? — Sua voz soa impaciente e eu decido correr em direção à porta do passageiro. Tento ignorar os corpos contorcidos de maneira estranha e faltando pedaços ao meu redor, mas acabo vendo-os de relance. Mohamed e outro homem, que não estavam na explosão, são os únicos inteiros por aqui, mas não menos assustadores com seus olhos abertos e sem vida.

Pulo os corpos e me enfio rapidamente na Pajero, fechando a porta logo em seguida.

O motor é ligado e logo o carro acelera pela estrada. Percebo que, enquanto dirige, Dan segura firmemente um dos ombros. Ele não precisa usar as duas mãos, já que o carro é automático. Vejo sangue sair entre seus dedos. A blusa cinza e de manga comprida mostra uma grande marca de sangue se formando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eles atiraram em você? — pergunto com a mão na boca, sobre o tecido, preocupada que ele possa ter se ferido gravemente.

— Apenas um corte quando me joguei ao chão — informa calmamente e eu arregalo os olhos, virando-me para ele, apoiando minhas costas à porta.

— Meu Deus! Você precisa ir ao médico!

— Preciso de algo para deter o sangramento.

Imediatamente retiro o cinto de segurança e começo a vasculhar, à procura de algo que possa estancar o ferimento. Com um pouco de dificuldade, passo para o banco traseiro, mas não vejo nada aqui. Decido então, retirar o lenço de meu rosto, posicionando-me logo atrás de seu

PERIGOSAS ACHERON

banco.

— O que está fazendo? — questiona e, pela primeira vez, parece um pouco confuso.

— Tentando parar o sangramento — respondo exasperada. — Sua blusa não me deixa ver onde exatamente está o ferimento. Você precisa tirar — peço.

Após soltar o ar ruidosamente, ele começa a abrir os botões de sua blusa com a mão esquerda. Puxa uma de suas extremidades para baixo, revelando um de seus ombros e peito, exatamente no local que precisa ser cuidado. Vejo um corte pequeno, mas profundo, com as bordas de sangue escuras.

— Nossa. Isso foi feio!

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele não diz nada, como previsto, e eu começo a atar o machucado para prender o sangue. Enrolo o lenço com força dando várias voltas até conseguir parar a pequena hemorragia. Quando termino, ergo a cabeça e deparo com seu reflexo no espelho retrovisor. Inevitavelmente nossos olhos se encontram. Neste momento me dou conta de que é a primeira vez que me vê sem a barreira do tecido. Por alguns segundos, ele alterna o olhar entre a estrada e o meu rosto, até que eu, repentinamente, afasto-me, retornando para o banco do carona.

Meus cabelos estão amarrados dentro da roupa.

Ficamos em um silêncio desconfortável. Não sei se ele realmente está bem. Essa ferida, embora pequena, deve doer!

— Você está bem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim.

— Acha que consegue dirigir? — pergunto.

Silêncio.

— Talvez eu possa dirigir um pouco, caso esteja se sentindo... — sugiro, mas ele me interrompe.

— Não.

— Eu só quero ajudar — insisto.

Silêncio.

— Será que você pode ser menos monossilábico? — Encaro-o.

Silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dá para conversar comigo? Por que está aqui? Quem é você? Por que precisava matar aquele homem?

Silêncio.

— Obviamente, você não veio à Somália a turismo e, do nada, decidiu matar aquele homem. Você é um policial ou algo do tipo? Só me responda isso, quero saber ao menos o que você é.

— Você faz jus à profissão de jornalista, mas eu não sou o seu entrevistado, então mantenha a boca fechada até que eu diga que você deve falar, ou eu te deixarei aqui, na estrada, para que faça companhia aos refugiados e às cabras.

Volto minha atenção para a estrada em silêncio e, de repente, percebo que um nó começa a se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

formar em minha garganta. Não sei o que está acontecendo comigo, mas, por algum motivo, sinto uma imensa vontade de chorar. Tento reprimir as lágrimas, mas é inútil. Elas caem, deslizando sobre minhas bochechas, e, quando dou por mim, estou chorando copiosamente.

Começo a soluçar alto. Cubro o rosto com as palmas das mãos, tentando esconder meu rosto. Sinto-me nua ao lado deste homem, mesmo estando vestida dos pés à cabeça. Queria um lenço agora, queria não me sentir tão vulnerável. Não estou chorando por causa da forma insensível como ele age. Isso, eu já esperava. Acho que nunca chorei como agora. Meses de lágrimas contidas. Estou chorando tudo que não chorei; colocando para fora todo o medo e frustração que senti durante o tempo em que estive presa como um animal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O homem ao meu lado não diz nada, muito menos tenta me consolar. Em seu rosto não há nenhuma mudança ou expressão que demonstre algum incômodo. Ele sequer me olha e eu não me importo. Só quero chorar. Sei que essas perguntas e esse choro contínuo são reflexos de tudo que passei e do quanto estou abalada.

Depois de alguns minutos de choro intenso, limpo as lágrimas que umedecem minhas bochechas. Fungo e respiro fundo várias vezes. Quando percebo que ele está virando em uma rua fora da estrada, entro em alerta.

— Para aonde está indo?

Ele para o carro e olha através do retrovisor. Outro automóvel estaciona bem atrás de nós.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele veio nos buscar!

Encaro-o com perplexidade, mas ele me ignora, abrindo a porta do motorista e dando a volta. Para ao meu lado e abre a porta, esperando pacientemente. Saio rapidamente e ele bate a porta, segurando meu cotovelo e me conduzindo gentilmente até o outro veículo.

— Quem está no carro? — pergunto ainda com uma voz chorosa.

— Não se preocupe. — Aproximamo-nos da caminhonete, uma L200 Triton preta, e o vidro se abre totalmente, revelando um homem aparentemente grande de pele negra e traços fortes. Ele me observa sério e, em seguida, encara o braço de Dan Walker.

PERIGOSAS ACHERON

— Walker, eles acertaram você? — Ele parece surpreso, como se isso fosse impossível.

— Não. É apenas um ferimento superficial. Eu me joguei ao chão.

— Você sempre se machuca.

Dan abre a porta traseira da cabine dupla, esperando que eu entre. Obedientemente, faço o que ele pede em silêncio. Estou sem forças para discutir, então não digo nada.

Quando todos estão dentro do carro, o homem dá meia-volta e acelera, saindo em alta velocidade pelas ruas, voltando para a estrada que nos levará para o Quênia. De repente, ouço um estrondo violento. Olho para trás e vejo a Pajero em que estive indo para os ares. Enquanto o carro se afasta,

PERIGOSAS NACIONAIS

observo a cena; as labaredas, muito altas, consomem todo o veículo.

Alterno o olhar entre o carro em chamas e os homens que estão comigo na caminhonete. Eles não parecem se importar o mínimo com o barulho ensurdecedor. Somente agora percebo, minha boca está aberta e minha expressão perplexa, enquanto nos afastamos através da estrada.

Estou começando a acreditar que Dan Walker tem um caso sério com explosivos!

PERIGOSAS ACHERON



As primeiras e inconfundíveis batidas de *Smoke on the water*, da banda Deep Purple, ressoam no interior da espaçosa caminhonete. No mesmo momento em que entrou, o outro homem ligou o som, impedindo que o silêncio reinasse. Agora ele acelera pelas ruas acidentadas, deixando para trás a abundante fumaça escura que sobe em direção ao céu.

♪ ♪ ♪ ♪ *Smoke on the water, fire in the sky...* ♪ ♪

♪ ♪ ♪ ♪ *Fumaça sobre a água, fogo no céu...* ♪ ♪

Viro-me, ficando novamente de frente para a estrada, encarando os dois homens a minha frente. Dan Walker abre sua maleta, parecendo concentrado, enquanto vasculha os papéis no interior dela. Afivelo o cinto e me esforço para organizar os pensamentos, tentando discernir os últimos acontecimentos. Minha mente tenta entender esses dois pontos de interrogação nos bancos dianteiros.

Quem é esse homem que segura a direção, afinal? Devo confiar nele também, ou eles irão me despejar em qualquer lugar, assim que tiverem uma oportunidade?

♪ ♪ *Smoke on the water, fire in the sky...* ♪ ♪

Eles não pronunciaram uma única palavra até

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agora, e eu me pergunto como conseguem agir tão friamente? O que são um para o outro ou o que planejam? Será que irão me abandonar no Quênia? Não é o que quero realmente, mas não estaria com tanto medo se isso acontecesse. Afinal, estou viva e, se ele me protegeu até agora, não acredito que iria me fazer algum mal.

Ou faria?

Tento mudar o rumo dos pensamentos e esperar até chegarmos ao nosso destino, mas sou surpreendida com freios derrapando e uma súbita parada da caminhonete onde estamos. Meu coração dispara e minha mente tenta entender o motivo de o homem ter parado o veículo de forma tão abrupta, já que não vejo nenhum perigo por perto. Ainda bem que estou com o cinto, esses homens são imprevisíveis demais.

PERIGOSAS ACHERON

— Aconteceu alguma coisa? — tento manter uma voz normal, mas falho. Os dois homens se entreolham e se viram simultaneamente para me encarar.

— Tire toda a sua roupa! — Dan Walker ordena.

Arregalo os olhos e sinto a ameaça do pânico.

— O que... o que vocês vão fazer comigo?

Eles se entreolham novamente e o outro homem retira sua blusa escura de mangas compridas, jogando-a sobre mim.

— Embora Mohamed esteja morto, você ainda está sendo rastreada. Tire a roupa e nos entregue.

Sua breve explicação permite que eu solte um
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

longo suspiro de alívio. Ao menos eles ainda querem me ajudar e, é claro, protegerem-se de um súbito ataque.

— Será realmente necessário que eu retire... tudo? — Seguro a blusa sobre meu colo, encarando-os com expectativa.

— Você precisa tirar absolutamente tudo — instrui Dan sem dar vazão a negativas.

Sem fazer mais perguntas, começo a abrir minha abaya, mas paro ao perceber que eles ainda estão me observando.

— Podem se virar, por favor?

O homem se volta e dá partida no carro novamente, mas Dan ainda me encara. Seguro a

PERIGOSAS ACHERON

respiração. Tenho a estranha sensação de que ele me vê por trás de todas essas roupas. Por mais tecidos que haja entre mim e este homem, sempre me sentirei nua diante dele.

Depois que ele se vira, calmamente e com a sua habitual expressão sisuda, dispo-me e visto o gigante suéter do homem que dirige o carro. Entrego minhas roupas a Walker, que apenas abre o vidro da caminhonete, jogando-as para fora. Estou praticamente nua, coberta apenas por uma blusa, embora ela seja ainda maior que a burca com que eu estava vestida.

Segurei-me ao máximo para não falar e, por incrível que pareça, consegui ficar muda durante todo o trajeto, até passar pela fronteira da Somália com o Quênia. Vi milhares de refugiados tentando conseguir um espaço no maior abrigo do mundo em

PERIGOSAS NACIONAIS

Dadaab, que fica a 100 km da fronteira.

É triste me imaginar no lugar dessas pessoas que chegam ao ponto de fugir de seus lares para não serem mortas pela guerra. Uma boa parte da Somália está tomada por grupos islâmicos prontos para matar.

Vi crianças chorando de fome e pessoas dividindo um mísero copo de água. Muitos viajaram a pé por vinte e duas horas, sem colocar qualquer alimento na boca. A maioria se encontra em um estado de magreza extrema, algo que, quando vejo, causa-me uma emoção tal, que chega a doer. Os braços de alguns, parecem gravetos, dando-nos a impressão de que irão quebrar a qualquer momento. Chorei novamente quando os vi. Mesmo que eu estivesse passando por terríveis problemas, ainda assim, a dimensão da minha dor é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

infinitamente menor que o sofrimento deles; parecem muito pequenos comparados ao que vi nessa região.

Depois de algum tempo, que pareceu horas, finalmente chegamos a um hotel no Quênia. Somália ficou para trás, mas as lembranças do que ali vivi ficarão gravadas em minha mente... para sempre.

Todos permanecemos calados durante o trajeto. O silêncio parecia certo e bem mais confortável. Não tivemos problema algum na fronteira. Meus documentos novos funcionaram como se fossem verdadeiros. Ainda sou Laura Ryder, mas sem o "Melissa", meu nome do meio. Arranjaram uma foto em algum lugar, algo não muito difícil de conseguir, levando em conta meus trabalhos jornalísticos em Boston.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O carro estaciona e eu não espero que ele abra a porta. Decido descer e fecho-a atrás de mim. O lugar é simples e, pela primeira vez, sinto-me livre daquele inferno, embora ainda esteja bem longe de casa.

— Desculpe, não me apresentei. — O homem que estava ao volante abre um sorriso, aproximando-se de mim. Minhas sobrancelhas se unem. — Meu nome é Steve Cooper. Muito prazer! — Estende a mão para que eu o cumprimente. Tento sorrir, mas meu cansaço não permite que eu faça isso.

— Laura Ryder — cumprimento-o, segurando sua enorme mão. Ele é mais alto do que imaginei e, com certeza, bem mais simpático que Dan Walker.

— Eu sei quem é você — responde com os

PERIGOSAS ACHERON

lábios levemente curvados.

Claro que sabe.

Ele sorri novamente e, quando olho para seus olhos negros e expressivos, consigo ver sinceridade neles.

— Preciso muito falar com meu pai.

Sua expressão se fecha e Dan Walker aproxima-se de mim.

— Quando estiver no quarto, você liga — determina.

Abraço meu próprio corpo.

— Acho que preciso de um banho também.

Dan segura meu cotovelo e encara o homem, cujo nome, agora sei, é Steve.

— Onde ficam os quartos? — pergunta.

Steve retira duas chaves do bolso de sua calça jeans.

— Aqui. — Entrega. — Os quartos ficam no segundo andar. O hotel, embora seja simples, é o melhor que consegui para que possamos descansar até que o helicóptero fique pronto. Amanhã, no máximo.

Dan acena com a cabeça e me conduz, ainda segurando meu cotovelo como se eu fosse uma fugitiva. Devo parecer exatamente isso, já que essa blusa enorme não me favorece em nada. Bom, pelo menos não estou nua. A blusa cumpriu seu

PERIGOSAS NACIONAIS

propósito, embora eu pareça uma louca vestida assim.

Entramos diretamente por uma escada, do lado de fora, para não chamar atenção dos poucos hóspedes e funcionários que circulam por aqui. Subimos apenas dois lances e isso foi o suficiente para me deixar exausta.

Ainda calados, seguimos em direção a uma porta no meio do longo corredor. Dan gira a fechadura e a empurra, entrando primeiro. Reviro os olhos pela sua "gentileza" de não me deixar entrar.

Ele começa a vasculhar cada centímetro da estadia e minhas sobrancelhas se unem.

— O que você está fazendo? — questiono-o.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele naturalmente me ignora e continua a examinar cada maldito canto do quarto. Termina de vasculhar o banheiro e logo faz seu caminho, ficando de frente para mim. Está perto demais. Seus olhos finalmente encaram os meus. Eu retribuo, encarando-o de volta, em busca de algum vestígio, qualquer pista que ajude a formar uma ideia sobre o que ele quer ou é.

— Não abra a porta para ninguém, entendeu?

Concordo com a cabeça, enquanto ele retira a chave do bolso.

— Eu já saí daquele inferno. — Pego-a de sua mão. — Você conseguiu matar aquele homem. Não há mais perigo aqui... Ou há?!

Ele expira sonoramente e olha para fora da

PERIGOSAS ACHERON

janela.

— Sempre há perigo. Meu trabalho exige que eu seja cauteloso o tempo todo!

— E qual seria o seu trabalho? — pergunto desafiadora.

— Excelente tentativa, Srta. Ryder!

Ergo as sobrancelhas, surpresa pela forma como ele me chama. Sem dizer mais nada, Dan Walker se vira e caminha em direção à porta. Quando está prestes a sair, para, virando-se para me encarar.

— Steve comprou roupas para você. Estão sobre a cama. Às dez em ponto estarei batendo à sua porta para comermos algo. Amanhã você ligará para seu pai, em Boston, avisando que estará indo

para casa.

— Por que não posso ligar agora?

Ele comprime a mandíbula.

— Até mais tarde! — Vira-se e sai, fechando a porta atrás de si.

Meus olhos ficam presos à porta por alguns segundos, enquanto tento assimilar tudo o que me ocorreu até agora. Puxo o ar e exalo-o pesadamente. Viro-me e pego a sacola sobre a cama. Abro-a e encontro um vestido simples, fechado até o pescoço, com mangas curtas. Há também uma lâmina de barbear, uma calcinha, sutiã e um creme corporal feminino.

Sinto-me maravilhada. É como se eu estivesse

PERIGOSAS NACIONAIS

tendo acesso aos mais raros diamantes. Pergunto-me quando Dan pediu ao Steve que comprasse tudo isso, para que já estivesse tudo aqui quando cheguei, mas logo meus pensamentos são substituídos pela expectativa e a felicidade de poder tomar um banho de verdade depois de tantos meses.

Rapidamente caminho em direção ao banheiro levando comigo os produtos. Paro em frente ao espelho, encarando meu decadente reflexo. Assusto-me com o que vejo. O sangue seco em minha pele forma uma textura grossa e enrugada. Alguns minúsculos cortes na testa e outro quase imperceptível no canto da boca parecem ser as únicas feridas que tenho, além dos hematomas que imagino ter por todo o corpo. A região ao redor de meus olhos está escura, consequência da fumaça negra daquele incêndio e da poeira. Mesmo sem o lenço, estou quase irreconhecível.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de retirar o grande suéter de Steve, deslizo meu corpo nu para dentro do boxe de vidro. A impressão que tenho é de que não tomo banho há séculos. Na realidade, não me lembro da última vez em que joguei água em meu corpo ou me higienizei como um ser humano normal.

Ligo o chuveiro como se estivesse prestes a realizar o maior sonho de toda a minha vida e, quando os primeiros pingos d'água começam a cair, abro um sorriso como há muito tempo não fazia. Deixo a água quente tocar o meu rosto e corpo, enquanto deslizo o sabonete perfumado sobre minha pele. Meu banho é como um ritual, é como se estivesse lavando não só a sujeira visível aos olhos, mas também tudo de ruim que passei durante tantos meses.

Permaneço no chuveiro até que meus dedos se

PERIGOSAS NACIONAIS

enrugam e decido sair. Saio mais leve e me sentindo bem melhor, como há muito tempo não me sentia. Enxugo meus longos cabelos, agora brilhantes e devidamente lavados. Em seguida me visto. O vestido é um pouco largo e meio estranho, mas bem melhor que aquelas roupas fechadas que usei durante todos esses meses. Sinto-me gente.

Depois de retirar o vestido que experimentei, fazer minha higiene e hidratar minha pele, decido ficar apenas de calcinha e sutiã. Apago as luzes e me deito sobre a cama, não resistindo à maciez do espaçoso colchão. Encosto a cabeça no travesseiro e meus olhos pesam instantaneamente. É quase noite e Dan só virá às dez, como havíamos combinado. Acho que tenho tempo para descansar ao menos um pouco. Encaro o teto escuro e, não demora muito, sinto o sono me vencer.

PERIGOSAS ACHERON

Ouço estridentes assobios de bombas caindo do céu. Fecho os olhos com força, mas é impossível ignorar aquelas crianças e mulheres desesperadas. O rio de sangue corre, molhando meus pés, e inunda a rua que está repleta de pessoas em pânico. Sinto-me horrorizada. O pavor que sinto é indescritível. Meu coração bate com fúria em meu peito e eu tento correr, mas alguém segura com força meus ombros. Sinto que a morte aproxima-se de mim e grito desesperadamente.

— NÃO! — Ouço minha própria voz e abro os olhos. Vejo um vulto, alguém em meio à escuridão, sentado ao lado da cama. Faço um movimento de me afastar, mas mãos fortes me seguram.

— Sou eu — essas duas simples palavras foram suficientes para eu me acalmar. Dan Walker está aqui e eu não faço a menor ideia de como ele

PERIGOSAS NACIONAIS

entrou.

PERIGOSAS ACHERON



Permanecemos em silêncio, por um momento, banhados pela escuridão. Estou ofegante em virtude do pior pesadelo da minha vida. Nem quando estive presa naqueles lugares, tive um sonho tão horrível.

— Como entrou aqui? — quebro o silêncio, ainda um pouco trêmula. Mesmo com dificuldade para enxergá-lo, consigo sentir seus olhos presos aos meus. Ele não responde a minha pergunta e eu solto o ar, frustrada.

— Por favor, não seja assim. Responda-me! —

PERIGOSAS NACIONAIS

Apoio os meus cotovelos sobre a cama, aproximando-me ainda mais dele. — Como conseguiu entrar aqui se me entregou a chave? — Seu modo de agir tira totalmente minha capacidade de discernimento.

— Destruí a fechadura com o meu silenciador — responde calmamente, erguendo sua arma, que brilha na escuridão. — Você estava gritando. Pensei que alguém estivesse aqui dentro. — Ele para de falar e se levanta.

Sua resposta me deixa sem palavras. Ele realmente está preocupado comigo?

— Tive um pesadelo horrível.

— Eu percebi. Isso é comum depois de um trauma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ouçó seus passos e sou surpreendida com o brilho da luz se acendendo. Cubro os olhos com as mãos e logo volto a olhar em volta, piscando, enquanto tento me adaptar à claridade repentina. Assim que coloco meus olhos sobre ele, deixo de respirar, surpreendida.

Dan Walker está de banho tomado, ostentando uma camisa lisa e ajustada, a qual envolve seu corpo alto e ligeiramente forte com perfeição. A calça de linho preta parece cara e também lhe cai maravilhosamente bem. Ele olha para o relógio, casualmente, e, com a outra mão, segura a arma automática com naturalidade, como se ela fizesse parte de seu corpo. O que mais me impressiona são seus olhos. Não havia reparado que eles eram tão claros. Talvez não tenha tido tempo para isso em virtude de tudo que passamos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já passa das dez. Precisamos comer algo! —
Ele ergue o rosto e finalmente me vê; seus olhos passeiam descaradamente por cada centímetro do meu corpo.

Olho para baixo e só então me dou conta de que visto apenas calcinha e sutiã. No susto, pego o travesseiro e tento me cobrir, já que estou sobre o edredom. Meu coração dispara e a sensação que tenho é de que ele está me despindo apenas com os olhos.

— Preciso me vestir.

Ele comprime a mandíbula soltando o ar pesadamente.

— Você não deve dormir usando apenas roupas íntimas, sabendo que corremos o risco de fugir a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

qualquer momento.

— Eu estava cansada e não acredito que alguém esteja nos seguindo.

Seus olhos descem novamente para a curva das minhas pernas, que estão expostas.

— Depois do que passou, achei que tivesse aprendido algo. Você ainda não está em sua casa. Aprenda!

— Não seja estúpido comigo. Eu apenas me senti exausta e não há motivos para você me alarmar dessa forma.

— Eu te salvei e, se quer que eu continue te ajudando, seja cautelosa! — Seu tom de voz é de advertência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tento reprimir uma súbita vontade de chorar. Sim. Sempre que sinto raiva tenho vontade de chorar.

— Sei que estou sendo um fardo para você e reconheço que me ajudou, mas, daqui em diante, posso seguir meu caminho sozinha. Amanhã farei algumas ligações e sei que alguns amigos poderão me ajudar.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Você não tem amigos nem parentes próximos. Se estiver se referindo aos seus colegas de trabalho, como tem tanta certeza de que eles te ajudarão?

Levanto-me, ainda cobrindo o corpo com o travesseiro. Aproximo-me dele e encaro-o com um

PERIGOSAS ACHERON

olhar desafiador.

— Você sabe algo mais sobre minha vida que eu deveria saber? — Sei que minha voz está estridente, mas sinto raiva dele agora.

— Não confio em ninguém. Não estaria te ajudando se não soubesse quem você é.

Franzo o cenho, surpresa com sua resposta. Ele realmente deve saber coisas sobre mim, mas está enganado sobre meus amigos. Meus colegas de trabalho são os únicos amigos que tenho, as pessoas que sempre estiveram por perto, principalmente o Chris.

— E quem eu sou, afinal?

Ele sabe que o estou desafiando e, por esse

PERIGOSAS NACIONAIS

motivo, mostra-se ainda mais ameaçador. Dan Walker decide jogar, aproximando-se lentamente de mim, colocando seu corpo alto e imponente rente ao meu. Tanta proximidade faz meu coração se acelerar. Seus olhos estão presos aos meus, e eu posso sentir seu hálito.

— Laura Melissa Ryder tem 25 anos. Mora em Springfield com o pai doente. Sua mãe faleceu quando ainda era pequena. Coursou Jornalismo na Universidade de Emerson. Sempre foi uma mulher sozinha. Seu maior e imbecil sonho era cobrir uma grande reportagem sobre guerras. Conseguiu a viagem para Somália através de uma conceituada emissora de TV.

Detenho a respiração, abismada com a quantidade de informações que ele tem sobre mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pelo visto, realizou seu sonho. Aqui está você! Uma mulher que tinha uma vida normal e de cujos cuidados o pai precisa. Você acredita que isso foi a realização de um sonho ou algo que te deixará traumatizada para o resto da vida? — Sua pergunta foi, na verdade, uma afirmação. De repente, ele desce os olhos para a minha boca.

Confesso que o que estou sentindo agora é um misto de medo, excitação e muito ódio desse homem. Ele sabe exatamente como me desestruturar. Parece até mesmo saber no que estou pensando agora; o que estou sentindo. Respiro com dificuldade enquanto seus olhos vagueiam por meu rosto calmamente. Não me afasto.

— Seja rápida! — diz e, subitamente, afasta-se, saindo do quarto sem olhar para trás.

PERIGOSAS ACHERON

Respiro fundo tentando acalmar meus ânimos e regular minha respiração. Pego meu vestido sobre a cama e corro para o banheiro, vestindo-o rapidamente.

Passo pela porta do meu quarto e me surpreendo com a fechadura completamente destruída. Dan Walker está no corredor, de costas para mim, falando ao telefone.

— Talvez você devesse investigar isso — ele diz no mesmo instante em que se vira, olhando-me em escrutínio. No segundo seguinte, encerra a ligação. Enfia o aparelho dentro do bolso de sua calça casualmente. A arma não está mais visível e eu me pego imaginando aonde ele a teria escondido.

— Vamos! — diz, mas eu não me movo. Ele

ergue suas sobrancelhas.

— Você destruiu a porta e deve imaginar que eu não poderei mais dormir ali — informo o óbvio e ele assente com a cabeça.

— Já pedi outro quarto. Os danos serão pagos, não se preocupe!

— Não estou preocupada com os danos que causou. Estou preocupada em ter um lugar para dormir.

Ele solta um suspiro aborrecido e se vira, caminhando pelo corredor.

— Aonde vamos comer?

— Aqui. — Ele caminha a minha frente sem se preocupar se eu o estou seguindo. Descemos as
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escadas em silêncio, passamos pelo saguão e chegamos a um lugar simples. Há um pequeno salão ao ar livre, onde há algumas mesas. Uma televisão antiga está presa à parede e poucas pessoas ocupam algumas mesas. Em uma delas, vejo Steve nos observando com uma expressão animada.

— Você não pode ser a mesma mulher — diz com fingida surpresa, enquanto me examina.

Não posso deixar de sorrir, afinal, ele está certo. Agora pareço gente.

— Sim, essa sou quase eu.

Dan e eu nos sentamos nas cadeiras disponíveis.

— Fico feliz que o vestido tenha servido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada, você salvou a minha vida.

Ele nega com a cabeça.

— Walker salvou a sua vida, mas admito que fiz algo mais importante: comprei seu vestido!

Sorrio com o seu senso de humor.

— Quando comprou essas coisas? — pergunto por pura curiosidade e também para tentar manter um diálogo.

— Mantive contato com Walker o tempo todo, até a morte de Mohamed.

— Ah, vocês trabalham juntos? — minha pergunta é proposital com o intuito de tentar descobrir o que eles fazem.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim. Há muitos anos!

Ergo as sobancelhas, esperando que ele continue, mas uma senhora nos interrompe trazendo nossos pratos.

— Pedi que trouxessem a comida assim que chegassem!

Dan Walker continua sério, assentindo para o amigo.

Steve nos informa o que pediu enquanto estávamos ainda no quarto. Estou diante de um prato de arroz com coco e pilau. Praticamente um risoto de carne. Mukimo — como chamam o outro prato — nada mais é que batata cozida amassada. O cheiro está maravilhoso ou talvez eu esteja realmente faminta. Acho que qualquer coisa que

PERIGOSAS NACIONAIS

me derem irei achar delicioso, mas isso me parece muito apetitoso, já que não me alimento tão bem há muitos meses. Peixes enlatados sempre estiveram em meu cardápio e eu não desejo vê-los tão cedo.

Comi feito uma criança, mas não consegui terminar todo o prato; acho que perdi o costume de comer com fartura.

— Qual o helicóptero? — Dan pergunta quebrando o silêncio.

Steve ainda desfruta de seu jantar.

— EC130 T2. Ele voa quase 300 km — responde, para de comer e presta atenção ao outro.

Dan parece satisfeito com o que ouve.

— Bom. O próximo alvo foi encontrado em
PERIGOSAS ACHERON

nossos radares.

— Ele não iria embora de Nairobi — diz Steve.

— Mas ele havia desaparecido depois da morte de 50 quenianos — Dan constatou.

Observo-os atentamente.

— Ele apenas se esconde em meio ao lixo em que vive — Steve responde secamente e volta a comer.

Depois disso, os dois terminam sua comida em silêncio. A mesma senhora que trouxe as refeições recolhe a louça e, em poucos segundos, estamos os três calados. Talvez eles queiram ficar sozinhos, pois não há outra explicação para tanto silêncio.

— Espero que tenha gostado, Laura — Steve
PERIGOSAS ACHERON

diz gentilmente, quebrando o silêncio. Sorrio para ele.

— Estava maravilhoso, obrigada.

Ele apenas acena, enquanto Dan Walker continua impassível.

— Preciso saber uma coisa — digo e os dois homens me encaram.

— Vocês são algum tipo de polícia?

— Não — Dan responde, enquanto se ergue. — Vou para o quarto. Acho que você deveria ir também.

— A porta está quebrada — recordo-o. Talvez ele tenha se esquecido do que fez.

— Quebrada? — Steve parece curioso, mas Dan Walker decide sair sem se despedir.

— Ele quebrou a fechadura do meu quarto, enquanto eu estava dormindo.

Steve parece surpreso.

— Ele achou que eu estava sendo atacada ou algo do tipo — esclareço.

— Por que razão ele pensou isso?

— Eu estava gritando por causa de um terrível pesadelo.

Ele ergue as sobrancelhas parecendo genuinamente surpreso com o que eu disse.

— Parece que ganhou um guarda-costas, Srta.
PERIGOSAS ACHERON

Ryder — brinca enquanto se levanta. — Estou muito cansado. Acho que deveria ir para o quarto também.

Concordo com a cabeça.

— Vamos, eu te acompanho.

Caminhamos até o meu quarto e, assim que chegamos, vejo que porta está exatamente como deixei. Steve se recolhe e eu entro, acendendo a luz. Surpreendo-me com um quarto vazio.

— Onde estão as minhas coisas? — pergunto para ninguém.

— Eu as tirei daqui.

Dou um pulo, sobressaltada, e meu coração bate violentamente, ao ouvir a voz de Dan, que surge na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porta sem avisar. Viro-me e o encaro com as mãos pressionadas sobre o peito.

— Meu Deus, você me assustou!

— Vamos?

— Você conseguiu outro quarto?

Ele concorda com a cabeça.

— O meu.

Arregalo os olhos, incrédula, tentando entender o motivo de ele querer que eu passe a noite em seu quarto. Este homem parece me odiar, mas mesmo assim me quer por perto.

Afinal, qual é o seu objetivo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Por que razão terei que me enfiar em seu quarto? — questiona Laura com os braços cruzados e uma postura desafiadora, que eu, particularmente, admiro em uma mulher. Sei que ela sente medo, mas não quer demonstrar. Pela expressão de contrariedade que vejo estampando seu rosto, percebo que não está gostando da minha atitude.

— É provável que você esteja passando por um transtorno de estresse pós-traumático. Os gritos que você emitiu durante o sono podiam ser ouvidos ao longe. Isso chamaria a atenção dos hóspedes ou de

peessoas que não devem nos notar — informo-a calmamente.

Ela abre a boca para protestar, mas desiste, talvez por perceber que não há argumentos suficientes para que eu mude de ideia.

— Não quero que chame atenção. Tenho um motivo para estar aqui no Quênia e não tem nenhuma relação com o que fiz na Somália.

Ela não diz nada e, obedientemente, concorda com a cabeça.

Saímos de seu quarto e, em silêncio, caminhamos passando por mais duas portas, até alcançar o meu. Giro a chave na fechadura da velha porta de madeira e entramos. O quarto onde estou é exatamente como o dela. Há apenas uma cama de

casal e um banheiro. Ela para por alguns segundos, observando a cama, e logo em seguida solta um suspiro profundo.

— Vamos dormir juntos?

— Se preferir, pode dormir no chão. Eu não me importo! — respondo sem fazer contato visual. Olho para minha mala, que está atrás da cortina, no chão, ao lado da janela. Alcanço-a e coloco-a sobre a pequena mesa de madeira.

— Que ótimo! — ela bufa e se afasta pisando firme pelo chão em direção ao banheiro.

Sento-me na cadeira e abro a mala, retirando meu silenciador de seu interior. Começo a rosquear o cano da arma e me preparo para o dia de amanhã. Mesmo de costas, sei que Laura está me

PERIGOSAS NACIONAIS

observando. Consigo sentir seus olhos curiosos sobre mim.

— Talvez você devesse dormir. Sairemos cedo — informo enquanto coloco a arma carregada sobre a mesa.

— O que está fazendo? — Sei que ela está curiosa. Essa mulher não me deixará em paz, enquanto não descobrir tudo ao meu respeito.

— Preparando-me para tirar a vida de um homem. — Viro-me e a observo brevemente. Ela está parada próximo à porta do banheiro. Volto a atenção para meu trabalho. Não posso perder o foco.

— Não acha arriscado matar pessoas?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não acha arriscado viver? — replico.

Ela pensa por alguns segundos, antes de fazer outra pergunta:

— Você recebe por isso?

— Sim.

— Então você mata apenas por dinheiro?

— Não.

— Mohamed foi morto por dinheiro?

Encaro-a nos olhos, reparando que agora ela está mais próxima a mim, com os braços cruzados, mantendo a mesma postura desafiadora.

— Não — respondo, sustentando seu olhar por

PERIGOSAS ACHERON

mais tempo que deveria.

— Então... qual foi a sua motivação para matar aquele homem? — Sua pergunta me pega de surpresa, embora eu já tivesse a certeza de que um dia ela me questionaria sobre isso. Achei que me livraria dela antes disso.

— Você se surpreenderia com as minhas motivações, mas eu não estou disposto a contar.

Ela ergue as sobrancelhas e eu me viro. Pego meu *iPad* na maleta, digito a senha e abro o mapa que me levará a um esconderijo amanhã, em Nairóbi. Ignoro-a completamente com o intuito de evitar mais perguntas impertinentes. Sinto que ela se afasta e me concentro novamente em meu trabalho.

Sou o único coordenando essa missão, que é, digamos, fora do que eu considero normal, mas considerarei a causa. Alguns agentes contratados por mim controlam os passos do meu alvo por radar. Ele é o homem responsável por várias destilarias clandestinas e já matou milhares de quenianos. Quando eu matá-lo, a pedido de pessoas ligadas ao governo deste país, esse tipo de comércio não irá acabar. Outros ocuparão seu lugar e as destilarias continuarão a funcionar como sempre. Mesmo que eu as destrua. No entanto, irei faturar uma grande quantia para acabar com a vida desse infeliz. Após cumprir minha missão, voltarei para os Estados Unidos o mais depressa possível.

Por algum tempo, minha atenção permanece voltada para o *iPad*. Automaticamente, elevo os olhos e eles vagam sobre a mulher deitada de costas na cama ao meu lado. Suas curvas são bem

desenhadas e distinguíveis até mesmo sob o lençol. Minha mente intrusa projeta imagens tentadoras; ela usando apenas calcinha e sutiã. Claro que não estou alheio a ela. Confesso que me surpreendi com sua beleza quando a vi pela primeira vez. Laura é uma mulher extremamente atraente. Porém, tenho um caminho a seguir e não posso permitir que uma mulher desvie minha atenção. Sei que devo ajudá-la levando-a de volta para Boston. Ela é uma vítima que precisa de ajuda. Isso será uma espécie de agradecimento silencioso. Embora eu a tenha livrado da morte por duas vezes, sei que, ao menos na segunda, fiz com o intuito de usá-la para atrair meu alvo. Eu a usei e, se ela não tivesse ligação com esses homens, provavelmente eu não a teria ajudado.

Volto a atenção para a tela do *iPad* e continuo trocando informações com dois agentes. Estes

enviaram o helicóptero que nos levará até meu alvo. Meus clientes querem que seja algo rápido e que pareça um acerto de contas.

Pego o aparelho antirradar e envio algumas coordenadas para Steve, que está em outro quarto a alguns metros daqui.

"Obrigado pelas informações, Walker. Tenho tudo sob controle. Onde está Laura?"

Respondo:

"Aqui."

"Parece que ela ganhou um protetor."

Solto o ar pesadamente.

"Eu a usei para atrair Mohamed. Ela teve pesadelos. Não quero que grite novamente ou teremos problemas."

"Iremos levá-la conosco?"

"Sim. De lá, vamos embora. Eu a levarei para casa."

"Vai deixá-la ligar para o pai?"

"Não é seguro. Não sabemos se isso pode ser pego no radar de pessoas como aquelas. Segundo ela, ele está em uma clínica. Ela terá que esperar!"

"Certo. Mas eu adoraria fazer uma observação:

*não me lembro de alguma vez em que tenha sido
tão sacrificante, para você, dormir com alguém,
só por achar que essa pessoa pode te trazer
problemas, Walker."*

"Vá para o inferno, Steve! Boa noite."

LAURA RYDER

Sinto um incômodo e, quando tento movimentar meus braços, eles simplesmente não se mexem. Abro os olhos e sou surpreendida com a imagem de meus pulsos amarrados um ao outro. Meus tornozelos também estão presos e imediatamente sinto meu coração acelerar. Entro em pânico, ao perceber que estou completamente indefesa,

PERIGOSAS NACIONAIS

amarrada com essas finas cordas. Meu corpo está virado de frente para a porta e não sei se Dan Walker está dormindo aqui ou se alguém nos pegou.

— O que está acontecendo? — Minha voz soa desesperada.

— Acalme-se! — A voz de Dan Walker ecoa atrás de mim e eu viro o pescoço para tentar encontrá-lo. Vejo-o de relance de costas para mim. Apenas a luz do abajur nos ilumina.

— O que está acontecendo? Por que estou presa com essas cordas?

— Eu prendi você — responde com a voz calma, enquanto me debato violentamente sobre a cama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Imbecil! Tire essas malditas cordas de mim!

— Tenho algumas armas automáticas e não quero que, enquanto eu estiver dormindo, elas apareçam, por acaso, em suas mãos.

— Eu não saberia como mexer nessa coisa. Por que acha que eu faria algo tão absurdo como isso?

— Apenas precaução. Durma.

A raiva que sinto dele é tão grande, que agora eu realmente seria capaz de matá-lo.

— IDIOTA. Me. Tira. Daqui! — vocifero pausadamente, ainda me debatendo de um lado para o outro. Começo a chutar suas costas com as pernas presas, mas ele nem se mexe. Movo-me com tanta rapidez, que me desequilibro e, abruptamente,

PERIGOSAS ACHERON

desabo da cama.

— Aaah! — Meu corpo e rosto se chocam contra o chão duro e, no mesmo instante, sinto um líquido quente descendo sobre minha face.

— Merda! — Ouço-o e, rapidamente, sinto suas mãos sobre mim. Ele me pega pela cintura e me carrega como se eu fosse uma boneca. Dan me deposita desajeitadamente sobre a cama, virando-me de frente para ele.

— Um pequeno corte no supercílio — informa e se afasta caminhando em direção ao banheiro.

— O que está fazendo? — Ouço o barulho de torneira sendo ligada e logo ele retorna com uma pequena toalha nas mãos.

Dan Walker está sem camisa e com calça de moletom, contrariando tudo que me disse no outro quarto sobre roupas íntimas e fuga. Tento me concentrar no problema do momento e impedir que sua genética, obviamente privilegiada, distraia-me. Ele é um babaca e eu não posso me sentir afetada por um babaca que amarra mulheres indefesas sobre uma cama; e nem é com intuito sexual. Eu me recuso a aceitar. Na verdade, eu não aceitaria que ele me amarrasse para essa finalidade.

Merda, o que estou pensando?

Dan senta-se próximo a mim e, ignorando o fato de que meu corpo se debate, pressiona levemente a toalha sobre o corte. Seu rosto se aproxima do meu vagarosamente, e meu corpo quer expulsar meu coração do peito. Em momento algum, olha-me nos olhos e continua concentrado, limpando o sangue

PERIGOSAS NACIONAIS

que escorre sobre minha bochecha. Paro de lutar e o observo, enquanto tento controlar meus batimentos cardíacos. O machucado se torna irrelevante diante do que estou sentindo agora.

Com uma mão, ele volta a pressionar a toalha, cuidadosamente, sobre o machucado, enquanto, com a outra, segura casualmente o meu queixo.

— Não foi profundo — sussurra enquanto tenho um pequeno e silencioso ataque do coração.

O que ele está fazendo?

— Desamarre-me. Agora! — ordeno desafiadoramente.

Ele para o que está fazendo e finalmente fixa seus olhos nos meus. Este homem me confunde.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Suas atitudes são tão contraditórias, que me deixam sem reação.

— Acreditei que você fosse dormir a noite inteira. Ainda são três da manhã — informa.

— Eu não me importo com o horário. Quero que você tire isso dos meus braços e tornozelos. E se alguém invadir o quarto? Como vou conseguir fugir amarrada desse jeito? — questiono-o com a voz alterada.

— Não há necessidade de fugir daqui. A pessoa que ousar entrar estará morta antes de tentar fazer qualquer coisa.

Paro de respirar com sua afirmação. Ele é intimidador.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Faremos o seguinte. Eu retiro as cordas do seu braço e mantenho as dos pés. É pegar ou largar! — diz como se ficar amarrada enquanto estive em cativeiro já não tivesse me causado mal suficiente. Fecho os olhos e sugo o ar com força.

— Tudo bem. Desamarre os meus punhos! — peço com frieza.

Ele se ergue, dando-me a visão de seu corpo esculpido. Neste momento, quero me socar por olhá-lo com tanto desejo. Eu deveria matá-lo e não imaginar seu corpo sobre mim.

Dan se afasta e busca algo dentro de sua mala. Pega o que parece ser uma pequena faca e aproxima-se de mim.

— Estenda os pulsos.

PERIGOSAS ACHERON

Com certa dificuldade, obedeço e, com apenas um movimento, ele corta as finas cordas que apertavam, com força, meus pulsos. Quando me vejo livre, começo a socá-lo de maneira desajeitada.

— Idiota. Não faça mais isso! — grito e não demora muito para que ele segure com força os meus pulsos fazendo-me parar. Minhas narinas estão infladas e a respiração entrecortada. Estou tremendo de raiva, mas seus olhos profundos me olham insatisfeitos. Estamos tão próximos, que nossas respirações se misturam.

— Vá. Dormir! — ordena pausadamente, enquanto, ainda segurando meus pulsos, coloca-me suavemente sobre o travesseiro. Seus olhos intensos nunca saem dos meus e, por algum motivo que certamente desconheço, eu lamentavelmente me

acalmo.

Aos poucos, afasta-se. Volta para seu lado da cama e apaga a luz do abajur, deixando que a escuridão nos engula.



Sobre meu corte há um curativo adesivo. Dan decidiu esperar que eu dormisse, para colocá-lo em mim. Não sei como não acordei; ele deve ter mãos leves ou eu tenho estado morta enquanto durmo. O que sei é que, quando deparei com meu reflexo no espelho, percebi o pequeno adesivo, preso de maneira impecável sobre minha pele.

Dan me impediu que ligasse para a clínica onde

PERIGOSAS NACIONAIS

meu pai está internado. Segundo ele, pode haver radares telefônicos por aqui. Não sei do que está falando e também não me interessa; a única coisa que preciso saber é sobre a saúde de meu pai. Implorei, mas ele me pareceu taxativo sobre isso.

Neste momento estamos sobrevoando Nairóbi, ainda no Quênia, e eu me pergunto quem é o alvo de quem tanto eles falam. Sei que matam por dinheiro e, por mais que eu tenha ficado com medo, estive atenta a todas as suas conversas. Percebi que seus clientes, ou seja, aqueles que encomendam as mortes pagam um preço obsceno para verem essas pessoas mortas. Não acredito ser um de seus alvos. Nunca acreditei que alguém fosse capaz de pagar uma quantia alta para me tirar do cativeiro, que dirá para me ver morta. Por mais que ele tenha me amarrado e eu tenha ficado apavorada no momento, sinto que não faria mal a mim.

PERIGOSAS ACHERON

Ambos estão calados. Não sei o que se passa em suas mentes e não é possível ler nada em seus olhos, já que usam óculos escuros. Apenas Dan está dentro de um macacão preto e eu me questiono sobre o que ele fará trajando essa roupa diferente.

— Aqui — ordena e o helicóptero para no ar. Dan Walker pega sua arma e a encaixa em um lugar estratégico na roupa. Aproxima-se da porta, enquanto Steve prende uma corda em seu macacão.

— O que você está fazendo? — grito tentando ser ouvida em meio ao imenso barulho. Estamos usando o protetor auricular e, obviamente, sou ignorada com sucesso. Dan Walker se prende na corda e desce, desaparecendo da minha linha de visão.

Depois de alguns segundos de espera, o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

helicóptero segue seu caminho, aterrissando, logo em seguida, em um terreno aberto.

Em meio ao barulho e ao caos provocado pelo vento, que se movimenta violentamente através da hélice, meus cabelos castanhos rodopiam desordenadamente sobre minha face. Steve me ajuda a descer e me conduz até um carro parado próximo dali. Ele pega a chave nas mãos de um homem uniformizado.

— Obrigado — agradece ao rapaz queniano, que sorri.

— É uma satisfação ajudá-lo, senhor.

Steve abre a porta do carona para que eu entre e rapidamente faz seu caminho, ocupando o lado do motorista. Ele gira a chave acionando o motor do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

jipe. O carro parte, cruzando as ruas em alta velocidade.

— Para aonde vamos?!

Ele expira pelo nariz. Steve parece com pressa e impaciente enquanto dirige.

— Vou deixá-la no hotel e, em algumas horas, estaremos de volta. Preciso explodir algumas destilarias e buscar Walker.

— Por que ele saltou do helicóptero? Para matar o tal homem? — questiono-o e ele me olha rapidamente.

— Se já sabe a resposta, por que pergunta? Parece que ele te contou sobre o que veio fazer aqui. — Steve parece surpreso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na verdade, ele respondeu algumas perguntas. Confirmou que faz por dinheiro.

— Ótimo. Se já sabe que esse é o seu trabalho, acho melhor perguntar a ele sobre a maneira como faz.

— Mas você vai explodir destilarias...

— Clandestinas — completa. — Não cabe a mim responder perguntas direcionadas a ele.

Solto o ar frustrada, sabendo que não irei arrancar mais nenhuma informação deste homem.



Desta vez estou hospedada em um ótimo hotel.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A rede de hotéis Hilton está espalhada pelo mundo. Confesso que há meses não deparo com tanto luxo, algo que me impressionou, já que a maioria da população do Quênia vive abaixo da linha da pobreza. Mas aqui em Nairóbi, um dos principais distritos do país, o cenário é de contrastes. De um lado, mansões espetaculares, localizadas em bairros habitados por pessoas abastadas; de outro, guetos e favelas povoadas por uma maioria pobre. É gritante a desigualdade social que se vê aqui.

Depois de algumas horas entediadas, nada da dupla chegar. Confesso que estou ficando preocupada com essa demora. Steve deixou claro que ia apenas buscar Dan Walker, mas, por alguma razão, eles ainda não voltaram.

Decido tomar um banho e, enquanto sigo para o banheiro, penso na maravilha que é uma ducha

PERIGOSAS ACHERON

quente. Depois de tantos meses sem isso, ainda não me acostumei; algo que era tão simples tornou-se um luxo para mim.

Sinto a água deslizar sobre minha pele. Massageio meus cabelos e retiro todo o resíduo do condicionador. Fico algum tempo, resistindo em sair, até que tomo coragem e fecho o registro. Seco-me com a toalha felpuda, enquanto encaro meu reflexo no espelho. Finalmente aparento menos cansaço. Visto o sutiã e a única calcinha que tenho. Assim que termino, passo os dedos entre os cabelos. De repente, ouço um barulho vindo da fechadura, o que me faz paralisar. Retenho o fôlego enquanto vejo a porta do banheiro se abrir lentamente.

— Dan? É você?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. — A imagem de um homem alto se revela, fazendo com que meu coração golpeie violentamente. Quando dou por mim, o desconhecido vem em minha direção. Tento gritar, mas logo ele me alcança e cobre a minha boca com a mão. Meus gritos saem abafados e o sujeito pressiona meu corpo seminu contra o dele.

Encaro o reflexo no espelho e vejo-o passando sua arma pela minha barriga, pelos meus seios, até alcançar minha nuca. Ele parece árabe com sua pele morena e suas roupas largas.

— Se fizer um movimento, vou atirar em sua cabeça — ameaça. Tira a mão direita da minha boca e, com a mão livre, invade o interior de meu sutiã. A arma ainda está apontada para minha nuca. Paro de respirar engolida pelo denso nevoeiro de terror. Começo a me debater em seus braços, mas

PERIGOSAS ACHERON

ele aperta a arma com mais força.

— Quieta.

Fico tensa e meu corpo treme, enquanto suas mãos passeiam sobre minha barriga, até chegar a minha virilha. Ele passa a mão por dentro da minha calcinha e geme em meu ouvido, soltando com força o ar quente de seus pulmões. As lágrimas descem, queimando os meus olhos, dando-me a certeza de que eu irei morrer.

Como esse homem me encontrou em Nairóbi?

— A morte de Mohamed não ficará impune — diz em um inglês arrastado, enquanto pressiona seu corpo contra o meu. Ele eleva a mão até meus cabelos e os puxa violentamente para trás.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pare, por favor! — sussurro em um pedido desesperado.

— Como você quer morrer? — pergunta, enquanto morde o lóbulo da minha orelha. Tira a arma da minha nuca e a coloca sobre o balcão.

— E quem disse que ela vai morrer? — Olho para o reflexo no espelho, deparando com Dan Walker, que aponta uma pistola diretamente para o sujeito que me contém. O homem tenta apanhar de volta a própria arma, mas é detido por apenas um tiro, que acerta sua nuca, fazendo-o desabar sobre o chão.

Solto um grito agudo, afastando-me e observando o corpo sem vida estirado no chão do banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Afasto-me, de costas, até chocar-me contra a parede atrás de mim. Tudo agora está em silêncio e a única coisa que posso ouvir é o meu coração batendo violentamente.

— Meu Deus! — Meu corpo desliza contra a parede fria até chegar ao chão. Dan Walker já está próximo ao homem, analisando e verificando cada pedaço do seu corpo. Ele pega o celular do bolso e pressiona uma tecla.

— Steve, verifique o hotel. Havia um homem

aqui com a Laura e eu acabei de matá-lo.

— *Sim. Tudo leva a crer que seja um deles.*

Dan espera alguns segundos e logo desliga, enfiando o aparelho no bolso.

Ele parece não encontrar nada no homem e se afasta. Em seguida, aproxima-se de mim. Não consigo chorar e o que sinto neste momento é um misto de alívio e medo. Sei que alguém está nos perseguindo e isso tem tudo a ver com a morte de Mohamed.

Cubro meu rosto com as mãos e respiro fundo tentando evitar uma crise nervosa ou algo do tipo. Sinto um leve toque em meus ombros, o que me lembra da presença de Dan. Ergo minha cabeça para encontrá-lo me observando e, dessa vez,

consigo detectar, embora seja um traço tênue, algo incomum dentro de seus olhos.

Ele me salvou novamente; livrou-me da morte mais uma vez.

Instintivamente jogo meu corpo contra o dele, abraçando-o apertado, como se isso fosse aliviar o que estou sentindo agora. Sinto seu corpo tensionar-se, mas ele não se afasta, embora também não retribua o abraço. Choro sobre seu ombro sem saber exatamente o porquê, porém, agradecida por ele estar aqui.

— Precisamos ir — diz e, então, sem que eu perceba, ergue-me com facilidade. Quando fico de pé, ele me carrega. Sinto-me uma boneca, enquanto sou envolvida entre seus braços. Enlaço seu pescoço, entrelaçando os dedos na altura de sua

PERIGOSAS NACIONAIS

nuca e ele me tira do banheiro, de perto do corpo ensanguentado que pesa sobre o mármore. Coloca-me delicadamente sobre a cama e se afasta com rapidez, voltando para o banheiro. Em seguida retorna com um roupão nas mãos e me entrega calado. Visto-me rapidamente porque sei que devemos sair daqui o mais rápido possível. Quando termino de me arrumar, Dan se aproxima.

— Venha. — Puxa-me pelo cotovelo e saímos pela porta, caminhando rapidamente em direção às escadas. Descemos os degraus correndo e ele segura com firmeza a minha mão, firmando para que eu não caia. Dan está a minha frente, atento a qualquer movimento estranho. A tensão e a adrenalina me consomem, enquanto descemos cada lance de escadas, na terrível expectativa de que alguém indesejado apareça; como se fôssemos nos surpreender a cada instante.

PERIGOSAS ACHERON

Chegamos ao térreo, mas, em vez de sairmos pelo saguão principal, Dan me conduz até a saída de incêndio. Assim que colocamos nossos pés do lado de fora, corremos até o estacionamento ao lado. Descalça, deixo-me conduzir até o mesmo carro com que Steve me trouxe até aqui. Mal afivelado o cinto e o carro já está acelerando pelas ruas de Nairóbi.

— Para aonde vamos? — quebro o silêncio.

Em vez de responder, ele alcança um aparelho dentro do bolso de sua calça e pressiona um único botão.

— Steve, preste atenção. Estamos na rua. Limpe a sujeira e feche a nossa diária.

— *Aonde nos encontraremos?* — A voz de

PERIGOSAS NACIONAIS

Steve ecoa pelo rádio em uma altura que pode ser ouvida daqui.

— Não nos encontraremos aqui no Quênia. Estaremos embarcando.

— *Já verifiquei tudo. Não há ninguém suspeito. Deixe comigo. Tudo estará limpo por aqui! Até breve.*

— Fique atento! — Dan pede e logo desliga, enfiando o aparelho dentro do bolso da calça. Decido não perguntar novamente para aonde vamos e assim permaneço, calada enquanto ele dirige, até que o carro entra, subitamente, em um estacionamento fechado.

— Por que paramos? Que lugar é este?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um shopping chamado Westgate — responde. O nome soa familiar. Se não me engano, esse shopping foi alvo de terroristas, há alguns anos, e virou manchete em todo mundo. — Você precisa de roupas.

Encaro-o incrédula.

— A polícia pode estar atrás da gente. Há um homem morto na suíte onde me hospedei.

— Eu usei um nome falso. Steve está cuidando do resto! — informa tão calmamente, como se estivesse me contando o seu dia no trabalho.

— Eu não posso andar em um shopping de roupão e descalça.

— Que tal não discutir enquanto estou te

PERIGOSAS ACHERON

ajudando? Não é seguro ficar sozinha aqui — diz e desce do veículo, batendo a porta logo em seguida.

Sem alternativa, sigo-o vestida apenas com o roupão e me sentindo bizarra. Algumas pessoas estranham, enquanto tento acompanhar os passos apressados de Dan, que segue a minha frente. Entramos em uma loja de departamentos e eu visto a primeira roupa que encontro. Calça jeans e blusa cinza de manga agora compõem meu visual. Calço sapatilhas pretas e me sinto como gente novamente. A vendedora parecia assustada quando me viu entrar, mas permaneceu calada durante todo o tempo em que permanecemos na loja.

Saímos rapidamente e seguimos em direção ao estacionamento. Dan está calado e eu decido parar antes de entrar no carro novamente. Ele abre a porta e me observa, enquanto continuo parada no

mesmo lugar.

— Vamos embora daqui? Quero dizer... Para minha casa? — questiono-o com a voz trêmula e embargada.

Dan Walker sustenta seus olhos nos meus e assente duas vezes com a cabeça.

— Para minha... casa?

Os músculos de sua mandíbula se contraem, demonstrando clara tensão.

— Sim — responde e as lágrimas se formam instantaneamente no canto dos meus olhos.

— Obrigada por me ajudar.

Ele não responde, mas novamente vejo um
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ínfimo traço de algo mais profundo em seus olhos.



Estamos no ar há mais horas do que pude contar. Não tive problema algum com minhas documentações e, graças à postura controlada e extremamente calma do homem sentado ao meu lado, aqui estou eu, voltando para os Estados Unidos. Sua forma de agir me impressiona.

Ele não disse qualquer palavra até agora e confesso que isso me deixa confusa, com raiva e chateada ao mesmo tempo. Mesmo calado, Dan Walker tem o dom de me deixar completamente instável por dentro. Nunca sei o que ele quer ou o que vai fazer, realmente. Estou ao lado de um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

homem que é um grande ponto de interrogação. As dúvidas e questionamentos transbordam em minha mente.

— Quanto tempo até chegarmos? — arrisco a pergunta. Dan parece concentrado em uma revista, mas desconfio que não esteja realmente lendo a matéria sobre Economia.

— Não sei. Talvez mais de quinze horas! Ainda temos uma escala.

— Por que tanto tempo?

— Porque saímos do Quênia um dia antes que o previsto. Embora estivesse esperando, não imaginei que aqueles homens soubessem nossa localização.

— Tem alguma ideia de como eles nos

PERIGOSAS ACHERON

encontraram?

Ele ainda olha para a revista, pensativo.

— Não. — Dobra a revista e a introduz no compartimento a sua frente. Estamos em uma classe executiva e eu não faço ideia de quanto ele pagou para estarmos aqui. Estou feliz por finalmente voltar para casa.



O restante da viagem foi dolorosamente silenciosa. Dan Walker definitivamente não quer conversa ou está louco para se livrar de mim de qualquer jeito. Confesso que está cada vez mais difícil conter a emoção de, finalmente, ter colocado

PERIGOSAS NACIONAIS

os pés em meu país. Ainda não consigo acreditar que consegui sair daquele inferno. Meses confinada, à mercê de pessoas que certamente iriam me matar. Meses apenas ouvindo e presenciando a guerra. Pessoas mortas, famílias destruídas e despedaçadas por uma guerra sem fim.

Dan acaba de alugar um carro e eu espero pacientemente por ele. Já estou aqui e o que ele fez por mim até agora é um grande lucro. Esse homem salvou a minha vida e me trouxe de volta para o meu país. Não posso reclamar caso resolva me deixar aqui.

— Qual o endereço da clínica onde seu pai está?
— pergunta, surpreendendo-me.

— Você vai me levar até o meu pai?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu a trouxe até aqui e pretendo colocá-la dentro de sua casa — diz enfaticamente.

— Obrigada!

Ele assente.

— Vamos.



Depois do que pareceu uma eternidade, dou as coordenadas e o carro estaciona em frente à clínica. Não demorou muito para chegarmos, mas, para mim, foi como se estivéssemos andando em câmera lenta. Saímos e Dan me acompanha até o interior do local, mais uma vez surpreendendo-me. Ele pode ser frio, aparentar que não se importa, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

também tem mostrado que não é uma pessoa ruim. Acredito que seja mais uma questão de dificuldade em demonstrar sentimento; ou, talvez, ele tenha aprendido a esconder bem tudo isso. Também pode ser que esteja louco para se livrar de mim, mas o que importa realmente é que estou convicta de que não é uma pessoa má.

Entro na recepção, indo direto ao assunto; minha ansiedade impede que eu seja educada neste momento.

— Procuro por Joseph Ryder. Sou a filha dele!

Um rapaz de cabelos ruivos e aparelhos nos dentes me observa atentamente.

— Um momento, por favor! — Ele pega seu aparelho telefônico e chama alguém. Desliga e

PERIGOSAS ACHERON

pede que eu espere um pouco. Impaciente, afasto-me e me viro para Dan Walker, que olha para o relógio mais vezes do que eu pude contar.

— Você é a jornalista que desapareceu há meses na Somália?

Viro-me ao som da voz de uma senhora que não identifico e concordo com a cabeça freneticamente.

— Sim. Sou eu. Sinto muito por deixá-lo aqui por muito tempo, mas eu...

— Senhorita Ryder, certo? — ela me corta e eu concordo com a cabeça.

— Por favor, senhora. Preciso que me dê informações sobre meu pai. Eu realmente...

— Quem é o homem que está com você? Ele é

PERIGOSAS ACHERON

irmão, marido...

— Um amigo que me ajudou a chegar aqui —
informo e ela respira profundamente.

— Queira me acompanhar!

Encaro Dan, que acena, indicando que vai me
esperar.

Entramos em um lugar que, suponho, é um
escritório. A mulher pede que eu me sente e respira
fundo com os olhos fixos nos meus.

— Seu pai apresentou muitos problemas de
saúde enquanto a senhorita esteve na Somália.
Ele...

— Ele está mais doente? Eu já sabia que isso
iria acontecer, mas...

— Não, Srta. Ryder. Seu pai faleceu há cinco meses.

Encaro-a sem piscar e um mal súbito toma conta de mim. O que ela diz parece tão absurdo, que eu mal consigo respirar. As lágrimas descem através de meu rosto e meu coração aperta como um punho.

— Não, não pode ser.

— Ele apresentou alguns problemas cardíacos e um quadro infeccioso. O Sr. Ryder não queria comer. Estava cada vez mais triste por seu desaparecimento. Alguns jornais pareciam certos disso, já que não houve pedido de resgate.

— Eu tive que fugir. Vim o mais rápido que

PERIGOSAS NACIONAIS

pude, depois que escapei, mas não imaginei que fosse tarde demais.

— Sinto muito — ela diz, mas é inútil. Nada pode me consolar, sinto meu coração indo de encontro às solas dos pés.

Começo a chorar com as lembranças de tudo que vivi ao lado de meu pai, de todas as coisas que abdiquei para cuidar dele. Ele foi o único que me encorajou a ir à Somália, pois acreditava que devemos fazer o que amamos. Meu pai me abençoou, desejou-me sorte, e eu nem mesmo pude me despedir dele, abraçá-lo uma vez mais. Meu choro agora é de autopiedade. Com as mãos, tento conter os soluços, desesperada. Tudo agora parece passar em câmera lenta diante de meus olhos, como se o que estou vivendo não fosse real. Sinto como se estivesse vivendo um terrível e doloroso

PERIGOSAS ACHERON

pesadelo.

Parece que já se passaram horas desde que cheguei aqui, mas foram alguns intermináveis minutos de choro. Somente agora reparo que a senhora me deixou sozinha. Ergo meu corpo e pego a água que deixaram sobre a mesa. Bebo quase todo o conteúdo do copo e logo em seguida respiro profundamente.

A porta se abre e, surpreendentemente, Dan ainda está aqui. Eu o encaro sentindo-me devastada. Ele suspira e se aproxima, parando bem diante de mim.

— Sinto muito — diz. Em sua voz não há qualquer resquício de emoção, mas, no fundo de seus olhos frios, de alguma forma, consigo detectar uma centelha de sentimento. Ele sente, eu sei.

PERIGOSAS NACIONAIS



Antes que eu partisse, a responsável pela clínica forneceu informações sobre o enterro de meu pai, inclusive o local do sepultamento. Como se trata de uma clínica particular e há muito tempo estou ausente, pedi um tempo para quitar meus débitos, mas me garantiram que não havia nada a ser pago, o que me permitiu respirar aliviada.

Mostrei o caminho da minha casa pelo GPS e não precisei abrir a boca durante todo o trajeto. Em minha mente, só consigo ver meu pai e todos os momentos felizes que passamos juntos.

Imagino como minha casa deve estar vazia e repleta de lembranças.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando o carro aproxima-se da minha rua, a tristeza parece me consumir ainda mais. Tudo que mais sonhei durante todos esses meses está acontecendo, mas sem a pessoa mais importante da minha vida ao meu lado.

— Parece que chegamos! — Dan Walker estaciona um pouco antes. Meus olhos estão presos na casa onde cresci em Springfield. Tudo parece ter congelado no tempo. A rua continua vazia e o vento balança as árvores do lado de fora.

— Sim. Chegamos! — falo, pela primeira vez, desde que saímos da clínica. — Acha que estarei segura aqui?

Em vez de responder, ele me encara diretamente nos olhos. Suas mãos apertam com força o volante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Irei fazer uma pergunta e quero que você me responda de maneira direta, sem subterfúgios de qualquer natureza, ok?

Concordo com a cabeça.

— Você convivia com Mohamed ou qualquer outro, enquanto esteve naquele cativeiro?

Nego com cabeça.

— Eu mal conseguia falar com Jamal, o rapaz que me ajudou a fugir. Ele também fugiu, mas não sei nada sobre sua vida ou sobre qualquer outro daquele grupo.

Ele assente levemente com a cabeça.

— Respondendo a sua pergunta: nunca estamos totalmente seguros em lugar nenhum, Laura, mas...
PERIGOSAS ACHERON

— Ele vira o rosto, fixando os olhos no volante. —
Eles não irão te encontrar aqui. Não sabem nada
sobre você.

Aceno com a cabeça mesmo sabendo que ele
não me olha agora.

— Obrigada por me ajudar e me trazer até aqui.

Ele continua com o olhar fixo sobre o volante,
comprimindo a mandíbula com força.

— Eu... eu vou ficar bem! — digo, na tentativa
de convencer a mim mesma, enquanto abro a porta
do carro. Desço e me viro para olhá-lo uma última
vez. Dan Walker me observa através do vidro por
alguns segundos e, em seguida, acelera. Meus olhos
acompanham o carro, que se afasta e desaparece
pela rua. Sinto um aperto no coração, como se isso

fosse errado.

Vê-lo desaparecer, por algum motivo, dói. É tão denso, tão intenso o que sinto, que nem mesmo o ar frio pode se infiltrar entre meus sentimentos agora. É isso. Acabou. Todos se foram e eu estou aqui, sozinha; presa dentro de um abismo de muita tristeza e frustração.

PASSADO CONFIDENCIAL



DAN WALKER

Paquistão – Janeiro de 2012

— Bom trabalho, Walker. Zaif Zahir está morto
— Adam, um dos agentes que trabalhou comigo nesse período, cumprimenta-me com um olhar frio, confirmando a morte de um dos alvos mais procurados pelos Estados Unidos.

Passei-me por jornalista tempo suficiente para descobrir seu esconderijo. Conquistei aliados importantes, que me levaram à fonte, e agora meu trabalho está, finalmente, concluído. Meses nesse

país assumindo outra identidade. Meses tentando entender as motivações desses grupos para dirigirem seus ataques a pessoas inocentes.

— Hora de voltar! — correspondo com um firme aperto de mão. Adam Smith é alto, cabelos ruivos e olhos verdes. Ele também se passou por um jornalista e sabe exatamente o que vivi aqui.

Há muitos militantes islâmicos e encontrar os membros do alto escalão da Al-Qaeda parece ser ainda mais desafiador quando se está só.

— Boa sorte! — desejo sinceramente. Ele irá precisar, já que decidiu, por livre e espontânea vontade, ficar mais alguns dias. Adam me ajudou, mas fez praticamente todo o trabalho investigativo sozinho. Conheço-o bem. Ele quer provar que consegue fazer sozinho, sem mim, e eu não poderia

PERIGOSAS NACIONAIS

me importar menos. Vim para cumprir meu trabalho e não dou a mínima se sou melhor ou pior que alguém.

Existe uma teia de interesses entre o serviço secreto americano e os agentes do Paquistão. É com eles que eu e Adam temos sempre que lidar quando estamos aqui. Confesso que essa súbita vontade de estender sua estadia neste país deixou-me curioso, mas não a ponto de questioná-lo.

Não há confiança entre os agentes de ambos os países, porém dependemos um do outro para que possamos atingir nosso objetivo. Não há como nos separar. Os interesses estão acima de qualquer desconfiança. Nossa relação é como um casamento por conveniência: não existe simpatia, mas nos suportamos e a confiança fica geralmente em último lugar. Aliás, quem confiaria em uma pessoa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que recebe seu salário assumindo uma identidade falsa, manipulando e mentindo o tempo todo? Sim. Esse sou eu.

PERIGOSAS ACHERON



O cheiro de mofo que sinto ao entrar em casa remete-me imediatamente àqueles quartos onde estive aprisionada na Somália. Acho que tudo me lembrará daquele lugar e os homens que me prenderam. Sinto-me confusa. Temo não voltar a ser quem eu era antes, mas, ao mesmo tempo, não sei se quero voltar a ser aquela mulher cheia de sonhos irreais.

Esqueci completamente que não tinha as chaves da minha própria casa. Tive que recorrer à família Kirby, um casal que mora ao lado. Eles se

PERIGOSAS NACIONAIS

surpreenderam com a minha súbita chegada, mas prontamente me ajudaram, conseguindo um profissional para trocar a fechadura. Tudo durou mais de uma hora até que consegui, finalmente, entrar em minha casa. A companhia elétrica só não cortou a luz, porque estava sendo debitada automaticamente em minha conta bancária. Tenho algumas economias no banco. É uma respeitável quantia, que guardei para emergências, proveniente dos bens que, em vida, meu pai doou para mim. Ele sabia o que estava prestes a acontecer e decidiu se precaver. Ele tinha razão.

Confesso que me surpreendi positivamente com a preocupação e dedicação dos vizinhos que me ajudaram, embora meu relacionamento com eles não possa ser considerado uma amizade. As demonstrações de que realmente sentiram a morte de meu pai me comoveram. Eles contaram que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

viram reportagens sobre meu desaparecimento na Somália, mas que as emissoras de TV, principalmente a ACB News, onde eu trabalhava há um ano, não se manifestaram abertamente sobre meu desaparecimento. “Decepcionada” não é bem a palavra que me descreve neste momento. Sinto raiva por ter abandonado tudo para perceber que, no fim, fui mero brinquedo nas mãos dessas pessoas. Dan Walker tinha razão. Foi um sonho imbecil. Entreguei-me ao trabalho e, quando precisei de ajuda, não fizeram nada.

Ando pela sala em que meu pai costumava ficar a maior parte do tempo assistindo TV. A impressão que tenho é de que a casa onde vivi durante tantos anos tornou-se menor, encolheu. Agora a enxergo apenas como parte do passado. Meu pai queria preservá-la, de maneira que conservamos as lembranças, mas hoje, junto a ele, tudo morreu, e

PERIGOSAS ACHERON

eu me sinto completamente sem rumo.

Cada detalhe, os abajures sobre as mesinhas que ficam dos dois lados do sofá marrom, os retratos sobre o console, estampam uma felicidade que existiu há muito tempo. Sorrisos de uma família feliz. Meu pai, minha mãe e eu, tão pequena, sobre os ombros fortes de um homem sorridente.

Éramos felizes até meus dez anos de idade, quando um derrame tirou, de forma trágica, a vida da minha mãe. Depois disso, meu pai cuidou de mim, até a adolescência, quando ele próprio, um homem que havia se entregado à tristeza, apresentou problemas de saúde. Ele sempre deixou transparecer felicidade, mas sei que era fingida, já que esta desapareceu no instante em que minha mãe se foi. Meu pai não era a mesma pessoa,

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo que afirmasse, com veemência, que estava feliz. Era possível ver dentro de seus olhos a tristeza, principalmente quando estava doente. Em seus momentos de fraqueza, dizia que o seu maior sonho era se encontrar com minha mãe. Espero que eles estejam juntos agora.

Subo as escadas acarpetadas e caminho lentamente em direção ao meu quarto. O que vejo, assim que abro a porta, são minhas roupas espalhadas sobre a cama; coisas que separei para viagem, mas que desisti de levar na última hora. Fui instruída a me vestir com simplicidade para não chamar atenção e obedeci. Essas medidas, no entanto, não impediram que eu caísse nas mãos daquele grupo fundamentalista. Fomos pegos saindo do hotel onde estávamos hospedados. Tudo aconteceu muito rápido e hoje eu poderia estar morta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ver minhas roupas assim faz com que eu me recorde da empolgação e da ansiedade que eu sentia por estar prestes a realizar um sonho, que para muitos era maluco, mas que, para mim, era uma realização. Contemplando tudo isso, sinto como se o tempo tivesse parado; ele não parou, porém, e meu pai não está mais aqui.

Jogo-me sobre a cama, sobre as roupas que ali estão, e me dou o direito de chorar mais uma vez.



O ensurdecedor e apavorante barulho de metralhadoras está de volta. A imagem que vejo a minha frente é desesperadora. Pessoas ensanguentadas, sem as pernas ou outras partes do

PERIGOSAS ACHERON

corpo; pessoas mortas. Mais uma vez, abaixo-me em meio às ruínas de um lugar que deve ter sido uma casa. Pressiono com força os ouvidos, na tentativa de abafar o barulho aterrorizante. De repente, o chão se abre sob meus pés e eu desabo em um buraco negro. Os escombros desmoronam-se sobre mim, deixando-me na mais completa e terrível escuridão. Tento respirar, mas o ar parece rarear; o pânico novamente toma conta de mim...

— SOCORRO!

Desperto sobressaltada, envolvida pelo amontoado de roupas. Luto por normalizar a respiração, até perceber que estou em meu quarto, mergulhada em um total e absoluto silêncio. Olho ao meu redor tentando assimilar o pesadelo. O suor em minha testa indica o quanto este lugar está quente. Minha garganta está seca e decido me

levantar. O aquecedor é o culpado, presumo, e deve estar regulado em uma temperatura acima do normal.

Movo meus pés descalços silenciosamente, até alcançar o andar inferior. Quando chego ao meu destino, sigo para a cozinha, que divide espaço com a sala de jantar. Através das janelas, consigo ver a forte ventania do lado de fora e imagino o frio que deve estar fazendo neste momento. Depois de tomar água da torneira, decido não dormir mais essa noite. Vou até o aparelho que fica preso à parede da cozinha e regulo a temperatura. Inevitavelmente, volto a prestar atenção em tudo por aqui. Não quero mais ser vítima desses pesadelos, que parecem cada vez mais assustadores. O relógio do fogão marca cinco da manhã, e eu rezo silenciosamente esperando que a luz do dia chegue rapidamente para acabar com

PERIGOSAS NACIONAIS

essa tortura interna. Meus olhos vagam, desconfiados, por toda a casa, como se alguém estivesse aqui, vigiando-me. Caminho novamente até a escada que fica próxima à porta de entrada e deparo com um envelope branco sobre o chão, jogado próximo à porta. FRANZO o cenho e me abaixo rapidamente, com o coração acelerado. Alcanço-o com as mãos trêmulas e, em seguida, abro-o e leio o conteúdo:

Há um telefone do lado de fora. Pressione apenas a tecla 6, caso precise de ajuda. Deixei alguns homens próximo a sua casa para vigiá-la! Não hesite em chamá-los!

Walker

PERIGOSAS ACHERON

— Ele mandou homens para cá — constato o óbvio, enquanto olho para o bilhete, relendo-o algumas vezes. Não posso deixar de reparar que economiza nas palavras até mesmo quando escreve algo simples. Solto o ar pesadamente, desejando que ele estivesse aqui, em vez de enviando estranhos para me vigiar. A verdade é que não consigo mais me sentir segura longe de Walker. É como se sua presença me acalmasse de alguma forma. Por mais monossilábico que seja, Dan Walker transmite segurança apenas pelo fato de ter me salvado. Sei que é estranho, já que se trata de um assassino, mas é o que sinto.

Quando foi embora, ele parecia farto da minha presença, cansado de me ajudar, mas essa atitude de agora demonstra o contrário e desmente, ao

PERIGOSAS NACIONAIS

menos em parte, o que eu pensava. Walker está preocupado. Importa-se um pouco comigo e isso, estranhamente, deixa-me feliz.

Sigo as instruções descritas no bilhete e abro a porta, constatando que há um *iPhone* sobre o tapete, envolto em um plástico transparente. Pegoo e volto rapidamente para dentro. A verdade é que sinto vontade de ligar apenas para saber para aonde ele foi, mas certamente seus homens não me dirão, nem sob tortura. Sei que ele deixou isso apenas para o caso de emergência. Não há emergência alguma, mas confesso que me sinto mais segura agora.



PERIGOSAS ACHERON

Tomo um banho rápido com o celular ao lado. A possibilidade de que possa haver alguém aqui, além de mim, por mais remota que seja, provoca uma sensação incômoda. Não consigo ficar mais que quatro minutos no chuveiro. Visto-me formalmente, da mesma maneira que costumava fazer para realizar meus trabalhos jornalísticos. O tailleur e a saia, antes de caimento perfeito, estão largos agora, mas decido usá-los assim mesmo. Depois penso em comprar roupas novas.

Mal entrei nesta casa e já preciso sair daqui desesperadamente. Algo está errado comigo. Estou em minha casa, o lugar onde mais desejei estar durante todos aqueles meses torturantes, mas onde, agora, sinto-me sufocada. Sinto-me mergulhada em uma piscina repleta de lembranças tristes.

Faço uma leve maquiagem para melhorar minha

PERIGOSAS NACIONAIS

aparência cansada e mantenho meus cabelos soltos. Preciso procurar a polícia. Não sei ao certo o que poderiam fazer para me ajudar, mas, de qualquer maneira, devo avisá-los que estou aqui e viva. Em seguida irei ao banco pegar um novo cartão, checar meu saldo bancário e resolver algumas pendências sobre meus documentos. Pego minha bolsa preta e faço uma última parada em frente ao espelho. Pela primeira vez, sinto-me diferente, como se não fizesse parte deste lugar. Analiso meus traços e noto que ainda estou abatida. Também estou triste e sem vontade de fazer nada.

De repente sou surpreendida pelo som da campainha, que toca incessantemente. Meu coração dispara e um nó se forma em minha garganta, com a terrível expectativa de que algo ruim vai acontecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dan Walker tinha toda razão, não corro mais os perigos que corria. Eles não podem me achar aqui. Sigo a passos largos até o andar inferior, mas, quando estou prestes a abrir a porta, paro, encarando-a com receio. *Quem pode estar do outro lado?* Aproximo-me lentamente do olho mágico e o que vejo através dele me faz sorrir instintivamente. Christian está aqui. A campainha ressoa mais algumas vezes e eu decido abrir. Ele me vê, mas sua expressão é de incredulidade, é como se não acreditasse que eu estou aqui.

— Então você está aqui... — diz como se ainda não acreditasse no que seus olhos veem.

— Chris... — Sorrio com os olhos marejados, mas ele parece... estranho. Seus cabelos castanhos estão cortados agora e a barba que cultivava, mesmo antes de ser sequestrado, desapareceu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Parece mais jovem e mais nervoso, como jamais vi.

— Não está feliz em me ver? — questiono-o tentando entender sua reação.

— Sim, claro! Er... Precisamos conversar, Laura!

Encaro-o por um momento e me afasto dando passagem. Ele entra, mas logo se vira, fixando seus olhos nos meus. Encosto a porta e franzo o cenho tentando discernir o comportamento desse homem, que parece outro e não o meu amigo e colega de trabalho.

— Então... o que está acontecendo? — pergunto desconfiada e ele solta o ar pelo nariz, encarando um ponto fixo no chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não pode ficar aqui, Laura. Precisa ir embora! — Sua voz soa entrecortada, trêmula e alta demais.

— Do que você está falando? Eu moro aqui, Christian!

Leio a ansiedade em seus gestos e ele começa a andar de um extremo ao outro da sala com a cabeça baixa.

— Mesmo que você não tenha feito nada para me tirar daquele cativeiro, eu te entendo, mas, agora que estou livre, você está com medo de que alguém possa te fazer mal por minha causa? Achei que você estivesse preocupado comigo.

Ele para de andar e novamente fixa seus olhos nos meus.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Recebi um e-mail anônimo.

— Um e-mail?

— Eles mandaram um e-mail anônimo avisando que sabem tudo sobre mim. Antes de me libertarem, fui ameaçado por aquelas pessoas. Eles garantiram que estariam me vigiando.

Observo-o com total perplexidade.

— Você não me ajudou enquanto estive fora?

Ele nega com a cabeça.

— Eu não pude. — Parece envergonhado ao assumir sua covardia.

— Como soube que eu estaria aqui?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Parecendo exausto, ele abaixa a cabeça e esfrega o rosto com as mãos.

— Eu instalei uma câmera do lado de fora da sua casa.

Arregalo os olhos encarando-o completamente estupefata.

— Eu teria te ajudado se fosse o contrário. Procuraria um modo de te achar e não esperaria você aparecer para te mandar sumir por representar perigo para mim, Christian!

Chris está tremendo, como se alguém fosse matá-lo agora. Ele sua frio, e eu estou muito surpreendida, pois não imaginava que meu amigo fosse tão covarde. O homem que eu imaginava que tivesse os mesmos sonhos que eu, não passa de

PERIGOSAS ACHERON

uma farsa.

— Você queria fazer aquela matéria comigo na Somália. Não entendo como não percebi quão covarde você sempre foi.

— Eu não sou covarde, eu realmente queria fazer uma reportagem de guerra. Porém, quando coloquei meus pés naquele lugar, arrependi amargamente. Descobri que aquilo nunca foi para mim. Meus pais não mereciam ter passado por aquilo. — Ele para de falar e me encara nos olhos. — Eu queria te impressionar, Laura. Sempre fui apaixonado por uma mulher que nunca deu a mínima para mim. Só depois que tive a segunda chance de viver, percebi o quanto fui idiota por causa de uma mulher que nunca desejou ser mais que uma amiga.

PERIGOSAS NACIONAIS

Abro a boca levemente, aturdida com suas palavras. Chris viajou comigo apenas para me impressionar? Isso não pode ser verdade.

— Você não pode estar falando sério!

Ele solta o ar pelo nariz.

— Amo ser jornalista, mas me equivoquei indo a um lugar que não fazia parte da minha realidade. Tenho uma família tradicional e um sobrenome a zelar. Eu realmente quis ir, mas me arrependi e, então, era tarde demais. — Fecha os olhos e os reabre novamente. — Eu pago o que for, mas saia da cidade e, se possível, do país. Eu compro sua casa, faço o que quiser, mas saia e não me envolva em seus problemas.

— Meus problemas? Você está louco? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha voz sai um tom acima do normal.

— A emissora não quer envolvimento com o seu nome. Eles também receberam e-mails suspeitos e ameaçadores.

Estou realmente estupefata com o que ele está me dizendo.

— Covarde. Canalha! — Aproximo-me dele e seguro seus ombros, sacudindo-o com força. — Pensei que você fosse meu amigo...

Chris segura meus punhos com força e me encara com uma expressão assustada.

— Antes de qualquer coisa, eu prezo a minha vida e o nome de minha família — afirma, apertando com força meu pulso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os cantos dos meus olhos se inundam de lágrimas.

— Meu pai morreu... — sussurro, e ele desvia o olhar, soltando-me.

— Fiquei sabendo. Sinto muito pela sua perda.
— Ele esfrega o rosto mais uma vez. — Eu não durmo, não vivo há dias. Você precisa sumir daqui, Laura. Eu pago o que for preciso. Apenas saia.

— Saia você se quiser manter sua traqueia e dentes intactos.

Meu coração dispara, ao ouvir a voz de Dan Walker bem atrás de mim. Viro-me e o encontro, recostado casualmente ao batente da porta aberta. Ele estava aqui e nenhum de nós notou. Seus olhos não saem de cima de Christian, mas sua arma não

PERIGOSAS ACHERON

pode ser vista.

— Você voltou — afirmo, sentindo como se meu coração fosse explodir dentro do peito.

— Eu não fui embora.

Sua resposta me deixa momentaneamente sem palavras. Ele esteve aqui o tempo todo!



— Afaste-se de mim! — Christian berra, dando pequenos passos para trás. Seus olhos estão presos nos de Dan Walker, que apenas o observa calmamente.

— É você quem está se afastando, mas está indo na direção contrária. — Dan desprende-se do batente e cruza os braços. Contemplo sua forma alta, seu semblante impassível; sei que essa calma é somente um disfarce para esconder o homem perigoso que é. — A saída é por ali! — Dan aponta casualmente com o dedo indicador em direção à

porta de saída e Christian parece temeroso.

— Foi ele quem a trouxe de volta, não foi? — Sua pergunta é mais como uma afirmação. O suor que desliza em sua testa demonstra claramente o quanto está apavorado.

— Não só me trouxe, Christian. Ajudou-me sem me conhecer. Ele não é um covarde! — provoco-o, porque ele merece ouvir isso.

— Tive meus motivos para não ajudar. Peça ao seu amigo para não se aproximar, pois não vim com o intuito de lhe fazer mal!

Dan fixa os olhos nos dele e, lentamente, caminha em sua direção. Christian continua trêmulo, mas não sei ao certo se é por medo da situação ou de Dan Walker.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabe... — Dan começa a falar calmamente.
— Se não fosse por um pequeno detalhe, tenho certeza de que você seria uma excelente pessoa.

— Detalhe? — Christian pergunta, encarando-o com uma expressão atordoada.

— Sim. Quer saber qual? — acrescenta e o outro concorda com a cabeça. — Você nasceu. Esse é o seu único problema.

Christian está suando ainda mais e Dan continua:

— Homens merda feito você não deveriam existir. — Dan se afasta e inspira profundamente.
— Suma daqui. AGORA! — A última palavra sai dois tons acima do normal e Christian entende bem o recado. Passa por mim com a cabeça baixa e

PERIGOSAS ACHERON

determinado a sair, porém é interrompido pela voz firme de Dan. — Pare! — ordena enfaticamente.

Chris obedece no mesmo instante. Ele parece uma estátua e é perceptível o fato de que está segurando a respiração. O medo parece brotar de seus poros.

— O que diziam os e-mails anônimos que recebeu?

Christian se vira e me olha rapidamente antes de observar Dan.

— Eram anônimos, mas as ameaças vieram de algum membro daquele grupo terrorista que nos sequestrou, eu tenho certeza! Eles disseram que sabem da minha ligação com Laura Ryder. Ela precisa sair daqui.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dan não diz nada em resposta, esperando que ele saia de uma vez, e é exatamente isso que Christian faz. Sai desaparecendo pela porta.

— Seu colega estava certo — Dan diz, chamando minha atenção.

— O quê? Do que você está falando?

— Sobre sumir. Você precisa ir embora daqui.

— Mas eu não sei para aonde ir!

Ele solta o ar e me encara fixamente nos olhos.

— Você vem comigo.

Encaro-o de volta, incrédula, como se outra cabeça tivesse surgido de seu ombro, mas, por dentro, confesso que estou dando pulos de alegria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não sei de onde vêm esses sentimentos conflitantes em relação a ele. É como se meu cérebro não raciocinasse direito quando este homem está por perto. Sinto-me bem e protegida. Tudo que quero é desaparecer desse lugar onde as lembranças estão cada vez mais sufocantes.



Fiz minha mala com alguns produtos de higiene, roupas que ainda servem em meu corpo magro e tudo mais que uma pessoa precisa para uma viagem curta. Na verdade, precisarei comprar roupas novas e sacar dinheiro para me manter independente em qualquer lugar que eu esteja. Tranco minha casa e deixo um bilhete para meus vizinhos, avisando que estarei viajando, ou sabe-se lá o que pensarão a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu respeito. Eles foram tão prestativos comigo, que merecem ao menos uma explicação.

Dan Walker não diz qualquer palavra, mas me ajuda com a mala, colocando-a no bagageiro de seu carro alugado. Assim que entramos, ele liga o motor e, rapidamente, acelera pelas ruas.

Rezo silenciosamente para que não me deixe em outro lugar sozinha. Quero ir com ele seja qual for o seu destino.



Uma hora se passa e Dan parece pensativo enquanto dirige pela autoestrada. Tento ao máximo me segurar, mas preciso perguntar para aonde

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estamos indo. Acho que tenho medo de que ele se arrependa e me abandone em qualquer hotel à beira da estrada.

— Pode me dizer para aonde estamos indo? —
Minha voz está baixa, mas ele me olha rapidamente, como se eu o tivesse tirado de algum pensamento perturbador.

— Nova York.

— É seguro?

Ele suspira e me olha de soslaio.

— Nenhum lugar é cem por cento seguro... —
Ele me lança um rápido olhar, e sei que é apenas para me lembrar de que já havia me dito isso. —
Tenho uma casa em Long Island — continua. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Você poderá ficar por lá, enquanto eu julgue que é seguro.

Minhas sobrancelhas se unem.

— Sabe quem são exatamente essas pessoas? Eles estão atrás de mim por eu ter fugido, ou é a você que querem por ter matado Mohamed? Pelo que me disse, Mohamed era o seu "alvo".

— Mas não é o meu único alvo. Matar Mohamed foi preciso, para encontrar quem eu realmente quero matar.

Arregalo meus olhos instantaneamente com essa informação.

— Espere aí! Então você foi até a Somália e matou uma pessoa que não era exatamente quem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você queria matar somente para atrair outra?

—Exatamente. — Ele suspira, parecendo aborrecido com minhas perguntas incessantes.

— Há uma teia no meio de tudo isso e você entrou por mero acaso nela. Talvez, se não tivesse tido a grandiosa ideia de ir para Somália, pudesse ter sepultado seu pai.

Suas palavras me deixam momentaneamente paralisada. Engulo em seco e tento reprimir as lágrimas que insistem em cair. Eu me recuso a chorar perto dele de novo.

Volto a olhar para fora da janela, observando as árvores, ainda me esforçando para não chorar. Eu realmente não me lembrava de que, além de frio, ele consegue ser um grande idiota.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpe...

Ouço-o e, sem acreditar, viro-me, encarando-o com total perplexidade. Ele jamais me pediu desculpas e isso é no mínimo... surpreendente.

— Eu não queria dizer isso — continua, ao perceber minha reação ou a falta dela. Assinto lentamente com a cabeça, sem responder, e volto minha atenção para a estrada.

Ficamos em um silêncio confortável por alguns minutos, até que vejo Dan Walker retirando sua arma de dentro do compartimento entre os nossos bancos. Franzo o cenho sem entender o motivo disso.

— Abaixese — diz calmamente, deixando-me confusa.

— O quê?

— Abaixese logo! — ordena, enquanto destrava o gatilho de sua 9 mm, com o carro em alta velocidade.

Faço o que ele manda, o coração batendo violentamente. Meus olhos estão arregalados enquanto encaro-o com a cabeça baixa.

— O que houve?

Ele não tem tempo para responder, já que, de repente, o espelho retrovisor interno espatifa-se sobre nossas cabeças, ocupando toda sua atenção.

— Meu Deus! Um tiro! — grito, apavorada, mas Dan Walker parece não se intimidar. Ele vira a arma para trás, mantendo o controle da direção com

PERIGOSAS NACIONAIS

a mão esquerda. Atira uma, duas, três vezes, porém sua expressão insatisfeita demonstra que não acertou nosso perseguidor. O vidro traseiro não existe mais, devido aos vários tiros.

— Merda! — pragueja, enquanto controla a direção. — Abrace os joelhos! — Dan instrui, mas eu não tenho tempo de obedecer, pois ele freia bruscamente, fazendo com que o outro que nos persegue colida com nossa traseira, produzindo um grande estrondo. Meu corpo é súbita e violentamente projetado para frente. Com o impacto, o cinto foi capaz de me segurar, mas não o suficiente para evitar que meu rosto batesse violentamente contra a lateral da porta, provocando uma dor aguda.

Estou abaixada e desesperada para que ele acabe logo como isso. O carro que nos persegue começa a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nos empurrar para fora da estrada, mas felizmente não atira. Penso que a freada brusca foi proposital para que o atirador, seja lá quem for, perdesse sua arma.

De repente, Dan consegue controlar o outro veículo, empurrando-o de ré. Os dois carros começam uma batalha de quem consegue tirar o outro da estrada primeiro. Enquanto isso, estou tendo um ataque, berrando desesperadamente. Os pneus dos carros começam a queimar sobre o asfalto, formando uma nuvem de fumaça escura sobre nós. Dan consegue derrubá-lo, fazendo-o capotar algumas vezes na pequena descida até chocar-se contra uma árvore. Observo o carro vermelho de ponta cabeça e os pneus ainda girando rapidamente.

Dan Walker desce imediatamente e aponta sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

arma para o carro. Ele atira várias vezes contra o veículo, acertando com precisão o tanque de gasolina, mas seus tiros não explodem o carro como eu havia imaginado. Ele retorna para o nosso veículo e acelera em alta velocidade. Nem mesmo depois que o carro está a uma distância considerável, vejo qualquer sinal fumaça no ar.

— O que foi aquilo? Por que o carro não explodiu? — questiono-o, sugando o ar com força e me ajeitando novamente sobre o banco.

— Tiros em tanques de gasolina não explodem um carro. Isso acontece somente em filmes!

Arregalo os olhos sentindo-me enganada por esses filmes de ação, mas, ao mesmo tempo, tentando assimilar os últimos acontecimentos.

PERIGOSAS ACHERON

Dan pega o aparelho celular e, em seguida, pressiona uma tecla.

— Quero que venha imediatamente para I91, sentido Nova York. Vou passar o mapa agora. Alguém tentou nos matar e eu o derrubei. Preciso que se certifique de que ele realmente está morto. — Ouve calado a pessoa do outro lado da linha e desliga logo em seguida.

Trêmula, com uma dor aguda na lateral de meu rosto e em completo estado de choque, tento me manter calma, enquanto o carro se afasta.

Algumas horas depois, estamos em South Hampton, que fica na extremidade de Long Island. O carro onde estamos, agora caindo aos pedaços, para em frente a um alto e imponente portão de ferro, que se abre assim que Dan desce o vidro,

PERIGOSAS NACIONAIS

mostrando o rosto.

Depois de atravessar o grande portão, o carro para ao lado de uma variedade de outros veículos extremamente luxuosos, no estacionamento de uma casa incrivelmente linda e moderna. Já ouvi falar muito deste lugar para onde a elite nova-iorquina vem no verão, para aproveitar dias de sol e o mar no Hemisfério Norte. Estamos no outono, no entanto, e o frio daqui deixa as casas de veraneio vazias.

Quando estou prestes a descer, sinto sua mão segurando meu braço, impedindo-me de sair. Encaro-o sem entender.

— Os *rottweilers* estão soltos. Espere!

Viro-me, dando de cara com dentes grandes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quero dizer, enormes e raivosos dentes caninos. Eles tentam morder o vidro, que, graças aos céus, está fechado. Do nada, surgem algumas pessoas vestidas de preto para retirar os cães e, só então, recordo-me de que os vidros traseiros estão abertos. Depois que tudo está seguro, Dan me autoriza a descer. Ele dá a volta pela dianteira de carro, aproximando-se de mim, conduzindo-me para dentro da casa.

O interior é ainda mais impressionante. A madeira suave e limpa das pilastras, aliada aos muitos espaços envidraçados entre elas, confere à casa uma beleza única. O piso em mármore branco brilha, refletindo quase como um espelho. A casa é tão intimidadora quanto Dan Walker.

— Por aqui... — Dan me conduz até uma grande escada de degraus suspensos e modernos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acompanho-o até o topo, sentindo-me um pouco constrangida com tamanha riqueza.

— Você mora aqui?

Ele continua seguindo por um longo corredor, cujas paredes brancas sustentam quadros abstratos.

— Eu não tenho residência fixa por enquanto.

— Lança um olhar rápido e continua andando, passando pela entrada de alguns cômodos, até parar em frente a uma grande porta dupla no fim do corredor. Ele a abre, revelando um luxuoso e extraordinário quarto de casal. Há paredes de vidro nas laterais, que permitem ter uma maravilhosa vista para o mar.

— Não imaginei que você fosse tão rico — afirmo e ele se vira para me encarar. Cruza os

PERIGOSAS ACHERON

braços, expelindo o ar pelo nariz.

— Não se preocupe com a casa. Ela não reflete mais quem eu realmente sou.

Franzo o cenho sem entender. Agora que ele me trouxe até aqui, sinto-me à vontade em perguntar coisas mais íntimas; tenho a impressão de que ele está um pouco mais aberto para respondê-las.

— Quando você vai me contar o que está acontecendo? Por que decidiu me ajudar mais uma vez?

— Você corre sérios riscos.

— Você não tinha mais obrigação de fazer nada. Cumpriu o que prometeu e me levou para casa!

Ele suga o ar com força, soltando-o
PERIGOSAS ACHERON

ruidosamente em seguida.

— Você ficará comigo até que tudo isso acabe. Embora tenha entrado nessa por conta própria, o que aconteceu depois que eu te tirei daquela perua acabou te envolvendo em minhas coisas.

— Em quê?

Ele ergue as sobrancelhas e se afasta caminhando em direção ao banheiro. Sigo-o, observando os poucos móveis que compõem a decoração; a cama gigante no centro e dois criados-mudos suspensos de cor negra em cada lado dela. Na parede, sobre a cama, há três quadros abstratos relativamente grandes.

O banheiro é extraordinário. Uma banheira de hidromassagem, espelhos cobrindo a parede oposta

PERIGOSAS NACIONAIS

de uma extremidade a outra e lâmpadas de LED incidindo sobre eles. Definitivamente, a ostentação habita este lugar. Não posso evitar pensar em minha vida nos últimos tempos e em como ela está repleta de contrastes; é inevitável comparar este lugar aos outros em que estive na Somália.

— Você pode ficar aqui.

— Eu não preciso de um quarto tão grande. Prefiro algo menor!

Ele se vira e me encara nos olhos.

— Acho que é mais confortável e o local mais seguro da casa — afirma e eu entendo o recado. Ele quer me dar segurança.

De repente, ele observa meu rosto e franze o

PERIGOSAS ACHERON

cenho.

— Seu rosto está inchado — diz, aproximando-se de mim. Dan Walker para tão perto, que sou capaz de sentir sua respiração. Lentamente, levanta a mão em direção ao meu rosto, tocando-o com cuidado.

Engulo em seco observando-o atentamente. Meus batimentos cardíacos aceleram-se rapidamente, como se este homem ditasse minhas emoções a todo o momento.

Dan Walker parece em transe enquanto passa, lentamente, as pontas dos dedos sobre meu rosto.

São somente dedos, Laura. Não se apavore!

Prendo a respiração instantaneamente, ainda

sentindo uma dor aguda, mas que não se compara com o que estou sentindo agora. Ele não olha nos meus olhos, apenas observa meu rosto calado.

— Dói? — pergunta quase num sussurro e eu aceno positivamente com a cabeça, não conseguindo emitir uma só palavra. — Espere um minuto. — Dan se afasta do banheiro e eu posso respirar normalmente agora. Minutos depois ele retorna com uma bolsa de gelo nas mãos. — Sente-se — pede educadamente e, quando estou prestes a me sentar na poltrona confortável ao meu lado, aproxima-se de mim, segurando meu braço. — Não aqui. Quero que se sente no balcão. Observo o grande balcão de mármore negro e, novamente, sinto meu corpo tentando expulsar meu coração para fora.

— É só um hematoma — tento explicar para o

homem intimidador a minha frente, que comprime a mandíbula e espera que eu faça o que ele ordena.

Solto o ar, resignada, e sigo até perto do balcão. Paro ao perceber que tenho que pular para sentar-me, pensando em um modo de fazer isso com minha saia formal. Quando menos espero, Dan está aqui e, sem dizer uma palavra, segura minha cintura, erguendo-me com facilidade. Minha saia, um pouco larga, sobe para a cintura no mesmo instante que ele me coloca sobre balcão. Estou na mesma altura que ele. Minhas pernas estão completamente expostas, revelando um pequeno pedaço de minha calcinha branca. Dan as separa um pouco mais com seu próprio corpo, encaixando-se entre elas. Eu paro de respirar.

Lentamente, ele encosta a bolsa de gelo sobre meu rosto, pressionando suavemente o local

inchado. O frio do gelo não é o suficiente para acalmar o calor que sinto agora.

Dan passa a língua sobre seus lábios. O gesto não é sensual; é despretensioso, mas eu não posso deixar de imaginar como seria sua língua dentro da minha boca. Sei que ele está se sentindo culpado e por isso está me ajudando, mas não há como negar essa tensão sexual que há neste momento entre nós.

— Eu deveria sair — sussurra e eu sinto a respiração que deixa suas narinas e toca meu rosto. Repito seu gesto de agora há pouco, umedecendo meus lábios ressecados com a língua. Sei que, de alguma forma, o desejo sexual é totalmente mútuo.

— Acho que você deveria ficar — digo atrevidamente. Não sei o que estou fazendo, mas o que estou sentindo é muito mais forte do que eu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dan suga o ar lentamente e deposita a bolsa de gelo ao meu lado sobre o balcão. Em seguida, segura meu rosto com as mãos e borboletas parecem embriagadas enquanto fazem uma festa em meu estômago.

— Você sabe que eu deveria ir — repete as mesmas palavras com uma voz ainda mais rouca, enquanto seus olhos varrem todo o meu rosto. — Mas eu quero ficar — conclui e então me beija profunda e lentamente.

O calor de sua língua separa meus lábios de forma urgente. Seus beijos contrastam com a pressão de suas mãos em minha nuca, as mesmas que descem até alcançar minhas nádegas. Ele me puxa contra ele e minhas pernas nuas enlaçam sua cintura. Agora é possível sentir sua ereção através do fino tecido da calça. Solto gemidos

PERIGOSAS ACHERON

involuntários, entre os beijos, e ele parece ainda mais fora de controle.

Acredito que jamais senti com outro homem o que estou sentindo agora.



Minhas pernas envolvem a cintura de Dan com tanta força, que é como se elas tivessem vida própria e não quisessem se soltar nunca mais. Enquanto ele me beija, sinto sua mão deslizando por baixo da minha saia. Seus dedos tocam minha cintura e sobem atrevidamente até alcançar os meus seios. Ele geme. Dan Walker geme com os lábios presos aos meus e isso é a coisa mais excitante do universo.

Seus lábios se afastam, mas apenas o suficiente para tomar o meu queixo possessivamente. Seus

PERIGOSAS NACIONAIS

dedos ainda exploram o interior de minha roupa procurando meu quadril. Quando o encontra, ele me puxa novamente, pressionando sua ereção com muita força em mim, enquanto me beija possessivamente. Eu gemo e nossas respirações se misturam como se fôssemos dois animais famintos e irracionais. Perco a noção de tempo, espaço e qualquer capacidade de pensar. Somos uma confusão, quando, abruptamente, o beijo para. Tudo para.

Por que você parou? Por que você parou?
Droga, por que ele parou?!

Dan se afasta apenas o suficiente para colocar as duas mãos no balcão em cada lado do meu corpo. Sua cabeça está baixa enquanto respira com dificuldade.

PERIGOSAS ACHERON

O que foi isso?

A única coisa que pode ser ouvida no espaçoso banheiro onde estamos é o barulho das nossas respirações. Ainda estamos tentando voltar o ar para dentro de nossos pulmões. Dan continua de cabeça baixa e de olhos fechados, enquanto tenta recuperar o fôlego. Ele se arrependeu, merda!

— Eu devia ter saído. — Sua voz é áspera, fria feito metal. Ele não levanta a cabeça para me olhar e, rapidamente, afasta-se, não me dando a oportunidade de observar seu rosto. Dan vira-se de costas e sai, sem ao menos olhar para mim. Simples assim!

Meu coração martela dentro do peito e os palavrões que quero gritar ficam presos em minha garganta. Tenho vontade de quebrar tudo, mas, em

PERIGOSAS NACIONAIS

vez disso, deixo as lágrimas rolares livremente sobre minha face. Ele me deixou sentada sobre o, agora congelante, balcão de mármore, como se eu fosse um objeto e fizesse parte da decoração.



A metralhadora está apontada para minha direção. Corpos estão espalhados ao meu redor. O silêncio é aterrorizante. O homem usa um lenço sobre o rosto impedindo-me de enxergá-lo. Mesmo que não usasse, seria difícil vê-lo na escuridão. O suor frio escorre pela minha testa e meu coração parece estar preso à garganta, batendo violentamente. O momento é de tensão, quando ouço o ruído do gatilho sendo destravado. Aperto os olhos com força, sentindo meu corpo formigar,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

consumida pela expectativa de que ele vai me matar.

— NÃO! — Acordo com a minha própria voz, aos berros. Após o sobressalto, dou-me conta de que estou em segurança no quarto que pertence a Dan Walker. Respiro com dificuldade e passo as mãos sobre meu rosto, detectando uma camada de suor frio; mãos congeladas contrastando com ar aquecido do ambiente.

— Tome.

Dou um sobressalto, ao perceber que Dan está aqui, próximo a mim, segurando um copo de água. A luz do moderno abajur acende, revelando seu corpo sem camisa.

— Estava aqui o tempo todo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele nega com a cabeça.

— Câmera — responde e eu tento ignorar o fato de que estou vivendo em um reality show com apenas um participante.

— O que faz aqui? — pergunto com a voz ainda falha.

— Vi pelo monitor que seu sono estava muito agitado, então... — Mesmo com a luz fraca do abajur, consigo detectar remorso em seu olhar, embora esteja escondido pelo mistério em sua face. — Vim checar — conclui.

— Você não dorme? — pergunto, enquanto me sento na cama e pego o copo que ele ainda segura.

— Um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de me sentar, bebo um pouco da água. Devolvo o copo e ele o coloca sobre o criado ao lado, voltando a atenção para mim. Ficamos nos observando por alguns segundos, esperando que um dos dois diga algo.

— Por que me deixou no banheiro feito uma estátua?

Ele solta o ar audivelmente.

— Você está vulnerável. Poderia se arrepender. Senti sua vulnerabilidade desde o primeiro momento em que coloquei meus olhos sobre você na Somália.

— Claro que sentiu! — respondo com sarcasmo.
— Eu estava dentro de uma perua, prestes a morrer!

PERIGOSAS ACHERON

Ele nega com a cabeça.

— Desde que te vi sem os tecidos, através do retrovisor do carro.

Surpreendo-me com suas palavras, mas lembro-me de seus olhos intensos sobre mim quando eu estava tentando estancar o ferimento em seu braço. Jamais imaginaria que, a partir dali, ele estaria me analisando.

— Eu sei ler as pessoas. Senti seu medo enquanto te beijava no banheiro. Sei que você poderia se sentir usada por mim e isso afetaria ainda mais o seu emocional.

— Você sentiu errado — afirmo com veemência, enquanto ajeito minhas costas no travesseiro. — Acho que você perdeu sua

habilidade de ler as pessoas.

Ele pisca algumas vezes, parecendo surpreso com o que eu disse e se ergue, virando-se de costas logo em seguida.

— Não vá. Não seja covarde! — digo e ele para dando-me a visão das suas costas largas e bem-desenhadas. Pelo movimento de seus ombros, vejo que respira profundamente.

— Você fez com que eu me sentisse usada e inútil quando saiu daquele banheiro. Eu me senti a mulher mais indesejável do mundo. Pior do que se você tivesse me usado apenas para um ato sexual.

— Você é totalmente desejável e foi exatamente por isso que eu saí. Não quero que confunda as coisas por causa da sua vulnerabilidade. Sou um

PERIGOSAS NACIONAIS

homem com necessidades físicas e você uma mulher que precisa de ajuda — diz ainda de costas.

— Eu também sinto necessidades físicas e não me importo se você não irá me trazer o café na cama pela manhã.

Ele se vira e se aproxima de mim. Disfarçadamente e de relance, olho abaixo de seu umbigo, na região da pélvis, onde fica a sua curva rígida.

— Inadvertidamente, coloquei você em perigo. Prometi a mim mesmo que jamais colocaria outro inocente em risco — informa enquanto se afasta, de costas, até aproximar-se da porta.

— Eu, inadvertidamente, coloquei a minha própria vida em risco, não o contrário! Sou

PERIGOSAS ACHERON

responsável pelos meus atos — corrijo-o repetindo suas palavras.

Estou apenas de sutiã e calcinha. Ajoelho-me propositalmente sobre a cama, deixando deslizar para baixo o edredom que me cobre. Seus olhos passeiam descaradamente por todo o meu corpo e o desejo está impresso em suas feições, mas, ao invés de vir, ele simplesmente se vira e sai, batendo a porta atrás de si. Sopro o ar pela boca e me jogo para trás.

— Idiota! — sussurro, olhando para o teto por alguns minutos, quando, abruptamente, Dan Walker irrompe pela porta, caminhando decididamente em minha direção. De forma surpreendente, ele monta sobre mim e segura meus cabelos firmemente, encostando sua testa na minha, sem muita força, mas o suficiente para fazer com

que meus olhos o encarem.

— Você sabe que isso não pode acontecer. Não posso me envolver com ninguém, muito menos com uma mulher vulnerável, traumatizada e... problemática feito você — diz com o hálito quente próximo a minha boca.

Eu não respondo, mas meus olhos estão fixos nos dele. Suas profundezas azuis viajam novamente por todo meu rosto e, inesperadamente, ele me beija. No segundo em que seus lábios tocam os meus, não estou mais interessada no que ele fez comigo ou nas palavras que saíram de sua boca, quero apenas que termine o que começou ou serei um vulcão em erupção.

Ele chupa os meus lábios com força e habilmente retira sua calça. Dan Walker está

completamente nu. Está completamente duro, enquanto abre, de maneira ágil, meu sutiã. Ele para por alguns segundos, apenas para me observar e suspira com desejo.

— Você é totalmente desejável, Laura Melissa Ryder — diz e, logo em seguida, sua língua faz o percurso até os meus seios, fazendo meu corpo se arrepiar por inteiro.

Eu gemo baixinho e ele desce, retirando minha calcinha com uma rapidez impressionante. Sua boca está entre minhas pernas, e eu me contorço, mordendo os lábios, sentindo as melhores sensações do mundo. Ele se ajoelha e cobre seu órgão grandee eretocom um preservativo que estava em sua mão e eu não havia visto. Em seguida se posiciona entre minhas pernas expostas e me penetra tão inesperadamente forte que eu

engasgo em um gemido alto.

Gememos juntos pela sensação que isso nos causa. Ele mergulha mais fundo, preenchendo-me, saboreando e me reivindicando. Entra mais forte, sem desacelerar o ritmo, como se disso dependesse sua vida. O suor cai de sua testa enquanto ele está sobre mim, penetrando-me forte e asperamente. Fecha a boca na minha e eu o ouço gemer nela.

O que sentimos agora é carnal, pesado e quente. Muito quente. Seus músculos começam a enrijecer-se sobre mim e meu corpo treme.

— Porra! — ele geme e seus lábios pressionam os meus, enquanto sinto os tremores vindos de suas pernas e subindo para seus ombros. Ele solta um grunhido longo, levando-me à beira de um abismo profundo. Ainda no ápice, afunda-se uma, duas,

três vezes até desabar sobre mim.

Queria que Dan ficasse assim por muito tempo, mas, em poucos segundos, ele sai de dentro de mim, deitando-se ao meu lado na cama.

Sei que estou com um sorriso idiota no rosto, mas quando o olho, vejo que está pensativo com os olhos fixos no teto. Independentemente do que esteja pensando, não quero saber. Era o que queríamos e é exatamente isso que importa.



DAN WALKER

De repente, sou traído por meu próprio corpo e um desejo incontável toma conta de mim. Sim, eu fui embora quando tive a chance, mas minha

PERIGOSAS NACIONAIS

mente e meu corpo estavam dominados por um desejo insano e aqui estou eu. Laura esteve calada, mas, quando eu a olhava de soslaio, percebi um sorriso que escapava de seus lábios. O que eu mais temia não aconteceu. Achei que ela fosse cair em uma crise de choro devido à sua vulnerabilidade emocional e por tudo que passou, mas não aconteceu. Não vi qualquer resquício de arrependimento pelo sexo quente que tivemos.

Ficamos calados tempo suficiente, até que ela caísse em um sono profundo. Eu ainda não me levantei e nem retirei a camisinha de meu membro semiereto. Parece que estou em estado de choque por não ter sido capaz de controlar meus desejos; minha vontade até então inviolável. Não saio com mulheres há alguns meses, por sempre achar que elas acabariam atrapalhando meus planos, mas, às vezes, permito-me um sexo casual por aí.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ultimamente, no entanto, eu andava fechado para tudo, focado em meu objetivo, já que estou prestes a encontrar a pessoa que mais desejo matar. O homem que, ironicamente, está atrás de mim, justamente, porque eu quis assim. Entretanto, todos que estiverem comigo correm sérios riscos e Laura também se transformou em um alvo.

Estou encarando o teto há alguns minutos e decido virar apenas o rosto para observá-la dormir. Seus longos cabelos castanhos caem sobre os belos seios. Os lábios estão inchados devido aos beijos, pelos quais sou o único responsável. Laura é uma mulher incrivelmente linda, mas que não devia estar comigo. Ela merece algo melhor. Merece ter sua vida de volta e eu, em algum momento depois que a conheci, decidi e prometi a mim mesmo que lhe daria isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Levanto-me da cama e busco o edredom em algum lugar no chão. Pego-o e coloco-o sobre o corpo nu de Laura. Solto o ar com força e saio, deixando-a sozinha, mergulhada em um sono tranquilo, longe de tudo que viveu e sofreu naqueles meses na Somália.

Sigo até o outro banheiro e me higienizo antes de voltar apenas de toalha para meu escritório. Preciso ligar para Steve antes de tomar um banho e descansar. Preciso saber se ele retornou da Somália com segurança. Alcanço o aparelho celular sobre a mesa e disco seu número confidencial daqui. Se ele atender, é porque já chegou.

— *Walker* — atende no primeiro toque. — *Estou em um hotel em Los Angeles. Amanhã estarei em Nova York e iria te ligar.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ótimo! Quando estava vindo, fomos seguidos e acho que matei o infeliz.

— *Você ainda está com a Laura?*

Solto o ar pelo nariz.

— Eu a deixei em sua casa como prometido, mas não pude abandoná-la sabendo que eles estão atrás dela.

— *Você fez bem em levá-la com você. Parece que ela despertou algo além de um instinto protetor.*

— Não seja tolo. Eu apenas não quero que mais inocentes morram por minha causa.

Ouço-o respirar pesadamente.

PERIGOSAS ACHERON

— *Walker, talvez você tenha encontrado nela algo próximo ao que sentia anos atrás. Quando você amava alguém. Quando tinha sentimentos.* —
Sua constatação me causa um espanto silencioso. Eu não havia sequer cogitado isso, mas uma coisa é certa: sou completamente desprovido de sentimentos.



Estico-me preguiçosamente, enquanto bocejo de olhos fechados, sentindo meu corpo relaxar sobre a cama incrivelmente confortável. Apaguei e, por incrível que pareça, não tive pesadelos. Acho que devo isso a certo alguém que me proporcionou um momento absolutamente único. A primeira coisa que me vem à mente, sem dúvida, é a noite quente que tive. Para quem aparenta não me suportar, ele me deseja muito.

— Levante-se.

Abro os olhos, enquanto a voz de Dan Walker me traz para o presente. Ergo a cabeça imediatamente, deparando com ele, que sai do banheiro com apenas uma toalha envolvendo seus quadris. Respiro profundamente tentando emergir, desesperadamente, das profundezas da minha mente suja, enquanto contemplo seu corpo seminu. Seus cabelos estão molhados e seu cheiro invade minhas narinas, causando arrepios por todo o meu corpo.

— Vamos sair? — pergunto tentando fingir que sua presença não me afeta, mas é difícil, já que ele se posiciona bem próximo a mim.

— Vou levá-la a uma clínica e você precisa estar em jejum.

Eu o observo sem entender, e ele ergue as

sobancelhas.

— Esqueceu que esteve sequestrada em situações precárias em um país precário? Quer ficar doente ou trazer doença para o nosso país?

“Não sei se o agradeço ou o mando se ferrar”, debato-me. “Devo admitir que ele tem toda razão”, decido após alguns segundos. Preciso saber se estou bem.

Levanto-me, enrolada ao edredom, tentando não demonstrar meu incômodo. Por mais que ele tenha me visto completamente nua e saboreado meu corpo, não consigo levar com naturalidade essa situação. Não agora. Não há clima, embora eu ainda cultive pensamentos sujos que envolvem seu corpo. Preciso de um banho frio.

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de um banho relaxante, enfio-me em uma calça jeans e em uma blusa branca de gola. Calço sapatilhas pretas, escovo os dentes e solto os cabelos. Encaro minha figura no espelho e vejo que, no lugar do inchaço, existe um pequeno hematoma multicolorido. Quando saio do banheiro, Dan Walker já está pronto e totalmente apresentável com um terno escuro, que, aliás, combina perfeitamente com sua expressão fechada. Ele olha para o relógio preso ao seu pulso e se vira, caminhando em direção à porta de saída.

— Estamos atrasados — é a única coisa que diz antes de sairmos.



PERIGOSAS ACHERON

Fiz todos os exames em uma clínica que fica em Manhattan. O local é escondido, próximo ao Central Park, num edifício em que dificilmente se supõe que há uma clínica. O homem que me examinou, parece conhecer muito bem Dan Walker, mas de uma maneira profissional, o que me faz entender que eles trabalham ou trabalharam juntos. Dan me fez levar um lanche, o qual fui proibida de comer até que me submetesse a todos os procedimentos.

Não sei qual foi a mágica, mas os resultados dos exames saíram em menos de uma hora. Fiquei aliviada, ao saber que nada grave foi detectado. O médico disse que os valores de hemoglobina em meu sangue estão um pouco abaixo do normal, mas que, com a dieta adequada e o uso de algumas vitaminas, em breve recuperarei os níveis normais. Em suma, preciso ganhar peso e estarei nova em

PERIGOSAS ACHERON

folha.

No mesmo instante em que saímos da clínica e entrei no carro, devorei o sanduíche de peru completamente e sem me preocupar com o homem sério ao meu lado. Enquanto termino de tomar minha água mineral, ouço seu telefone tocar. Ele tira uma de suas mãos do volante para alcançá-lo dentro do bolso do terno e, depois de olhar para o visor, atende.

— Diga. — Ele ouve atentamente o que a pessoa diz do outro lado da linha e sua expressão se fecha imediatamente. — Ele estava em estado grave. Como pode ter sobrevivido? — Sua voz ganha um tom a mais e eu franzo o cenho, encarando-o com preocupação. — Em qual hospital ele está? — Solta bruscamente o ar. — Estou perto. Consiga jalecos e crachás. — Arregalo meus olhos

e ele desliga o aparelho, entrando no primeiro retorno que encontra.

— O que está fazendo? Para aonde estamos indo?

— Nosso perseguidor sobreviveu e eu vou matá-lo agora.

— Ele está aqui em Manhattan?

— Sim, ele foi transferido!

— Por que vai matá-lo? Não é arriscado? Talvez ele tenha ficado com medo.

Ele solta o ar parecendo exasperado.

— Para uma jornalista que foi sequestrada por terroristas, você me parece muito ingênua. O jogo é PERIGOSAS ACHERON

apenas um, ou eu o mato ou ele volta para tentar nos matar — diz, claramente impaciente.

— *Ok*, você me convenceu, mas tenho que ir com você? Não acha arriscado? Alguém pode nos pegar...

— Não posso perder tempo — interrompe-me e acelera pelas ruas, costurando com seu carro o caótico trânsito de Manhattan.

Assim que estaciona, em uma rua próxima ao hospital, Dan olha para o relógio e alcança o celular, pressionando o viva-voz.

— Steve?

— *Walker, acabei de chegar em Manhattan!*

— Aquele infeliz está vivo. Estou no Mount
PERIGOSAS ACHERON

Sinai, na quinta com a 100. Pode vir nos dar cobertura?

— *Eu ouvi bem? "Nos dar cobertura"?*

Dan exala todo o ar de seus pulmões, com suas mãos ainda firmemente fechadas sobre o volante e seu olhar fixo à frente.

— Eu a levei a uma clínica para fazer alguns exames. Se você estivesse aqui, eu a deixaria com você.

— *Tudo bem. Já estou a caminho!*

Desliga e me olha, enquanto retira o terno e a gravata.

— Preste bastante atenção. Quero você calada enquanto me acompanha, entendeu? O hospital é PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

grande e não há chance de pensarem que somos impostores. Sem pânico!

Assinto com a cabeça e ele abre a porta do carro.

— Fique aqui! — Não espera minha resposta e sai, dobrando a esquina, desaparecendo da minha visão.

Confesso que estou nervosa. Será que sempre que estiver ao lado desse homem terei uma surpresa diferente?

Alguns minutos se passam. Dan retorna com a roupa que devo vestir. Ele já está vestido como um respeitável médico e eu não faço ideia de como consegue, com tanta rapidez, tudo de que precisa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fui informado de que há mais de mil leitos neste hospital e obtive um mapa do local exato onde meu alvo está — informa postado do lado de fora, enquanto termino de vestir o jaleco. Ele me entrega um crachá, que me identifica como uma fisioterapeuta chamada Suzane.

Quando estou prestes a sair, hesito.

— Eu poderia te esperar aqui no carro — sussurro, tentando esconder a expressão de medo.

— Você realmente pode ficar se quiser morrer no carro. Eles podem estar aqui.

Meu corpo gela só de imaginar aqueles homens no mesmo metro quadrado que eu; ainda mais quando estão tão determinados a nos matar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Certo, você me convenceu mais uma vez. Vamos!

Minutos depois, estamos dentro de um imenso elevador. Cumprimentamos outros funcionários com um aceno de cabeça. Ninguém percebe que somos impostores e assim chegamos ao andar que, pelo visto, está impresso na mente de Dan Walker. Incrivelmente, ele só precisou de uma olhada no mapa para gravar o local exato de nosso destino. O lugar é realmente grande. É famoso, antigo e um dos melhores hospitais do mundo, de maneira que já ouvi falar muito dele.

— O leito está bem ali. Você não precisará entrar! — sussurra, enquanto caminha casualmente ao meu lado.

— Então o que farei enquanto você examina o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

paciente? — sussurro de volta, tentando ser o mais discreta possível.

— Entre no quarto ao lado — instrui ele. — Em seu crachá está escrito a palavra "fisioterapeuta". Você deve agir como uma para não levantar suspeitas.

— Eu sei ser uma jornalista, não uma fisioterapeuta! — provoco-o impaciente e ele sopra o ar, claramente aborrecido.

— Mexa os braços ou pernas do paciente, enquanto termino o trabalho que levará alguns minutos e, por favor — ele me encara —, não o mate. — Sua voz soa sarcástica.

— Steve já está aqui em algum lugar garantindo a nossa segurança. Vá! — Ele me empurra

PERIGOSAS ACHERON

discretamente e eu entro em um leito qualquer, ao lado de onde ele está. Assim que meus pés tocam o ambiente, estranho as janelas abertas e as fecho, tirando a luminosidade para dar mais conforto ao paciente, que aparenta ter mais ou menos quarenta anos. Encaro o homem, que dorme profundamente, e perguntando-me por onde começar. Não faço a menor ideia do que estou fazendo. Aproximo-me lentamente dele e seguro seus braços de maneira delicada para não machucá-lo.

— Oi... — sussurro. — Vou mexer seus braços e espero que você não acorde por isso, ok? — digo e ele continua imóvel. Decido movê-los lentamente para cima. Na verdade, não sei o que estou fazendo, mas não quero ser pega rodando como uma louca pelo corredor de um hospital como este. Seus braços estão muito pesados para um homem magro. Espio suas feições algumas vezes, perguntando-me

PERIGOSAS NACIONAIS

se ele está acordando, mas, para meu total alívio, confirmo que ainda dorme. Enfermeiras passam de um lado para o outro, apressadas, e eu tento agir naturalmente. Temo ser descoberta.

Olho para o paciente mais uma vez, só para me certificar de que ele não está acordando devido aos meus movimentos bizarros. Ele deve estar bem debilitado, coitado!

— O que está fazendo?

Dou um sobressalto com uma senhora, aparentemente uma médica, que entrou sem que eu notasse. Ela me questiona com uma expressão estranha.

— O meu trabalho, senhora! — Tento manter a calma, fazendo a minha melhor cara de

PERIGOSAS ACHERON

fisioterapeuta, enquanto ergo seu braço para cima e para baixo. Ela se aproxima de mim com as sobancelhas erguidas. O que eu fiz de errado?

— A senhora costuma fazer fisioterapia em pacientes mortos?

Congelo, soltando o braço do morto no mesmo instante.

— Morto? Ele está morto, morto mesmo?

Ela assente e só então eu percebo que Dan Walker está posicionado bem atrás dela encostado casualmente ao batente da porta.

— Completamente morto — ela responde, e eu abro a boca exageradamente. Dan contrai seus lábios, tentando claramente reprimir uma risada e

eu me surpreendo por isso. Ele chega a fazer um barulho com a garganta para não rir descaradamente da minha cara.

— Mas ele está quente...

— Ele faleceu há alguns minutos! — informa a médica.

Eu vou me afastando do defunto em quem acabei de passar minhas mãos. Ela me lança um olhar desconfiado e eu me afasto, aproximando-me de Dan Walker. Ele segura meu cotovelo, tirando-me rapidamente dali.

— Eu disse para não matar o paciente! — Dan sussurra num tom de brincadeira e eu me surpreendo novamente; não imaginava que ele tivesse sequer um pinga de senso de humor,

sobretudo em um momento como esse. Na verdade, isso me surpreendeu mais do que o fato de que eu estava fazendo fisioterapia em um paciente morto.

— Ótimo, eu acabei de fazer companhia para um defunto por sua causa — digo, enquanto descemos no elevador e Dan volta a exhibir sua habitual expressão séria.

Assim que entramos no carro, retiramos nossos jalecos e os jogamos no banco de trás.

— Você foi rápido! Por que não estava com pressa de sair dali? Como o matou?

— Injeção letal. Eles não vão saber a causa da morte até fazerem uma autópsia. Ele não sofreu, não se preocupe! — diz com sarcasmo, mas não consigo responder, já que seu telefone toca logo em

seguida.

Dan coloca no viva-voz.

— Steve?

— *Walker. Tudo limpo!*

— Excelente! Câmeras de segurança?

— *Pane!*

— Esperarei você mais tarde para a reunião.

— *Estarei lá.*

Ele desliga enquanto acelera pelas ruas movimentadas da Quinta Avenida.



DAN WALKER

Deixo o fluxo quente cair sob meu corpo, minhas duas mãos espalmadas sobre a parede de vidro. Permaneço de cabeça baixa, enquanto tento apagar o dia de hoje da minha memória, exceto a parte em que Laura cuidava do defunto, que foi um divertimento à parte. Há anos eu não sentia vontade de rir como hoje, e isso aliviou um pouco a minha tensão, mesmo que eu tenha eliminado mais um do meu caminho.

O jato de água cai livremente sobre meus ombros; quem dera isso fosse capaz de limpar a sujeira dentro da minha alma. Fico um bom tempo nessa posição até achar que é hora de sair. Depois que chegamos, deixei Laura na cozinha e, sem

dizer uma palavra, vim direto para um dos quartos. Eu havia pedido à empregada que preparasse algo antes de chegarmos, já que Laura parecia claramente faminta. Mandeí que comprassem as vitaminas que o médico prescreveu e, depois que Steve chegar, irei decidir o que fazer a respeito dela.

Laura não pode ficar aqui. Aliás, ela não pode ficar comigo. Quero que Steve a leve com ele para um lugar seguro, até que eu conclua tudo o que preciso e desejo.

Depois de vestir uma camisa de algodão e calça jeans, saio do quarto. Em vez de fazer o caminho até as escadas para me encontrar com Steve, não me contenho e sigo em direção ao quarto em que Laura está. Sei que deve estar dormindo, considerando que já passa das onze da noite e que

ela ainda estava aparentemente exausta.

Abro a porta dupla, vagorosamente, e deparo com uma visão que me deixa imediatamente estático. Laura está de bruços, com os cabelos soltos espalhados sobre o grande travesseiro. Suas pernas estão enlaçadas a uma almofada e ela está apenas de calcinha. O edredom já não está mais cobrindo seu corpo, mas, em vez de admirar um pouco mais a beleza que me fez perder o controle, eu a cubro. Ela parece calma e serena enquanto dorme, totalmente diferente da jornalista com seus monólogos tagarelas.

Sugo o ar profundamente, perguntando-me o que estou fazendo aqui. O que essa mulher tem de tão diferente que me faz querer protegê-la. Sim, ela é claramente linda, mas isso não é nada, comparado às lindas mulheres com quem saí ao longo da vida.

Afasto-me dela e saio do quarto do mesmo modo em que entrei. Assim que alcanço o andar inferior, vejo Steve com seu notebook sobre a mesa de jantar e uma cerveja ao lado. Ele usa alguns aparelhos conectados, já que está familiarizado com tamanha tecnologia.

— Talvez seu alvo possa estar em Dubai — diz sem me olhar.

Ergo as sobrancelhas, enquanto me sento em outra cadeira ao seu lado.

— Como chegou a essa conclusão?

— Na investigação que fizemos, já comprovamos que ele assumiu uma nova identidade e que está escondido, apenas ordenando os ataques. Porém, está obstinado em te matar,

assim como você a ele.

— Como o encontrou?

— Um empresário do setor petrolífero, muito poderoso nos Emirados Árabes, tem todos os traços do nosso alvo.

Assinto com a cabeça, analisando as novas informações. Apoio os cotovelos sobre a mesa, encarando uma planilha confusa em seu notebook.

— São análises e datas onde este suposto empresário esteve nos últimos meses — diz e logo toma um gole de sua cerveja.

— Então, em breve, iremos para Dubai. — Solto o ar pesadamente. — Mas há um porém.

Ele me encara com o cenho franzido esperando
PERIGOSAS ACHERON

que eu conclua.

— Você precisa achar um lugar seguro para a Laura — respondo à sua indagação silenciosa.

Ele ergue as sobrancelhas, observando-me desconfiado.

— Vocês transaram?

Eu não respondo e me ergo imediatamente da cadeira, andando de um extremo ao outro. Steve é o único que sabe quem sou eu; que me conhece profundamente. Não é à toa que trabalhou comigo no serviço de inteligência durante anos. Ele sabe ler as pessoas tanto quanto eu.

— Por que isso te interessa? — replico. — É irrelevante.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele se ergue em seus 1,90m de altura e se posiciona a minha frente, ainda me analisando como se eu fosse um investigado.

— Você sabe que, de alguma forma, Laura te afetou, não sabe?

— Não seja tolo, Steve. Você, mais do que ninguém, sabe que não quero carregar mais uma morte nas costas.

— Se não te afetou, por que não a deixa ir embora? Seguir com sua vida? Mesmo que ela morresse, não seria sua culpa. Vocês se encontraram por um grande acaso. — Ele sopra o ar. — Você não pode carregar a culpa por tudo, muito menos por aquele ataque.

— Não quero falar sobre isso — encerro o

PERIGOSAS ACHERON

assunto sobre o que me levou a querer matar o único responsável pelo massacre do Dia de Ação de Graças que resultou em muitas vítimas.

— Você está fazendo um bom jogo, Walker. Tudo bem, não irei falar sobre isso! — Ele pega sua cerveja, dando mais um longo gole nela.

— Quero que a leve para um lugar extremamente seguro.

Steve ergue as sobrancelhas.

— Você sabe que eles podem estar atrás dela e que podem matá-la.

— Sim, mas preciso estar com os pensamentos totalmente focados em meu plano e...

— Ela é uma grande distração, certo? — Steve
PERIGOSAS ACHERON

completa a frase, deixando-me irritado, mas eu concordo lentamente com a cabeça.

— Apenas tire-a daqui e a leve para um lugar seguro até que eu o mate.

— Sou muito bem pago por isso e, obviamente, irei te ajudar se é isso que quer. No entanto, entenda que, mesmo estando escondida, ela ainda corre riscos.

Ele tem razão, não posso me responsabilizar por ela. Já a ajudei e, se eles a encontrarem, não será minha culpa. Fiz tudo o que estava ao meu alcance e não poderei mantê-la aqui enquanto resolvo essa grande pendência em minha vida.

Depois de longas horas planejando nossa próxima estratégia e formando uma equipe, Steve

PERIGOSAS NACIONAIS

vai embora e eu volto para o andar de cima. Quando meus pés tocam o corredor, ouço gritos de Laura. Corro até alcançar a porta dupla e irrompo, percebendo logo que ela está mergulhada em outro pesadelo.

Aproximo-me, sentando na cama e segurando seu corpo, que se debate convulsivamente. Ela abre os olhos e as lágrimas escorrem por suas bochechas.

— Acalme-se. Foi apenas mais um pesadelo — sussurro, enquanto ela soluça, agarrando-me e apertando-me com muita força.

— Foi horrível.

Exalo um suspiro profundo.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu posso imaginar — digo e só então percebo que estou retribuindo seu abraço. Ela cheira bem. Eu não queria reagir a ela como acontece agora, mas é inevitável. Respiro fundo, tentando me controlar.

Depois de longos minutos na mesma posição, eu me afasto dela. Faço um movimento de erguer-me, mas sou interrompido pela sua mão, que segura meu braço firmemente.

— Fique. Por favor? — implora com a voz chorosa.

Engulo em seco e permaneço no mesmo lugar, encarando sua figura frágil e triste, encolhida sobre a cama, a qual agora parece ainda maior.

— Eu só quero que durma comigo. Sua

presença me acalma de alguma forma e eu não tenho pesadelos.

Não digo nada em resposta e ela continua a me encarar com lágrimas ainda inundando seus olhos.

— Por favor? — suplica.

Penso por alguns segundos, mas acabo me deitando ao seu lado, vestido, para manter o controle sobre meu corpo traidor. Imediatamente Laura me abraça como se eu fosse seu remédio e sua cura. Sua cabeça se apoia sobre meu peito e ela apenas fecha os olhos soltando o ar lentamente.

AMOR CONFIDENCIAL


DAN WALKER

Nova York – Janeiro de 2012

O avião aterrissa no aeroporto JFK, em Nova York, e eu não vejo a hora de ver a pessoa mais importante da minha vida. Pego o aparelho no bolso da minha calça jeans e disco para o número de Erika. Ela atende depois de alguns toques:

— *Você desapareceu!*

— Bom dia para você também, Erika. Quando posso ir até aí?

Ela demora um pouco para responder:

— *Venha amanhã.* — Ouço-a respirar pesadamente. — *Por que demorou a entrar em contato, Dan? Fiquei aflita aqui.*

— Meu trabalho exige muito de mim! — informo, escondendo o fato de que minha vida é um grande segredo para todos, principalmente para a minha própria família. Para eles, sou apenas um jornalista aventureiro à procura de muita ação.

— *Tudo bem, mas eu fiquei muito preocupada. Você estava no meio de um país em guerra. Sua mãe ficou apavorada!*

— Está tudo bem comigo. Vou avisá-la que estou bem! Amanhã bem cedo, estarei aí.

Ela não diz nada e apenas a sua respiração pesada pode ser ouvida.

— *Senti a sua falta!* — sussurra e eu fecho os olhos, imaginando o quanto deve ter sido difícil para ela. Aliás, para todos.

— Eu sei — sussurro. — Nos vemos amanhã — concluo, encerrando a ligação logo em seguida.

Encaro o aparelho celular, pensando no que a minha vida secreta está fazendo comigo. Sei que estou fazendo muitos sofrerem, mas a pessoa mais importante da minha vida, a pessoa da qual eu deveria cuidar, vive a maior parte do tempo sem mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Acordo ao som das batidas lentas do coração de Dan Walker...

Minha cabeça sobe e desce em um movimento calmo e contínuo. Ela está apoiada ao seu peito e a sensação de tê-lo aqui, tão perto, é realmente muito agradável. Não há como negar a atração que sinto e é impossível ignorar que isso esteja cada vez mais forte dentro de mim. É como se nada de ruim pudesse me alcançar. Como se nada pudesse me atingir. Por alguma razão, eu gosto de estar assim, de estar com ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ergo a cabeça, deparando com o rosto sereno dele, que ainda dorme. Dan parece um menino indefeso e totalmente distinto do assassino frio e calculista que ele quer, de qualquer maneira, demonstrar ser. Agora posso observá-lo com mais calma; o homem de traços bonitos, másculos e fortes. Por mais obtuso que seja, eu apenas enxergo sua dificuldade em demonstrar sentimentos, os quais sei que estão aí, escondidos em algum lugar. Agora me sinto, de alguma forma, desafiada a procurar e completamente obstinada a encontrar.

Encaro sua bela figura e, instintivamente, meus dedos vão de encontro ao seu rosto, mas, quando estou prestes a tocá-lo, sou interrompida pela sua mão ágil e forte, segurando o meu pulso com firmeza. Seus olhos se abrem na mesma velocidade e se fixam nos meus.

PERIGOSAS ACHERON

— O que estava prestes a fazer?

Meu corpo parece querer expulsar o coração para fora do peito, principalmente pelo susto que acabei de levar. Ele é rápido e perceptivo, mesmo enquanto dorme.

— Nada — sussurro com a voz falha.

— Nada? — Ele ergue as sobrancelhas. Sua voz está rouca, calma, demonstrando claramente que ele estava dormindo.

— Queria apenas tocar seu rosto.

Seus olhos nunca abandonam os meus e ele inspira o ar profundamente, soltando-o devagar pelo nariz.

— Por quê? — Parece curioso.

— Porque tive vontade!

Ele afrouxa o aperto da mão em meu pulso e, para a minha total surpresa, leva-a espontaneamente para o seu rosto. Meu coração ainda está acelerado e minha respiração mais rápida. Ainda segurando meu pulso, ele conduz a palma da minha mão ao seu nariz e inspira meu cheiro profundamente, mas, logo em seguida, afasta-a.

— Satisfeita? — sussurra e eu nego com a cabeça lentamente.

— Eu queria... — Hesito antes de falar.

— Diga — ele me encoraja a continuar. Olho para baixo e depois o encaro decidida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quero saber sobre você. Sobre sua vida, seu trabalho... Quem é Dan Walker? Onde estão seus pais?

Ele me observa por longos segundos e, em seguida, solta o ar exasperado.

— Interessante. Não quer anotar as perguntas que pretende fazer? Não deseja um local mais formal, Srta. Ryder?

Pressiono os lábios em gesto de lamento, imaginando que será difícil arrancar alguma informação do “homem de pedra”.

— Não estou fazendo perguntas como uma jornalista, e sim por curiosidade. Sinto vontade de saber mais sobre você. Apenas isso!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele segura meus braços, que estão em volta de seu corpo, e me coloca ao seu lado, como se eu fosse uma boneca de pano. Quando penso que Dan vai sair, ele começa a falar:

— Sou um ex-agente do serviço secreto. Meu pai morreu, minha mãe vive há alguns anos no Canadá, seu país de origem, e eu sou um homem que você jamais deveria ter conhecido.

Ele me lança um olhar rápido e volta a observar o nada, mergulhado em pensamentos. Ainda está escuro, mas as cortinas estão abertas, deixando entrar a luminosidade de fora para o quarto. Confesso que estou surpresa sobre seu trabalho real; sobre o que ele realmente foi e o motivo que o levou a sair e a querer matar pessoas por dinheiro.

— Sinto muito sobre seu pai — digo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele não diz nada em resposta, mas continua pensativo.

— Por que eu jamais deveria ter te conhecido?
— pergunto.

— Eu sou um assassino. Mato pessoas por dinheiro, Laura Ryder. — Ele fixa os olhos frios nos meus. — Eu poderia matar você agora!

— Se fosse me matar, já teria feito há muito tempo. Aliás, não teria me ajudado como me ajudou.

Ele assente.

— Você tem razão. Eu já teria te matado, mas antes arrancaria a sua língua — diz sem nenhum resquício de brincadeira na voz, mas eu não tenho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

medo.

— Você sempre fez isso?

Ele ergue as sobrancelhas, sem entender minha pergunta.

— Fiz o quê, exatamente?

— Matar. Quero dizer, mesmo quando trabalhava para o serviço secreto?

— Lá, eu era um investigador que atuava assumindo uma identidade falsa. Eu nunca matava efetivamente. Hoje eu mato para bancar meus gastos. Não nasci assassino. As circunstâncias me levaram a ser um.

Ergo as sobrancelhas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seus gastos devem ser muito altos, começando por essa casa.

— Essa casa era do meu pai — revela e me olha contrariado, mas parece sentir-se à vontade em me contar.

Estou chocada, mas me mantenho em silêncio. Talvez ele esteja com vontade de desabafar com alguém.

— Meu pai contraiu dívidas e essa casa foi a única coisa que não perdeu, já que estava em meu nome. Em breve, não precisarei de nada disso. O luxo excessivo só faz parte da minha vida, porque é necessário no momento.

— Necessário?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele não tira seus olhos dos meus.

— Meu trabalho vai terminar no mesmo instante em que eu matar meu último alvo.

Estou completamente espantada com as revelações, mas não demonstro. Não imaginei que ele realmente se abriria. Estou muito surpresa.

— Você precisa muito matar esse homem — constato e ele assente sem responder. — Não estou reclamando, pelo contrário, mas por que decidiu se abrir?

Dan solta o ar pesadamente.

— Porque eu sei que você não teria condições físicas, psicológicas e muito menos financeiras para me ferrar — diz e se ergue da cama, caminhando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em direção à porta. Mas eu não quero que ele vá.

— Dan?

Ele se vira para me encarar.

— Você pode confiar em mim.

Dan curva seus lábios em um sorriso, sem qualquer traço de simpatia. Vejo sarcasmo nele.

— Eu não confio em ninguém. — Suas palavras são firmes e eu queria entrar dentro dele para entender o que tanto lhe aflige. Ele continua fazendo seu caminho em direção à porta, mas minhas palavras o fazem parar.

— Você deve enfrentar seus medos, sejam eles quais forem.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não tenho medo — retruca sem se virar.

— Então não fuja de mim.

Dan se vira para me encarar novamente.

— Você está supondo que eu tenho medo de você?

— Estou afirmando. Você me evita, mesmo estando ao meu lado. Talvez você não queira gostar de mim, mas sente algo e, mesmo que seja só desejo, sei que sente algo — provoco-o como uma boa jornalista que sou.

Em vez de demonstrar desconforto com o que digo, ele curva seus lábios novamente com extremo sarcasmo.

— Não confunda as coisas, Laura Ryder. Eu não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sou nada seu e nem pretendo ser. Saiba que eu te ajudei mais do que deveria e não pretendo continuar te ajudando se começar a confundir seus sentimentos em relação a nós dois só porque transamos. — A forma que ele desfere as palavras é fria, áspera e me machuca imediatamente. Ele quer me atingir com essa advertência cruel e consegue.

— Eu não pedi que me trouxesse até aqui. — Minha voz é áspera assim como a dele. Sua expressão não muda e ele parece não se importar.

— Você não está presa aqui. Saia quando quiser!

A raiva que sinto agora quer transbordar em vários palavrões. Com muito custo contenho as palavras precariamente presas em minha garganta. Como ele pode ser tão insensível? Quando quer ser

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um idiota, consegue ser o maior deles. Da mesma maneira que me sinto muito atraída e protegida por este homem, odeio-o com todas as minhas forças.

Levanto-me imediatamente e saio bufando à procura de minhas roupas. Ele me observa sem dizer nada, mas não sai do lugar. Assim que encontro minha calça e a blusa, visto-me rapidamente. Sigo até o closet onde minha mala está ainda feita e a abro, pegando um casaco para o frio que me espera do lado de fora. Eu a puxo, seguindo em direção ao quarto. Olho para o moderno relógio sobre o criado-mudo e percebo que ainda são cinco da manhã. As cortinas abertas revelam a imensidão do mar e um pequeno alaranjado bem ao longe como se o sol estivesse saindo dele.

— Para aonde vai?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estou com raiva e não faço contato visual.

— Para casa.

— Não é seguro.

Encaro-o com o mesmo desprezo que ele sempre exhibe em seu rosto.

— Nenhum lugar é cem por cento seguro — repito suas palavras e, pela primeira vez, vejo algo em sua face, algo incomum, parecido com surpresa.

Dan não responde e, quando decido passar por ele, sinto sua mão segurar meu cotovelo com força.

— Não seja tola. Você estará mais segura aqui!

— Você não me quer aqui.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso não importa!

— Para mim importa!

Ele rapidamente segura meus braços, fazendo com que a mala caia, e me encara fixamente.

— Pare de agir feito uma inconsequente.

— Então pare de ser um idiota.

Nossos rostos estão tão próximos que eu posso sentir o ar que sai de sua boca. Sei que ele luta internamente para fugir, mas eu o sinto ainda mais próximo.

Engulo em seco, esperando que Dan diga alguma coisa, mas ele apenas se afasta. *Afasta-se?* Caminha, lentamente, em direção a grande parede de vidro e observa o mar calmamente. Encaro-o

PERIGOSAS ACHERON

sem entender o que ele quer.

— Fique, por favor — pede sem se virar, enquanto o alaranjado do sol torna-se mais intenso no horizonte. — Prometo encontrar um lugar para você em breve, mas fique aqui e deixe-me cuidar da sua segurança. — Sua voz, embora calma, parece implorante, e eu não sei o que fazer. Na verdade, sei. Quero ficar, mas quero que ele me queira aqui.



Acredito que há anos não sou desafiado como tenho sido por essa mulher. Meus alvos não contam. Eles não sabem do que sou capaz, mas ela sim e, mesmo assim, não se intimida ou se importa. Não vejo medo em suas feições, como deveria, e muito menos angústia. Sua língua desafiadora me faz querer falar e ao mesmo tempo arrancá-la. Eu farejo, como um animal, suas necessidades físicas e, principalmente, a emocional.

Laura está afetivamente ligada a mim e eu me comprometi comigo mesmo, em algum momento,

que cuidaria de sua segurança. Eu sabia que isso poderia acontecer, mas, inadvertidamente, permiti. Aquelas vítimas do passado me rondam como fantasmas e cuidar dela parecia o certo a fazer, mesmo sabendo que estava arriscando muito. É como se eu pudesse pagar parte da minha penitência.

O alaranjado toma conta do céu, refletindo sobre a imensidão do mar, que parece um tapete brilhante visto daqui. Meus pensamentos tomam direções diferentes, entrando em colapso; um duelo entre o real motivo de querer que ela fique e tantos outros que tenho para querê-la longe. Este é o momento em que eu deveria me sentir aliviado por me livrar dela e, no entanto, quero-a aqui e segura. O problema é que já sei que meu pedido a fará ficar. Ela é previsível demais e seus sentimentos são cristalinos. Eu a leio o tempo todo e já sei que está

extremamente envolvida por mim.

— Dê-me um motivo, Dan? — Sua voz baixa me traz de volta ao presente. — Mostre-me que você me quer aqui.

Eu me viro, encarando sua figura frágil, enquanto ela segura a mala de rodas com o zíper meio aberto. Por sua expressão e pelo modo como mexe nervosamente o corpo, sei que não quer ir. Ela apenas quer ouvir da minha boca que eu não quero que vá.

— Não quero que vá — digo firmemente e sua expressão se suaviza. É quase imperceptível, mas eu noto. — Suas escolhas estão basicamente ligadas a duas palavras: morrer ou viver. Se escolher viver, fique. No entanto, se sua escolha for a morte, vá e aceite o seu destino.

PERIGOSAS NACIONAIS

Laura parece engolir em seco e seus olhos se inundam de lágrimas. Sei que minha sinceridade, às vezes, pode ser chocante. Ela solta o ar pela boca e fecha os olhos, apertando-os, parecendo completamente perdida. Seu emocional ainda está muito abalado para que pense ou aja de maneira racional. Vou usá-lo para convencê-la a ficar. Para que eu não carregue mais uma morte nas costas.

— Eu fico — sussurra sem abrir seus olhos e eu me sinto aliviado. Talvez não tivesse absoluta certeza de que ela realmente queria ficar.



Eu a deixei no quarto e pedi que levassem o café da manhã até lá. Estou com Steve em meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escritório, que fica no andar inferior. Tivemos a confirmação de que nosso alvo pode ser o empresário do petróleo de Dubai. Gastei uma pequena fortuna para investigá-lo, mas ele não aparece muito. Não se exhibe e vive escondido dentro de uma grande mansão. Seus carros são obscenamente caros; e sua vida, regada a festas privadas e mulheres.

— Encontrou algum lugar seguro para Laura?
— pergunto sem tirar os olhos do meu laptop.

— Sim. Posso levá-la quando quiser. Podemos viajar daqui a dois dias para Dubai. Alguns espiões já estão rastreando os passos do empresário com o nome de Khalil. No entanto, há grandes chances de ele ser Ayman Zahir.

Aceno com a cabeça, concordando.

PERIGOSAS ACHERON

— Ótimo. Pode levá-la amanhã bem cedo!

— Quer saber qual é o lugar para onde a levarei?

Encaro-o com as sobrancelhas erguidas.

— Não. Apenas a mantenha segura. Tenho quase certeza de que esse é o nosso alvo e, matando-o, não precisaremos mais nos preocupar. Ela estará livre para seguir sua vida.

Steve olha para o laptop, mas não está realmente prestando atenção a ele.

— Sabe, Walker. — Ele me encara fixamente.
— Sei que você não vai me dizer, mas seja ao menos sincero consigo mesmo. Desde que a conheceu, você sentiu por ela algo diferente de

PERIGOSAS NACIONAIS

qualquer coisa que tenha vivenciado depois daquele ataque. Sentiu algo real, humano. Seja honesto, você sempre foi um homem reservado, mas amava sua família.

Inspiro o ar profundamente, soltando-o pelo nariz.

— Eu apenas transei com ela como já fiz reservadamente com algumas mulheres. Nada de mais.

— Você nunca se envolveu com nenhuma delas. Nunca as trouxe para sua casa — Steve diz, mas eu nego com a cabeça.

— Transar com ela foi apenas uma diversão agradável e consensual. Eu não a conheci com esse intuito. Aconteceu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aconteceu? — Ele me encara com uma expressão incrédula. — Para um controlador de mentes profissional, você está agindo como um amador. — Steve se levanta e cruza os braços bem a minha frente. — Você deu esperança a uma mulher emocionalmente frágil, que acabou de passar por verdadeiros horrores na Somália. Não devia ter feito isso. Ela realmente pode atrapalhar seus planos caso esteja apaixonada por você. — Ele fecha os olhos e expira o ar pelo nariz. — Walker, nós dois sabemos, mais do que qualquer um, sobre sentimentos alheios. Trabalhamos um bom tempo enganando pessoas. Fingimos ser pessoas que nunca existiram para atrair outras. Trabalhávamos para o governo americano. Somos capazes de enganar. Você sabia que transando com uma mulher emocionalmente frágil, ao mesmo tempo em que cuidava de sua segurança, poderia trazer problemas para seus planos...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi consensual...

— Não. Você não deveria ter se envolvido, mesmo que fosse apenas pelo sexo.

Encaro-o com minha habitual expressão séria e nada digo em minha defesa, afinal, ele tem toda razão.

— Eu sei que você me paga um bom salário para ajudar nas investigações e matar pessoas ligadas ao seu alvo. Eu me envolvi nisso até o pescoço não só pelo dinheiro e você sabe muito bem disso.

Concordo com a cabeça ainda sem responder.

— Eu me lembro do que esse homem fez com a sua vida e, acredite, isso doeu em mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Comprimo a mandíbula, advertindo-o com um olhar ameaçador. Steve não costuma ser um homem invasivo ou aconselhador, mas, depois que conheci Laura, isso está se tornando uma rotina. Ele me lê tão bem quanto eu a ele e sabe que eu não confio totalmente nem em minha própria sombra. Sei que não quer estragar tudo o que fizemos até agora, mas parece mais preocupado com o estrago que farei nela do que com nosso plano.

— Apenas tire-a daqui. Não pretendo vê-la nunca mais.

— Será?

— Eu sou oco por dentro. Não me venha com teorias ridículas e sentimentalistas. Sou pragmático. Quero-a longe de mim — digo firmemente e Steve apenas assente com a cabeça resignado.

PERIGOSAS ACHERON

LAURA RYDER

Apesar de sentir algo por Dan Walker, bem lá no fundo, sei que não há possibilidades de ele realmente gostar de mim.

Ele possui uma armadura, que impede não só a mim, mas qualquer outra mulher, que queira algo além de sexo, de aproximar-se. Embora esteja muito atraída por ele, sei o que queríamos quando transamos. Sei que é natural que eu me sinta assim, dada a situação em que me encontro. Dan me salvou e, como se isso não bastasse, é perigosamente lindo. Transamos de uma maneira muito intensa, mas, em nenhum momento, ele demonstrou algo além de puro desejo sexual. Preciso aprender a diferenciar isso, embora saiba o

PERIGOSAS NACIONAIS

que meu corpo sente quando estou ao seu lado.

Observo a imensidão do mar, ansiosa para ter algo que fazer, mas, ao mesmo tempo, resignada, já que passei meses presa em quartos escuros e fétidos sem nada com que ocupar minha mente além do desejo de deixar aquele lugar. Aqui eu tenho uma vista impressionante do horizonte. A casa é a mais luxuosa em que já coloquei os pés e, ainda por cima, tenho a companhia de um homem perigosamente lindo, com quem o sexo, mesmo que desprovido de sentimentos, foi único.

Ouçõ batidas quase imperceptíveis à porta e uno as sobrancelhas. Não pode ser Dan Walker, ele jamais bateria. A batida se intensifica gradativamente e eu me aproximo devagar com o coração acelerado. Mesmo estando segura aqui, não há como não sentir medo.

PERIGOSAS ACHERON

— Entre. Está aberta! — Minha voz ganha um tom além do necessário. A porta se abre, revelando uma mulher. Uma bela mulher segurando algumas sacolas. Suponho que sejam roupas, tendo em vista os logotipos estampados em cada uma delas. São muitas.

A mulher me sussurra um "oi" e coloca as sacolas sobre a cama. Ela se vira para me encarar e eu percebo seus olhos varrendo todo o meu corpo.

— Quem é você? — questiono-a com as sobrancelhas unidas. Ela é loira e seus cabelos são curtos, na altura dos ombros. Os olhos expressivos são de um azul profundo e seus traços são delicados. Deve ter mais ou menos 30 anos e se veste muito bem.

— Uma amiga! Muito prazer! — Estende a mão

para me cumprimentar e eu a observo por alguns segundos antes de retribuir.

— Oi — é a única palavra que consigo pronunciar em resposta. Ainda estou desconfiada demais para dizer que é um prazer conhecê-la, já que a primeira coisa que vem à minha mente é que ela seja um tipo de relacionamento de Dan. Namorada não seria, ou não a mandaria até aqui. Ele já deixou claro de várias maneiras que não tem ninguém.

— Trouxe roupas novas para você. Dan pediu que eu trouxesse, já que temos quase o mesmo tipo físico — diz e eu concordo com a cabeça, embora esteja muito surpresa pela atitude. Pelo visto, ele conhece o corpo dela tanto quanto o meu.

— Obrigada! — agradeço sinceramente, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

sinto as perguntas que quero fazer a essa total desconhecida queimarem na ponta da minha língua.

— Bem, preciso ir. Espero que você resolva logo sua vida — diz e eu forço um sorriso fraco enquanto ela se afasta.

— Espere! — A palavra sai de minha boca antes mesmo que eu possa impedi-la.

Ela se vira. Seu olhar é um misto de curiosidade e surpresa enquanto me observa.

— Você trabalha aqui? Quero dizer, para o Dan Walker?

Ela ergue suas sobrancelhas perfeitas e um sorriso sádico curva o canto de seus lábios.

— Digamos que eu seja além de uma mera
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

funcionária — responde e sai rapidamente, sem me dar a chance de fazer qualquer outra pergunta.

Está claro para mim que essa mulher é alguém com quem Dan está ou esteve em algum momento envolvido. Ela aparenta estar com ciúmes e eu pude detectar seu prazer em desferir aquelas informações, sugerindo que se relaciona intimamente com Dan. Tenho absoluta certeza de que foi instruída a ficar calada, mas que, por algum motivo, não aguentou.



Nas sacolas há todo tipo de roupas, as quais cabem perfeitamente em mim. Estou vestida como a mulher que esteve aqui há algumas horas, cujo

PERIGOSAS ACHERON

nome desconheço. Não posso negar seu extremo bom gosto. Estava mesmo cansada de me sentir estranha com todas aquelas roupas largas.

Estou dentro de um vestido casual de manga longa, todo fechado e de tecido grosso. A saia dele é discretamente rodada, deixando-me positivamente surpresa. Pareço uma menina, com meus cabelos castanho-médios sobre o tecido de cor creme. Ele é curto, mas combinou com a meia-calça grossa e com as sapatilhas pretas. Até algumas maquiagens ela se preocupou em comprar, além de muitas roupas íntimas. Não sei se fico feliz ou triste em saber que Dan Walker confiou nela para comprar tudo isso. Eles devem ser muito íntimos.

Ouçõ batidas à porta novamente, mas logo em seguida ela se abre, revelando uma senhora uniformizada. É a mesma mulher que sempre traz

minha comida ou me serve na luxuosa cozinha. Ela entra com uma bandeja nas mãos, caminha até a ampla parede de vidro e deposita minha refeição sobre uma mesa. Nunca trocamos qualquer palavra além de um "oi" e "obrigada", já que ela, assim como outros funcionários da casa, é muito discreta e reservada; provavelmente seguindo as ordens de seu patrão. Não parece ter qualquer intimidade com Dan Walker, então não sei se poderá saciar minha curiosidade; quero saber dele e do motivo de não ter vindo até aqui o dia todo. Eu poderia ter saído do quarto, mas sei que veria apenas a imponência de uma casa gigante. Não tive coragem de sair, nem mesmo até a parte de trás, onde há uma bela piscina. Além do frio, não quero ser atacada pelos *rottweilers*. Daqui de cima consigo vê-los em todos os lugares. Eles estão prontos para matar.

— Senhora? — chamo-a e ela para, antes de sair

pela porta, virando-se para mim.

— Sim, querida? — Ela aparenta medo. Como eu pensava, deve ter sido instruída a não conversar comigo.

— Sabe onde está o dono da casa?

Ela pisca algumas vezes parecendo não saber o que dizer.

— Pode contar. Eu juro que não falo que você me disse.

— Há câmeras aqui, senhora. Mas ele está na mesa de jantar que fica no andar inferior.

Ergo as sobrancelhas tentando entender o motivo de não ter sido convidada a me juntar a ele. Será que pensa que irei ficar neste quarto para
PERIGOSAS ACHERON

sempre?

— Obrigada! — agradeço com um sorriso forçado e ela sai rapidamente, parecendo aterrorizada, provavelmente temerosa de que eu faça qualquer outra pergunta.

Olho para a bandeja, a qual sustenta um prato fechado, suco e frutas. Subitamente, perco a vontade de comer. Quero saber se ele vai me evitar para sempre. Quero entender o real motivo de seu afastamento. Eu deveria ter partido hoje cedo, como ameacei fazer. Ele percebeu que eu quero ficar. De alguma forma, fez com que eu me sentisse pequena e humilhada por ter ainda a certeza de que ele não me quer por perto, mas, pela manhã, parecia querer que eu ficasse.

Saio pela porta dupla e sigo a passos largos pelo

longo corredor, até alcançar as escadas. Desço com hesitação e medo de ser pega. Paro no meio, imaginando que esteja sendo arbitrária, sentindo-me uma idiota por agir assim, afinal, ele quer que eu fique, mesmo que seja somente por uma questão de vida ou morte, no caso, a minha.

Desço decidida e ando sorrateiramente pelo imenso saguão de pisos brilhantes. Daqui posso ouvir vozes. Na verdade, ouço as vozes de Steve e de uma mulher. Ela parece bem animada enquanto fala sobre a Europa e ele ri de algumas de suas observações engraçadas.

— Você deveria morar lá, Dan.

Através de um dos vidros da porta de madeira escura, posso vê-los sentados ao redor da luxuosa mesa de jantar. Meu coração afunda no peito

PERIGOSAS NACIONAIS

quando vejo que se trata da mesma mulher que esteve em meu quarto mais cedo. Eles estão alheios à minha presença enquanto jantam. A mulher está ao lado de Dan e Steve no outro extremo. Estão no meio de um banquete recheado de comidas finas e sobremesas das mais variadas. Apenas os três e mais ninguém. Mesmo não fazendo parte de suas vidas, sinto ciúmes, sinto-me excluída, como se eles tivessem a obrigação de me convidar. Eles não têm. Está claro para mim que a única a se envolver de forma emocional aqui sou eu. Como eu disse para mim mesma, é natural, visto que Dan é lindo e um homem perigosamente enigmático. Ele tem tudo que uma mulher gosta e não foi difícil me apaixonar. Sim, eu estou apaixonada por um homem que não dá a mínima para mim.

Somente agora me dou conta de que o homem que salvou minha vida quer apenas se livrar do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peso na consciência. Ele me quer aqui apenas porque se sente culpado. Culpa parece ser o único sentimento que vislumbrei algumas vezes em seus olhos e que acabei confundindo com algo mais; alimentei esperanças, tive certeza de que ele tivesse algum sentimento por mim que não esse. Essa foi a razão que me fez querer encontrar algo dentro dele, mas, agora, vendo-o com sua habitual expressão fechada, desfrutando da presença da belíssima mulher, percebo em seu semblante que a admira. Ele a respeita e isso é óbvio em sua expressão. Para mim, ele nunca olhou assim.

— Sua mãe quer muito que você more lá.

Minhas sobrancelhas se unem quando ouço essa informação. A mãe dele não mora no Canadá?

— Quando tudo estiver resolvido, eu irei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Londres é a terra dos meus pais. É lá que devo continuar a minha vida — diz Dan, com uma voz de pesar e a mulher o abraça, enrolando seus braços em volta de seu pescoço. Ele não a afasta e parece muito confortável ao lado dela. Decido sair antes que eles me vejam.

Subo as escadas correndo e pego um sobretudo quente. Visto-o rapidamente e desço, deixando toda a roupa para trás. Não tenho meus documentos verdadeiros, mas isso é o que menos importa agora. Pego minha bolsa, com o cartão de crédito sem utilidade. É tudo com que conto no momento, mas isso resolverei no banco. Quero ir embora daqui. Quero deixar de ser uma pedra no sapato dele; de ser uma preocupação desnecessária. Quero desaparecer de sua vida.

PERIGOSAS ACHERON



Não foi fácil convencer a empregada a me direcionar à saída de uma casa, cujos cães são verdadeiros assassinos. Por sorte, a porta da frente estava liberada para que a visita pudesse sair com segurança. Tive que explicar à funcionária que não havia problema algum em me orientar, já que não sou uma prisioneira. Depois de muito insistir, meus apelos foram atendidos. Ela estava com medo, mas indicou-me o lugar. Pedi sigilo alegando que evitaria problemas para ela mesma. Acredito que Dan não sentirá minha falta até amanhã, simplesmente porque não se preocupou em me

procurar durante todo o dia. Está muito ocupado com as visitas para se importar comigo. Sim, estou sentindo um ciúme idiota e totalmente irracional de um homem que não dá a mínima importância para mim.

Esperei o tempo certo e saí naturalmente, infiltrando-me entre alguns funcionários que passavam por ali no momento. Sua presença facilitou minha saída, pois passei despercebida pelos seguranças. Se eles desconfiaram, não tenho certeza, mas não receberam ordens para impedir que eu saísse dali. Dan Walker falava a verdade quando afirmou que eu não estava presa e que poderia sair quando quisesse.

Bem, aqui estou eu.

Andei alguns quilômetros até encontrar um táxi,

que, neste momento, está me levando diretamente até o único endereço que me veio à mente. Não tenho dinheiro e meu cartão está bloqueado, já que não resolvi meus problemas financeiros como planejava antes de Dan aparecer. Na realidade, não fiz nada do que planejava, nem mesmo fui à polícia. Walker me instruiu a não ir, alegando que eu poderia ser rastreada por pessoas relacionadas àqueles grupos de Mohamed. Somente depois que me contou sobre o que fazia, pude entender o risco que estou correndo. No entanto, não posso afirmar que ele dizia a verdade sobre isso também, já que mentiu sobre sua mãe. Talvez seu pai nem esteja morto realmente.

Segundo Dan, saindo de sua casa, eu estaria traçando meu destino. Porém, aquele homem não tem nada a ver com isso. Aliás, ninguém tem nada a ver com minhas escolhas. Sou uma jornalista de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

guerra e enfrentar os maiores perigos em um lugar aterrorizante não me deixou traumatizada como ele, provavelmente, deve imaginar. Na verdade, também pensei que estivesse, mas nada além daqueles pesadelos me aflige; acho que posso lidar com isso.

Ele me disse algumas vezes que colocou, inadvertidamente, minha vida em risco e, obviamente, sente-se culpado. Isso demonstrou que ainda há um humano ali. Eu presumi que havia mais de onde vieram esses pequenos fragmentos. Contudo, ele desapareceu, demonstrando claramente que não se sentia à vontade em minha presença. Mandou-me comida para não ter que ficar próximo a mim e preferiu desfrutar de um farto jantar ao lado de outra mulher.

Minha mãe sempre dizia que o que pode nos

PERIGOSAS ACHERON

fazer sofrer deve ser evitado antes que não tenha mais volta. Se a morte é o que eu devo enfrentar, que seja. Não viverei como um peso na vida de qualquer pessoa, muito menos na vida de um homem que já me ajudou demais. Saindo sem avisar, o único sentimento que tirarei de dentro dele será o de alívio.

Depois de algumas horas cansativas, o carro estaciona na porta de meus vizinhos: a família Kirby. Eles são minha única opção no momento, não tenho mais com quem contar. O valor do táxi é absurdamente caro, mas preciso que alguém pague. Amanhã, com certeza, conseguirei retirar meu dinheiro do banco e poderei desaparecer de vez daqui. Depois de alguns minutos de espera, eles novamente me ajudaram e eu posso respirar aliviada. Ao invés de ir para a minha casa, optei por ficar na deles, que me ofereceram, de boa vontade,

PERIGOSAS NACIONAIS

sua hospitalidade. Não suportaria entrar naquela casa agora, principalmente pelas lembranças e pelo fato de que alguém possa me procurar por lá. Já é madrugada e, nessa situação, não há condições de me sentir segura por lá ou em qualquer outro lugar, sobretudo estando sem dinheiro. Tomei todo o cuidado, observando a vizinhança para não ser seguida e aqui estou eu novamente.

— Fique à vontade, querida — diz Grace, com uma voz doce e suave. Seus cabelos grisalhos estão amarrados e sua expressão, embora calma, demonstra preocupação.

— Obrigada, Sra. Grace. Amanhã mesmo irei ao banco. Vocês não sabem quanto me ajudaram.

Ela suspira pensativa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seja lá o que esteja passando em sua vida, espero que consiga resolver logo. Fique aqui quanto tempo desejar.

— Preciso fazer outra viagem amanhã cedo. Tenho alguns assuntos para resolver e não poderei ficar.

Ela concorda com cabeça. Se eu contar meus reais motivos, Grace provavelmente chamará a polícia.

— Tudo bem. Faça o que quiser, querida. — Ela se aproxima de mim e segura minhas mãos delicadamente. — Quando quiser, pode nos procurar! Estaremos sempre aqui! — Assinto e ela sorri. — Vou deixá-la dormir sossegada. Boa noite, querida! — Grace se afasta e sai do quarto, fechando a porta atrás de si.

PERIGOSAS ACHERON

Viro-me, observando a cama de solteiro no quarto de hóspedes e imaginando se Dan Walker estava certo. Pode ser que eu esteja indo de encontro com a morte, pode ser que não, mas, de qualquer maneira, essa foi a minha escolha.



DAN WALKER

— Você já avisou Laura? — pergunta Steve antes de dar um longo gole em sua bebida.

— Não. Leve-a amanhã bem cedo!

Ele parece contrariado com o que digo.

— Afinal, quem é ela? Por que vocês a estão

protegendo?

Encaro a mulher sentada ao meu lado, que me observa com curiosidade.

— Eu já disse. É uma mulher que precisa de proteção. Ela também estava na Somália.

Erika me observa, pensativa, mas não diz nada em resposta.

Ela me ligou dizendo que estava em Nova York, em uma reunião de negócios, e disse que precisávamos conversar. Mesmo que eu tenha ido a Londres ver a minha mãe há alguns meses, não tive como negar. Erika e eu temos um passado e, por mais que eu faça o possível para não encontrá-la, nunca posso recusar sua visita. Ela sabe quando estou aqui e não acredito que tenha vindo realmente

para uma reunião de negócios.

Conheço seu corpo o suficiente para saber que suas medidas são bem próximas às de Laura, por isso pedi que comprasse as roupas. Pelo que Erika me contou, minha hóspede recebeu as roupas sem objeção, mas se mostrou curiosa sobre sua identidade e posição em minha vida. Aliás, pensando sobre isso agora, percebo que minha ex também está cada vez mais curiosa sobre Laura. Hoje ela sabe do meu antigo trabalho, mas pensa que é o que faço atualmente. Não sabe que mato pessoas para me vingar de apenas uma. Sabe também que deve se manter longe de mim, mas, algumas vezes, consegue um modo de me ver. É a segunda vez que aparece sem avisar, mas não posso fazer nada sobre isso.

— Você não quer se livrar dela logo? —

PERIGOSAS NACIONAIS

pergunta Steve, trazendo-me de volta ao presente. Ele me encara com as sobrancelhas erguidas.

— Sim, mas hoje não quero resolver isso. Apenas leve Erika para o hotel. Seu voo para Londres vai decolar muito cedo.

— Posso ficar por alguns dias se quiser.

Nego veementemente com a cabeça.

— Não há como você ficar. Amanhã à noite estaremos partindo para outra longa viagem.

— Bem. — Steve se levanta da cadeira. — Preciso descansar. Vamos? — Ele olha com expectativa para Erika. Ela parece contrariada de ter que ir embora e inspira o ar profundamente, soltando-o pelo nariz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem! Espero te ver em breve e em Londres. — Nós nos levantamos e eu os faço companhia até a porta de saída. Steve sai para buscar o carro, deixando-nos sozinhos por alguns minutos. Ela se vira e seus olhos azuis profundos me encaram.

— Eu precisava vir, você sabe.

Assinto, mas nada digo. Erika se joga em meus braços e me aperta forte. Eu retribuo, apenas em consideração. Isso me pegou de surpresa! Afasto-me com as duas mãos sobre seus ombros e fixo meus olhos nos dela.

— Você está realmente bem?

Ela assente com um leve sorriso no rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Espero que você também esteja. Embora não quisesse falar sobre nossa separação, sobre os acontecimentos e...

— Não — interrompo-a. — Eu ainda não quero!

Ela concorda com a cabeça em resignação e dá um longo beijo na lateral do meu rosto, roçando seus lábios no canto dos meus.

— Obrigada por me receber aqui — diz e tento sorrir, mas falho. Não consigo esboçar sentimentos, mesmo que acredite que é o certo a fazer, já que não a verei por um bom tempo.

O carro de Steve se aproxima e Erika sorri para mim.

— Esperamos vê-lo em breve.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Concordo com a cabeça, enquanto ela se afasta e entra no carro de Steve. Ele acena com a mão e seu veículo se afasta até desaparecer pelo portão. Estou de pé perto da grande porta de entrada e apenas aceno para um dos meus seguranças indicando que ele solte os *rottweilers*.



Acordo sobressaltado e com o pior sentimento de culpa que já senti nos últimos tempos. Antes de dormir, dei uma olhada no monitoramento das câmeras, mas não quis observá-la. Temo que, se isso acontecer, irei correndo.

Não quero vê-la mais, mas acordar com esse sentimento de que algo está errado é, no mínimo,

PERIGOSAS ACHERON

estranho. Talvez seja pelo fato de que decidi evitá-la, com o intuito de tirar todas as esperanças que ela possa nutrir. Não enviei Erika até seu quarto para torturá-la mais. Fiz porque Laura realmente precisava de roupas, mas sim, as roupas que eu desse a ela.

O relógio sobre o criado ao lado da minha cama marca três da manhã. Fecho os olhos na tentativa fútil de dormir novamente, mas sei que isso não irá acontecer. Decido me levantar e sigo diretamente para o banheiro.

Permaneço sob o fluxo quente, pensando na mulher que está no quarto ao lado e em como vou me livrar de sua presença; não a física, pois isso eu já resolvi. Quero mesmo é me livrar de sua presença dentro de mim. Ela irá embora, e eu me sinto como se estivesse fazendo algo errado. Laura

conseguiu fazer com que algo retornasse das profundezas da minha alma. Sinto que estou mais instável e menos focado. Estou perdendo o foco daquilo que é mais importante para mim, por causa de uma mulher que pode não querer sair daqui ou da minha vida. Ela pode pedir para ficar, e eu sei que está deitada naquela cama, esperando que eu entre naquele quarto. Talvez queira que eu a tome no banheiro mais uma vez, desarmando-me completamente. Não quero isso e não pretendo vê-la nunca mais.

Depois de vestido, sigo até a cozinha, que fica no andar inferior. Tomo um café enquanto leio *The Wall Street Journal*. A empregada que contratei há alguns meses me observa, enquanto me serve. Sinto seu nervosismo daqui como um cão farejador.

— Algum problema? — pergunto e ela parece

prender o ar.

— Não, senhor!

Assinto e volto minha atenção para o jornal.

— Laura está pronta? — pergunta Steve, que atravessa a porta, seguindo diretamente até a cafeteira.

— Não sei — respondo com os olhos ainda no jornal. — Não a vejo desde ontem pela manhã. — Olho-o de relance e percebo que ele para de servir seu café, unindo as sobrancelhas.

— Eu venho buscá-la, como combinado, e você me diz que ela está presa no quarto desde ontem?

Nego com a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela não está presa. Pedi à empregada que a servisse no quarto. Laura está livre para fazer o que quiser, até mesmo ir embora se assim desejar — respondo com rispidez na voz.

— Ela jantou ontem? — Sua pergunta não foi direcionada para mim, mas para a empregada, que o observa trêmula agora. Isso me chama a atenção e eu a encaro enquanto dobro o jornal.

— Não comeu o dia todo, senhor!

Steve parece perplexo com o que ela diz.

— Ao menos levou as refeições?

A empregada parece engolir em seco e se afasta, com uma expressão de medo. Ela está escondendo alguma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Durante o dia, sim, mas não tocou em nada à tarde e muito menos à noite. — Ela me olha de relance, mas prefere observar Steve. — Enquanto jantavam, ela apareceu na cozinha, mas...

— Diga logo! — Meu tom de voz sai bem acima do normal.

— Ela foi embora, senhor!

Levanto-me da cadeira no mesmo instante em que ela diz essas palavras. Estou realmente perplexo com sua revelação e não consigo dizer absolutamente nada em resposta. Não verifiquei as câmeras de monitoramento, porque tinha total certeza de que Laura não queria ir. Sabia que ela nutria algo, mas, diante disso, vejo que a subestimei demais.

PERIGOSAS ACHERON

— Merda! — Steve diz, e eu ainda estou completamente sem reação. — Quando ela saiu?

— Ontem à noite enquanto os cachorros estavam presos.

Steve me encara.

— Se ela não está morta a essa altura, alguém vai encontrá-la logo.

Engulo em seco e saio em disparada até meu escritório, procurando minhas armas e ligando meu notebook.



LAURA RYDER

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de vários pesadelos e uma noite em claro, levantei-me e saí o mais rápido possível. Pedi um táxi, que me levou rapidamente para o banco, onde normalizei minha situação financeira. Minha gerente, a mesma que cuida de minha conta há anos, não hesitou em me ajudar, mesmo eu não estando com os meus documentos. Ela apenas me deu um novo cartão e disse que ficou muito feliz em saber que estou bem.

Ao menos estou bem-vestida, com o vestido e o sobretudo que Dan me deu através daquela mulher, cujo nome eu ainda não sei. Transfiro o dinheiro para a senhora Grace e saio do *Bank of America* aliviada por não ficar devendo nenhum dinheiro à família Kirby.

Ando pelas ruas, enfrentando novamente o ar frio do centro comercial de Springfield. Sigo a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passos largos e, de repente, me dou conta de que voltei a transitar em minha cidade, como fazia normalmente, como uma pessoa normal. A diferença é que agora sinto que estou sendo seguida a todo o momento e o que mais me preocupa é que isso pode estar realmente acontecendo.

Não sei que rumo tomar, mas não posso ficar aqui para morrer. Sei dos riscos que corro e, por esse motivo, olho para todos os lados constantemente. Vejo um táxi deixando um homem de terno escuro bem a minha frente e corro para alcançá-lo. Não pergunto nada ao taxista e apenas entro, fechando a porta em seguida.

— Por favor, o senhor pode me... — De repente, alguém entra, sentando-se no banco ao meu lado e eu congelo instantaneamente. Com incredulidade, encaro o total desconhecido. Somente agora, noto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que é o mesmo que acabou de sair do táxi. Ele saca uma arma de sua calça e comprime a mandíbula enquanto me encara. Seus cabelos são negros e penteados para trás; somente olhando, não consigo definir sua nacionalidade.

— Siga — dá a ordem para o taxista, que parece saber o que está acontecendo. Sinto meu coração martelar e uma sensação de impotência me consome dos pés à cabeça.

Estou perdida...

PERIGOSAS ACHERON



Por ordem expressa do homem ao meu lado, olho para meus joelhos, enquanto o carro acelera rapidamente pelas ruas. Tento não fazer qualquer movimento brusco e me seguro ao máximo para não entrar em desespero. Sei que sua arma está apontada diretamente para mim e, também, que ele pode atirar a qualquer momento. O que mais me apavora são as palavras de Dan, sobre minhas escolhas, martelando em minha cabeça. Elas parecem estar presas dentro de meus ouvidos.

Respiro fundo, imaginando que, se ele

PERIGOSAS NACIONAIS

realmente fosse me matar, não me mandaria abaixar a cabeça. O homem não quer que eu veja para aonde estamos indo, provavelmente, para evitar que, de alguma forma, eu me comunique com Dan e diga onde estou. Isso é tolice, no entanto, pois não tenho meios para isso; não há possibilidade de vê-lo mais.

Não acredito que Dan fará qualquer coisa por mim a essa altura e ainda estou trêmula, principalmente por dentro. Sei que, em algum momento, o desconhecido que está me sequestrando tentará me fazer mal e precisarei pensar em como fugir dessa enrascada.

Depois de algum tempo, que pareceu horas, o carro estaciona e eu mantenho a cabeça baixa até ser autorizada a levantar. Quando faço, deparo com um lugar, no mínimo, estranho. Pelo tempo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

decorrido, é provável que estejamos próximos à minha cidade, mas não faço a mínima ideia de onde estou. Há apenas um celeiro caindo aos pedaços em um lugar completamente abandonado. O lugar é arborizado e cheio de arbustos por todos os lados.

É aqui que eles pretendem me matar?

Meu coração golpeia violentamente, mas eu tento controlar a imensa vontade de chorar. Sinto dores no pescoço, devido ao tempo em que fiquei na mesma posição, mas isso é não é nada comparado a minha preocupação.

Encaro o homem que aponta a arma para mim e espero suas próximas ordens, mas, em vez de dizer alguma coisa, ele apenas a direciona para a cabeça do motorista e atira... uma, duas, três vezes, fazendo-o desabar sobre o banco do carona. O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sangue do homem esguicha por todos os lados, enquanto solto um grito agudo. O barulho e o líquido que atinge a lateral do meu rosto faz-me estremecer. Tentei me afastar, mas ele foi muito mais rápido atirando e matando o pobre coitado que eu não sei quem de fato era. Sinto meu corpo formigar e minhas mãos, assim como todo meu corpo, suarem frio.

Vi algumas pessoas serem alvejadas e, principalmente, ouvi os barulhos de bombas em guerras entre milícias na Somália. No entanto, nada foi tão repentino e tão próximo a mim como agora. Meus gritos são desesperados, enquanto o homem examina o morto.

— Quer ser a próxima? — berra, cuspiendo as palavras em minha cara. Engulo o choro imediatamente e o observo descer do veículo. Ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dá a volta e abre minha porta, já que ainda estou em completo estado de choque. O homem me puxa violentamente para fora e me arrasta para dentro do celeiro cheio de madeiras e algumas máquinas enferrujadas. Não há ninguém aqui dentro, mas ele me empurra contra a parede velha e aponta novamente a arma em minha direção.

— O que pretende fazer? Eu não fiz nada contra você. Por que quer me matar? — questiono-o aos prantos, encurralada à parede, entre uma máquina enferrujada e pedaços de madeira.

O homem, pela primeira vez, abaixa a arma e curva os lábios em um sorriso perverso.

— Eu não vou te matar, Laura Ryder. — Ele se aproxima de mim tentando me intimidar, enquanto meu corpo se encolhe contra a parede de madeira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não agora! — conclui em um inglês excelente, com apenas um ligeiro sotaque.

— Quem é você, afinal?

— Eu apenas cumpro ordens — diz apontando a arma para o chão, indicando o lugar imundo onde eu terei que me sentar.

OuçO barulho de um carro se aproximando e, em poucos minutos, estou na companhia de mais dois homens armados. Todos eles estão vestidos como um americano normal, mas seus cabelos pretos, narizes um pouco avantajados e peles morenas claras evidenciam outra nacionalidade.

Eles se afastam agora e começam a conversar entre eles. Imediatamente, lembro-me da minha longa estadia na Somália, onde vivia rodeada por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aqueles homens e, algumas vezes, por pessoas que claramente eram de outros países, mas que apareciam para negociar armas com aquele grupo fundamentalista que, como tantos outros, move a guerra sob pretexto religioso. Eles fazem questão de conversar em outra língua, a qual acredito que seja árabe, para que eu não entenda nada do que estão falando. Meu belo vestido e casaco está imundo, devido à grande sujeira deste lugar. Dobro minhas pernas de lado e me preparo para o pior. Seguro meu rosto com as duas mãos e rezo para que esse não seja meu fim.

— Senhorita... — soa a voz do homem que me trouxe até aqui e, quando ergo lentamente minha cabeça, vejo que ele está com um aparelho celular em uma das mãos.

— É para você!

PERIGOSAS ACHERON

Encaro o celular com as sobrancelhas unidas e engulo em seco. Não faço contato visual e pego o aparelho de sua mão, posicionando-o em meu ouvido.

— Quem está aí? — Minha voz trepida.

— *Laura Melissa Ryder. Como vai você?*

Não reconheço a voz grossa e imponente do outro lado da linha.

— Quem é você? — questiono novamente.

— *Alguém com quem você nunca deveria se meter.* — Há um leve sotaque em sua voz sombria e, ao mesmo tempo, calma.

— Ouça, senhor. Não sei o que estou fazendo aqui, mas sou apenas uma jornalista que foi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sequestrada equivocadamente na Somália. Sei que vocês têm uma ligação com aquelas pessoas que me levaram, mas eu não fiz nada para estar aqui.

Ouçoo respirar pesadamente.

— *Eu sei quem é você, não perca seu tempo me explicando.*

— Então... por que quer me matar? Você tem alguma ligação com aquelas pessoas que me sequestraram?

— *Entenda uma coisa, querida: sou um grande negociador de armas. Eles querem armas e eu as forneço. Essa era a minha única ligação com eles até Walker aparecer para matar Mohamed. Parece que ele gosta de matar pessoas ligadas a mim, não é?*

PERIGOSAS ACHERON

Meu coração martela, ao sentir, através de sua voz, desprezo e muita raiva.

— Eu realmente não sei do que está falando. Aliás, eu não conheço Walker — refiro-me a Dan pelo sobrenome, da mesma maneira que ele faz. Ouço-o rir sadicamente do outro lado da linha.

— *Parece que você estava presente no dia em que aquele verme matou meu irmão, não é? Você fugiu de um cativeiro do qual ninguém consegue escapar. Walker parece nutrir uma grande admiração por você, já que te manteve segura em um esconderijo; pena ter funcionado muito bem para você.* — Ele para de falar e um nó parece se formar em minha garganta. Este homem sabe claramente de todos os meus passos.

— Ele só me ajudou. Nós nos encontramos por

PERIGOSAS NACIONAIS

um grande acaso. Eu fugi do cativeiro e ninguém me ajudou!

— *O nome "Jamal" te lembra alguma coisa?*

Minha garganta se fecha ao ouvi-lo.

— Não — respondo tentando manter minha voz firme enquanto reprimo o choro.

— *Que bom, porque assim você não sentirá tristeza pela sua morte.*

Suas palavras me fazem entrar em desespero.

— O que você fez com ele? — grito e ele ri impiedosamente.

— *Eu não fiz nada. Eles fizeram.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Balanço a cabeça freneticamente, imaginando o que aqueles monstros teriam feito contra um menino tão bom como Jamal. Ele só queria uma chance para estudar e ser uma pessoa do bem. Não merecia morrer por minha causa.

— Não — sussurro entre lágrimas e sem forças para falar.

— *Não chore. Ainda nem começamos!* — Ele para de falar por alguns segundos. — *Foi bom falar com você* — diz indicando que nossa conversa acabou.

O homem a minha frente estica o braço, esperando que eu entregue o aparelho. Assim que obedeço, ele conversa em inglês com o homem misterioso do outro lado da linha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Não fizemos nada contra ela. — Ele ouve atentamente as ordens e desliga, lançando um olhar intenso sobre mim.

— Fique aí. Em breve partiremos!

Entro em alerta com o que ele diz.

— Para aonde vamos? — minha voz ainda é chorosa.

— Sem perguntas — diz e se afasta, juntando-se aos outros dois homens.

Eles estão carregando suas armas e eu os observo, lembrando-me de outras ocasiões, na Somália, em que presenciei cenas como esta. Cada um parece possuir duas armas automáticas e eu me pergunto se seria uma boa ideia se eu, ao menos,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tentasse roubar uma. Não. Eu não seria capaz e muito menos rápida o suficiente para cometer essa estupidez. Seria tolice da minha parte.

Esfrego meu rosto freneticamente, tentando pensar em algo para escapar, mas nada me ocorre. Não posso deixar que eles me levem para depois me matarem. Preciso ao menos lutar antes de me entregar ao meu destino.

Observo cada canto deste lugar caindo aos pedaços e encontro uma fresta, dentre várias, a alguns metros de mim. Esta em particular, apesar de pequena, parece a maior saída. Tenho certeza de que conseguirei passar por ela.

Ainda estou encostada à imunda parede de madeira, esperando o momento para sair sem ser vista. Dois homens saem e apenas um, que fala ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

telefone, fica. É a minha chance de fugir. Sairei correndo feito louca e me enfiarei na mata ao lado, já que o lugar é cercado por uma floresta intocável.

Espero o homem se virar e, vagarosamente, avanço agachada e observando-o o tempo todo. Passo por cima de ferros retorcidos e, quando estou próxima o suficiente da única saída, corro, passando pela rachadura de qualquer jeito. Minha manga fica presa nas laterais e, no mesmo instante, sinto uma dor aguda. Algo pontiagudo cortou a lateral de meu braço. Mesmo sentindo dor, continuo a sair, contorcendo-me até deixar metade da minha roupa comprida para trás.

Assim que saio, corro em disparada em direção aos muitos pinheiros, sentindo o sangue escorrer pelo meu braço. Quando estou prestes a alcançar a floresta, sou surpreendida por braços fortes, que me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seguram e me pressionam por trás. Eu grito e me debato, contida pelo mesmo homem que me trouxe até aqui. Ele gira meu corpo até que fique rente ao dele, apertando-me ainda mais forte.

— Sabia que você iria tentar alguma coisa. Eu estava de olho em você! — diz, enquanto passa a arma na lateral de meu braço. Com apenas um movimento, puxa o resto do tecido, deixando exposta a ferida ensanguentada. Sinto uma dor lancinante quando sua arma a toca propositalmente. O homem, covardemente, pressiona com mais força, fazendo-me gritar de dor.

— Pare! — imploro e ele me afasta, segurando meus ombros com as duas mãos.

— É uma pena que eu não esteja autorizado a te matar agora — diz tentando me amedrontar, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha raiva é tão grande, que acerto suas partes baixas com o joelho. Meu captor solta um rugido agudo e eu aproveito para correr novamente, mas ele já está atrás de mim. Meus pulmões ardem, enquanto corro desesperadamente, mas, quanto mais me esforço, mais sinto sua aproximação. Como previsto, o homem consegue me alcançar, mas, desta vez, joga-se sobre mim, fazendo com que nossos corpos caiam sobre o chão repleto de lama e galhos secos. A arma voa de suas mãos e ele parece não perceber.

— Peguei! — Segura meu cabelo, puxando-o com força para trás. Estou de bruços e ele está sobre mim.

— Você está me machucando! — gemo de dor, mas meus olhos estão sobre a arma que está jogada ao meu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu deveria te matar, sua vadia! — cospe as palavras na minha nuca, enquanto estico o braço tentando alcançar sua arma. Quando a alcanço, viro-me e, em um único movimento, aperto o gatilho. Nada acontece, a arma não dispara.

Ele se afasta, com um sorriso sarcástico, enquanto eu aponto a arma para ele.

— Está travada — informa, imaginando que eu não serei capaz de destravá-la e, para a minha tristeza, ele está certo. Choro e deixo a arma cair de minhas mãos.

— Boa garota! — Em vez de me tirar daqui, ele monta seu corpo fétido sobre o meu. Suas mãos imundas passam pela lateral do meu rosto sujo de sangue. Quando seus dedos tocam meus lábios, eu o mordo com toda minha força. Ele solta um rugido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de dor, tentando se soltar, mas eu pareço um animal faminto e com bastante raiva reprimida. Quando sinto seu sangue, deixo de mordê-lo e ele se afasta, segurando sua mão ensanguentada.

— Desgraçada! — vocifera e eu não me movo do lugar. Estou com raiva, muita raiva, para me importar com o que esse monstro irá fazer contra mim. Ele já disse que não pode me matar e eu, ao menos agora, tenho esse trunfo nas mãos. De repente, os dois homens surgem atrás dele com armas apontadas para mim.

— Quer que eu atire nas pernas dela? — um dos homens pergunta com um inglês arrastado e, no mesmo instante, eu me encolho ainda muito ofegante para conseguir chorar.

— Não. Ele a quer intacta! Voltem, eu cuido

PERIGOSAS ACHERON

dela!

Eles se olham como se duvidassem que o homem a minha frente realmente está em condições de cuidar de mim. Os homens não se movem, enquanto meu captor se levanta, segurando a mão ferida. Ele se aproxima de mim e se abaixa, puxando-me violentamente, obrigando-me a ficar de pé.

— Ele a quer viva, mas não necessariamente acordada — diz, enquanto pega a arma. Quando menos espero, sinto o metal pesado acertando com força a minha cabeça. De repente, meu corpo fica mole e sou tomada pela escuridão.

DAN WALKER

Meu subconsciente, de alguma forma, imaginou que eu estava errado sobre Laura Ryder. Subestimei-a e, ignorando o que eu disse sobre sua segurança, ela decidiu ir embora. Laura preferiu correr o risco de morte do que ficar em segurança ao meu lado. Minha habilidade de discernir as pessoas, de ler qualquer um que cruze meu caminho, definitivamente, não se enquadra a ela. A mulher previsível e frágil, como havia imaginado, não era tão frágil e, definitivamente, nada previsível.

Eu não dei roupas a ela por um mero acaso. Eu, de alguma maneira, pensando que Steve fosse levá-

la de minha casa, instalei em cada peça, radares eficientes para obter sua localização exata quando eu precisasse. Para minha sorte, ela saiu vestida com dois localizadores. Neste momento estou dentro de um helicóptero, a caminho de Greenfield, uma cidade pequena não tão longe de Springfield. Pergunto-me se ela está bem ou se alguém já a encontrou. Já tenho a resposta para essa pergunta, mas prefiro não pensar sobre isso agora.

— *Ouça, Walker. Se a encontrarmos morta, não quero que se sinta culpado por isso, okay?* — A voz de Steve ressoa através do aparelho instalado em meus ouvidos e, pela primeira vez, sinto que ele parece preocupado com minha reação. Comprimo a mandíbula com força e me arrependo de tê-lo conectado em tempo integral aos meus ouvidos.

— Eu apenas quero cumprir com minha palavra.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Nós dois sabemos que não é apenas por isso que estamos arriscando tanto, certo? Você está dentro de um excelente helicóptero de resgate que está custando uma pequena fortuna — diz, mas eu o ignoro.*

Enrosco o cano da minha automática, enquanto observo a floresta abaixo, analisando onde devo descer sem ser visto. Estou dentro de um macacão preto, equipado e protegido para uma descida segura.

— Steve, apenas faça seu trabalho. Encontrou mais alguém pelo satélite?

— *Há apenas três movimentos. Estou seguindo com o carro e, em alguns minutos, estarei próximo ao local.*

PERIGOSAS ACHERON

— Ótimo.

Através do intercomunicador, ordeno ao piloto que pare a alguns quilômetros de distância de onde está Laura. No momento em que ele para, encaixo os equipamentos e desço pela corda, até estar próximo ao chão. Desencaixo o gancho da corda que me prende e me jogo de uma altura considerável, caindo de modo seguro sobre o gramado.

Alcanço o aparelho que indica o caminho que devo seguir e, em poucos minutos, estou no ponto exato. Observo o celeiro extremamente velho e constato que Laura não viria até aqui sozinha. Eles a encontraram e, pela primeira vez depois de tantos anos, sinto um nó se formar em minha garganta.

Com minha automática em punho, avanço

PERIGOSAS NACIONAIS

silenciosamente entre os arbustos, até deparar com um táxi encostado próximo ao celeiro. Há outro carro afastado, mas não há ninguém dentro dele. Em todo para-brisa há fragmentos de sangue. Questiono-me imediatamente, pensando que possa ser de Laura. Acho que eles não a trariam para cá se tivessem a intenção de matá-la. Não arriscariam tanto para fazer algo tão simples.

Vejo um homem empunhando uma arma do lado de fora do celeiro. Parece impaciente, como se estivesse esperando alguém chegar. Avanço silenciosamente até ele e rapidamente o seguro pela garganta. Jogo-o no chão e atiro em sua têmpora, antes mesmo que possa pensar em reagir. Agachado, avanço para dentro do celeiro. Sou surpreendido por outro homem armado. Antes mesmo que ele possa atirar, atiro em sua cabeça, fazendo-o desabar sobre madeiras e ferros

PERIGOSAS ACHERON

retorcidos.

— Parado aí! — um homem chama minha atenção, apontando a arma para um corpo caído ao chão. De onde estou, vejo os pés, que, obviamente, pertencem a Laura. Paro de respirar enquanto minha arma está apontada diretamente para a cabeça do sujeito. Em vez de atirar, analiso e estimo o tempo que a bala levaria para alcançá-lo obrigando-o a soltar o dedo do gatilho.

— Ela já está morta. — Minha voz é fria enquanto digo essas palavras. Estou jogando com o seu psicológico e suas mãos parecem trepidar por alguns segundos.

— Você não está aqui atrás dela?

Nego lentamente com a cabeça, mantendo

minha postura firme e gélida.

— Não. Estou atrás de você — digo e atiro em sua mão, fazendo com que a arma voe para longe. Atiro mais uma vez, sem dar chance para que ele escape, acertando precisamente a sua cabeça. Seu corpo cai, sem vida, sobre os escombros.

Vasculho todo o ambiente certificando-me de que não há mais alguém por perto. Terminada a inspeção, aproximo-me lentamente do corpo estendido atrás de uma máquina velha e enferrujada. Vejo que Laura está desacordada e bem ensanguentada. Fecho os olhos por alguns segundos e, em seguida, me aproximo mais de seu corpo, que parece sem vida. Abaixo-me lentamente e seguro seu pulso frágil e arranhado. Sinto sua pulsação e automaticamente solto um ar que, sem perceber, havia prendido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Reconecto os auriculares, colocando-me em contato com Steve.

— Eu a encontrei. Ela está viva!

— *Excelente. Estou a dois minutos daí.*

Segurando-a junto ao meu peito, eu a carrego e saio passando pelos corpos sem vida, sobre os escombros que se acumulam no celeiro caindo aos pedaços.

PERIGOSAS ACHERON



— Não durma! — A voz está distante através de um barulho que não consigo identificar. Um forte tremor, como se eu estivesse em um terremoto, desperta-me. Sinto uma dor aguda na cabeça, no mesmo instante em que abro meus olhos, o que me obriga a fechá-los logo em seguida.

Alguém me segura possessivamente e, como se eu estivesse no meio de um sonho, sinto um cheiro que, em tão pouco tempo, tornou-se muito familiar para mim; um cheiro limpo do perfume natural da pele de Dan Walker.

Forço-me a abrir os olhos e percebo que estou com a cabeça apoiada sobre seu peito forte coberto por um fino tecido de algodão branco. Uma de suas mãos segura meu corpo; a outra, minha cabeça, mantendo-me segura. Assim que me movo, vejo-o me observando. Ele parece preocupado como jamais vi. Dan Walker exhibe uma expressão de medo.

— Não durma, Laura! Você consegue falar? — pergunta, tentando se fazer ouvir sob o barulho intenso, que agora consigo identificar. Vem do movimento de uma hélice; estamos dentro de um helicóptero.

Como vim parar aqui? Como ele me encontrou?

— Eu, eu... — tento responder sua pergunta, mas as palavras simplesmente não saem. Sinto-me

PERIGOSAS NACIONAIS

fraca demais para falar. Tudo gira e logo sou tomada novamente pela escuridão.



Estou desorientada e meu corpo treme de frio. Meus olhos não conseguem focar em nada, devido ao delírio do momento. Sinto água sendo derramada sobre meus lábios e digo algo ininteligível. Tento entender o que acontece, ou onde estou, mas tudo se transforma em confusão em minha mente. Tudo se torna um borrão. As palavras que são ditas não são entendidas e o burburinho ao meu redor desaparece.



PERIGOSAS ACHERON

Abro os olhos, novamente tentando discernir o que aconteceu e em que lugar estou. Ergo a cabeça, apenas o suficiente para perceber que estou em um quarto desconhecido, deitada em uma cama confortável. As cortinas abertas deixam livres as janelas, através das quais as luzes exteriores se revelam. Já é noite. Além de pequenos feixes da iluminação da rua há um abajur ao meu lado, que ilumina parcialmente o quarto.

Afinal, quem me trouxe até aqui?

Senti seu cheiro, mas é muito provável que eu estivesse delirando ou sonhando, enquanto sentia meu corpo sendo pressionado delicadamente contra o seu. Dan Walker não conseguiria me encontrar tão rápido e eu muito menos conseguiria me livrar daqueles homens assustadores. Meu coração

PERIGOSAS NACIONAIS

dispara e eu me ergo da cama abruptamente. Um mal súbito toma conta do meu corpo, obrigando-me a voltar ao meu lugar. Sou confrontada por uma terrível dor na cabeça e, quando toco uma de minhas têmporas, noto que há um curativo envolvendo-a. Em meu braço direito há uma faixa enrolada, o que lembra a fenda através da qual fui obrigada a passar, para, em vão, tentar fugir daqueles homens.

Ergo-me novamente, desta vez lentamente. Sento-me, tocando o chão acarpetado com a ponta dos pés. Sinto-me muito fraca, mas menos tonta agora. Seguro as bordas da cama e me forço a levantar, mas ainda estou fraca demais para me locomover sozinha.

— O que pensa que está fazendo?

PERIGOSAS ACHERON

Ouço a voz inquisidora de Dan Walker e, quando me viro, pisco algumas vezes em descrença. *Ele está mesmo aqui?*

Encaro-o perplexa, minha boca parcialmente aberta. Só então me dou conta de que ele está seminu, com apenas uma toalha envolvendo seus quadris.

— Então eu não estava sonhado? — sussurro e ele une as sobrancelhas, caminhando decididamente em minha direção. Seus olhos passeiam por todo meu corpo e só então percebo que estou dentro de uma transparente camisola de renda de cor creme.

— Você precisa se deitar agora! — exige, sem responder a minha pergunta, aproximando-se ainda mais de mim. Ele está de pé bem à minha frente.

Ainda sentada, inclino a cabeça para observá-lo. O cheiro de sabonete vindo de sua pele causa arrepios em minha espinha, os quais se alastram por todo meu corpo. Parece que ainda estou dentro de um sonho, mas decido guardar esse pensamento apenas para mim.

— Como me achou? — Minha voz, embora alguns tons acima do normal, está fraca e rouca. Acho que dormi mais do que deveria.

— Deite-se — ele ordena em resposta e eu decido colaborar. Ainda estou me sentindo fraca demais para discutir.

Assim que me ajeito novamente na cama, Dan se senta ao meu lado. Tento desesperadamente desviar os olhos de seu peito e de seu abdômen, o qual parece ter sido moldado à mão. Para minha

PERIGOSAS NACIONAIS

surpresa, ele eleva os dedos até o meu rosto, observando-o sem olhar em meus olhos.

— Sua febre passou — sussurra e meu coração acelera no mesmo instante em que ele traça um caminho sobre a minha mandíbula.

— Quanto tempo eu dormi? — Minhas palavras sussurradas chamam sua atenção e ele me olha nos olhos.

— Quase 48 horas!

Encaro-o incrédula.

— Como isso foi possível?

Ele comprime a mandíbula e solta o ar pesadamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você perdeu sangue, houve uma infecção no corte e febre alta. — Une as sobrancelhas. — Você estava tomada por sangue dos pés à cabeça. Até nos cantos de seus lábios havia sangue, mas não havia machucado algum ali.

Lembro-me imediatamente de ter presenciado a morte do motorista e da mordida que dei no sujeito que me raptou.

— Como você conseguiu se sujar de sangue na face e nos lábios se não se machucou nessas regiões? — Ele parece curioso agora.

— Ele matou o motorista em minha presença e eu mordi a sua mão, depois de fugir por uma fenda do celeiro. — Olho para o meu braço enfaixado. — Foi ali que eu cortei meu braço. — Encaro-o e, por uma fração de segundos, consigo detectar surpresa

PERIGOSAS ACHERON

em sua face.

— Ele encostou a mão em você? — Dan Walker parece lutar internamente contra as perguntas que está me fazendo.

— Eu chutei as partes íntimas dele, antes que tentasse, mas ele me acertou com a arma, já que não podia me matar.

Dan franze o sobrecenho.

— Ele não podia te matar?

— Alguém conversou comigo ao telefone.

Ele ergue as sobrancelhas com uma expressão admirada. Relato minha breve conversa com o homem misterioso. Dan não se abala, concordando com a cabeça sem dizer nada, embora eu ainda

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

possa captar um vestígio de surpresa em seu semblante.

— Você não respondeu a minha pergunta! — digo, e ele me olha com o cenho franzido.

— Qual pergunta?

— Que lugar é este?

Ele inspira o ar e o solta pelo nariz.

— Charlotte, Carolina do Norte. Você está em uma casa que eu uso algumas vezes, quando quero me afastar de tudo. Uma enfermeira cuidou de você o tempo todo. Mais cedo, ela me garantiu que sua febre havia cedido, então a dispensei.

— Eu precisei de uma enfermeira?

PERIGOSAS ACHERON

— E de um médico também!

Ergo minhas sobrancelhas, incrédula com o que ele diz.

— Ele precisou ver sua infecção e se precisava de transfusão. Não foi nada grave!

— Eu fui a um hospital?

Ele nega com a cabeça.

— O hospital foi até você. Um médico de minha equipe, o mesmo que havia te atendido, cuidou de tudo antes de embarcarmos com segurança e você recebeu atendimento em uma UTI móvel.

— Embarcamos?

— Como você acha que chegamos aqui tão
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

rápido?

Olho para o lado, tentando forçar minha mente a se lembrar de qualquer coisa, mas é inútil.

— Eu não me lembro de nada!

— Não se preocupe. Viemos em um avião particular. Você estava sendo tratada pelos melhores! — ele diz.

Continuamos nos encarando, enquanto o silêncio se instala entre nós.

— Obrigada. Novamente você esteve lá, mesmo que eu tenha feito a minha escolha!

— Em suas roupas novas havia localizadores. Não foi difícil encontrá-la.

PERIGOSAS ACHERON

Ergo as sobrancelhas, surpresa.

— Eu deveria imaginar isso?

Ele nega com a cabeça.

— Não era para esse fim, mas ajudou.

Observo-o com admiração por ele não ter desistido de me ajudar. Dan não precisava, mas estive lá novamente!

— Aqueles homens estão...

— Todos estão devidamente mortos — ele me interrompe e completa minha frase. — Se eu pudesse, voltaria apenas para matá-los de novo, mas, antes de atirar, cortaria cada dedo de suas mãos imundas, um a um, por terem tido a audácia de tocar em você. — Sua voz, aparentemente

PERIGOSAS ACHERON

calma, revela uma nuance de raiva. Dan Walker parece se sentir culpado e isso se deve à minha escolha.

— Não se sinta culpado. Eu sabia dos riscos e, mesmo assim, decidi ir embora!

— Você não precisava ter saído daquela forma!

— Não gosto de despedidas!

Ele une as sobrancelhas com um olhar pensativo.

— Admito que não devia ter mandado Erika entregar suas roupas. Não pude evitar, eu tinha pressa em colocar os localizadores. Imaginei que poderia precisar deles e parece que eu estava certo!

— Erika? — pergunto. O tom intimista com que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele pronunciou o nome dela faz com que eu sinta uma pontada de ciúmes. Espero que Dan diga alguma coisa, mas seu celular vibra, roubando sua atenção.

— Steve — diz ao atender. — Sim, ela acordou. — Ouve o que o outro diz e se afasta. Caminha para fora do quarto, mas ainda consigo ouvir o que ele diz. — Ainda vamos a Dubai. Sim, eu sei que precisamos reformular alguns planos! Deixe todos saberem! — Cala-se por um momento, para ouvir o homem do outro lado da linha e desliga em sequência. Dan retorna ao quarto e se senta novamente ao meu lado.

— Você adiou seus planos por minha causa? — pergunto, incrédula, e ele comprime a mandíbula com os olhos presos aos meus.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim — é sua única resposta.

Pergunto-me se ele ainda está fazendo isso porque se sente culpado por qualquer coisa que aconteça comigo.

— Não quero que sinta pena de mim. Se eu tivesse morrido, não seria sua culpa. Se eu morrer, não será a sua culpa. Eu usei o meu livre-arbítrio e saí da sua casa porque odeio ser um peso na vida de quem quer que seja.

— Você agiu como uma criança mimada, mas está longe de ser um peso em minha vida. — Seus olhos se prendem aos meus. — Sempre te ajudei por opção, não porque me sinto culpado, Laura Melyssa Ryder. Eu te salvei, porque gosto de tê-la perto de mim.

Paro de respirar ao ouvir essas palavras.

— Você realmente me quer aqui? — Um tijolo parece se alojar em minha garganta enquanto o encaro, incrédula.

— Sim, mas prefiro que não utilize seu livre-arbítrio novamente... Se você não se opuser, é claro.

Ainda não digo nada em resposta, permaneço observando-o completamente sem reação.

— Eu não deveria gostar de estar perto de você, Dan Walker.

Seus olhos se fixam nos meus com intensidade. Vagarosamente, seu rosto se aproxima, ficando tão perto, que seu hálito quente pode ser sentido. Eu

PERIGOSAS NACIONAIS

não deveria me sentir assim, mas é como se não conseguisse raciocinar claramente quando ele está tão perto de mim.

Em vez de dizer alguma coisa, Dan puxa, delicadamente, meu queixo, conduzindo meu rosto de encontro ao seu. Meu nariz encosta no dele e, em seguida, nossas testas também se encontram. Ainda segurando meu queixo, ele me beija tão lenta e profundamente, que não consigo me afastar.

Eu esperava que Dan dissesse algo, mas já não é preciso. Este beijo diz coisas que ele jamais seria capaz de traduzir em palavras.

PERIGOSAS ACHERON



Ela geme em meus lábios, permitindo o acesso da minha língua em sua boca. Não posso fazer mais que isso ou perderei o controle de minhas ações. Dou-lhe um último beijo e afasto meus lábios dos dela, que me observa curiosamente.

Por causa de sua impetuosidade, Laura ainda está debilitada. Eu, estranhamente, ainda me preocupo por sua saúde e, sobretudo, questiono-me novamente sobre minhas últimas ações. Porém, desta vez, sei a resposta, a qual, até dois dias atrás, não queria aceitar.

Steve tinha razão. Se não estivesse ligado a ela de alguma forma, eu a teria deixado morrer. Não me preocuparia com localizadores e focaria em meu alvo em primeiro lugar. Porém, Laura está se tornando para mim algo muito além do que eu poderia imaginar. O fato de eu querer que ela permaneça viva, não tem relação alguma com sentimento de culpa e, por mais que eu tenha desejado acreditar nisso, o que me atormentava de fato era algo muito distinto. Por mais que eu tente me enganar, sei que aquele sentimento escondido dentro de mim continua sendo o mesmo de anos atrás. Estou ciente de que a quero por perto, mas não sei se conseguirei mantê-la a salvo.

Faço menção de me levantar e percebo que ela me observa curiosamente.

— Você ainda precisa descansar — respondo à

pergunta silenciosa que está inscrita em sua expressão. Depois do que digo, seu rosto se suaviza.

— Não pense que sou uma irresponsável. Eu apenas não quero que...

— Seu resgate me custou caro em muitos aspectos — interrompo-a. — Mas não me importo. Estou ciente de que eu poderia te deixar para morrer, mas eu quis assim — revelo. Laura demonstra surpresa, mas confesso que estou ainda mais estupefato com as minhas próprias palavras. Não posso fugir do fato de que eu esteja, de alguma forma, envolvido por essa mulher.

— Não tive tanto medo quanto deveria! — diz com os olhos presos a um ponto fixo. Espero pacientemente que ela prossiga, como um

PERIGOSAS NACIONAIS

psiquiatra faria em meu lugar; permito que Laura desabafe, mas seus olhos continuam vidrados à frente. Decido não tocá-la, como se algo dentro de mim não quisesse interromper seus pensamentos.

— Vi coisas terríveis na Somália. Estive em meio a uma guerra entre milícias. Os bombardeios pareciam comuns, depois de um tempo; e, de alguma forma, isso me deixou forte. — Laura ajeita sua cabeça no travesseiro, ainda com os olhos perdidos, enquanto revive alguns momentos naquele inferno.

Eu a observo com curiosidade, deixando que tenha seu momento. Porém, minha mente ainda tenta entender por que motivo aquele homem a quer e a levou para longe. Ela é uma vítima. Ele sabe disso, mas mesmo assim a quer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me levanto, abruptamente, com o intuito de me trocar, antes que fique com ela e faça coisas que não deveria. Laura ainda precisa descansar e eu preciso entender a real motivação de um criminoso, mandante de ataques terroristas e um dos principais contrabandistas de armas do mundo, para querê-la viva. No fundo, pensei que a encontraria morta, mas ele não a matou.

Seguro minha toalha para que não caia, evidenciando no tecido meu membro semiereto. Em virtude do beijo intoxicante dessa mulher, encontro-me ainda neste estado. Ela me observa calada, mas, conforme previ, não pede que eu fique.

— Preciso me trocar! — tento justificar minha saída, mas ela não parece se importar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada mais uma vez! — Ao invés da fragilidade pelo ocorrido, Laura se mostra ainda mais forte e decidida que antes. Observo-a curiosamente e só então percebo que pareço um idiota, parado no mesmo lugar.

— Certo. Descanse! — digo com uma voz suave e me afasto, saindo do quarto logo em seguida.

Depois de devidamente vestido, já dentro do meu escritório, resolvo ligar para Steve e transmitir as informações que Laura me passou sobre o telefonema do homem que quer me matar. Antes, porém, decido mandá-lo para o inferno por comprar uma camisola sexy para Laura. A enfermeira ficou responsável por vesti-la, mas me surpreendi ao vê-la com aqueles trajes, no momento em que ela estava fora da coberta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Vamos, Walker! Aposto que você gostou de vê-la naqueles trajes provocantes!*

— Não quero falar sobre os trajes íntimos de Laura. Quero que você me fale sobre suas impressões em respeito àquele telefonema de Zahir. Ele falou com a Laura sobre a morte de Mohamed.

— *Só há uma resposta.*

Ouçoo atentamente.

— *Ele acredita que Laura seja alguém muito importante para você. Ele a quer viva, mas não por muito tempo. Prefere matá-la e te manter vivo para que você sofra ainda mais. Afinal, você matou mais um de seus irmãos. Ele quer se vingar através da Laura.*

PERIGOSAS ACHERON

— Como ele pode imaginar que Laura é alguém "importante" para mim? Ele sabe que eu a conheço há pouco tempo. Isso não tem lógica, Steve!

Ouçoo inspirando profundamente.

— *Walker, ouça... Erradicamos grupos terroristas, destruimos armazenamentos de armas, matamos pessoas por dinheiro para bancar nossos custos obscenos. Essa será, provavelmente, a última viagem que faremos para pegar nosso maior alvo e você decidiu parar tudo para salvá-la. Sim, Laura Ryder é muito importante para você, mas você ainda é o único que não se deu conta disso.*

Permaneço silenciosamente espantado com suas palavras, mesmo já sabendo disso. No fundo, sei o que ela significa para mim. Já não posso negar o que estou sentindo, contudo recuso-me a reviver

PERIGOSAS NACIONAIS

algo tão doloroso. Eu me recuso a tê-la para depois perdê-la.

— Eu não sei lidar com perdas!

— *Eu sei disso, Walker. Porém, há momentos em que não temos como escapar! Aquilo é passado. Acabou!*

— Mesmo que eu saia do inferno, sei que estou vivendo um dentro de mim.

— *Então, meu amigo, enfrente os demônios!*



Decidi dormir para tentar não ceder à vontade de ir ao quarto de Laura e, pela primeira vez, acho
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que dormi mais do que deveria. O relógio ao lado da cama marca oito da manhã. Eu me levanto e me enfio em uma longa ducha gelada. Em seguida visto meu terno e saio do quarto em busca de Steve, que já deveria estar na sala de estar me esperando. Nessa casa também há *rottweilers* e alguns dos meus melhores seguranças. A casa é simples, sem muitos móveis e afastada do centro de Charlotte.

Entro na sala e encontro apenas um espaço vazio. FRANZO o cenho e decido ir até o quarto onde Laura está. A casa tem apenas um andar e foi projetada para fugas rápidas. Caminho pelo corredor e, assim que me aproximo de sua porta, que está apenas encostada, ouço vozes animadas. Decido parar e abrir, lentamente, para deparar com uma visão incomum.

Steve sentado ao lado de Laura e segurando suas

PERIGOSAS ACHERON

mãos.

— Conte comigo! — diz e leva as mãos de Laura aos lábios. Logo em seguida, ele beija a lateral de seu rosto demoradamente, provocando um estranho sentimento de posse dentro de mim. Eles agem como se fossem íntimos. Por alguma razão, essa cena me incomoda e imaginar que Steve também esteja de, alguma forma, envolvido com ela não me agrada nem um pouco.

— Walker, vai ficar parado aí? — pergunta sem me olhar. Esqueci completamente que ele é tão perceptivo quanto eu. Steve já sabia que eu estava me aproximando do quarto.

— Não quero incomodar!

— Parece que Laura já está bem melhor — ele

PERIGOSAS NACIONAIS

diz com seus olhos presos aos dela.

— Sim, está — digo, mas minha voz é fria e completamente sem emoção.

Steve se ergue e me encara nos olhos.

— Precisamos trabalhar! — diz e sai, passando por mim, saindo pela porta.

Laura me observa sem dizer uma palavra sequer e minha vontade é de ir até ela, tocar seus cabelos, mas não faço. Não sei de onde vem essa vontade. Observamo-nos um ao outro por longos minutos até que decido perguntar:

— Dormiu bem?

Ela curva os lábios em um sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. E você?

Solto o ar pesado.

— Como sempre. Vou pedir para que tragam algo para você comer!

— Não precisa. Steve me trouxe uma bandeja repleta de coisas!

Só então percebo a bandeja sobre o criado ao lado de sua cama.

— Certo! Quando precisar...

— É só chamar — ela conclui minha frase. Pode ser impressão minha, mas parece ter pressa de se livrar de mim e eu não poderia me sentir mais imbecil do que agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aceno lentamente com a cabeça e saio, fechando a porta.

Entro na sala, pensativo, tentando entender o que mudou nela depois dos últimos acontecimentos. Aquela fragilidade e a necessidade de estar perto de mim não me parece tão evidente quanto antes. Ela retribuiu meus beijos, mas, mesmo assim, ainda parece um pouco distante.

— Tenho uma excelente notícia. — A voz de Steve me traz de volta ao presente assim que me sento no sofá.

— Diga.

Ele ergue as sobrancelhas e curva os lábios.

— Viu como ela é importante para você?

PERIGOSAS ACHERON

— Por que estava com ela no quarto, Steve?

Ele continua com as sobrancelhas erguidas e um olhar debochado.

— Eu estava explicando a ela algumas situações sobre nosso próximo e último trabalho e que ela não poderá estar presente. — Ele solta o ar pesadamente. — Consegui um lugar extremamente seguro e longe de qualquer suspeita, Walker.

Franzo o cenho com o que ele diz.

— Mas por que diabos você não me avisou?

— Porque eu estava vendo com uma pessoa que trabalhou nas piores missões e que hoje está fora. Um ex-seal, o que você acha? Ele mora em uma casa nas montanhas de Aspen. É cem por cento

seguro, Walker!

— Nenhum lugar é...

— Droga, Walker! Eu sei que não, mas é quase cem por cento. E, além do mais, ela estará cercada pelos melhores de seus seguranças.

Encaro-o por alguns minutos, pensativo; não há argumentos diante do que ele acaba de dizer. Porém, sinto necessidade de saber se Laura está de acordo.

— E Laura, ela aceitou?

— Claro! No mesmo instante! Agora poderemos executar nossos planos sem nos preocupar com a nossa fugitiva!

Inspiro o ar profundo, soltando-o pesadamente.
PERIGOSAS ACHERON

— Está certo!

Laura pode não estar totalmente segura, mas sei que, se alguém tentar pegá-la, há muitas chances de meus homens matarem seja lá quem for.



Lembro-me muito de meu pai contando sobre seu trabalho como engenheiro na Marinha e também sobre os fuzileiros, principalmente, os Navy Seals, uma das principais forças especiais. Mesmo depois de aposentado, sabendo de sua importância para os Estados Unidos, ele mantinha certa fascinação por tudo isso. Sempre me orgulhei de meu pai, um homem que vivia para o trabalho, para nos trazer o sustento. Joseph Ryder era meu herói e sempre será.

Steve me disse que estarei segura, na companhia

de um ex-seal, e, imediatamente, lembrei-me do orgulho que meu pai tinha desses homens, muitos deles especialistas em capturar os terroristas mais procurados do mundo. Acho que, colaborando, vou dar um pouco de descanso para esses homens que estão prestes a matar um terrorista; um assassino frio e, ainda, um dos mais procurados pelo governo americano, segundo Steve.

Nesta mesma semana irei para Aspen e ele disse que minha segurança estará garantida por lá. Decidi aceitar, já que é o mínimo que eu deveria fazer para não atrapalhar mais do que já atrapalhei. Mesmo que eu não tenha pedido para ser salva, isso era a única coisa pela qual eu implorava internamente, enquanto estava nas mãos daqueles homens.

Levanto-me da cama e sigo, agora mais disposta, em direção ao banheiro. Preciso de um

bom banho e de roupas novas. Retiro minha camisola e, após certificar-me de que a ferida está protegida, enfio-me sob a ducha quente e muito bem-vinda. Fico tempo suficiente para lavar meus cabelos e relaxar. Quando desligo o chuveiro, ouço imediatamente a voz abafada de Dan vinda do quarto. Franzo o cenho e, depois de me enxugar, entro em um confortável roupão branco.

Dan parece estar falando ao telefone e eu decido abrir a porta, lentamente, para não ser pega observando. Ele está de costas e parece não perceber que estou espiando.

— Quando eu puder... Sim. Ainda deve ser dessa maneira! É arriscado ir até você agora. — Sua voz é baixa e, daqui, vejo suas costas subindo e descendo em um suspiro silencioso e demorado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei. Por isso há muitos seguranças para protegê-la. — Ele ouve atentamente o que a pessoa diz e, por alguma razão, acredito que essa pessoa seja a tal mulher, cujo nome, agora eu sei, é Erika.

— Tenha paciência, que em breve tudo voltará ao normal. — Sua voz, embora aparentemente fria, é cheia de compaixão. Eu sinto ciúmes pela maneira suave como ele fala com essa tal Erika. Isso me incomoda.

— Preciso desligar — fala, mas parece que a pessoa diz mais algumas coisas e ele ouve pacientemente. — Eu sei! — é a sua resposta seguida por mais um longo e silencioso suspiro. — Entregue este aparelho para o segurança. Ele precisa ser destruído — ordena e desliga o aparelho, mas permanece na mesma posição.

PERIGOSAS ACHERON

Abraço meu corpo envolvido pelo roupão e encosto-me ao batente da porta, apenas contemplando sua figura bela, alta e imponente.

— Sei que estive aí o tempo todo, Laura — diz com a voz irritantemente calma e eu bufo.

Como ele sabe que estou aqui?

Saio meio sem jeito do banheiro e observo-o com uma expressão constrangida. Dan se vira e prende os olhos nos meus.

— Você não devia ter tomado banho sozinha!
— Seu tom agora é de advertência. — Não está cem por cento bem para arriscar-se dessa maneira.

— Eu me sinto bem melhor!

— Não. Você não está!

— Quem é a mulher com quem você estava falando? — pergunto, mudando de assunto e ignorando sua repreensão.

Dan ergue as sobrancelhas, surpreso com a minha petulância em perguntar algo tão privado, mas dane-se, eu quero saber!

— Preciso concordar sobre você estar bem melhor, já que começaram as perguntas!

— Responda, por favor? — peço e ele me observa, analisando meu rosto por alguns segundos.

— É uma mulher importante em minha vida.

— E seria essa tal Erika?

— Isso te interessa? — Ele parece se divertir

com o meu maldito ciúme por uma mulher que vi apenas uma vez, mas que sei que é importante para ele.

— Sim. — Minha resposta o deixa momentaneamente mudo, mas ele logo retorna ao seu estado normal e se aproxima de mim, parando bem a minha frente.

— É a minha mãe!

Pisco algumas vezes, incrédula com o que acabo de ouvir. Então ele mantém contato com a mãe?

— Sua...

— Mãe — completa o que eu ia dizer. — Achou que eu não tivesse uma?

Nego com a cabeça, encarando-o nos olhos.
PERIGOSAS ACHERON

— Por que mentiu?

Dan Walker está nitidamente perdido com a minha pergunta.

— Sobre o quê, exatamente? — Inclina a cabeça de lado, observando-me com curiosidade.

— Antes de partir de sua casa, vi e ouvi você com aquela mulher e Steve em um jantar descontraído. Você havia me dito que sua mãe mora no Canadá, mas ela mora em Londres.

Pela primeira vez, sua expressão expressa uma surpresa mais evidente. Ele está sério, mas não tira os olhos dos meus.

— Parece que você descobriu o esconderijo da minha mãe — diz e se afasta, caminhando em

PERIGOSAS ACHERON

direção à janela. Seu olhar parece perdido enquanto observa o lado de fora.

— Parece que você não confia em mim!

— Eu não confio em ninguém! — Posso sentir a frieza de suas palavras.

— Pois deveria. Steve é um grande amigo!

— Não devemos confiar totalmente nas pessoas. Nem nos amigos! — Dan Walker se afasta até alcançar a porta.

— Aonde você vai? — questiono, mas ele não me responde e sai, fechando a porta logo em seguida.

Bufo, observando a porta por alguns minutos. Sento-me na cama, sentindo-me derrotada e

PERIGOSAS ACHERON

frustrada ao mesmo tempo. Quando estou prestes a me deitar, vejo-o entrando, segurando uma bandeja contendo um copo de suco de laranja e dois remédios dentro de um pires branco.

— Hora de tomar seus remédios. — Ele se aproxima, fazendo os cantos dos meus lábios se curvarem em um leve sorriso.

— Obrigada! — Dan não retribui o sorriso, mas sua expressão está suave enquanto me observa.

Levanto-me e pego as duas cápsulas, jogando-as na boca e dando um longo gole no suco em seguida. Dan me observa atentamente e se afasta depositando a bandeja sobre a mesinha ao lado da cama.

— Deite-se! — ordena, mas eu não me movo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estou com sono!

— Você precisa descansar, em breve fará outra viagem!

Inspiro o ar profundamente, enquanto sua figura imponente aproxima-se de mim mais uma vez. Ele está perto demais e extremamente desafiador.

— Eu sei, mas quero conversar!

— Jogar conversa fora não é a minha área de especialização, Srta. Ryder!

— Então me diga, qual é a sua especialização, Sr. Walker!

Seus olhos trancam nos meus e, como se suas emoções fossem acionadas por um interruptor, ele se transforma e me devolve um sorriso maldoso.

PERIGOSAS ACHERON

— Matar! — Sua resposta me faz engolir em seco.

— Além disso! — eu o provoco, mostrando que não me intimidei com sua resposta.

— Gosto de atirar apenas uma vez.

— Por quê?

— Não quero desperdiçar munição, já que um tiro preciso no lugar certo é perfeitamente capaz de matar.

— Viu como conversar não dói? — digo e me afasto, mas sua mão é mais ágil e segura meu braço, puxando meu corpo contra o seu. Com o movimento brusco, meu roupão se abre expondo meu corpo nu. Dan recua, mas apenas o suficiente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para me observar. Comprime a mandíbula e inspira profundamente enquanto seus olhos passeiam pelo meu corpo.

Ele aperta a minha cintura com um dos braços e, com as pontas dos dedos, segura meu queixo, erguendo-o e obrigando-me a olhar para ele. O ar é expelido por suas narinas e eu sinto o sopro tocando suavemente meu rosto. Meu coração se acelera pela proximidade e meu corpo me trai com o desejo intenso que sinto por ele.

— O que está fazendo? — sussurro com as pernas moles enquanto ele me segura. Em resposta, Dan me beija, separando meus lábios com a língua com força e urgência. Novamente suas palavras são substituídas por um beijo quente e cheio de significados.

PERIGOSAS ACHERON

Eu gemo em sua boca, mas logo seus lábios estão em meu pescoço, assim como suas mãos. Quando me dou conta, meu roupão cai, com a ajuda de Dan, e eu estou totalmente nua. Ele se afasta para contemplar mais uma vez o meu corpo, enquanto retira sua gravata e sua roupa habilmente. Ele as joga no chão e eu o assisto até ele estar apenas de cueca. Estamos ofegantes, mas eu também estou trêmula em antecipação.

Segundos depois, ele avança para cima de mim, sua boca na minha. Sinto suas mãos percorrerem minha cintura até alcançar minhas nádegas. Ele as aperta e, com um movimento rápido, carrega-me, fazendo com que minhas pernas enlacem sua cintura. Não paramos de nos beijar um segundo sequer e, quando dou por mim, sinto que me deita na cama delicadamente. Viramos uma confusão de beijos e mãos perdidas um no outro até que Dan,

abruptamente, para. Recua mantendo seu corpo ainda sobre o meu, ofegante. Encaramo-nos por alguns segundos, completamente mudos, até que ele decide falar:

— Espere. — Ergue-se, afastando-se e procurando sua calça em algum lugar no chão. Retira algo de dentro do bolso e só depois percebo que é uma camisinha. Minha boca se abre em surpresa.

— Você costuma guardar camisinhas em seu bolso dentro de casa? — questiono-o, enquanto vejo-o retirar a cueca deixando seu pênis livre. Engasgo com a cena que tenho diante de mim. Dan Walker consegue me deixar muda quando está completamente nu.

— Não. — Sua resposta é seca, áspera,

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto volta para a cama. Ele cobre o órgão com a camisinha e, quando penso que vai me penetrar, como da última vez, apenas me beija, profunda e lentamente, como se quisesse me saborear, devagar e sem pressa.

Suas mãos estão novamente explorando meu corpo até encontrar as minhas, enlaçando os dedos nos meus e conectando-as. Em se tratando de Dan Walker, sinto que o gesto tão espontâneo é também muito íntimo e carinhoso. Estou surpresa. Estou agradavelmente surpresa.

Nossos lábios nunca se separam, mas ele é gentil agora e não há nenhuma pressa de estar dentro de mim como da outra vez.

Dan Walker diz com o corpo o que não diz com as palavras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus lábios percorrem o caminho de meu pescoço até encontrar meus seios, lambendo-os com vontade. Eu gemo, arqueando meu corpo para dar mais acesso a ele. Dan se posiciona entre minhas pernas, afastando-as e eu sinto seu pênis tocar minha abertura. Em seguida e dolorosamente lento, ele me penetra. Afunda-se em mim devagar, mas não tarda em retomar sua habitual brutalidade. Uma brutalidade bem-vinda e deliciosa.

Dan se movimenta áspera e fortemente. Sua urgência é incomum, como se não pudesse se controlar enquanto está dentro de mim. Ele geme e meu corpo se contrai, conduzido pelas melhores sensações, como se os sons emitidos por ele fossem música para os meus ouvidos.

Seguro suas nádegas rijas, enquanto elas se movimentam contra mim. Nossos lábios se separam

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para pegar fôlego e logo sua língua está dentro da minha boca novamente. Gememos juntos enquanto o vai e vem dos seus quadris se intensificam.

— Porra! — geme, os lábios pressionando os meus com mais força. Ele se segura, apesar dos tremores que percorrem suas pernas. Dan inspira longamente para retomar fôlego, enquanto se afunda em mim cada vez mais rápido e profundo. Não há como estarmos mais conectados como agora. Sua rapidez me faz ter espasmos de prazer e eu mergulho em um abismo, ao mesmo tempo que alcanço o ápice. Gemo alto, sentindo sensações indescritíveis, enquanto minha pélvis avança de encontro à dele.

— Dan! — grito, sentindo ainda o prazer com que os espasmos preenchem meu corpo. Seus músculos estão tensos e ele geme cada vez mais

PERIGOSAS ACHERON

alto, pressionando minha boca, chupando-a com força. Isso dói, mas da melhor maneira possível.

— Laura! — pronuncia meu nome enquanto goza, afundando várias vezes até que não haja mais forças.

Em vez de sair de dentro de mim, como esperado, Dan apenas me beija, devagar e apaixonadamente, tocando meu rosto com uma das mãos. Ele não faz nenhum movimento para sair. Quando separa seus lábios dos meus, encosta sua testa na minha e nossos olhos se prendem. Suas profundezas azuis estão intensas como jamais vi.

— Você é.... — Ele engole em seco e gotas de suor descem de sua testa. Espero que ele conclua, mas sua expressão muda distorcendo sua face com o que parece raiva. — Merda! — rosna e se ergue

da cama tão abruptamente, que me deixa sem ação.

— O que houve? — questiono-o sem entender sua raiva, enquanto ele veste a cueca. Dan se afasta, mas, antes de sair, aponta para o meu braço.

— Não se mexa. Eu já volto!

Quando olho para o meu braço, só então, entendo a sua raiva. O adesivo provavelmente cedeu e o sangue inundou o curativo do meu braço.

Segundos depois, ele já está no quarto com uma maleta de primeiros socorros. Faz todo o procedimento, limpando a ferida, porém é como se estivesse rasgando meu braço pela segunda vez. Eu gemo de dor!

— Acame-se! Já acabou! — Com outro adesivo,

fecha novamente o pequeno, mas profundo corte. Em seguida enrola uma faixa em meu braço, protegendo a ferida. Não diz nada quando termina, mas sua expressão de arrependimento me deixa frustrada.

— É só uma ferida! Não foi nada, Dan!

Ele inspira e se ergue, jogando os restos de curativo no lixo. Retorna e me ajuda a me levantar, ainda com uma expressão séria demais.

— Venha!

— Para aonde vamos?

— Para o meu quarto!

Seu quarto é ao lado do meu e tão simples quanto. Há apenas uma cama de casal confortável,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma mesa com duas poltronas e um banheiro. Ele me ajuda a me deitar como se eu fosse uma criança.

— Não se preocupe, não é nada!

Dan está ainda de cueca e, depois de devidamente deitada, encaro-o esperando que saia. Ele me observa por alguns segundos como se estivesse em uma briga interna consigo mesmo. Eu o observo, calada, pedindo silenciosamente que se deite ao meu lado.

Como se tivesse ouvido meus pensamentos, ele solta o ar e se deita. Sem pedir autorização, encosto delicadamente meu corpo ao dele, fazendo com que minha cabeça se encaixe entre seu ombro e peito. Espero que ele me repila, mas isso não acontece.

Sua pele é quente e tê-lo assim, tão próximo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

provoca uma sensação de paz dentro de mim. Ficamos calados em um silêncio confortável, mas já sinto as perguntas se formando em minha mente. Sempre que estou perto dele, quero saber mais. Não consigo me controlar, minha língua é maior que minha vontade de me calar.

— Posso te fazer uma pergunta?

Dan encara o teto, enquanto eu o observo. Solta o fôlego com um gesto resignado e diz:

— Enquanto estiver fazendo suas perguntas, é sinal de que está bem. Prossiga!

Curvo os lábios em um sorriso, apesar de seu humor sombrio.

— Por que você vive com essa expressão séria,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dan? Por que você me parece tão triste?

— Por que eu preciso ser feliz para viver? —
Ele me encara brevemente e volta sua atenção para o teto.

— Eu queria ser capaz de tirar essa dor de dentro de você. Se pudesse, eu a arrancaria com minhas próprias mãos! — confesso e ele não diz nada, mas continua pensativo enquanto seus dedos passam casualmente sobre o meu curativo. — Você tem um coração e ele está aí. Eu sei! — Faço-o me encarar nos olhos.

— Não. Eu o perdi em algum momento no passado.

— Não. Você não o perdeu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele fecha os olhos como se uma dor o atingisse de repente. Não há como negar, depois de tudo que passamos e tudo que ele fez por mim. Ele me quer e gosta de mim, mas não sei o quanto ou se está disposto a enfrentar essa dor, seja ela qual for, para ficar ao meu lado.

PERIGOSAS ACHERON

QUEIMA DE ARQUIVO


DAN WALKER

Nova York – Maio de 2012

Meu telefone vibra incessantemente enquanto tento ter uma vida normal, jantando em um restaurante que fica no Upper East Side, em Manhattan. Se pudesse, eu desligaria, mas estou esperando uma ligação de Steve. Parece que ele tem algo importante a me dizer sobre algum informante traidor.

— Você não vai atender? — Erika pergunta impaciente enquanto observa meu aparelho se

movimentando sobre a mesa.

Olho para o visor e vejo um número desconhecido. Steve nunca ligaria de um número que não posso identificar.

— Estou ocupado! — informo e, em seguida, tomo um longo gole do meu vinho tinto.

— Então desligue! — ela pede com o tom de voz um pouco alterado. Eu a encaro com um olhar de advertência.

— Preciso dele sempre ligado. — Tento manter a calma, mas ela ainda parece impaciente.

— Viemos para conversar. Você aceitou, mas não há condições se não desligar essa porcaria!

Inflo as narinas e viro o restante do vinho de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma só vez.

— Ok. Eu vou atender a ligação. — Pego o aparelho, que ainda vibra, e me ergo da mesa, caminhando em direção aos banheiros. Assim que entro, atendo à chamada.

— Sim — digo calmamente, encostado ao balcão do lavabo.

— *Walker, sou eu, Adam Corner!*

Franzo o cenho sem entender o motivo de sua ligação e como ele descobriu meu número particular. Não nos vimos mais depois da minha vinda, em janeiro, do Paquistão. Nunca fomos amigos a ponto de trocarmos ligações.

— Adam?

PERIGOSAS ACHERON

— *Estou em Nova York em um trabalho importante e preciso que você me ajude.*

Minhas sobrancelhas se unem, isso não pode ser dito por telefone. Algo está muito errado.

— *Não conheço nada aqui e preciso descobrir o paradeiro de um diplomata que está vendendo informações sigilosas do governo americano.* — Adam não deveria precisar de ajuda para algo tão sigiloso, mas ele nunca conseguiu concluir nada sem o auxílio de alguém.

— Para quando precisa da minha ajuda?

— *Preciso que você venha até aqui, onde estou agora. É urgente!*

Solto o ar e olho para o relógio preso em meu

pulso.

— Ok. Diga o endereço!

— *234 east 14th street. Estou no segundo andar, apartamento 204.*

— Estou a caminho.

— *Obrigado, Walker. Fico te devendo essa!*

Desligo o telefone e saio do banheiro, caminhando em direção à mesa onde Erika me espera impacientemente.

— Nossa, como você demorou! Sabe que precisamos conversar, não sabe?

Encaro-a e, por algum motivo, sinto-me aliviado de ter que adiar nossa conversa.

Não quero resolver meu futuro agora.

— Surgiu uma emergência. Amanhã vou até a sua casa.

Sua expressão facial se distorce, claramente contrariada.

— Você não se importa...

— Eu já disse — interrompo-a. Não estamos no clima para decidir como as coisas vão seguir daqui por diante. — Deixaremos nossa conversa para depois e assim você pode fazer o que bem entender. — Sei que ela quer me convencer a ficar com ela e sei que ela quer gritar agora, mas não posso ficar. Não quero ficar.

— Tudo bem! — ela finge compreender e eu

finjo aceitar.

— Pegue um táxi, preciso ir agora — informo.

Ela concorda com a cabeça, os olhos claros inundados de lágrimas. Deixo o dinheiro do nosso jantar quase intocado sobre a mesa e me afasto, saindo rapidamente do restaurante.

Estaciono em frente ao prédio, no endereço indicado, e observo tudo ao meu redor antes de sair do carro. A rua é repleta de lojas e táxis amarelos por todos os lados. Sigo até o prédio, que já está com a pesada porta de metal aberta.

Entro e subo apenas dois lances de escadas, caminhando por um longo corredor, até encontrar o apartamento 104 . Posiciono-me em frente à porta e meus olhos passeiam ao meu redor, analisando todo

PERIGOSAS NACIONAIS

o lugar. O interior é tão antigo quanto o lado de fora e eu não consigo imaginar o que Corner faz aqui.

Sei que estou me arriscando, mas preciso saber o que Adam quer de fato comigo; talvez ele tenha sido pego por alguém. Logo, a arma que estava dentro do meu terno já está posicionada firmemente em minhas mãos. Bato à porta suavemente e, assim que seguro a fechadura, percebo que ela está entreaberta. Estreito o espaço entre minhas sobrancelhas, extremamente concentrado no que posso encontrar logo em seguida.

Decido entrar e, assim que abro a porta, ouço o barulho de um alarme, o qual não consigo identificar, sendo ativado.

Tento manter a calma, enquanto observo um

PERIGOSAS ACHERON

espaço vazio e escuro. Nada de móveis, nada de Adam Corner. As grandes janelas, sem cortinas, revelam as luzes dos prédios antigos, tipicamente nova-iorquinos, à minha frente. O alarme silencia, deixando ouvir o som de sirenes, que ressoam a o todo momento nas ruas de Nova Iorque.

Posiciono a arma estrategicamente, enquanto meu celular vibra no bolso da calça. Pegoo em um único movimento e coloco no modo viva-voz.

— *Vá para o inferno, Walker!* — A voz grossa ecoa através do aparelho, fazendo-me notar um minúsculo aparelho, piscando freneticamente, preso no alto da parede entre as duas janelas.

Neste momento, percebo que estou ferrado. Meu coração dispara e eu preciso pensar rápido, antes que seja tarde demais. Em vez de sair pela porta,

avanço rapidamente até a janela, quebrando-a com a minha arma e saindo entre os estilhaços que voam por todos os lados.

Estou sobre as escadas de incêndio e, daqui, calculo onde o meu carro está parado. Com um movimento rápido, salto e, no mesmo instante, tudo vai para os ares, em virtude de uma violenta explosão. O barulho é ensurdecedor, enquanto me joga do andar onde estou sobre o capô do meu carro, caindo no chão e rolando por várias vezes até parar. Minha arma não está ao meu alcance e mais uma violenta explosão destrói metade do antigo prédio. Cubro meu corpo, sentindo os fragmentos que caem sobre mim.

Sinto meu celular vibrar novamente e surpreendo-me de que ele ainda esteja no bolso da minha calça. Pego-o, observando o grande clarão

PERIGOSAS NACIONAIS

em que se transformou a rua 14 e atendo sem olhar para o visor, completamente mudo.

— *Por que desligou seu telefone, Walker?*

— Eu não desliguei, Steve — digo ofegante, ainda jogado sobre o asfalto, observando o fogo se alastrar por todos os lados.

— *Ouça. Descobrimos por uma fonte muito segura que Adam Corner nos traiu e vendeu informações para pessoas que você estava investigando. Ele entregou sua identidade aos terroristas e eles querem te matar!*

Inspiro profundamente.

— Eles já estão tentando! — informo-o, erguendo-me do chão, ouvindo os barulhos das

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sirenes propagando-se de todos os lados.

PERIGOSAS ACHERON



Sou acordada por um som incomum, o qual não consigo identificar. Abro os olhos e deparo com Dan Walker, devidamente vestido, perigosamente lindo, sentado sobre a cadeira, enquanto enrosca o cano de seu silenciador. Mexo-me, esticando o corpo preguiçosamente, observando o homem calmo e concentrado em sua arma.

— Dormiu bem? — ele pergunta sem me olhar. Acho que não vou me acostumar com o fato de ele ser tão perceptivo; nada a sua volta passa despercebido.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim — sussurro, embora queira dizer que estou além de bem e que ontem foi a noite mais incrível da minha vida. Porém, abstenho-me de dizer qualquer coisa.

Dan coloca sua arma dentro de uma maleta, que logo em seguida fecha, digitando um código com muitos números. Ele se ergue e eu tenho a visão do terno bem cortado e impecável revestindo o corpo que, até ontem à noite, estava completamente nu e era somente meu.

— Levante-se. Hora de partir!

Prendo a respiração ao ouvir essas palavras.

— Já?

Ele concorda com a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou para Dubai e Steve te levará para Aspen.

Olho para baixo pensativa e nada satisfeita em ter que ficar longe dele.

— É preciso. Não posso arriscar a sua vida!

Inspiro lentamente e me levanto, enrolada ao lençol. Encaro-o nos olhos, desapontada, e, sem dizer nada, passo por ele com a intenção de ir ao banheiro. Sou interrompida por sua mão, que segura a minha, puxando-me delicadamente para perto dele. Quando estou à sua frente, ele segura meu queixo com as pontas de seus dedos, erguendo meu rosto.

— Será para o seu bem! — afirma e eu aceno, concordando, sem dizer uma palavra. Tento sorrir, mas falho ao observar seu belo rosto sério. Não

PERIGOSAS NACIONAIS

quero me afastar dele, mesmo que isso seja para o meu bem.

— Você acha que eu estarei segura longe de você?

Ele comprime a mandíbula e inspira.

— Você estará longe do homem que deseja me destruir.

— Tenho medo por você. Não quero que ele te pegue!

— Eu estou um passo à frente dele. Vou matá-lo quando ele menos esperar!

Meu peito se comprime, e o meu olhar grita silenciosamente para que ele não faça nada que acabe com sua vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu ficarei bem! — responde a minha pergunta silenciosa como se tivesse lido meus pensamentos.

Depois de devidamente arrumada com uma meia-calça preta e um vestido verde-escuro de manga longa que Steve providenciou, vou ao closet terminar de fazer minha mala. Pego algumas roupas pesadas, ideais para suportar o frio de Aspen. Estou sozinha no quarto e nem sinal de Dan por aqui, então decido procurá-lo pela casa.

Saindo do quarto, vejo um grande corredor com algumas portas. Sigo ultrapassando uma a uma, até parar em frente à última, quando ouço a voz de Steve.

— Ficaré tudo bem, Walker!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não posso permitir que algo ruim aconteça. Não sei se serei capaz de mantê-la a salvo — Dan diz. — Acho que...

Eles param de falar e a porta se abre abruptamente. Lá está ele, Dan Walker. Ele me observa com as sobrancelhas erguidas.

— Péssima mania de ficar ouvindo atrás da porta, Srta. Ryder! — diz com seu tom calmo de costume. Quero saber o que ele pretende daqui por diante em relação a nós. Steve nos observa, dentro de um terno escuro e impecável, assim como o de Dan Walker.

— Bom, sairemos em alguns minutos. Sejam rápidos! — Steve pega uma mala preta pequena e sai deixando-nos sozinhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Entre. — Ele fecha a porta assim que entro no amplo escritório e se vira para mim.

— Eu não queria me afastar de você — confesso e ele anui, aproximando-se de mim e parando seu corpo rente ao meu. Sem dizer uma palavra, segura a lateral do meu rosto, fazendo carícias com seu polegar. Eu fecho os olhos, tombando a cabeça em direção à sua mão, apreciando seu delicioso e raro gesto de carinho.

— Laura, preciso ser honesto com você.

Engulo em seco e prendo a respiração, com medo do que ele vai falar.

— Só iremos nos ver novamente quando meu alvo estiver morto. Caso contrário, não, pois não quero arriscar a sua vida! — explica.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Abro os olhos arregalando-os gradativamente, incrédula com o que ele diz.

— Eu não me importo. Eu não tenho medo, Dan! Eu só quero ficar com você! — Minha declaração espontânea deixa-o momentaneamente surpreso. Percebo um movimento em sua garganta e vejo confusão em seu semblante, enquanto ele me olha parecendo não ter compreendido minhas palavras. Eu apenas acabei de confessar que gosto dele mais do que deveria. — Não quero que esse seja o nosso último encontro, Dan. Eu estou...

Ele fecha a minha boca, impedindo-me de falar. Seus dois dedos estão sobre meus lábios e a sua testa na minha. Dan fecha os olhos e suas mãos seguram firmemente cada lado do meu rosto. Ele não quer ouvir o que estou sentindo e isso dói.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será melhor assim, Laura!

As lágrimas descem de meus olhos sem que eu possa detê-las.

— Não. Eu não quero sequer imaginar que nunca mais vamos nos ver!

Dan encosta o nariz no meu e, em seguida, beija-me apaixonadamente. Seguro sua nuca, deixando que sua língua faça seu caminho dentro da minha boca. As lágrimas percorrem minha face, misturando-se com o beijo profundo e quente que trocamos. Afastamo-nos apenas o suficiente para que seu polegar limpe as lágrimas que se acumulam em minhas pálpebras e umedecem minhas faces.

— O que você ia me dizer ontem, Dan?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus olhos percorrem meu rosto sem fazer contato visual. Ele me encara, hesitando por um momento, mas finalmente começa a falar:

— Ia dizer que você é importante para mim. Você, de alguma forma, tornou-se muito importante para mim, Laura Melissa Ryder — e suas palavras, mais uma vez, me deixam momentaneamente muda. Achei que ele não fosse capaz de confessar isso.

— Você se tornou importante para mim também. — Na verdade, eu queria dizer que estou completamente apaixonada por ele e que não há chances de querer ficar longe deste homem por muito tempo. Pelas suas atitudes, acredito, embora não tenha cem por cento de certeza, que ele se sente igual a mim. Dan não quer ouvir isso, no entanto, e eu vou respeitar sua vontade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou matar aquele infeliz. Vou me assegurar de que ele vá para o inferno e assim poderemos nos ver de novo — diz, e eu o observo com mais lágrimas nos olhos.

— Então é um... adeus?

Ele inspira.

— Talvez não.

De todas as maneiras possíveis, tento reprimir o choro, mas as lágrimas traidoras caem de meus olhos mais uma vez.

— Você estará segura. Conheço o trabalho do homem que ficará por conta de sua segurança. Ele sempre foi o melhor em sua longa jornada na Marinha. Foi premiado por lutar e ser um dos

PERIGOSAS ACHERON

responsáveis pela morte de Osama Bin Laden.

Arregalo meus olhos gradativamente.

— Vocês trabalharam juntos?

— Fomos parceiros nos trabalhos mais difíceis. A CIA sempre fez um trabalho conjunto com os Seals. Investigávamos, interceptávamos ligações. Seguíamos os supostos terroristas e os Seals atacavam. Eu sei que ele é bom ou jamais deixaria você sob os cuidados dele. — Dan parece lutar internamente com suas palavras. Ele não quer dizer mais do que isso.

Minhas lágrimas ainda descem, com a consciência de que talvez eu não o veja mais. Ele as limpa novamente e, em seguida, me beija profunda e lentamente. Sinto como se o tempo estivesse

PERIGOSAS NACIONAIS

girando em câmera lenta, enquanto ele saboreia meus lábios, agora de maneira forte e quente, como se realmente não fôssemos nos ver mais.

A porta se abre e Steve interrompe nosso momento.

— Nosso carro chegou!



Depois de três horas, estamos no aeroporto de Aspen-Pitkin. O inverno começou e eu estou bem agasalhada para enfrentar o frio que me espera do lado de fora. Steve veio comigo, mas ficará somente até amanhã, quando partirá rumo à Dubai para se encontrar com Dan.

PERIGOSAS ACHERON

— Quanto tempo vocês pretendem ficar em Dubai? — pergunto a Steve, que leva a minha mala, enquanto caminhamos pelo saguão em direção à saída do aeroporto.

— Não temos previsão, Laura. Ainda não temos certeza de que aquele seja realmente o alvo. Tudo precisa ser minuciosamente articulado.

— Não sabem quanto tempo? — Encaro-o perplexa.

— Você não ficará aqui por muito tempo. Depois de tudo resolvido, poderá voltar com a sua vida normal.

Respiro fundo, imaginando que tipo de vida levarei depois de tudo que passei. Obviamente não sou mais a mesma Laura que chegou à Somália

para realizar um sonho de reportagem. Não. Sou uma Laura diferente, principalmente depois de saber que minha ida causou a morte de meu pai. Duas coisas me entristecem e angustiam agora: o conhecimento de que vou passar um tempo longe de Dan e o medo de que algo saia errado; temo que ele seja pego por aqueles monstros.

— Tudo bem — sussurro sem forças para argumentar.

— Será passageiro! — Steve me encoraja e eu sorrio sem um resquício de vontade.

O ar gelado de Aspen toca meu rosto suavemente, enquanto caminhamos em direção a um Lincoln Navigator preto, que já está parado nos esperando. Assim que nos aproximamos, um dos vidros escuros desce revelando um homem vestido

PERIGOSAS NACIONAIS

casualmente, com uma jaqueta marrom escura. Ele usa barba e seus olhos verdes intensos estão diretamente direcionados a mim. O homem aparenta quarenta e poucos anos e a expressão de seu rosto é séria.

Ele desce do carro e dá a volta. Cumprimenta-me apenas com um aceno, mas dá um sorriso e estende a mão para Steve.

— Bons tempos, Steve. Como vão as coisas?

— Sim, Tom. Bons tempos! Está tudo bem. Obrigado pela ajuda, cara!

— É o mínimo que posso fazer. Aposentei-me, mas continuo sendo o melhor!

Steve sorri e se afasta dando-lhe espaço para

PERIGOSAS ACHERON

que pegue minha mala.

— Vou colocá-la no bagageiro!

Depois que o homem guarda minha bagagem, espero que Steve faça o mesmo com a dele, mas ele não o faz. Encaro-o perplexa.

— Você não vem? — sussurro para Steve, que me lança um olhar sem graça.

— Você já está entregue. Não poderei ficar até amanhã. Devo ir para Dubai o mais rápido possível.

Aceno como se compreendesse, mas confesso que estou desapontada. Achei que ele ao menos ficaria por uma noite. Agora terei que conviver com um total desconhecido por tempo indefinido.

— Há segurança nas redondezas. Não se
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

preocupe! — tenta me acalmar, mas não é isso que me preocupa, e sim o fato de não ver Dan Walker por muito tempo. Isso sim me entristece.

O homem alto, de cabelos castanho-claros despede-se de Steve e entra no Lincoln, ocupando, logicamente, o banco do motorista. Observo Steve uma última vez e o vejo sorrir com compaixão.

— Foi bom tê-la conosco, Srta. Ryder.

— Isso é um adeus?

Ele curva os lábios em um leve sorriso.

— Talvez não — repete as palavras de Dan Walker.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Dream on, de Aerosmith, ecoa através do moderno aparelho de som, enquanto o carro faz seu trajeto pelas belíssimas ruas de Aspen. As laterais da rua estão cobertas de neve, assim como os pinheiros que enfeitam cada parte em que eu olho. Nas grandes montanhas, cobertas de neve, são visíveis alguns pontos — as estações de esqui — onde as pessoas se aventuram. Embora gélido, Aspen é um lugar incrível e extremamente charmoso. O som que vem do aparelho de som é bem-vindo, visto que eu e o homem ao meu lado não nos falamos até o momento.

PERIGOSAS NACIONAIS

O carro estaciona e tudo se transforma em um silêncio constrangedor.

— Chegamos! — ele diz e eu desço do carro.

O ar gelado toca meu rosto, queimando minhas bochechas e contrastando com o calor infernal, ao qual me acostumei durante meses na Somália.

O homem, que acho que se chama Tom, pega minhas malas e pede que eu o siga até o interior de uma casa grande e incrivelmente linda. Ela está rodeada de pinheiros e seu formato de chalé parece-me muito aconchegante. Limpo meus pés sujos de neve na entrada, retiro os sapatos, repetindo os gestos do homem a minha frente, e fecho a porta atrás de mim. Ele coloca minha mala no chão de madeira brilhante e se vira para mim. Pela primeira vez, tenho a sua atenção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Muito prazer, meu nome é Thomas, mas pode me chamar de Tom!

— Eu sou Laura! — Cumprimentamo-nos com um forte aperto de mão e ele sorri. Parece agradável agora.

— Está com fome?

— Não muito!

Ele anui e volta a pegar minha mala, indo em direção às escadas. Eu o sigo calada, com os olhos nos degraus de madeira escura. Sinto-me um pouco constrangida, embora familiarizada com essa situação. Ultimamente estive apenas com estranhos, mas não consigo me importar menos agora. No entanto, Dan se transformou em minha única companhia. Queria que ele estivesse aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Levando minhas coisas, Tom me conduz a um quarto bem decorado, com uma cama espaçosa ao meio. Há duas portas, que acredito que levem ao banheiro e ao closet. Observo o cômodo por longos segundos.

— Você mora aqui há muito tempo? — tento começar uma conversa agradável.

— Não muito.

Ele para de falar, observando-me com uma expressão curiosa.

— Você veio a pedido de Steve, mas é Walker que quer protegê-la, certo?

— Acredito que você já deve saber o motivo de eu estar aqui.

PERIGOSAS ACHERON

— Sei. Walker parece se importar muito com a sua segurança.

— E eu com a dele!

Ele concorda com a cabeça, lentamente, observando-me em escrutínio.

— Certo. Vou preparar algo para comermos! Gosta de peixe?

Sorrio assentindo no mesmo instante.

— Obrigada!

Depois de um banho demorado, troco minhas roupas e sigo o cheiro agradável de comida que vem do andar inferior. Assim que me aproximo da cozinha, observo o grande homem tirando um assado do forno. Ele se vira, depositando-o sobre a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ilha e só então percebe minha presença.

— Ouvi seus passos e me apressei em tirar o assado! Só estava te esperando!

Ergo as sobrancelhas, surpreendida com o que ouço. Parece que ele também possui uma sensibilidade especial que detecta qualquer movimento ao redor. Mas também pode estar acostumado com os barulhos vindos de sua própria casa.

Junto-me a ele em um jantar agradável e, por incrível que pareça, sinto-me à vontade ao seu lado. Conversamos sobre assuntos triviais, enquanto comemos o peixe e bebemos um vinho branco. Ele fala um pouco sobre sua vida na Marinha, e eu sobre minha vida de jornalista.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você me parece jovem para estar aposentado.

— Tenho 45 anos. Sofri um grave acidente e, mesmo curado, fui obrigado a me aposentar.

— Espero que tenha superado isso — digo sinceramente, enquanto tomo um gole do vinho branco. Quando o encaro novamente, percebo seus olhos presos à TV atrás de mim. Olho para a tela e vejo vários quadros monitorando cada pedaço da casa. Ele não pisca um segundo sequer e isso me deixa em alerta, com o coração acelerado.

— O que houve? — pergunto.

Ele não responde e ergue-se abruptamente, já com uma arma em punho. Não sei onde a pegou, mas o fato é que está em sua mão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vi alguém em um dos quadros de monitoramento. Vá para o seu quarto e entre no closet!

Momentaneamente atordoada, apenas encaro-o, mas logo começo a entrar em pânico.

— Confie em mim! — diz com o intuito de me acalmar.

Eu me ergo rapidamente, seguindo às pressas para a escada. Subo os degraus pulando-os de dois em dois até entrar em meu quarto. Com o coração acelerado, enfio-me no closet, conforme fui instruída. Assim que tranco a porta, uma pequena luz se acende, evidenciando outra porta minúscula na parede, próximo ao chão. Tento me acalmar, mas minha respiração está pesada e difícil.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ouçõ barulho de tiros e isso me faz pular de susto. Sem pensar duas vezes, enfio-me na pequena porta, deparando com um túnel totalmente iluminado por uma luz néon. Tento me concentrar, enquanto engatinho apressadamente, procurando a saída deste tubo claustrofóbico, tentando não forçar meu braço machucado.

Eternos segundos se passam, até que topo com um minúsculo cômodo. O lugar é igualmente iluminado pela luz néon, mas não menos claustrofóbico que o tubo em que estive. A temperatura aqui é refrigerada, mas isso não diminui minha vontade de puxar o ar com força. Tudo é muito pequeno e fechado.

Respiro fundo, cerrando as pálpebras, tentando manter a calma. Quando abro os olhos, visualizo um alçapão sob meus pés. Puxo a porta para cima e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me enfio nele, descendo os degraus de ferro presos à parede. A descida parece longa, o que me conduz a um estado de desespero ainda maior. Com os movimentos, sinto dor no braço, mas nada que não seja suportável.

Quando acho que não chegarei ao fim, meus pés tocam o chão e eu posso respirar normalmente. Encontro uma porta de ferro e a destranco, deparando com uma escada íngreme. Subo desesperadamente e, assim que chego ao topo, destranco-a. Abro a porta e finalmente chego ao lado de fora da casa. Quando estou prestes a correr, mãos ágeis e fortes me seguram. Berro, desesperada, principalmente pela dor. Debato-me ferozmente, enquanto o homem me segura com força, pressionando-me contra seu corpo.

— Acalme-se!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu ainda me debato, movida pelo medo e desespero.

— PARE! — A voz imperiosa de Tom me faz parar no mesmo instante. Tento enxergá-lo na escuridão e percebo que realmente é ele quem está aqui.

— Tom?

— Sim, sou eu. Acalme-se! Era apenas um teste e você sobreviveu a ele.

Arregalo os olhos, gradativamente, enquanto tento vê-lo no escuro.

— Por que fez isso? — questiono-o, ainda muito ofegante, mas ele nada responde. Apenas me puxa pelo braço, suavemente, levando-me para um

PERIGOSAS ACHERON

caminho repleto de neve, até chegarmos ao interior de sua casa novamente.

Assim que meus pés tocam o chão quente, encaro-o com uma expressão interrogativa. Ele ergue as sobrancelhas e sorri cinicamente.

— Três minutos e cinquenta e nove segundos!

Minhas sobrancelhas se unem sem entender.

— Do que está falando?

Ele se aproxima de mim, parando com o corpo rente ao meu.

— Estou falando do tempo que você levou para chegar até a saída. Poderia ter sido mais rápida!

Com base na raiva que sinto, sei que minha
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

expressão facial se distorce.

— Você me enganou!

Ele sorri, negando com a cabeça.

— Prometi cuidar de sua segurança e é exatamente isso que estou fazendo!

— Mas eu estou ferida!

— Sim. Eu sei! No entanto, se alguém vier até aqui para tentar matá-la, não irá se preocupar se você está ferida ou não.

Inspiro profundamente, fecho os olhos e esvazio os pulmões lentamente.

— Você deveria ter me avisado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se avisasse, você não teria coragem de passar por aquele caminho.

Eu me calo, pois sei que ele tem toda razão. Não imaginei que, já no primeiro dia, teria que enfrentar algo tão ruim.

— Ainda estou muito assustada. Preciso de outro banho, outro curativo e cama!

— Tudo está em seu quarto. Espero que você durma bem, Laura!

Não respondo. Apenas me afasto e subo as escadas.

PERIGOSAS ACHERON

DAN WALKER

Embora seja começo do inverno em Dubai, os termômetros marcam 28° C. Um inverno bem quente para quem está acostumado às baixas temperaturas de Nova York. Dizem que, no verão, a temperatura aqui pode ultrapassar facilmente os 55° C. Nas ruas não há calçadas, já que não há pedestres loucos se aventurando sob esse calor insuportável.

Estou em uma casa, onde montamos uma rede de monitoramento. Equipamos tudo com as melhores tecnologias para encontrar o alvo. Este é o terceiro dia consecutivo que venho até o porão onde está meu prisioneiro. Um homem bilíngue, o

mais recente "braço direito" de meu último alvo. Um empresário multimilionário, árabe, a quem estou investigando. Uso a mesma técnica que utilizava na agência de inteligência, mas, até agora, não consegui nada. Não posso matá-lo, já que, por enquanto, é o único que pode me levar até Ayman Zahir.

Neste momento, entre mim e meu prisioneiro há apenas o silêncio. Estamos dentro de um quarto escassamente iluminado, apenas pela luz de um abajur que improvisamos no porão.

— Por que está aqui se eu disse que nem sob tortura falarei qualquer coisa?

Tiro os olhos do jornal que não estava lendo e observo o homem que, pela primeira vez em três dias, fez uma pergunta. Ele está curioso, já que não

PERIGOSAS NACIONAIS

usei de força bruta em momento algum para obrigá-lo a falar. Estou trabalhando seu psicológico.

— Fale quando quiser, eu não tenho pressa — digo, voltando minha atenção ao jornal. Ele não diz nada, mas sinto seu incômodo; algo me diz que ele pensa, finalmente, em falar. Nos três dias anteriores, fiz exatamente a mesma coisa que estou fazendo agora, com o intuito de fazê-lo pensar se vale mesmo a pena morrer por aquele homem. Apesar de que isso não será mais escolha dele.

— Percebi que não tem pressa.

Ergo os olhos e dobro novamente o jornal, esperando que meu prisioneiro continue.

Ele solta o ar pesadamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele me usa feito um escravo.

Surpreendo-me com o que ele diz a respeito de seu patrão.

— Ele usa todo mundo! — digo, tentando ser amigável, omitindo o fato de que serei seu assassino. — Ele não merece tudo que tem. Você é um mero empregado que, assim como os outros, pode ser descartado a qualquer momento.

Ele anui, examinando minha expressão impassível.

— Não sei quem é você, mas, provavelmente, ele deve ter feito algo que destruiu sua vida.

Pisco algumas vezes, mantendo-me frio, porém, meu corpo está rijo feito metal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Ele fez! — abstenho-me de dizer o motivo de minha obsessão por matar aquele homem.

— Vou dizer onde ele está.

Franzo o cenho, concentrado para ouvir a informação que está por vir. Não o encontrei em lugar algum em Dubai, mas nossos radares não acusaram sua saída daqui.

— Primeiro, ele não utiliza seu nome verdadeiro. Aqui, ele é um Sheik. Um empresário do petróleo muito respeitado chamado Khalil Naji.

Ele não disse qualquer novidade até agora, mas acabou de confirmar minhas suspeitas de que Khalil Naji é o meu alvo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual dos inimigos é você? — pergunta, mas, pela sua calma, sei que faz ideia de quem seja eu. Afinal, Ayman Zahir deve ter dito isso algumas vezes. Ou muitas.

— Walker!

Ele arregala os olhos gradativamente.

— Você é o responsável pela morte de todos os irmãos de Zahir. Desde 2012, cada um deles foi eliminado por você. Mohamed era o irmão que restava.

— Não. Eu não matei todos os irmãos. Eles eram terroristas e mereciam morrer. Agora falta acabar com a vida de Ayman Zahir.

O homem me analisa minuciosamente, mas eu o

PERIGOSAS ACHERON

tenho nas mãos. Estou tão concentrado como um jogador de pôquer.

— Você pensou em tudo. Investigou-nos e agora ele acha que eu estou em uma viagem ao Sudão.

Assinto com a sua demora em perceber como pensei em cada detalhe antes de pegá-lo.

— Parece que você mantém contato com outros homens. Eles acham que tudo está correndo bem!
— informo-o e ele sopra o ar com força.

— Então mate-o!

— Você precisa me dizer exatamente sua localização.

O homem aperta os olhos, parecendo sentir-se
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

culpado, mas, ao mesmo tempo, louco para se livrar deste lugar. As dúvidas e medos estão sendo confrontados em sua mente agora.

Espero, pacientemente, que ele fale sem que eu pergunte mais uma vez.

— Provavelmente, agora, ele está embarcando para os Estados Unidos.

Pisco algumas vezes, incrédulo diante do que ouço. Steve e alguns dos meus melhores investigadores estão ouvindo nossa conversa agora. São os mesmos homens que deveriam ter encontrado Zahir em lugar algum, os melhores com quem eu poderia contar. Mesmo assim, mesmo com a melhor equipe em minha retaguarda, meu alvo conseguiu escapar, embarcando para os Estados Unidos sem ser visto. Provavelmente ele já sabia

PERIGOSAS ACHERON

sobre nossa presença aqui.

— Em que lugar ele pretende ir? — questiono com um tom de voz acima do normal e ele solta o ar pesadamente, encarando-me fixamente nos olhos.

— Aspen.



Subestimei um traficante de armas, terrorista, irmão de alguns dos maiores do mundo e responsável pelo único ataque que destruiu a minha vida. Zahir ou "Khalil Naji" me enganou e, por esse motivo, estou dentro de um Bugatti acelerando pelo trânsito de Dubai em direção ao aeroporto. Steve está com o prisioneiro, enquanto meus agentes localizam o número do voo de Khalil. Se meu prisioneiro estiver realmente certo, ele está prestes a embarcar.

O aparelho de rádio acoplado ao painel do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

automóvel, o qual está conectado aos fones em meus ouvidos, emite um som agudo. Com apenas uma das mãos, mantendo os olhos atentos ao trânsito, ligo o viva-voz.

— Encontraram o alvo? — inquirio.

— *Empresa Emirates. Uma parada em Chicago e, se não houver atraso, ele estará em Denver por volta das cinco horas da tarde de amanhã.* — Ouço atentamente as informações vindas de um de meus informantes mais antigos, enquanto costuro em alta velocidade pelas ruas de Dubai.

— *Walker, ele já está dentro do voo! Não há nada que possamos fazer por agora!*

Comprimo a mandíbula com força, enquanto meu pé alivia, gradativamente, o pedal do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acelerador. Encosto o veículo e fecho os olhos. No mesmo instante ouço as buzinas dos carros que formam uma fila atrás de mim. Soco o volante algumas vezes, irado comigo mesmo pela falha que cometi.

Eu não pude chegar a tempo!

Arranco os fones de ouvido com brutalidade e alcanço meu aparelho celular no bolso da calça, ligando imediatamente para Steve.

— Walker, já estou providenciando o próximo voo, mas ainda não consegui falar com Thomas.

— Continue tentando. Ele precisa tirá-la de lá agora.

Ouço sua respiração pesada.

PERIGOSAS ACHERON

— *Sim, estou tentando! Descobri um ultramicrochip dentro do ouvido do nosso prisioneiro. Ele estava em contato direto com nosso alvo o tempo todo.*

— Como nossos aparelhos não identificaram isso? — questiono com perplexidade.

— *Não sei!*

— Desgraçado! — vocifero, desligando o celular e acelerando de volta para o esconderijo.

Irrompo pela porta, caminhando decididamente até meu prisioneiro. Ele está sentado em uma cadeira, com as mãos amarradas, e me observa com uma expressão assustada. Admito que foi bastante inteligente sua manobra para me driblar, mas isso custará caro para ele. É isso. Ele usou minha

PERIGOSAS NACIONAIS

habilidade psicológica contra mim mesmo.

Mal me aproximo, acerto seu peito com o pé direito, fazendo-o desabar de costas sobre o chão.

— Por favor, não me mate! — implora, emitindo gemidos agudos.

— Onde ele está? — interrogo, não tão paciente quanto estive nos últimos dias.

O infeliz engole em seco e gagueja antes de falar:

— Ele está a caminho de Denver. Eu juro, não menti! Ele pediu que dissesse isso para que você fosse atrás dele. Ele quer ter a honra de te matar pessoalmente e presenciar seus olhos sobre o corpo de Laura Ryder.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Inspiro profundamente e alcanço meu celular no bolso da calça.

— Vocês conseguiram identificar Zahir dentro daquele voo? — pergunto ao meu informante.

— *Sim. Está confirmado! Ele realmente está no voo para Denver!* — Diante disso, percebo que não preciso mais do verme bem diante de mim.

Encaro meu prisioneiro imaginando que estarei eliminando mais um maldito infeliz que ajuda a acabar com a vida de pessoas inocentes no mundo. Alcanço minha arma no cós da calça e miro em sua cabeça.

— Não faça isso! Eu apenas cumpro ordens!

— Se não tivesse cumprido ordens, você estaria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vivo agora! — Ele não tem tempo para argumentar enquanto disparo, acertando uma única bala bem no meio de sua testa.

Observo o corpo inerte jogado de qualquer maneira sobre o chão e me viro, caminhando rapidamente para o escritório, onde Steve me assiste através de uma TV. Quando atravesso a porta, Steve já está de pé me esperando.

— Consegui um voo para daqui a 3 horas com destino a Chicago. De lá, um avião particular te levará direto para Aspen. — Ele pausa para tomar fôlego. — Mandei nossos melhores seguranças, que já estavam por perto, cercarem a casa. Até agora está tudo bem, mas ainda não consegui contato com Thomas.

Pego o bilhete e minha maleta. Encaro Steve,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que tenta esconder sua frustração por, pela primeira vez, falharmos. Terei que ir de encontro ao meu alvo, mas, agora, sendo um potencial alvo para ele, que segue um passo a nossa frente.



Depois de horas intermináveis tentando manter a calma, a aeronave finalmente aterrissou no aeroporto de Chicago. O avião particular que me aguardava, depois de minuciosamente vistoriado, levantou voo em direção a Aspen. O tempo em que permaneci em cada um dos voos pareceu nunca ter fim, deixando-me em um estado de angústia que jamais vivenciei. Confesso que sinto algo parecido com medo; medo do que vou encontrar. Falei com Steve algumas vezes, mas ele não conseguiu

PERIGOSAS ACHERON

nenhum contato com Thomas. Isso me deixa cada vez mais convencido de que aquele desgraçado já conseguiu pegar Laura. À minha mente, vem com frequência a imagem de Laura ferida e morta por aquele homem.

Desvio meus pensamentos tentando encontrar um equilíbrio. Perder a razão pode colocar tudo a perder, mas em minha mente vejo apenas os olhos intensos de Laura implorando para ficar perto de mim. No mesmo instante em que a deixei pegar aquele voo para Aspen, soube que era a decisão mais errada que eu poderia ter tomado. Eu deveria ter lhe dito que estou completamente intoxicado por seu cheiro, pela sua presença... por ela.

Só aceitarei sua morte, quando a vir. Aliás, jamais aceitaria a sua morte. Eu a quero comigo, como jamais quis qualquer outra mulher na vida e o

fato de imaginar que alguém tenha feito algo muito ruim contra ela deixa-me completamente doente.

Não estou vestido adequadamente para enfrentar o frio de Aspen, mas isso é o que menos importa neste momento de tensão. Quando meus pés caminham sobre a neve em direção a um *Porsche Cayenne* preto, um homem sai do veículo e me entrega a chave sem perguntas.

Faço uma vistoria breve e logo estou acelerando em direção ao endereço de Thomas. Meus homens já revisaram os arredores da casa e garantiram-me que não há qualquer movimento anormal. Nenhum deles foi autorizado a se aproximar muito, já que isso pode provocar algo muito pior. Se Zahir conseguiu dar um jeito de não ser visto em Dubai, pode também ter conseguido entrar na casa sem ser visto.

O GPS me leva em direção a uma bela casa, em meio aos pinheiros cobertos de neve. O telhado, assim como tudo à volta, tem uma coloração branca. Antes de me aproximar, estaciono o carro a alguns metros de distância. Tudo parece estranhamente calmo.

Alcanço meu celular no bolso da calça e ligo para Steve.

— *Walker.*

— Já estou próximo a casa, mas não há nada aqui.

— *Eu os perdi nos radares. Não consigo comunicação há mais de 30 minutos.*

Enquanto ouço suas palavras, já estou

PERIGOSAS NACIONAIS

destravando meu silenciador.

— Eu vou entrar!

— *Não faça isso. É arriscado!*

— Ordene aos seguranças que se aproximem da casa! — Desligo o aparelho, sem esperar resposta, andando a passos largos até o lugar. Enfio-me entre arbustos e pinheiros ao redor da casa, completamente atento a qualquer ruído.

O silêncio me deixa em estado de alerta total, mas continuo andando, à procura de uma entrada nos fundos. Vejo uma porta aberta e, mesmo sabendo que isso é suspeito demais, decido entrar. Levo minha arma em punho e sinto a presença de meus seguranças, que cercam a casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tudo me leva a supor que há alguém me esperando lá dentro. Entro, andando vagarosamente, passando pela cozinha. Quando estou prestes a correr em direção a uma escada de madeira, sou surpreendido por tiros. Muitos tiros vindos de todos os lados. Jogo-me ao chão, atrás da ilha da cozinha, enquanto ouço rajadas de metralhadoras destruindo todo o local. Não há o que fazer, apenas me protejo dos fragmentos que caem sobre mim, vindos de todos os lados.

Por que esperaram eu entrar para atirar em mim? Sim. Eles querem me aterrorizar antes de tentarem, de fato, me matar!

Quando menos espero, tudo para e eu fico em silêncio, perguntando-me se meus seguranças deram um jeito de acabar com isso. Sigo até a janela, pela lateral, e deparo com alguns homens

PERIGOSAS ACHERON

caídos na neve. Eles não são meus seguranças e estão mortos.

Neste momento, sinto apenas as fortes batidas de meu coração. Decido me arrastar em meio à destruição, até alcançar as escadas, com o intuito de me certificar de que não há mais alguém por aqui. Olho para cima, analisando o tempo em que eu levaria para chegar lá. Penso que não há mais o que fazer. Preciso arriscar, já que está claro que Zahir me quer vivo. Eles não vão atirar! Zahir quer ter a honra de fazer isso sozinho.

Encho os pulmões e corro pelas escadas, alcançando o andar superior. Encosto-me à parede com a arma em punho, examinando o pequeno corredor que leva a duas portas. Ambas estão abertas e, à medida que me aproximo, no chão, do outro lado da cama, pés femininos vão se

revelando. De onde estou, não consigo ver o corpo. Seus pés estão imóveis e meu coração gela, assim como todo meu corpo.

Mantenho a calma, ainda atento a tudo, e entro no quarto com os olhos sobre as pernas delicadas e sujas de sangue. Meus olhos sobem para a saia rasgada e logo para as mãos amarradas. Sinto um calafrio, notando que o corpo é exatamente como o de Laura. Seu rosto está coberto por um tecido, mas a imobilidade dos membros e a palidez da pele dão a impressão de que está morta. Fecho os olhos momentaneamente, sentindo uma dor dentro de mim, que há anos não sentia. Uma dor semelhante à que senti anos atrás. Não há qualquer possibilidade de o corpo diante de mim estar vivo.

— Sim. Ela está morta! — A voz rouca surge inesperadamente atrás de mim e eu me viro com a

arma em punho, direcionada bem à cabeça do homem que eu presumo ser Zahir. Mantenho a aparência fria, mesmo que o homem diante de mim tenha acabado de me matar por dentro. Zahir está exatamente como vejo nas fotografias e vídeos. Seus cabelos são negros e ele continua usando uma barba comprida e bem aparada. Seu rosto estampa maldade, e seus olhos, sede de vingança. Ele não faz a menor ideia do quanto desejei estar frente a frente com ele. Agora, sinto esse desejo multiplicado por mil e, por mais que esteja em desvantagem, ainda pretendo matá-lo. Vou matá-lo, mesmo que isso custe minha própria vida.

— Não me importo! — minto, para manter a frieza e a sanidade em minha voz. Ele sorri com sua arma apontada diretamente para a minha cabeça.

— Sim. Você se importa. Laura Ryder foi

estuprada antes de ser estrangulada por mim.

Suas palavras me causam dor, mas ainda mantenho a calma, conforme aprendi durante minha vida.

— Tenho pessoas cercando a casa e é impossível para você escapar vivo daqui, Walker.

— Eles já foram mortos! — informo calmamente e Zahir pisca algumas vezes em descrença.

— Tudo bem. Eu enfio uma bala em seu crânio e você pode me matar! — digo, desafiador.

Ele ergue as sobrancelhas e eu mantenho minha expressão de frieza e maldade, como de costume.

— Eu sei que você já teria me matado se
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quisesse, Daniel Walker!

— Eu teria. Se tiver sobrado algum de seus homens para atirar em mim, meus dedos ainda terão tempo para atingir a sua têmpora — informo-o calmamente. Ele demonstra uma agitação quase imperceptível, mas eu noto.

— Sabe qual foi um de meus maiores prazeres na vida?

Não respondo, enquanto meu dedo luta para não apertar o gatilho.

— Ter matado seu pai! — completa.

Meu controle, quase intocado, começa a se fragilizar; sei que irá desaparecer se ele continuar a dizer estas palavras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi em novembro de 2012. Ação de Graças, um dia feliz em Nova York...

Aproximo-me dele, e nossas armas agora se cruzam. Sua arma aponta para a minha cabeça, e, a minha, para a dele. Estou firme, mas ele parece tremer levemente. Como um cão farejador, sinto seu medo e, com um único movimento, chuto brutalmente sua barriga fazendo-o despencar no chão. Sua arma dispara acertando meu ombro de raspão, mas alguém atira em sua mão, fazendo com que ela voe para longe. Olho para a porta e deparo com Thomas, completamente ensanguentado e ofegante, com uma arma em punho.

— Ele é todo seu, Walker. Ajudei seus seguranças a matar seus malditos homens; eles cercavam a casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Surpreendo-me com a rapidez de Thomas e volto minha atenção para o homem que sempre desejei matar; para meu maior e último alvo.

— Não faça isso, sou um Sheik do petróleo muito respeitado. Muitas pessoas virão até você — implora com uma voz apavorada.

Eu, com a minha automática em punho, apenas observo o homem que destruiu minha vida naquele ataque consumado no Dia de Ação de Graças; o homem que não faz a mínima ideia de que não só matou meu pai, mas também minha razão de viver.

— Ninguém virá atrás de mim, sabe por quê? Porque eu os matei, um a um. Mohamed foi o último maldito. Você é o único desgraçado que me restou! Agora, quero apenas que você se junte a eles no inferno. — Dito isso, aperto o gatilho e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atiro, uma única vez, na têmpora direita, fazendo com que sua cabeça se choque contra a parede e o seu sangue escorra por ela.

— Acabou! — sussurro, mas não há sentimento algum em minhas palavras. Não me sinto aliviado por isso.

Olho para a porta e vejo Thomas caído ao chão, pressionando fortemente sua barriga. Ele lutou por uma causa alheia e agora está morrendo. Corro até ele, rasgo a manga da minha camisa e pressiono sua ferida. Alcanço meu aparelho e ligo para Steve, que atende imediatamente.

— *Walker...*

— Preciso de ajuda, reforço e o que você puder mandar. Ligue para os melhores. Thomas precisa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de atendimento urgente.

— *Já estamos chamando! E Laura?*

Fecho os olhos, apertando-os com força.

— Ainda não tive coragem... — Inspiro profundamente. — Não tive coragem de olhar o corpo com o rosto coberto ao meu lado e, pelo que tudo indica, ela está morta, Steve!

Ouç-o respirar pesadamente do outro lado da linha.

— *Eles já estão a caminho, Walker! Eu... sinto muito!*

Desligo o celular e, pela primeira vez, meus olhos se enchem de lágrimas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Preciso fazê-lo ficar acordado.

— Não durma, a emergência está a caminho! —
Minha voz está ofegante, enquanto observo-o
agonizar a minha frente, mas confesso que meus
pensamentos estão no corpo frágil e sem vida da
mulher sobre o chão.

— Eu... eu vou ficar bem! Cuide dela!

Olho para trás e observo seus pés ainda imóveis.

— Laura está morta, Thomas!

Ele força para falar com a respiração cada vez
mais escassa.

— Não. Essa não é a Laura! Eles não a
encontraram e fizeram isso para te enganar!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Abro meus olhos gradativamente com a boca parcialmente aberta.

— Vá para o closet — orienta Tom.

Minhas sobrancelhas se unem.

— Há um esconderijo lá — completa.

Eu me ergo, imediatamente, e sigo para o closet, mas, antes, decido tirar o tecido da mulher que está deitada ao lado da cama. Sua estatura é idêntica à de Laura e, assim que seu rosto é revelado, percebo que jamais a vi na vida. Há um tiro bem na testa dela e seus olhos estão abertos, inertes. Zahir, esse maldito, trouxe-a para me enganar e, por alguns minutos, conseguiu.

Corro para o closet, entrando por uma porta

PERIGOSAS ACHERON

estreita e passando por um tubo ainda mais, que me leva a um pequeno quarto. Assim que entro, vejo-a enlaçando os joelhos com os braços, o corpo nitidamente trêmulo. O local é bem ventilado e protegido de qualquer tipo de som. Sua cabeça se ergue com o susto e, assim que me vê, Laura pula sobre mim, como se não pudesse acreditar que estou aqui. Seus braços me envolvem em um abraço forte.

— Você está vivo! — Ela chora e eu retribuo seu abraço bem-vindo. Aperto-a, sentindo-a e ignorando o cubículo onde estamos. Meu coração está acelerado e saber que ela está viva e bem traz-me um novo fôlego para viver.

— Acabou. Matei meu último alvo. — Seguro seu rosto com as duas mãos, observando seu semblante aflito. — Vamos sair daqui. Você ficará

PERIGOSAS NACIONAIS

comigo!

PERIGOSAS ACHERON



É fim de tarde e chegamos à minha casa de vidro em Long Island. Durante todo o percurso, desde que saímos de Aspen, escondidos das autoridades, até chegar aqui, Laura esteve em alerta, mas calada. É a primeira vez, desde que a conheci, que desejo muito ouvir suas perguntas inconvenientes; gostaria de ouvir sua voz, mas ela permanece calada. Além da adrenalina, que, provavelmente, ainda corre em sua veia, Laura está, aparentemente, em estado choque.

Ela se senta no espaçoso sofá da minha sala de

estar, dobrando os joelhos, fixando os olhos em um ponto específico a sua frente.

— Diga alguma coisa! — Decido quebrar o silêncio. De pé, com as mãos casualmente enfiadas nos bolsos da calça, observo-a. Finalmente, ela faz contato visual. O sorriso aparece tão rápido e sutilmente, que, se eu tivesse piscado, não o notaria.

— Espero que Tom fique bem! Ele salvou a minha vida — diz e eu concordo com a cabeça, mesmo sentindo um incômodo ridículo e irracional devido a sua preocupação por outro homem.

— Ele ficará bem. Não se preocupe!

Ela respira profundamente e agora me observa com curiosidade, como se quisesse dizer algo, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

não tivesse coragem. Eu cruzo os braços e a observo, dando “sinal verde” para que ela diga de uma vez o que a atormenta.

Como se tivesse lido meus pensamentos, Laura faz um barulho com a garganta, indicando que vai falar.

— Acabou? Digo, sua missão está encerrada? Eu estou livre para fazer o que quiser sem que alguém esteja atrás de mim?

Aproximo-me dela, sentando-me ao seu lado no sofá. Apoio meus cotovelos sobre os joelhos e viro meu rosto para encará-la.

— Sim. Acabou! Você está livre, Laura! — Desvio o olhar, fixando-o à frente. — Mas não quero que vá! — confesso, voltando minha atenção

PERIGOSAS ACHERON

a ela.

— Eu não quero ir, mas... — Hesita por um momento, também apoiando seus cotovelos sobre os joelhos. Ficamos os dois observando os móveis e a decoração, mas não estamos prestando atenção em nada disso. — Quanto tempo você vai me querer aqui? Afinal, o que somos um para o outro? — Sua pergunta me faz encará-la com curiosidade. Ela me olha de volta com uma expressão assustada e eu comprimo a mandíbula sem saber o que responder.

— Eu não sei. — Encaro-a rapidamente, mas logo desvio o olhar, tentando entender o que está de fato acontecendo comigo em relação a Laura.

— Eu tenho que voltar para minha casa, resolver minhas pendências, mas confesso que não

quero enfrentar o vazio de um lugar onde tudo que resta são lembranças.

— Então não volte — digo, e ela curva os lábios em um sorriso breve.

— Eu quero você, porque eu não saberia como viver sem a sua presença — confessa, soltando o ar, observando-me por alguns segundos. — Eu me apaixonei por você, Dan Walker. — Suas palavras me fazem enrijecer o corpo, encarando-a com intensidade. Eu me levanto e ela balança a cabeça, abaixando-a como se tivesse se arrependido de suas palavras. — Desculpe. Eu... eu não queria dizer isso, mas....

— Eu também — interrompo-a e, quando me dou conta, estou praticamente me declarando. Laura ergue a cabeça e logo em seguida se levanta,

colocando-se rente a mim.

— Você também... O quê? — Ela sabe do que estou falando, mas quer ouvir claramente da minha boca. Porém, não sei como fazer isso. Há anos desconfigurei meu cérebro para qualquer tipo de sentimento. Eu apenas não sei como agir diante disso.

Eu não sei por que é tão difícil. Há um grande conflito dentro de mim que me impede de me abrir!

— Venha, vamos dormir!

Ela parece desapontada e isso me incomoda, mas, ainda assim, não consigo. Sei que a quero perto de mim e ela decide não pressionar.

PERIGOSAS NACIONAIS



Observo sua figura delicada dormindo, pacificamente, sobre minha espaçosa cama. São cinco da manhã e daqui tenho a vista espetacular do oceano, que se torna um belo cenário, enquanto o sol faz o seu caminho através do horizonte.

Ontem à noite, quando viemos para o quarto, eu deveria ter dito a ela que a quero como jamais quis qualquer outra mulher. Porém, fui covarde e deixei que ela me contasse sobre o que passou nos últimos dias. Também conversamos sobre nossas vidas. Aliás, Laura foi a única que falou sobre sua vida. Contou-me sobre como confiava em seu amigo e como se sente culpada pela morte do pai. Antes que ela pudesse ter a chance de fazer suas perguntas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

impertinentes, caiu em um sono profundo e não demorou muito para que eu dormisse também. Estávamos extremamente cansados.

Dormi o suficiente, até ser acordado pelo cheiro intoxicante da mulher ao meu lado. Confesso que me controlei para não tomá-la no meio da noite. É como se eu dependesse dessa ligação entre nós. É como se Laura fosse minha droga. Estou acordado desde as quatro da manhã e não há como não reconhecer que estou absolutamente cativado por essa mulher.

Steve já está a caminho, e Thomas, internado em um hospital em Aspen, onde recebe todo o tratamento que merece. Ele cumpriu com sua palavra e cuidou de Laura sacrificando a própria vida, algo que nem o amigo e colega de trabalho dela foi capaz de fazer. Tom foi torturado por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alguns daqueles homens de Zahir para dizer o paradeiro de Laura, mas se manteve firme até o fim. Quando encontrou uma brecha, agiu, usando as habilidades adquiridas na Marinha. Ele soube agir na hora certa e não corre risco de morte, embora tenha levado dois tiros tentando se livrar dos invasores.

As autoridades chegaram tão rapidamente, que eu tive que sair pela passagem secreta com Laura. Não queria tornar a vida dela ainda mais difícil, obrigando-a a depor sobre algo em que não deveria ter se metido.

Thomas se tornou o autor da morte de Zahir e, provavelmente, ganhará uma condecoração por ter matado um homem que se escondia através de uma identidade falsa e muito dinheiro, mas que, na realidade, era um perigoso traficante de armas e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

terrorista procurado pelo governo americano. A jovem morta era uma prostituta, que pagou um preço muito alto ao se envolver com uma pessoa tão execrável.

— No que está pensando? — A voz rouca de Laura se infiltra em meus pensamentos e eu volto a observá-la, com minha habitual expressão séria.

— Pensando em como vou me livrar de você!

Ela arregala os olhos, acreditando em minhas palavras.

— Achei que você me quisesse aqui, mas posso ir para a minha casa hoje mesmo! — Ela se afasta, mas minha mão segura seu pulso impedindo-a de sair.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será que você não percebeu até agora? —
questiono-a, sem demonstrar qualquer resquício de
sentimento em minha voz. Ela parece confusa, mas
não se afasta.

— Que você é bipolar?

Um sorriso escapa dos meus lábios, mas eu
nego com a cabeça, trazendo seu corpo
delicadamente para perto do meu.

— Será que você ainda não percebeu que eu não
consigo me afastar de você, Laura Melyssa Ryder?

Ela hesita, mas, segundos depois, curva os
lábios num sorriso doce, encostando a testa na
minha.

— Eu nunca quis me afastar! — confessa e eu

PERIGOSAS ACHERON

me sinto culpado por isso.

— Eu nunca quis que se afastasse!

Ela não diz nada em resposta e, em vez de me declarar, eu a beijo, profunda e tão inesperadamente, que ela demora alguns segundos para assimilar e retribuir.

Puxo sua nuca e meus dedos estão envoltos pelo emaranhado de cabelos castanhos. Minha língua procura a sua tão desesperadamente, que, quando percebo, já estou sobre ela. Separo meus lábios, encarando-a ofegante.

— Preciso estar dentro de você, Laura! — confesso, com a respiração entrecortada, e ela me incita, com os olhos castanhos provocantes.

— Preciso que você esteja dentro de mim, Dan Walker! — e o que ela diz me deixa ainda mais duro e completamente enervante.

Deliberadamente, alcanço seu cabelo macio e puxo-o gentilmente para trás. Ela geme quando minha língua faz o caminho até alcançar seus seios. Trabalho avidamente com minha boca através de seu corpo e ela arqueia, dando-me livre acesso. Eu a saboreio, voltando meu rosto e posicionando-o rente ao dela. Encaro-a fixamente nos olhos. Inesperadamente, Laura acaricia meu rosto, meus cabelos, e isso, de alguma forma, faz-me sentir bem. Gosto do modo como ela me toca.

Retiro sua calcinha sem pressa e separo suas pernas, encaixando meu corpo entre elas. Em questão de segundos, penetro-a profunda e asperamente, fazendo-a gemer alto. Seus braços

PERIGOSAS NACIONAIS

estão espalhados sobre sua cabeça e eu seguro suas mãos, entrelaçando meus dedos com os dela, criando uma ligação forte entre nós. Empurro com força, como se isso fosse uma necessidade vital. E talvez seja. Não há a possibilidade de querer estar em outro lugar agora.

— Quero-a de costas! — ordeno, arfante, e, sem que ela tenha tempo de dizer algo, viro-a, fazendo com que suas nádegas fiquem voltadas para mim. Duro e muito ofegante, passeio minhas mãos sobre seus ombros, até alcançar suas nádegas empinadas. Saboreio novamente os lábios entre suas pernas e, em seguida, a penetro tão ou mais asperamente que da outra vez. Gememos juntos e não há palavras para descrever o que estou sentindo agora.

Gotas de suor caem sobre meu abdômen, enquanto eu me afundo nela repetidas vezes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando dou por mim, nossas bochechas estão pressionadas uma na outra. Invisto cada vez mais rápido. Não emitimos qualquer ruído, com exceção do som de nossas respirações extremamente ofegantes. Quando estou à beira do ápice, desacelero, ficando em um ritmo mais lento tentando senti-la o máximo que posso.

— Laura. — Minha voz falha e ela apenas emite um som incoerente em resposta.

Retiro meu membro abruptamente de dentro dela.

— Não há — sussurro em seu ouvido, afundando com força — outro lugar em que eu queira estar... — repito o movimento mais uma vez — no mundo, senão aqui... — mais uma vez, eu a penetro — dentro de você — digo, completamente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

exausto e continuo o movimento desesperado, até que não posso mais me conter e entro em um estado de total êxtase. Solto um grunhido grave por vários segundos, afundando nela, até que minhas forças se esgotam.

Meu corpo desaba sobre o dela e nosso suor se mistura, assim como nosso cheiro. Estamos impregnados um no outro, apenas sentindo e sem conseguir formar uma única palavra.

Afasto-me, ficando ao seu lado e encarando o teto. Segundos depois, ela se vira para me observar. Eu a vejo de soslaio e não posso deixar de notar um sorriso impresso em seu rosto. Viro meu pescoço para encará-la e gosto do que vejo. Fios de cabelo estão presos sobre sua face, enquanto ela ainda sorri para mim. Retiro os fios, um a um, lentamente, sem fazer contato visual.

PERIGOSAS ACHERON

— Dan...

Eu finalmente a encaro.

— Você nunca diz nada, mas eu posso sentir tudo. O que sinto é muito maior e mais significativo que qualquer palavra que você possa me dizer.

Eu engulo em seco, surpreso com a sua constatação, silenciosamente surpreso.

— Eu sinto que você me quer e sei que se sente da mesma forma em relação a mim.

Aproximo-me dela até que nossas testas se toquem.

— Você está certa! — confesso e Laura pisca algumas vezes surpresa. — Não sou bom em
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

expressar com palavras o que sinto, mas,
definitivamente..., você está certa!

PERIGOSAS ACHERON



Acordo sobressaltada, quando ouço o barulho da porta se fechando. As cortinas do quarto estão fechadas, dando-me a impressão de que ainda é noite. No entanto, sei que caí no sono pela manhã, depois de ter sido praticamente devorada por Dan Walker sobre essa cama. Agora cá estou, sozinha e sentindo muita falta do intenso calor de seu corpo.

Espreguiço-me e logo me ergo, observando a luminosidade gerada pelo moderno abajur ao meu lado. Enrolo o lençol branco ao redor de meu corpo nu e caminho, silenciosamente, até alcançar a porta

PERIGOSAS NACIONAIS

dupla que leva ao corredor. Caminho, passando pelas portas fechadas e paro em frente a uma delas, que está apenas encostada. Aproximo-me ouvindo com mais clareza a voz de Dan.

Ele está aqui.

Seu tom é exaltado, enquanto fala ao telefone.

— Isso não é o suficiente, Steve! Talvez ele tivesse noção da nossa localização o tempo todo.

Olho para o vão da porta, perguntando-me se devo entrar para acalmá-lo, mas temo que isso o deixe ainda mais nervoso. Contenho-me e me afasto, mas, quando estou prestes a me virar, a porta se abre e Dan Walker surge, apenas de cueca, com uma expressão séria e ao mesmo tempo sombria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que faz aqui, Laura? — questiona brandamente como se suas emoções fossem acionadas por um interruptor. Ele está aparentemente calmo agora.

— Ouvi a porta bater. Você saiu do quarto e...
— Inspiro profundamente, encarando-o nos olhos.
— Quero saber o motivo de tanto nervosismo.

Ele contrai a mandíbula, inspira o ar e o solta pesadamente, enquanto fecha os olhos por alguns segundos. Quando os reabre, puxa-me tão inesperadamente rápido, que meu corpo se choca contra o dele. Abraça-me forte como se isso fosse acalmá-lo de alguma forma. Fico surpresa com essa reação, tão incomum vinda de um homem que não diz o que sente, mas confesso que eu estou gostando. Aos poucos, ele está se abrindo para mim.

PERIGOSAS ACHERON

Encosto minha cabeça sobre seu peito rijo e nu, sentindo seus lisos pelos fazerem cócegas em minhas bochechas. Seu coração está acelerado e sinto que ele está a ponto de explodir por dentro.

— Steve disse que três dos nossos homens que estavam em Dubai foram misteriosamente mortos.

Sinto que minha garganta se contrai e meu coração acelera. Não digo nada, apenas deixo que ele continue.

— Assim que Steve pisou em solo americano, recebeu a notícia de que invadiram nosso esconderijo e os mataram antes mesmo que pudessem reagir. Porém, nas investigações que fizeram, não pareciam homens de Zahir. Pelas imagens, parecem ocidentais. Steve ainda acha que foi a mando de Zahir — informa, com os dedos

presos entre os fios dos meus cabelos. Eu o abraço pela cintura, apertando-o, ainda com as bochechas pressionadas ao seu peito, que cheira tão bem. Estou tentando encontrar um modo de acalmá-lo, mas sei que isso só será possível quando ele descobrir quem de fato eliminou aqueles homens.

Ele se afasta, segura meus ombros e fixa os olhos nos meus.

— Eu vou descobrir isso. Zahir está morto e, se alguém que trabalha para ele encontrou aquele esconderijo, pode ter sido o fim. Eles não virão atrás, porque sabem que irão morrer. — Dan me acalma com suas palavras, e eu posso respirar novamente.

— Espero que vocês consigam descobrir o quanto antes — sussurro, abraçando-o novamente

pela cintura.

Eu não quero mais sair daqui!

— Espero que você tenha descansado. Amanhã mandarei um representante legal para lidar com seus problemas.

Sorrio com o conhecimento de que ele, mesmo tendo ainda seus próprios problemas a enfrentar, faz de tudo para me ajudar.

— Se for seguro, prefiro ir pessoalmente. Preciso estar lá para resolver minhas pendências com a emissora onde trabalhei. Preciso regularizar minhas documentações, ir a minha casa e embalar meus pertences.

— O que pretende fazer com a casa? —

questiona, com sua voz controlada.

— Vender. Assim como seu pai, o meu também me deixou, em vida, tudo o que possuía.

Ele ergue as sobrancelhas, parecendo surpreso.

— Bom. Assim será mais fácil!

Aceno, concordando com a cabeça.



Nos dois dias seguintes, Walker ficou ocupado com Steve. Eles tentavam descobrir se Zahir realmente havia descoberto seu esconderijo, antes de morrer, e se fora ele o responsável pelo assassinato dos homens que trabalhavam lá.

PERIGOSAS NACIONAIS

Chegaram à conclusão de que sim, os assassinos eram homens do terrorista. Isso quer dizer que não temos que nos preocupar, pois, já que o mandante está morto, eles não arriscarão suas vidas tentando nos encontrar. Mesmo assim, Dan e seu parceiro trabalham incansavelmente para descobrir suas identidades.

Tive notícias de que Thomas está tendo uma ótima recuperação e em breve poderá voltar a ter uma vida normal. Se ele não tivesse me preparado para me esconder, certamente eu estaria morta no lugar daquela prostituta que foi assassinada sem saber o motivo. Tive que superar meu medo de lugares fechados e acabei me saindo bem no fim das contas.

Combinei com Dan que hoje iria resolver a minha vida e é exatamente isso que estou fazendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agora. Estou de volta a Springfield. Ele não pôde me acompanhar, devido às suas investigações, mas, mesmo garantindo que estamos fora de perigo, fez questão de enviar seguranças treinados comigo. Viemos de helicóptero, o qual foi minuciosamente vistoriado pelo próprio Dan, e, em poucos minutos, já estávamos aqui.

Regularizei minha situação de indigente, retornando ao mundo dos cidadãos documentados. Agora tenho um celular que eu mesma fiz questão de comprar e me comunico com Dan sempre que posso. Decidi ficar em um hotel e, depois de ter resolvido minhas pendências financeiras com a emissora, já posso descansar. Eles pareciam envergonhados com o que fizeram ou o que deixaram de fazer para me ajudar. Porém, não me ofereceram meu emprego de volta e Christian não estava por lá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus colegas ficaram surpresos ao topar comigo, mas nada disseram para me consolar. Achei que eu tivesse amigos, mas Dan estava certo quando disse que eu não tenho. Descobri que todos ali na emissora estão com muito medo de que eu atraia pessoas ruins para perto deles. Todos pareciam nervosos em minha presença; nada de abraços ou palavras de consolo pela situação que vivi ou pela morte do meu pai. No fim, as únicas pessoas que de fato fizeram tudo por mim nunca haviam me visto antes.

Eu poderia mover um processo contra a emissora, mas não valeria a pena passar por tudo novamente apenas por uma indenização. Sei que tenho muitos direitos pelo que houve comigo na Somália, mas decidi apenas receber o que me devem e nunca mais colocar meus pés naquele lugar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os seguranças foram orientados a manter discrição e ficarem afastados de mim, para não causar estranheza em público. Depois de fazer o *check-in*, já estou em meu quarto. O hotel é luxuoso e o quarto espaçoso demais para apenas uma pessoa. Mesmo que tudo esteja acabado, existe aquele medo, aquela impressão constante de que alguém aparecerá para tentar fazer algo contra mim, mesmo que essa seja uma possibilidade remota.

Alcanço meu celular na bolsa e quando olho para o visor, visualizo o nome "Dan Walker". Ele me ligou mais de cinco vezes. Retorno a ligação, que é atendida no primeiro toque.

— *Acho que você deveria conhecer a verdadeira utilidade de um telefone, Laura Ryder!*
— Pelo seu tom de voz, ele está bravo comigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fiz tanta coisa durante o dia, que não me recordei do aparelho.

Ouç-o respirar pesadamente.

— *Se não fossem os seguranças para me informar sobre você, eu não estaria aqui em Long Island agora.*

Sem que eu perceba, um sorriso escapa dos meus lábios. *Ele está realmente preocupado!*

— Eu sei. Prestarei mais atenção! Acho que me desacostumei com celulares, afinal, foram meses, quase um ano, sem utilizá-los — informo-o com a voz suave, mas triste por deixá-lo preocupado. — Sinto mu... — Inesperadamente, somos interrompidos pelo barulho que vem do aparelho telefônico do quarto. Minhas sobrancelhas se unem

PERIGOSAS ACHERON

imediatamente.

— *Não atenda!* — Dan diz em tom imperioso, do outro lado da linha, e meu coração se acelera.

— Você descobriu alguma coisa? Existe a possibilidade de que alguém esteja aqui? — Ouço novamente sua respiração forte.

— *É o seu antigo colega, Christian. Ele está no hotel e quer te ver!*

Abro meus olhos gradativamente com o que ele me diz.

— Como sabe? — pergunto incrédula, sabendo quão inútil foi a minha pergunta.

— *O idiota está aí e eu não sei como descobriu sua localização. Mas não quero que você o veja.*

— Mas eu poderia tê-lo visto na emissora, Dan!

— *Ele não trabalha mais lá!*

Ergo minhas sobrancelhas, surpresa por ele ter essas informações, porém abstenho-me de perguntar como sabe tanto; sei que Dan tem meios para isso.

— Tudo bem, não irei atender! Não tenho a mínima vontade de vê-lo, se você quer mesmo saber. — O silêncio e uma respiração de alívio do outro lado da linha me faz entender de que Dan tinha dúvidas sobre eu receber Christian aqui.

— *Vá descansar. Espero que você consiga resolver tudo o mais rápido possível.*

— Amanhã estarei em minha casa empacotando
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alguns pertences pessoais e não sairei de lá até guardar tudo.

— *Quando terminar... quero que volte, Laura!*

— E novamente suas palavras me pegam de surpresa. Não posso negar que estou agradavelmente espantada com suas reações em relação a mim. Ele realmente quer me ver!

— Amanhã gostaria de voltar, se isso não for um problema para você. — Novamente, sua respiração pode ser ouvida pesadamente do outro lado e minha vontade é de me teletransportar para seu quarto.

— *Não será, e você sabe disso!*

Os cantos de meus lábios se curvam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está bem! Amanhã, à noite, eu volto para Long Island.



A casa que morei durante toda minha vida, remete-me a lembranças boas e ao mesmo tempo dolorosas de um passado que não voltará. Sinto saudades imensas de meu pai e só gostaria que ele estivesse me esperando sobre sua poltrona favorita, assistindo à TV concentrado; gostaria de ver seu sorriso, aquele que ele sempre esboçava ao saber que cheguei bem. No entanto, vejo apenas poeira, mofo e uma grande névoa de tristeza no ar.

Levo mais de quatro horas para encaixotar uma grande parte dos objetos pessoais de meu pai,

PERIGOSAS ACHERON

incluindo documentos, e vou até a casa ao lado para despedir-me de meus vizinhos. Em sequência sigo diretamente em direção ao carro, onde os seguranças me esperam pacientemente. Apesar de certo incômodo pela falta de privacidade, confesso que a presença deles faz com que eu me sinta bem mais segura.

Peço para ser levada ao cemitério onde meu pai está e os seguranças se olham. Um deles sai do carro com um aparelho na mão. Depois de alguns minutos, retorna e finalmente partimos.

Liguei para Dan o dia todo, mas ele não me atendeu. Perguntei aos seguranças se havia acontecido algo, mas não obtive resposta. Estou preocupada, mas sei que, se ele não me atendeu, é por uma justa causa. Queria muito avisá-lo sobre minha ida ao cemitério, mas sei que os seguranças

já devem ter feito isso.

Os pingos de chuva caem sobre o vidro do carro enquanto eu observo a imagem triste passando como um borrão do lado de fora. Minutos se passam, e uma ansiedade incomum me consome. Saber que vou estar perto do meu pai novamente, mas não da forma que tanto desejei, durante todos esses meses, não está sendo fácil. O carro estaciona e eu peço que eles me esperem do lado de fora. Peço também privacidade, para que possa me despedir de meu pai e deixar as rosas que comprei no caminho. Agora, enquanto caminho lentamente entre as lápides, minha garganta parece dar um nó. A chuva fina cai sobre mim, mas eu não me importo. O frio, cada vez maior, anuncia a chegada do inverno.

Assim que avisto a lápide de meu pai, as

lágrimas rolam instintivamente e uma dor parece me consumir por inteiro.

— Pai... — sussurro e me aproximo, ajoelhando-me sobre o gramado bem cuidado e aparado. As lágrimas descem livremente. Eu coloco as rosas sobre ele, delicadamente, enquanto olho para o seu nome completo, impresso na lápide de mármore branco.

— Peço perdão por tê-lo feito sofrer enquanto estive presa na Somália, pai. Espero que você me perdoe por isso... — Começo a soluçar desesperadamente entre minhas mãos e os pingos de chuva se misturam com minhas lágrimas. Permaneço por muitos minutos assim. Quando já não há lágrimas ou forças, despeço-me dele uma última vez e me ergo. Viro-me, ainda limpando o rosto com o dorso das mãos, e paraliso. Christian

está bem diante de mim.

— Christian, o que...

— Você voltou! — Constata o óbvio, com os olhos avermelhados e uma expressão que jamais vi em seu rosto.

— O que houve com você, Christian? Qual o motivo de você estar tão...

— Drogado? — completa o que eu ia dizer e eu arregalo os olhos.

— Por que está aqui?

— Estive ontem no hotel, mas você não quis me ver.

— Vim cuidar das minhas pendências, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estou indo embora para sempre — informo-o para deixá-lo tranquilo sobre minha decisão, mas, ao invés expressar alívio, ele parece ainda mais triste.

— Não consigo esquecer você, Laura. Mesmo que você tenha desgraçado a minha vida! — diz enquanto se aproxima de mim.

— Não desgracei a sua vida, Christian. — Abraço meu corpo já sentindo o frio me consumir.

— Sou dependente de remédios, entorpecentes e álcool por causa daqueles homens que vivem me ameaçando. Tudo isso, porque sou um homem que se apaixonou pela mulher errada.

— Eles foram mortos, Christian. Eu te garanto!

Ele ri como se eu tivesse contado uma piada.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, sua idiota. Ele está vivo e não faz parte de nenhuma rede terrorista.

Franzo o cenho, sem entender o que ele quer dizer com isso.

— Do que está falando?

— De um psicopata que parece concentrado em nos ferrar por causa do homem com quem você se envolveu.

— Ele está morto — afirmo com veemência. — Não seja paranoico!

Christian esfrega os olhos exaustivamente e, quando dou por mim, segura meus ombros com força.

— Eu te perdoo! — diz com veemência,
PERIGOSAS ACHERON

enquanto seus olhos me encaram.

Pisco algumas vezes em descrença.

— Eu te perdoo por tudo que me fez passar,
Laura.

Ele está ofegante, mas não tira os olhos
perturbados dos meus.

— Venha comigo! Eu tenho muito dinheiro.
Podemos fugir do país! — Lágrimas caem de seus
olhos avermelhados. — Eu te amo!

Sei que ele não está em seu estado normal,
embora tenha confessado que é apaixonado por
mim. Ele não se parece nada com o velho Christian,
aquele que viajou comigo.

— Que tipo de droga você usou para supor que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu tenha te feito algum mal?

— Eu fui para aquele inferno por sua causa. Você é a única culpada e minha família te odeia!

Nego com a cabeça freneticamente.

— Não. Você foi porque quis, Christian! Você nos convenceu que ama esse trabalho e que amaria fazê-lo ao meu lado por gostarmos das mesmas coisas. Como pode dizer isso? — pergunto com total incredulidade na voz. Suas mãos ainda apertam meus ombros com força, mas não me machucam.

— Eu estou disposto a esquecer tudo para que possamos começar do zero, Laura. Vamos para a Austrália. Tenho tudo que precisamos. Já tracei um plano e jamais alguém nos achará.

PERIGOSAS ACHERON

— Christian...

Logo suas mãos estão segurando meu rosto e sua atitude desesperada me causa pena. Ele realmente não está bem, mas não posso entender o que de fato ocorreu. Inesperadamente, sou puxada pelo braço. Forço o corpo para trás, tentando impedi-lo de me levar, mas ele usa sua força.

— Não! Eu não vou com você, Christian!

Ele parece ignorar o que digo e continua me puxando.

— Você está me machucando! — Tento me desvencilhar, mas é inútil. Ele está fora de si agora.

— Afaste-se!

Viramo-nos ao som da voz de um dos
PERIGOSAS ACHERON

seguranças, que já aponta sua arma para Christian. Ele volta a me olhar com um ar de interrogação.

— Quem são eles? — questiona enquanto solta o meu braço.

— Meus seguranças! — informo-o, e ele ergue suas mãos trêmulas.

— Eu não irei fazer mal a ela. Só quero conversar!

Eles o ignoram e se aproximam. Não vejo razão para apontar armas para um homem como Christian. Um homem covarde!

— Afaste-se dela, ou iremos atirar!

Christian não se move, permanece como se estivesse paralisado. Eles apertam o gatilho e meus

PERIGOSAS ACHERON

olhos se arregalam.

— NÃO! — grito, tentando fazer com que eles abaixem suas armas. — Não atirem, por favor. Ele vai embora! — Encaro Christian, que, mesmo com essa expressão perturbadora, entende meu recado e se afasta.

— Eu estou indo... — Corre desorientado pelo gramado e eu o observo desaparecer de nossas vistas.

— Ele esteve em nossa mira o tempo todo! — um dos seguranças informa, mas eu não respondo. A pena que sinto é ainda maior agora.

No que o Christian se transformou?

Caminhamos calados em direção ao carro, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

logo somos surpreendidos por outro Maserati preto, o qual chega em alta velocidade, parando abruptamente. Escondo-me atrás de um dos seguranças, mas nenhum deles está apontando suas armas em direção a ele.

O carro estaciona e, para minha total surpresa, Dan Walker sai de dentro dele. Seus olhos me procuram e, quando ele me vê, corre em minha direção, parando seu corpo rente ao meu.

— Você está bem? — Ele me examina apenas com os olhos.

— Sim, mas...

— Onde ele está? Acertaram o infeliz?

Os seguranças se olham e negam com a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela pediu que não atirássemos e ele não apresentou resistência, senhor!

Dan acena e, em seguida, solta o ar.

— Vamos. Você precisa voltar comigo. Não é seguro aqui!

— Era somente o Christian! — informo, ainda incrédula de que Dan esteja aqui, bem diante de meus olhos.

— Não. Não era somente o Christian.

PERIGOSAS ACHERON

BÔNUS 24



DAN WALKER

Mesmo que não haja perigo de que alguém esteja nos perseguindo, ainda há aquela sensação estranha. A mesma que sempre tive durante meus trabalhos como agente e, depois, como um assassino contratado. O problema é que em todas elas eu estive certo.

Fizemos tudo para descobrir quem são aqueles homens que invadiram nosso esconderijo. Não descobrimos, mas as evidências que eles deixaram atestam que são homens de Zahir. Passamos meses trabalhando e analisando todos a sua volta e temos

a certeza de que, por mais que sejam homens diferentes, atuavam a mando dele.

Talvez essa sensação tenha nome e se chame Laura Ryder. Preocupação era algo inexistente em minha vida, até conhecê-la. Tudo, absolutamente tudo, retornou dentro de mim, desde que percebi que ela se transformou em algo valioso em minha vida. Por mais que eu tente fugir, é como se tudo isso ficasse cada vez mais forte. Decidi que terei que enfrentar os demônios se quiser tê-la por perto.

A tela do computador à minha frente indica cada passo de Laura. Depois que Christian esteve em seu hotel, ontem à noite, estou trabalhando para entender o que ele de fato fazia por lá. Eu já o havia investigado e sei que não teria como saber da sua visita inesperada à cidade. O colega de Laura abandonou o emprego e desapareceu por um tempo

e a razão de seu reaparecimento, justo quando ela retornou a Springfield, é um enigma.

O toque de meu aparelho celular se infiltra em meus pensamentos. Alcanço-o sobre a mesa e vejo que Steve está me ligando, fazendo com que um "V" surja entre minhas sobrancelhas. Ele acabou de deixar a minha casa.

— Esqueceu alguma coisa?

— *Alguém está me ligando de número privado, desde o momento em que saí de sua casa, até agora. Sempre que atendo, ouço risadas do outro lado da linha.*

Ergo-me imediatamente da minha poltrona.

— Quem poderia ser?

— *Estou retornando a sua casa!*

Desligo o telefone e imediatamente Laura vem à minha cabeça. Pego meu rádio e já estou em contato com um dos meus melhores seguranças.

— Ela está segura?

— *Sim, senhor!*

Solto o ar pesadamente.

— Fique atento a qualquer movimento. Estou indo encontrá-los, mas não diga nada a ela. Pode ser um alarme falso.

— *Ok.*

Todos os telefones, inclusive o meu, já estão conectados a um rastreador, mas ninguém ligou

PERIGOSAS ACHERON

depois que Steve colocou seus pés aqui. Pedi que arrumassem outro helicóptero em caráter de urgência e um carro, mas, quando estou prestes a sair, Steve segura meu braço.

— Talvez não seja nada, Walker — tenta me convencer, mas eu me desvencilho dele, saindo pela porta do escritório com o meu celular na mão.

— Não quero pagar para ver. — Encaro-o e, pelo modo como me observa, vejo que sabe que ligações desse tipo para pessoas como eu e ele são completamente suspeitas.

Algun tempo se passa, até que saio de Long Island e chego a Manhattan, onde outro helicóptero me espera. Rapidamente, porém, aterrissamos em Springfield e eu dirijo enlouquecidamente pelas ruas, em direção ao cemitério, conforme a

indicação dos seguranças. Pelos meus cálculos, eles devem estar chegando lá neste momento.

No caminho, ouço meu celular. Ele está acoplado ao painel para dar visibilidade. No visor vejo que é uma ligação privada. Pego o fone de ouvido e atendo a chamada rapidamente.

— Quem é?

— *O único culpado de ter destruído a sua vida!*

Paro de respirar quando ouço a voz de Adam do outro lado da linha. A chuva e o mal tempo me impedem de acelerar, mas ainda estou atento ao trânsito.

— Pensei que estivesse morto ou bem longe daqui. — Uso a minha voz sombria, não

demonstrando que sua ligação me causou extrema surpresa.

— *Não desisti de te matar* — declara em tom debochado e eu me pergunto o que perdi durante todos esses anos. Embora ele tenha vendido minhas informações e me entregado de bandeja para terroristas, não me dei conta de que também queria me matar.

— Pensei que você queria apenas vender e entregar minha vida para aqueles terroristas.

— *Sim, essa era realmente minha intenção, mas eu esperava que naquela explosão, na rua 14 em Manhattan, eles conseguissem te matar. Desde que você conseguiu o milagre de permanecer vivo, tudo virou para o meu lado. Recebi ameaças e tive que me aliar a eles. Sabia que ou você os mataria, ou*

matariam você.

Seguro o volante com força até tornar brancos os nós dos dedos.

— *Você venceu, Walker! Parabéns! Você me ferrou!*

— Você vende informações sigilosas do governo americano para terroristas e, quem sabe, até para outros agentes, com o único intuito de beneficiar a si próprio e ainda acha que eu ferrei com a sua vida?

— *Eu os ajudei em tudo. Até mesmo no dia em que pessoas morreram em um atentado, e você não pôde fazer nada. A vingança não foi só de um terrorista. A vingança também foi minha.*

Meu corpo gela dos pés à cabeça com essa nova informação. Adam não só ajudou, como foi um dos grandes responsáveis por destruir a minha vida, por matar pessoas e por tirar a vida daquela que eu mais amei.

— Você? — Pela primeira vez minha voz falha. Estaciono o carro e cubro meu rosto com as duas mãos. Preciso me controlar.

— *Eu te investiguei por muito tempo, Walker. Sabia de tudo que se passava em sua vida e sabia onde seu pai estaria naquele dia! Sem mim, eles nunca chegariam até seus familiares.*

— Você é ainda pior que qualquer um daqueles terroristas que eu fiz questão de matar, Adam.

— *Não. Eu ainda não terminei!* — Enquanto ele

fala, meu outro aparelho começa a vibrar no bolso da calça. Inspiro profundamente, pego-o, colocando-o no ouvido, permanecendo ainda com Adam na linha.

— *Senhor, Christian está aqui. Estamos com ele na mira, enquanto fala com Laura.*

— Qualquer movimento contra ela, atire nas pernas.

— *Sim, senhor.*

— *Eu enviei Christian até lá.*

Acelero o carro no mesmo instante em que ele diz essas palavras. Adam ainda está lá, atento a tudo que disse.

— O que você quer? — Minha voz, embora
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aparentemente calma, ganha um tom acima do normal, enquanto costuro pelo trânsito em alta velocidade. Meu coração está disparado e meu corpo gela dos pés à cabeça. Christian pode estar armado.

— *O que eu quero, Walker? Eu quero uma mulher de cabelos longos, castanhos e que, neste exato momento, está com o Christian, aquele idiota esquizofrênico de merda.*

— Por que você não vem diretamente a mim?
— Freio bruscamente quando um carro surge a minha frente. Passo pelo acostamento, saindo do trânsito e voltando a costurar em alta velocidade. Tento chamá-lo, mas o desgraçado desligou.

Quando me aproximo da rua queimando os pneus, só consigo ver meus seguranças com suas

PERIGOSAS ACHERON

armas em punho e nada de Laura. Saio do carro, com o coração disparado, e, assim que meus olhos a encontram, uma sensação de alívio me inunda. Sem me preocupar com os seguranças, corro até ela, que parece não acreditar que estou de fato aqui.

— Você está bem? — questiono-a procurando vestígios de alguma violência em seu corpo.

— Sim, mas...

— Onde ele está? Acertaram o infeliz?

Os seguranças parecem confusos enquanto se encaram.

— Ela pediu que não atirássemos e ele não apresentou resistência, senhor! — diz um deles.

Concordo com a cabeça, imaginando que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Christian sozinho não oferece perigo de fato. Porém, sei que a partir de agora teremos que ficar atentos aos seus movimentos, tendo em vista que está aliado ao meu inimigo. Tudo acaba de mudar.

— Vamos. Você precisa voltar comigo. Não é seguro aqui!

— Era somente o Christian!

— Não. Não era somente o Christian.

Puxo-a pelo braço encaminhando-a até à porta do carona e, rapidamente, tiro-a do local.

PERIGOSAS ACHERON



Não voltamos a Long Island como eu previa. Fomos direto a um aeroporto privado em Nova York onde, depois de alguns minutos de espera, levantamos voo num jato particular. Perguntei aonde vamos, mas Dan não respondeu; apenas pediu que eu confiasse nele. Bom, não importa realmente aonde vamos, contanto que estejamos juntos. Isso é o que importa para mim.

Estamos em poltronas reclináveis lado a lado, mas Dan Walker continua com dois aparelhos, notebook e tablet sobre uma mesa a sua frente. Está

PERIGOSAS NACIONAIS

sério, concentrado, enquanto fala ao telefone com Steve e com outras pessoas sobre Adam. Este é um ex-colega que vendeu suas informações quando trabalharam juntos no Afeganistão. Por causa disso, tudo mudou em sua vida. Dan foi breve em sua explicação, e eu decidi não perguntar mais enquanto estivermos aqui.

Olho através da pequena janela redonda, admirando o alaranjado do sol que colore as nuvens abaixo de mim. É um cenário incrível e minha contemplação é incrementada pela música que ouço em um fone: *Smells like a teen spirit*, do Nirvana. A pegada forte contrastando com suavidade do cenário faz com que a música seja única.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sinto dedos tocando meu rosto e, quando abro os olhos, deparo com as profundezas azuis de Dan Walker, que me observa com a mesma expressão severa de sempre.

— Aperte o cinto. Estamos aterrissando!

Pisco algumas vezes, ainda sentindo seu toque suave sobre minha pele.

— Pode me falar em que lugar estamos? —
questiono-o, enquanto me ajeito na poltrona. Dan faz o mesmo e eu o encaro com expectativa.

— Arizona.

Arregalo os olhos aos poucos.

— Por que viemos para cá?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porque é seguro!

— Não cem por cento, não é? — brinco e ele curva os lábios em um sorriso rápido, enquanto concorda com a cabeça.

— Não é, mas, se for preciso, darei a minha vida para protegê-la!

Trago o nó que se forma em minha garganta. Embora ele esteja falando sério, apenas o fato de imaginar perdê-lo, causa-me uma sensação ruim. Muito ruim.

— Não quero que dê sua vida por mim. Quero que você se entregue a mim, Dan!

— É difícil usar as palavras para descrever o quanto te quero, Laura. Eu não suportaria te perder!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sou bom para lidar com perdas. — Suas palavras são como um reflexo da minha mente. É o que eu queria dizer, mas ele se adiantou e novamente me surpreendeu.

— Você não está só, Dan. Não tenho mais meus pais e você ainda tem a sua mãe!

Ele inspira o ar pesadamente.

— Sim. Eu tenho!

Percorremos a estrada, cercada pelo cenário desértico, por aproximadamente duas horas, até chegarmos a uma casa rodeada por montanhas aparentemente inóspitas. Não há árvores nem pinheiros, mas um grande número de cactos que nos rodeia por todos os lados. Descemos do carro e, mesmo estando agasalhada, sou pega desprevenida

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pelo vento frio. Abraço meu corpo, observando uma casa de vidro a minha frente. Acredito que ela pertença a Dan, assim como a casa de Long Island. Esta que vejo agora é menor, mas não menos charmosa.

Nas redondezas não vejo qualquer outra casa e a ideia de que estamos no meio do "nada" me deixa um pouco receosa.

— Há seguranças na casa. Não se preocupe!

Imagino que, se ele está tranquilo, o lugar deve ser o melhor e mais seguro.

— Essa casa é maior do que você imagina!

Franzo o cenho sem entender bem o que ele está me dizendo. Do exterior, vejo uma casa de dois

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

andares relativamente grande. Na fachada, em lugar de paredes, há vidros!

No instante em que entro reparo na decoração. Há poucos móveis, uma escada coberta por carpetes, uma estante repleta de livros e uma bela cozinha conjugada à sala, nada mais.

— Aonde vamos dormir? — pergunto, ansiosa para tirar essas roupas, jogar-me em um chuveiro e descansar.

— Embaixo. — Antes que eu possa perguntar mais, ele me puxa pelo cotovelo, levando-me em direção à bela estante de livros. Dan alcança um aparelho em seu bolso, digita muitos códigos nele e, como num passe de mágica, a estante se divide, formando um vão. Abro os olhos gradativamente, muito surpresa com o que vejo.

PERIGOSAS ACHERON

— Que diabos é isso?

Novamente, Dan me puxa pelo braço, guiando-me através do vão, que logo em seguida se fecha, deixando-nos momentaneamente na completa escuridão. As luzes acendem revelando um pequeno corredor. No fim dele, há um elevador, que, parecendo ser acionado por um sensor de presença, abre-se diante de nós.

Depois de entrar, percebo que descemos dois andares e me pergunto como posso ter me enganado tanto com essa casa. Vista de fora, ela parece tão exposta, que mal posso crer que haja tudo isso em seu interior.

— Essa casa é sua?

— Sim. Steve arrumou alguém, que a construiu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então ela foi projetada para nos esconder?

— Eu a chamo de fortaleza. Nunca precisei ficar aqui, mas, diante das circunstâncias, decidi trazê-la para cá. Esse lugar, na verdade, passou por uma reforma nos últimos meses para uma emergência. Por isso a mandamos para Thomas. O engenheiro que projetou a casa dele é o mesmo. Steve conseguiu trazê-lo para corrigir algumas falhas, então agora ela está segura.

Saímos do elevador, e eu percebo que Dan continua pensativo, como se algo o incomodasse. Ele abre uma porta, que nos leva a um espaçoso quarto com uma cama de casal e um banheiro. A iluminação está presente em todos os lugares e a temperatura é extremamente agradável. Sinto-me dentro de um grande quarto de hotel sem janelas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Diga que existe outra saída, mas que não é como na casa de Thomas, por favor! — Encaro-o com uma expressão de medo.

— Claro. Há uma para o caso de emergência, mas bem menos claustrofóbica! Não se preocupe. Aqui é totalmente seguro.

Sorrio, confiando em suas palavras.

— A casa foi projetada para isso. Estamos dentro de uma pequena fortaleza! Vá tomar um banho, que eu irei buscar suas coisas e algo para comermos.

Concordo com a cabeça, agora muito mais calma.

Estou esgotada, tanto física como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

emocionalmente. Depois de um banho relaxante, retiro o roupão que envolve meu corpo e me jogo na cama, que parecia o tempo todo me chamar. Encaro o teto, agora com as luzes mais fracas, e, gradativamente, minhas pálpebras pesam. Em poucos minutos, sou tomada por um sono profundo...



Sinto beijos sendo salpicados em meu rosto e logo em minha mandíbula. Sorrio, com os olhos fechados, imaginando Dan aqui. Arqueio meu corpo nu, dando mais acesso para que ele continue com as coisas maravilhosas que está fazendo.

— Dan?

PERIGOSAS ACHERON

Sua língua encontra meu mamilo e eu decido abrir os olhos. Ergo a cabeça no mesmo instante em que Christian olha para mim sorrindo.

— Eu te amo, Laura! Quero estar dentro de você! — diz ofegante, mas meus olhos arregalam com total incredulidade. Tento me afastar, mas ele me segura forte. Grito, mas é como se minha voz estivesse presa à garganta. Ele fecha minha boca e monta sobre mim. Desvencilho-me, mas Christian me puxa novamente e começa a me enforcar com força.

— NÃO! — consigo gritar.

— Laura? — A voz de Dan me acorda e só então percebo que estava dentro de um terrível pesadelo. Sento-me, encarando o nada, quando sinto mãos me puxando. Dan estava deitado ao meu

lado o tempo todo e deve ter percebido a minha agitação. Recosto minha cabeça sobre seu peito nu, tentando controlar minha respiração. Suas mãos acariciam minhas costas nuas.

— Shhh... Foi somente um pesadelo! — diz enquanto me aperta.

— Parecia tão real!

— Ainda é madrugada. Durma, que amanhã você terá seu primeiro treinamento.

Ergo a cabeça observando seu rosto sonolento.

— Que tipo de treinamento? Do que está falando?

— Vou ensinar você a atirar e a se defender para o caso de estar em algum lugar em que eu não

PERIGOSAS ACHERON

possa te ajudar!

— O que quer dizer com isso? Você vai me abandonar?

Ele curva os lábios em um sorriso breve.

— Não pretendo me afastar de você, mas não estaremos juntos 24 horas por dia. Ainda tenho que resolver o problema que te falei! Preciso matar Adam antes que ele tente nos matar!

Suspiro com alívio e deito minha cabeça sobre seu peito novamente.

— Você mesmo vai me treinar?

— Vou ensiná-la a atirar, porém alguém virá para ministrar aulas de defesa pessoal. Isso é importante para você caso tenha a intenção de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

permanecer ao meu lado. Sem que eu perceba, um sorriso escapa de meus lábios. Ele me quer ao seu lado por longo prazo, caso contrário, não faria isso por mim.

PERIGOSAS ACHERON



No andar superior da casa, há uma espaçosa academia com uma vista extraordinária da imensidão desértica do Arizona. Já estou no sétimo dia de treinamento pesado de defesa pessoal com Selenia, uma exuberante negra de braços e corpo perfeitamente delineado, cujos cabelos cacheados sempre estão amarrados no topo da cabeça. Dan pediu que Steve a trouxesse e ambos me garantiram que ela é a melhor.

A técnica do Krav magá consiste em simplificar e aumentar a força do contra-ataque. Racionaliza e

PERIGOSAS NACIONAIS

utiliza transferência de peso de explosão, de modo que, se eu a utilizar da maneira correta, minha força irá se potencializar independente de quão forte eu seja. Segundo Selenia, a física explica que a força é igual a massa multiplicada pela aceleração. O golpe leva para o alvo o peso do corpo que é certamente muito maior que a força muscular do membro de qualquer pessoa. Os golpes visam atingir pontos sensíveis do alvo, igualando-nos a qualquer adversário, independente da sua força física.

— Vamos lá, mais uma vez! — Selenia berra. — Você precisa de mais rapidez, Laura. Vamos!

Eu chuto, pela milésima vez, as partes íntimas de um boneco. Estou há sete dias treinando velocidade em todos os meus movimentos, mas nos lugares precisos. Ainda estou dolorida, muito dolorida, e não sei quando isso vai acabar! Apesar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disso e de que estou colecionando hematomas pelo copo, confesso que estou gostando.

— Eu estou exausta! — Jogo-me sobre o tatame macio e Selenia cruza os braços de pé ao meu lado.

— Nunca caia, Laura! Nunca se deixe abater! Essa é a sua única forma de sobreviver a um ataque!

Encaro seu rosto sério e penso em suas palavras, ao mesmo tempo imaginando o que Dan estará fazendo agora. Ele não veio me ver lutar uma única vez alegando que está ocupado em busca da localização de Adam. Estamos na mesma casa, mas quase não nos vemos, devido a sua obstinação em encontrar seu grande inimigo. Eu não sabia que não teria pausas. Meu machucado cicatrizou, mas ainda dói quando tenho que usar o braço.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem. Por hoje chega! Ainda temos alguns dias para deixá-la preparada. Eu vim aqui com um propósito, Laura, e não pretendo sair sem cumpri-lo. — Selenia estende a mão ajudando-me a levantar. — Descanse. Também preciso de um bom banho! — Ela sorri amigavelmente e caminha pela porta, desaparecendo logo em seguida. Selenia é uma ótima pessoa e, acima de tudo, muito profissional. Sem ela berrando em meu ouvido e me espancando todos os dias, eu não seria nada.

Viro-me de costas, admirando o belo cenário desértico, que se transforma lentamente em escuridão, e imaginando quando Dan vai finalmente me ensinar a atirar. Isso seria interessante. Por alguma razão, sinto-me com muita vontade de aprender a fazer coisas relacionadas a ele. Sem perceber, essa vontade vem crescendo dentro de mim desde que o conheci. É outro

universo no qual jamais imaginei estar. Minha vida se transformou completamente, desde que fui sequestrada e ainda mais depois de conhecer esse homem. Existe uma sala própria para treinamentos de tiros. Dan me levou até lá apenas para que eu conhecesse. Confesso que minha animação para começar está muito acima do normal.

Abaixo-me para pegar a minha garrafa d'água quando, inesperadamente, braços envolvem o meu pescoço com agressividade. Um homem que jamais vi na vida está me atacando com uma gravata. Seguro seu antebraço, jogando seus cotovelos para baixo. Isso alivia a pressão e, em um único movimento rápido, dou uma passada para trás, puxo seus braços para baixo, fazendo com que ele caia. Dou uma chave de braço, mas ele é mais rápido e monta sobre meu corpo. Grito desesperada ao sentir a pressão do enorme corpo sobre mim. O

PERIGOSAS NACIONAIS

estranho me encara e cessa seus movimentos, levantando-se logo em seguida.

— Você não foi rápida o suficiente — diz e sai da sala.

Meus olhos o observam até que ele desaparece pela porta dupla. Estou ainda mais dolorida e muito ofegante para conseguir falar algo coerente.

— Selenia está fazendo um excelente trabalho em você, Laura! — Dan entra na academia e posiciona os pés bem próximos ao meu corpo exausto e caído sobre o chão. Eu o encaro, ainda tentando recuperar meu fôlego.

— Por que fez isso?

— Precisava testar seus movimentos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que você não está me treinando, então?
— Minha voz está muito ofegante ainda.

Em vez de responder de imediato, ele se abaixa, analisando meu rosto minuciosamente.

— Não seria capaz de te machucar! Você precisa de algo verdadeiro! — responde no mesmo instante em que segura meus braços, erguendo-me rapidamente. — Venha, vou cuidar de você!

Entramos no quarto e minhas pernas parecem gelatinas pelo esforço tremendo que fiz para tentar me desvencilhar daquele homem.

— Venha... — diz, puxando meu cotovelo delicadamente e eu nem protesto. — Você precisa de um banho!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que entramos no espaçoso banheiro, sinto suas mãos retirando habilmente a minha camiseta, passando-a por meus braços. Permito que ele faça o que quer, até que me vejo completamente nua em sua frente.

— Você está cheia de hematomas! — diz.

Mantenho meus olhos fechados, apenas sentindo o toque de seus dedos sobre meus braços e barriga.

— Eu sei! — sussurro sem dizer mais nada. Abro os olhos, observando-o puxar as mangas de sua camisa. Dan liga o chuveiro e coloca as mãos sob o jato d'água, testando até estar satisfeito com a temperatura. Em sequência estende a mão esquerda para mim.

— Venha.

PERIGOSAS ACHERON

Obedientemente, faço o que ele pede e, no segundo seguinte, já estou embaixo do fluxo, que cai deliciosamente forte sobre mim. Olho para Dan Walker, que está do outro lado do vidro me observando intensamente. Esperava que ele saísse, mas, em vez disso, Dan tira os sapatos e meias, entrando no boxe completamente vestido.

— O que está fazendo? — questiono com incredulidade.

— Você está exausta e precisa de um banho. — A ducha já encharcou sua camisa de linho branca, evidenciando seu peito rijo, pelo qual eu estou completamente apaixonada. Engulo em seco com a visão que tenho, mas ele parece não se importar. Pega o sabonete, passando sobre meus ombros e descendo até alcançar meus seios. Inspira o ar pesadamente e continua seu ritual, deslizando-o até

chegar à minha barriga. Fecho os olhos sentindo seu toque suave sobre minha pele e o ar pesado que sai de sua boca.

— Dan... — sussurro, enquanto suas mãos fazem o trabalho em todo meu corpo. Estou excitada apenas por seus cuidados. De repente, Dan se afasta, arrancando sua blusa e logo em seguida o resto de suas roupas molhadas. Ele as joga para fora do espaçoso boxe e volta a atenção para mim. Suas mãos seguram cada lado de meu rosto e, em seguida, ele me beija, enquanto o jato de água cai sobre nós. Nosso beijo é molhado, excitante e cheio de significados.

Dan alcança o xampu e passa sobre meus cabelos, esfregando-os com suavidade.

— Eu não sei o porquê, mas gosto de cuidar de

você, Laura — confessa.

Sinto a espuma cair sobre meu corpo, enquanto o jato quente da água faz seu trabalho, retirando o excesso de espuma. Dan encosta seu imponente corpo ao meu e eu, imediatamente, sinto seu membro ereto tocando minha pele. Enlaço meus braços em volta de seu pescoço e ficamos pele com pele. Ele cobre meus lábios com os seus e sua língua úmida encontra a minha. Viramos uma confusão embaixo do jato d'água e, quando dou por mim, sou içada, de maneira que minhas pernas envolvem sua cintura. Gememos juntos no momento em que sinto seu membro afundar em mim asperamente. Dan emite sons deliciosos, mas nossos lábios ainda estão grudados um no outro como se dependêssemos disso para viver.

Nossos movimentos se intensificam, enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suas mãos seguram minhas nádegas com muita força. Ele se encosta ao azulejo e, com as mãos, faz o movimento de subir e descer com o meu corpo, seguindo seu ritmo. Eu ofego, arfando e sentindo as melhores sensações. Seus lábios alcançam meus seios e os movimentos não cessam. Estamos absolutamente fora de controle e, sem piedade, ele entra com mais força em mim. Estou à beira de um abismo. Nossas testas colam-se e, pela primeira vez, nossos olhos prendem-se um ao outro, até que sou tomada pelo êxtase. Eu gemo, e Dan chupa meus lábios, sugando-os com muita força. Não demora muito para ele curvar a cabeça para trás e soltar um longo gemido. Ele afunda algumas vezes mais até que suas forças se esgotem por completo. Eu o abraço, ainda envolta a sua cintura, sentindo sua respiração, enquanto minhas paredes internas dão espasmos em volta do seu membro.

PERIGOSAS ACHERON

Seu rosto afunda na curva do meu pescoço e suas mãos fortes ainda apertam minhas nádegas contraídas. Dan, lentamente, coloca-me no chão e, quando menos espero, segura meu queixo, forçando-me com delicadeza a olhar para ele.

— Não quero te perder, Laura!

Pisco algumas vezes, incrédula novamente com suas palavras. Quando o conheci, jamais poderia supor que, em um futuro próximo, ele diria algo assim para mim. Aliás, nunca imaginei que hoje estaríamos dessa forma, cada vez mais abertos e conectados um com o outro.

— Eu também não quero te perder, Dan. Você sabe disso! — Sinto vontade de chorar pelo simples fato de não conseguir mais viver sem ele. A sensação que tenho é de que somos as peças de um

quebra-cabeça. A princípio parecia que não nos encaixaríamos, mas agora formamos uma conexão perfeita.

De repente vem algo à minha mente. Algo que eu não havia pensado antes. Franzo o cenho com os olhos presos no nada.

— O que aconteceu? — ele questiona e eu encaro seus brilhantes e confusos olhos.

— É a segunda vez que transamos sem proteção alguma. Não tenho tomado pílulas e...

— Não se preocupe — ele me interrompe calmamente e eu o observo com curiosidade.

— Não acha arriscado?

Ele inspira o ar pesadamente.
PERIGOSAS ACHERON

— Não. Quando eu a levei à clínica, além de todos os exames possíveis, pedi que lhe injetassem um contraceptivo de longa duração.

Arregalo meus olhos gradativamente.

— Você deveria ter me avisado sobre isso! —
Minha voz ganha alguns tons acima do normal.

— A tensão sexual entre nós sempre existiu e, depois da nossa primeira noite, eu já tinha a intenção de levá-la à clínica no dia seguinte, não apenas para verificar sua saúde. — Dan solta o ar pesadamente. — Eu sabia que sempre existiria uma vontade incontrolável dentro de mim, a qual poderia resultar na falta de proteção — conclui.

Eu apenas me afasto, pego a toalha e saio

caminhando, contrariada, em direção ao quarto. Enxugo meu corpo, enrolo-me ao tecido felpudo e, em seguida, sento-me sobre a cama. *Como ele foi capaz de fazer isso sem o meu consentimento? Sei que foi uma decisão sábia, mas Dan deveria ao menos ter me avisado.* Abaixo a cabeça, apoiando meus cotovelos sobre os joelhos, mas ouço seus passos vindo em minha direção.

Dan se agacha em minha frente, com a toalha presa em torno de seus quadris, observando-me nos olhos.

— Desculpe. Eu realmente não queria ter que fazê-la abortar caso engravidasse. Eu não quero um filho, Laura.

Sei que ele está certo, principalmente pela vida que leva. Ter um filho agora seria muito arriscado

PERIGOSAS NACIONAIS

para um homem como ele. Dan Walker é um assassino e isso é algo que carregará para o resto da vida. Uma criança não teria lugar em sua vida, não quando ainda existe alguém que deseja a sua morte.

— Tudo bem! — Inspiro, observando seu belo rosto com compaixão. — Você fez o certo. Eu também não pretendo ter um filho nessas condições.

Ele traga o ar, soltando-o lentamente pelo nariz.

— Tomamos todo o cuidado com a sua saúde antes de injetar o contraceptivo. Não te afetará em nada! Eu apenas precisava me certificar!

— Por isso preenchi uma longa ficha antes dos exames.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Na ficha você disse que não utilizava nenhum método.

— Tudo bem. Mas não faça qualquer coisa com o meu corpo antes de me consultar, por favor! Você não tem esse direito!

Pela primeira vez, vejo um semblante envergonhado, mas que rapidamente se transforma na habitual expressão fechada.

— Obrigado por entender!



Nos dias que se seguiram, eu não tinha mais tempo para pensar. Pelas tardes treinava com Selenia e nas noites Dan finalmente me ensinou a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atirar. Comecei com uma automática pequena, mas, mesmo assim, tive receio de não conseguir fazer isso. Para minha surpresa, eu me saí muito bem e hoje sei destravar, carregar e, principalmente, atirar usando técnicas para acertar o alvo com precisão.

Selena vai embora e eu, novamente, observo o sol se pôr através grande vidraça. Isso se tornou um ritual. Por algum motivo, não vejo a hora de poder sair daqui e ajudar Dan no que for preciso. Sei que o intuito dele é que eu saiba me proteger em sua ausência, mas esses treinamentos excessivos me transformaram de alguma maneira. Meu corpo está começando a ganhar forma e eu gosto dessa transformação. Sinto-me preparada como jamais estive. Quero poder fazer o que estiver ao meu alcance para ajudá-lo a encontrar o homem que deseja nos matar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dou um longo gole em minha água, observando o cenário através da vidraça, quando, de repente, sou surpreendida novamente por braços fortes; meu atacante é um homem alto e negro. Em vez de abaixar-me, como fiz da outra vez, desvencilho-me dele, afasto-me e acerto seus membros inferiores, com certa velocidade, projetando toda a força do meu corpo. Ele cai de joelhos, de frente para mim, e eu o finalizo com um chute certo na mandíbula, fazendo-o cair de costas no chão.

Dan surge e, pela primeira vez, vejo um grande sorriso estampar seu rosto.

— Impressionante! Você está segura do que faz e isso faz muita diferença!

Observo o homem caído e sei que, mesmo que tenha sido real, ele pode ter me poupado. Dan não

PERIGOSAS ACHERON

deixaria que alguém usasse toda a sua força, mas também não queria que pegasse leve. A realidade é muito mais complicada, mas eu estou disposta a enfrentá-la.



Quase um mês de buscas, conseguimos algumas informações sobre Adam e, finalmente, encontramos um homem que tem fortes ligações com ele. Tive que dispor de uma pequena fortuna para investigar tudo ao seu redor, até trazê-lo para mim.

Não foi fácil pegá-lo desprevenido em Orlando, onde mora. Steve está com ele agora em uma sala fechada, à prova de som, e Laura não faz nenhuma ideia sobre nada disso. No momento está ocupada aprendendo novas técnicas e precisa se concentrar

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas em Selenia. Confesso que ela me surpreendeu, não só pela luta impecável que vem desenvolvendo durante quase um mês, mas pela precisão e segurança com que segura uma arma. É como se ela tivesse nascido para atirar.

Espero pacientemente atrás do vidro, pelo qual não conseguem me ver. Steve conversa com o homem de cabelos castanho-claros, que aparenta medo em suas feições. O ponto em meu ouvido possibilita que eu ouça toda a conversa sem que precise estar lá. Ele não sabe como veio parar aqui e onde está, já que foi dopado e logo trazido para cá.

— Quando foi a última vez que se falaram?

— Não nos falamos há muito tempo! — o homem mente, mas Steve lança um olhar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ameaçador sobre ele.

— Sabemos de seu envolvimento em tudo o que ele fez. Sabemos que você é um policial afastado e que está sob investigação.

O homem parece pensar muito antes de falar, mas é óbvio que está com medo do que possamos fazer com sua vida.

— Eu o ajudei por dinheiro. Não somos amigos e não sei onde ele está!

— Diga logo ou irei arrancar as palavras de sua boca. Garanto, meu caro, isso vai doer! — A única ameaça de Steve surte efeito e o homem decide falar:

— Ele me ligou na segunda, pedindo ajuda para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encontrar uma mulher. *Uma tal* de Laura. Marcamos de nos encontrar em breve, mas ele ainda vai me ligar.

Observo-os atentamente sem piscar. O desgraçado está obstinado em encontrar Laura. Ele sabe que, se a encontrar, chegará a mim, mas, certamente, pensa em fazer com que eu assista enquanto a mata. Finalmente uma informação! Ele pode querer nos enganar para sair com vida daqui, mas não teremos escolha, muito menos ele. Um passo em falso, e nós o mataremos.

— Steve. Venha até aqui! — peço, através do ponto eletrônico, e ele sai, seguindo em minha direção através do corredor.

Assim que o vejo, uma preocupação ronda a minha mente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pelo visto, Adam está no país. Porém, nossos fundos, mesmo ainda sendo altos, podem diminuir drasticamente.

— Eu sei. Talvez devêssemos aceitar alguns trabalhos para bancar esses custos!

Aceno com a cabeça concordando com o que ele diz. Embora esteja contrariado em ter que voltar a matar por dinheiro, sei que essa é a única opção para ter tudo ao meu alcance.

— Temos muitos gastos: agentes de confiança, helicópteros, aviões e as melhores tecnologias ao nosso alcance. Tudo foi minuciosamente calculado para matar Zahir. Adam foi uma surpresa! Não podemos deixar que ele nos encontre antes.

Steve concorda com a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Há um empresário que quer, desesperadamente, matar um homem — Steve informa, de súbito, e eu comprimo a mandíbula, claramente incomodado com a situação.

Não mato inocentes e Steve sabe muito bem disso. Entretanto, se ele, diante de tantos trabalhos, citou este, é provável que o homem mereça morrer.

— Qual é o caso?

Ele cruza os braços, olha para o vidro, atrás do qual o homem continua sentado com a cabeça baixa, e me encara.

— Estupro!

Ergo as sobrancelhas, intrigado com a notícia.

— Sei que esse não é nosso foco. Nosso
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

trabalho sempre foi erradicar grupos criminosos relacionados ao narcotráfico e, principalmente, pessoas ligadas ao terrorismo, mas o valor que podemos cobrar por esse outro serviço não pode ser ignorado. Acho que a proposta merece ser estudada e, se for o caso, o serviço precisa ser realizado o mais depressa possível.

— Quem o infeliz estuprou para que esse homem queira a sua cabeça?

— A filha! Ela foi morta por ele. Eram namorados!

Franzo o cenho sem entender.

— Se eram namorados, por que razão ele a estuprou?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Drogas. Eles sempre se drogavam juntos! O infeliz é um herdeiro milionário e o pai da jovem pretende vender tudo que tem para matá-lo, já que o playboy está livre por falta de provas. Ela foi envenenada e a perícia alegou overdose, mas no corpo havia indícios de espancamento e feridas, principalmente nas partes íntimas.

— Desgraçado! — praguejo em tom baixo.

— Pesquisei a vida dele. O cara tem histórico de brigas e gosta de bater em mulheres!

Solto o ar pesadamente, olho para o homem inquieto do outro lado do vidro e não penso duas vezes em aceitar.

— Nada me dará mais prazer do que matar um verme feito ele. Mas estamos falando de quanto?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dois milhões de dólares! É tudo que o homem conseguiu. Ele não pode vender o resto de suas empresas, já que existem outros sócios envolvidos. Essa foi sua oferta depois que pedi três milhões.

— Confirme! — Olho para o homem na outra sala. — Leve-o de volta, dopado, e coloque pessoas para monitorá-lo 24 horas por dia, até que Adam entre em contato. Se ele estiver mentindo, morre.

Steve concorda com a cabeça e solta o ar pelo nariz.

— Faremos isso, mas, sobre trabalho, há uma coisa que... — Steve para, como se tivesse receio em concluir a frase.

— O que há? — questiono-o impaciente.

PERIGOSAS ACHERON

— Precisamos de uma isca.

Um "V" surge entre meus olhos.

— Uma mulher? — pergunto.

Ele concorda com a cabeça.

— Precisamos de uma mulher esperta e com características físicas da ex que ele matou. É exatamente isso que chamará sua atenção. Por mais que a tenha matado, o homem tinha sentimentos controversos em relação à vítima.

— Podemos contratar uma! Há alguma foto da ex para arranjarmos alguém com as mesmas características? — questiono.

Steve alcança seu celular no bolso da calça. Abre a foto e entrega-me o aparelho. O que vejo me

PERIGOSAS ACHERON

deixa curioso.

— Sim. Ela se parecia com a Laura —
confirma.

Eu devolvo-lhe o aparelho, virando-me de costas para ele e esfregando o rosto furiosamente.

— Não. Ela não está preparada para isso!

— Walker, Laura seria a isca perfeita! Ela só terá que levá-lo para um lugar reservado. Selena está há quase um mês, sem interrupções, treinando-a. Ela é perfeita!

— Eu estou fazendo isso para que ela se proteja sem mim caso estivermos separados por alguma razão. Minha intenção é protegê-la acima de tudo, Steve! Vamos encontrar outra mulher...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Duvido que qualquer mulher seja tão perfeita quanto Laura. Dificilmente encontraremos outra tão preparada para se defender e que tenha, ao mesmo tempo, características físicas semelhantes às dela.

— Ela já sofreu muito e precisa ter uma vida normal. Isso não seria justo com ela! — digo enfaticamente, mas Steve parece obstinado a me convencer.

— Ouça, Walker. Desde aquele atentado, eu nunca te vi envolvido com alguém como está agora com Laura. Sei que seu coração voltou a bater aí dentro, mas, pelo que vi até agora, Laura está sentindo prazer em lutar e atirar, como jamais vi em outra mulher em tão pouco tempo. Que tal perguntar isso a ela?

Esfrego o rosto com as mãos. Estou contrariado

PERIGOSAS ACHERON

com o que ele propõe, mas não posso negar que esse dinheiro nos ajudará a encontrar Adam mais cedo.

LAURA RYDER

Meu corpo não dói mais. Os exercícios e a meditação que tenho feito com Selena endureceram-me. Ela se transformou em uma amiga. Minha única amiga. Contou-me que é de Nova York e que já trabalhou com Steve algumas vezes. É uma ex-agente federal, mas sempre esteve envolvida com ele; não sei o quanto esteve ou está, mas vejo um carinho em sua voz quando fala esporadicamente sobre ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Da cama, observo Dan Walker, sentado em sua cadeira, olhando atentamente para seu laptop. Ele parece tão concentrado, que chega a me intrigar. Sei que está em busca de informações, mas parece distante desde que entrou neste quarto.

— Aconteceu alguma coisa? — Tiro-o do torpor, fazendo-o finalmente me observar.

— Não. Aliás, sim!

Franzo o cenho, ergo-me da cama e, sem pedir licença, sento-me sobre seus joelhos. Ele aperta minha cintura, atraindo meu corpo para ainda mais perto dele. Coloca uma mecha de cabelo gentilmente atrás de minha orelha e eu sinto certo medo do que ele vai falar.

— Preciso voltar a matar, para recuperar os

PERIGOSAS ACHERON

custos do trabalho que tenho feito para encontrar Adam.

— Algum inocente? — Tenho medo da sua resposta.

Percebo que ele engole em seco, como se eu tivesse tocado em alguma ferida aberta.

— Não. Eu não mato inocentes, Laura!

Depois disso, ele decide me contar o que o está deixando tão inquieto. Quando termina, observo-o calada. Dan me mostra a foto de uma garota que foi brutalmente assassinada; ela realmente se parecia um pouco comigo.

— A ideia foi de Steve e eu não concordei. Fique tranquila, você estará a salvo. Arranjaremos

outra mulher.

Arregalo os olhos com o que ele diz e me ergo. Ando de um extremo ao outro, vestida apenas com uma lingerie. Viro-me para ele e sorrio levemente.

— Por favor, deixe-me te ajudar! Prometo fazer exatamente o que me for pedido. Deixe-me atrair aquele desgraçado para a morte! — termino e observo Dan Walker, que parece completamente surpreso com minhas palavras. Na verdade, nem eu sabia o quanto queria ajudá-lo!

A perplexidade em seu olhar deu lugar a algo distinto. Talvez admiração, não sei ao certo!

— Ele pode intimidar você, Laura!

— Se você não me intimidou, não será um

PERIGOSAS NACIONAIS

pedaço de merda que irá fazer isso! — Minha resposta deixa-o, momentaneamente, sem palavras. No entanto, ele se levanta, aproxima-se de mim e segura cada lado do meu rosto com as duas mãos. Seus olhos estão intensos sobre os meus, enquanto parece lutar internamente contra algo que não sei o que é.

— Tem certeza?

Aceno com a cabeça, presenteando-lhe com um sorriso diabólico.

— Nunca me senti tão certa em toda a minha vida!

PERIGOSAS ACHERON



— *Tudo pronto!* — Steve diz do outro lado da linha. — *Eric Casey acabou de entrar na XS Nightclub. Estamos em nove para monitorar cada passo do playboy de merda. Traga Laura, quando quiser, ele não sairá daqui tão cedo.*

Pela primeira vez, a tensão me consome por completo, e eu inspiro lentamente tentando dissipá-la.

Estamos no hotel Encore, em Las Vegas, local onde se localiza meu alvo. Acabei de entrar na

PERIGOSAS NACIONAIS

suíte, usando um terno, e agora espero Laura terminar de se arrumar no banheiro.

Minhas mãos estão dentro dos bolsos da calça, enquanto observo as luzes da cidade mais iluminada do planeta, conhecida também como a cidade mundial do entretenimento. Eu diria que Las Vegas é a cidade mundial do impulso, tendo em vista os inúmeros casamentos motivados por bebidas e loucuras.

Enquanto observo a vista da grande janela, penso em como Laura está confiante em fazer um trabalho, cujo fim pode não ser bem-sucedido, considerando o fato de que ela nunca fez algo parecido.

Ouçõ um barulho vindo da porta se abrindo e, quando me viro, deparo com Laura completamente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pronta para provocar. Meu cérebro, momentaneamente, para de raciocinar, enquanto a observo caminhando sensualmente em minha direção. Ela está sobre saltos *Louboutin* e dentro de um vestido colado, que aperta suas, agora mais evidentes, curvas, todas nos lugares certos. Suas pernas nuas estão impecáveis e seus cabelos soltos caem como cascatas sobre os ombros delicados.

Trouxemos uma profissional para maquiá-la e agora ela está com os cílios ainda maiores que antes. Seus lábios grossos estão cobertos por um batom vermelho sangue, que os deixa totalmente convidativos.

— E então... — Laura diz, tirando-me do torpor em que me encontrava. — Não acha que estou exagerada demais?

PERIGOSAS ACHERON

Engulo em seco e encurto a distância entre nós.

Há alguns minutos, eu queria desesperadamente pedir que ela desistisse, mas, no lugar disso, agora, quero apenas jogá-la naquela cama. No entanto, eu me contenho. Ainda estou muito surpreso com sua reação ao aceitar esse trabalho. Laura realmente quer fazer isso, mas eu não sei quão preparada, psicologicamente, está.

— Você quer mesmo fazer isso?

Ela pisca seus grandes cílios, dando um sorriso naturalmente tentador.

— Sim! Nasceu uma necessidade dentro mim, desde que comecei a trabalhar com Selenia. Como se eu tivesse pertencido ao seu mundo a vida toda.

— E seu maior sonho? — pergunto, referindo-me a sua ida à Somália, devido a um sonho de reportagem.

Ela sorri, mas seu sorriso não alcança os olhos.

— Você tinha razão. Era um sonho estúpido! Por minha culpa, não pude me despedir do meu pai!

Nego com a cabeça lentamente.

— Não era um sonho estúpido. Era o que você queria! Você se arriscou para realizar algo que acreditava ser o certo. O que eu te disse não transmitia a verdade! — Inspiro o ar, soltando-o pesadamente. — Sou um homem frio, Laura. Disse aquilo apenas para te machucar!

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela demonstra surpresa diante de minhas palavras, ciente do quanto contradizem minha atitude no momento em que a conheci.

— Você não é mais aquele homem de gelo que conheci na Somália.

Sorri, passando as mãos casualmente sobre seus sedosos cabelos.

— Gosto de ser uma jornalista. Sempre quis cobrir importantes reportagens, mas algo novo surgiu dentro de mim e eu não sei te dizer o que é.

Observo seu rosto sem fazer contato visual. Eu gosto de olhar para seus traços. Admirá-los, como tenho feito todos os dias, desde que a vi pela primeira vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ouça bem, Laura! — Encaro-a nos olhos. — Se em algum momento você se sentir insegura, quero que saia, independente se irá conseguir ou não trazê-lo para o quarto. Entendeu?

— Você e Steve me orientaram muito bem. Tudo acontecerá da maneira como fui instruída. Estou calma, não se preocupe. Apenas não sei seduzir um homem!

Curvo o canto dos meus lábios.

— Apenas seja você. Certamente irá seduzi-lo assim. Exceto pela parte de fazer perguntas incessantemente, você é uma sedutora nata!

Ela ri e logo em seguida toca meus lábios com o seus suavemente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas uma coisa você não pode esquecer. —
Afasto-me e alcanço minha maleta sobre a mesa
perto da cama. Retiro um maço de dólares e
aproximo-me dela novamente.

Ela me observa com curiosidade.

— Finja ser tão rica a ponto de acreditar nisso.

— Para que tanto dinheiro? — ela questiona
confusa.

— Para gorjetas e extravagâncias! Você precisa
mostrar às pessoas e ao nosso alvo que é tão rica
que, em vez de usar papel higiênico, pode
perfeitamente limpar a sua deliciosa bunda com
essa nota de cem! — Coloco o bolo de notas de
cem dólares sobre sua mão. Ela guarda metade do
dinheiro dentro da pequena bolsa e o restante enfia

PERIGOSAS ACHERON

em meu bolso.

— Eu o trarei para a suíte mais rápido do que vocês possam imaginar.

Sorrio, admirado com a sua segurança, mas confesso que essa coragem me causa certo espanto.

— Assim que chegar à suíte, caso precise, você sabe onde as armas estão escondidas.

— Sim, eu sei!

— Não será necessário usá-las, pois entraremos antes para matá-lo, mas é bom estar prevenida para o caso de acontecer algo errado. Se for preciso, não hesite. Faça o que você aprendeu comigo e as use, Laura! — Seguro seu queixo firmemente, fazendo-a me encarar nos olhos. — Mas só reaja em caso de

emergência, entendeu?

Ela acena, sem dizer uma palavra, mas vejo um brilho ínfimo em seu olhar. Laura está se mostrando mais forte que imaginava. Mais forte do que eu.



LAURA RYDER

A porta do elevador extremamente luxuoso se abre e eu sou surpreendida com uma visão altamente sofisticada do hotel Encore. A cor que predomina aqui é o vermelho e eu observo tudo, enquanto caminho sobre o carpete estampado com incríveis borboletas em toda sua extensão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meus passos me conduzem lentamente e meus olhos observam as pessoas se divertindo nas mesas de *blackjack* e caça-níqueis, que brilham ao meu redor. Respiro fundo, quando percebo que estou me aproximando da *XS Nigthclub*, onde o alvo de Dan Walker já se encontra. Todos a minha volta reparam em mim. Não é de se estranhar, pois esses saltos não permitem que eu passe despercebida. Observo várias mulheres que aqui estão, com seus vestidos transparentes, outras com decotes profundos nos seios. A maioria delas anda em bandos como se estivessem prontas para atacar um bilionário. Sou conduzida a uma entrada diferenciada, pois, além de ser hóspede VIP, paguei uma pequena fortuna para me sentar à mesa localizada bem ao lado do playboy chamado Eric Casey. Um assassino, estuprador e mau-caráter, cujo destino eu já conheço e será apenas um: a morte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Logo na entrada, começo a me deslumbrar com a luxuosa decoração em ouro que ondula nas paredes diante de meus olhos, enquanto subo as escadas. O designer do lugar foi inspirado nas curvas femininas, as quais se veem em toda decoração ao nosso redor. Há uma pista de dança ao centro e um vão aberto, onde um DJ comanda o som. Na parte de trás, consigo visualizar uma impressionante piscina.

Quando alcanço a mesa, Selena já me espera. Eles acharam que seria bom tê-la ao meu lado, para não parecer estranho. Cumprimento-a, como se não a visse há anos, e ela retribui com um genuíno sorriso. Sentamo-nos e logo sou servida com o melhor champanhe. Aceito a taça, embora nem eu nem Selena tenhamos a pretensão de consumir qualquer bebida alcóolica realmente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele está de preto, com uma loira sobre suas pernas, rodeado de amigos, na mesa ao lado, bem atrás de mim — Selenia informa, aproximando-se do meu ouvido, para se fazer entender através do som alto que preenche todo o lugar. O local é escuro, mas as luzes que caem do teto sempre estão indo de um lado para o outro.

— *Laura, você me ouviu bem?* — Ouço a voz de Dan ecoar através do microponto de escuta em meu ouvido.

— Sim — finjo conversar com Selenia.

— *Só comece a atraí-lo para você quando se sentir segura. Não tenha pressa!*

— Ok. — Sorrio para ela, como se estivéssemos superanimadas. Olho para o homem que preciso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seduzir e vejo-o oferecendo uma bebida para a loira, cujos seios estão quase à mostra. Neste momento, percebo que será bem difícil fazê-lo reparar em mim.

— Como farei com que ele me note aqui? — questiono Selenia, que apenas sorri.

— Pelo que disseram, ele apenas precisa te ver, Laura. Você é realmente parecida com sua ex. Isso pode perturbá-lo!

— Irei ao banheiro e passarei por ele. Vamos ver se ele me observa. — Brindamos com nossas taças, finjo dar um gole no champanhe e me ergo.

Ignoro todos ao meu redor, tiro uma nota de cem dólares da minha bolsa *clutch* e entrego ao garçom que nos serviu o champanhe. Ele alarga o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorriso, mas eu continuo indiferente, como se isso fosse algo normal para mim. Ando mais lentamente, passando em frente à mesa do tal Eric, mas não consigo saber se ele realmente me notou. Continuo fazendo meu caminho até o banheiro. Quando atravesso a porta luxuosa, surpreendo-me com um mundo de maquiagens e cremes expostos sobre o longo tampo de mármore. Jogo 100 dólares dentro de uma caixa de gorjetas e a atendente arregala os olhos, certamente, impressionada. Sei que não precisava agir como uma esbanjadora dentro de um banheiro, mas imagino que esse seja seu único salário.

Alcanço meu celular dentro da bolsa e posiciono-o no ouvido. Finjo falar ao telefone, mas, na verdade, estou com Dan na escuta.

— Vim ao banheiro e não sei se ele me olhou

PERIGOSAS ACHERON

realmente.

— *Ele, provavelmente, já percebeu sua presença. Caso queira te levar para outro lugar que não seja a nossa suíte, fuja!*

— Tudo bem!

Aproximo-me da porta, abro-a e sou surpreendida exatamente pelo homem que achei que não viria até mim tão cedo. Dan estava certo, Eric Casey já havia me notado antes mesmo que eu pudesse perceber. Ele não é tão alto, mas é um pouco maior que eu. Seu cabelo é escuro, raspado nas laterais no estilo *Taper Fade*. Seus olhos são castanhos e ele aparenta estar na casa dos 30.

— Desculpe, mas... eu tenho a sensação de que já te vi antes! — Ele joga sua cantada barata e a

PERIGOSAS NACIONAIS

vontade que tenho é de cuspir em sua cara. Contendo-me, faço uma expressão de surpresa. Sei que Dan ouve tudo através do microponto preso, estrategicamente, em meu ouvido.

— Jura? Eu não acho que já tenha te visto antes!
— Sorrio enquanto meus olhos varrem seu corpo; atuo como se estivesse desejando-o.

— Talvez não, mas eu gostaria que me desse a honra de sua presença. Que tal juntar-se a mim e meus amigos?

— Acho que não. Estou com uma amiga e...

— Ela está convidada.

Lanço um sorriso gentil e olho para baixo. Encaro-o novamente como se estivesse em dúvida

PERIGOSAS ACHERON

sobre sua pergunta.

— Tudo bem, mas eu levo o champanhe.

Ele sorri, imaginando que sou tão rica como demonstro ser. Afinal, é o que ele gosta.

Minutos depois estamos em sua mesa. No mesmo instante em que nos sentamos, Eric dispensa as mulheres que o cercavam, como se fossem descartáveis. Elas saem revoltadas, mas eu as ignoro completamente. Mal sabem que estou salvando suas vidas. Por instrução, finjo beber o champanhe, mas estou concentrada no homem ao meu lado. Selenia vai embora, como combinado, sugestionando Eric, que prontamente expulsa seus amigos; estamos finalmente sozinhos.

Ele realmente está dedicando toda sua atenção a

PERIGOSAS NACIONAIS

mim. Isso me causa certo medo, mas mantenho a postura.

Sinto suas mãos presas ao redor da minha cintura, enquanto ele me puxa com força para próximo dele.

— Eu gostei de você desde o momento em que te vi sentando-se ali. Não me lembro de ter ouvido seu nome!

— Meu nome é Anna — minto por razões óbvias.

— Um nome tão lindo quanto você. — Seu olhar sombrio me diz que ele está se lembrando da ex, enquanto toca meu cabelo com delicadeza. Eric passa os dedos em torno da minha mandíbula e eu posso sentir o cheiro pungente de maconha neles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mesmo através das luzes ofuscantes, algo me chama atenção, num canto, próximo ao DJ. Dan está aqui, mas não está só. Uma loira o acompanha, e eles estão abraçados, enquanto ele me observa atentamente.

— O que veio fazer aqui em Las Vegas, Anna?
— A voz de Eric se infiltra em meus ouvidos, lembrando-me do que vim fazer aqui. Preciso me concentrar nele.

— Apenas me divertir. Gosto de festas e estou louca para experimentar algo... novo.

Ele curva os lábios em um sorriso diabólico.

Volto meu olhar para o local onde Dan está, mas já não o encontro.

PERIGOSAS ACHERON

— Novo? Eu tenho muitas coisas novas para te oferecer!

Ergo minhas sobrancelhas como se estivesse interessada no que ele me diz.

— Adoraria ver!

Ele aperta minha cintura, trazendo-me para ainda mais perto dele.

— Vamos para a minha suíte!

Nego com a cabeça.

— Acho que seria interessante se você viesse comigo até a minha.

Ele segura minha nuca com delicadeza e deposita um beijo repugnantemente molhado em

PERIGOSAS ACHERON

minha orelha. Quase faço uma careta de nojo.

— Concordo em ir a sua suíte, mas insisto que depois vá a minha!

Sorrio maliciosamente, concordando com a cabeça.

Dan não voltou a falar comigo depois que me sentei à mesa de Eric. Não voltei a vê-lo e acredito que ele não tenha pensado que eu conseguiria vê-lo. Invennei uma desculpa para ir ao banheiro e deixei a mesa. No instante em que entro no toalete, pego meu celular, fingindo falar ao telefone.

— Estou subindo para a suíte.

Ouçó a respiração pesada de Dan.

— *Tome muito cuidado. Faça exatamente o que*
PERIGOSAS ACHERON

combinamos!

— Você ainda está aqui dentro?

— *Já estou do lado de fora* — é a sua única resposta e eu confesso que não posso deixar de pensar na loira exuberante que o acompanhava; espero que ela não esteja mais com ele.

Saímos da XS e, como sei o que acontecerá em seguida, a adrenalina corre abundante em minha corrente sanguínea. Entramos no elevador e, assim que a porta se fecha, Eric me imprensa contra o espelho. Agora ele não está sendo tão gentil quanto esteve o tempo todo. Isso me deixa assustada, mas, ainda assim, consigo manter a frieza.

— Acalme-se! Há câmeras aqui dentro. Você não quer chamar a atenção, certo?

Ele ri e logo começa a lambar o lóbulo da minha orelha. Sua boca passa pela minha mandíbula e uma vontade de chutar suas partes baixas quase me consome, mas eu me controlo novamente.

O elevador chega ao meu andar e eu me desvencilho dele, mas, quando estou prestes a sair, sou puxada de volta. Em seguida, a porta dupla se fecha e ele aperta o botão de emergência para parar o elevador.

— Mudança de plano. Vamos para a minha suíte! — Ele me segura com força, pressionando-me com seus braços fortes. Não posso tentar nada agora ou ele irá escapar das minhas mãos. Preciso levá-lo até lá e isso se tornou uma questão de honra.

— Eu realmente quero ir para a minha suíte,

PERIGOSAS NACIONAIS

Eric!

Ele me solta e, pela primeira vez, vejo desconfiança em seu olhar.

— Eu não me lembro de ter dito o meu nome a você! — Suas palavras são de acusação, o que me faz engolir em seco.

— Sim. Você disse!

Ele nega com a cabeça lentamente.

— Não. Eu não costumo dizer meu nome para desconhecidos!

— *Laura, saia daí! AGORA!* — Dan vocifera através do ponto eletrônico.

— Não posso!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não pode, o quê? — Eric questiona com o cenho franzido.

— Não posso mentir. Você não me disse seu nome, mas parece que é bem conhecido pelos funcionários daqui. Acha que não perguntei antes de sair daquele lugar com você?

Ele ergue as sobrancelhas, parecendo convencido com minha explicação.

— Muito bem. Já que sabe que sou conhecido pelos funcionários daqui, não precisa se preocupar em ir até a minha suíte.

Eu concordo com a cabeça e ele aperta o botão, fazendo o elevador voltar a funcionar normalmente. Subimos alguns andares e eu tento organizar meus pensamentos, planejando mentalmente o próximo

PERIGOSAS ACHERON

passo; precisarei agir rápido.

— *Sei que o desgraçado te prendeu, mas você deve usar o que aprendeu e sair correndo assim que as portas desse maldito elevador se abrirem. Você entendeu?* — Dan instrui com uma voz alterada.

— Sim. Eu entendi que você quer me levar para sua suíte no quadragésimo andar, mas qual o problema em ir à minha suíte antes? — Sou obrigada a conversar com o idiota à minha frente, mas sei que Dan compreende que é uma resposta para ele.

— Porque tenho drogas ilícitas e muitas bebidas... apenas para nós dois.

Meu coração dá um salto, mas eu tento, de todas

as maneiras, manter a calma. A porta se abre e ele me puxa para fora. Ao invés de fugir, como fui instruída, deixo que Eric me conduza, na esperança de que Dan tenha entendido meu recado e venha para matá-lo. Repito o número do quarto algumas vezes, sem que o idiota perceba, e entramos. Sei que eu deveria lutar e sair correndo, sinto-me preparada para isso, mas meu desejo de que ele morra é muito maior agora.

Eric fecha a porta de sua suíte e me olha. Ele se aproxima e eu, apesar da respiração irregular, sorrio com naturalidade, parando-o com minhas mãos.

— Vá devagar! Preciso tirar meus sapatos!

Ele me observa, enquanto sento-me na poltrona e retiro os saltos. Isso é apenas uma estratégia; estou me prevenindo, para o caso de ele me agarrar

PERIGOSAS NACIONAIS

de novo. Quando termino, subo o olhar encarando-o. O que vejo deixa-me completamente sem fala. Eric está apontando uma maldita arma para mim.

— Sua vadia. Não sou idiota! Sei que vai dar uma de difícil, então acho que é melhor você tirar suas roupas para eu te foder rápido. Não gosto de vagabundas por muito tempo ao meu lado. Você veio do inferno, não é? — Ele está delirando. — Assim que eu terminar com você, é para lá que você irá.

Arregalo os olhos e me ergo vagarosamente, enquanto meu coração bate com fúria no peito.

— *O que está acontecendo?* — Dan me questiona, mas fico em silêncio. — *Merda, Laura? Por que você entrou na suíte? Por que não fugiu?*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não repondo Dan Walker, que se comunica, aos berros, através do ponto eletrônico. Simplesmente não consigo falar tendo uma arma apontada diretamente para a minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON



— Merda, merda, merda! Ela está na mira do desgraçado! Nunca imaginei que Laura fosse tão irresponsável a ponto de arriscar a própria vida entrando naquela suíte! — vocifero enquanto soco, violentamente, a parede do elevador.

— Acame-se, Walker! — Steve brada, enquanto segura meus braços com força. — Se ela entrou, é porque se sentiu segura. Vamos matá-lo lá dentro!

Inspiro fazendo um grande esforço e cubro o rosto com as mãos, enquanto o elevador segue em

PERIGOSAS NACIONAIS

direção ao quadragésimo andar. Abaixo a cabeça, fecho os olhos e balanço-a, como se estivesse dentro de outro grande pesadelo.

— Ele vai matá-la! — afirmo com uma voz baixa e falha, como se as palavras estivessem presas dentro da minha garganta. — Ele não disse seu nome e a Laura o chamou de Eric! — informo Steve, que inspira o ar pesadamente.

— Merda. Ele deve ter desconfiado!

Não respondo, ansioso para chegar logo ao andar indicado.

Quando as portas do elevador se abrem, Steve e eu caminhamos apressadamente até a suíte que Laura nos indicou. Tiro minha arma de dentro do meu terno, sentindo a tensão tomar conta do meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo. Novamente, não sei o que vou encontrar assim que entrar por essa porta, mas, seja o que for, não creio que Laura tenha conseguido escapar de um assassino frio como ele. Jamais deveria tê-la colocado em um trabalho tão arriscado como este. O homem é um doente frio. Ele não pensará duas vezes em matá-la caso tenha desconfiado de algo. Tudo leva a crer que sim.

Encosto-me à parede em um dos lados da porta; Steve posiciona no outro extremo. Ambos estamos empunhando nossas automáticas, prontos para atirar. Tenho cobertura no andar, mas pedi que entrassem em caso de emergência. Já chamei Laura pela escuta algumas vezes, mas não obtive resposta. Esse silêncio aumenta minha certeza de que o desgraçado lhe fez algum mal. Ela simplesmente desapareceu, sem nenhum barulho, nada. Apenas sumiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pressiono a campainha com a arma em punho. Espero o maldito atender, mas nada acontece. Matá-lo, agora, será uma questão de honra. Se ele tiver tocado em um fio de cabelo dela, uma única vez, vou arrancar seus dedos, um a um, antes de tirar sua vida. O desgraçado não sairá vivo daqui; ele morre, mesmo que eu tenha que dar minha própria vida.

Afasto-me, impacientemente, sentindo uma angústia tomar conta do meu corpo. Aponto a arma em direção à porta, aperto o gatilho, mas, quando estou prestes a atirar, percebo que ela está encostada. FRANZO o cenho e encaro Steve. Acenamos uma única vez, um para o outro, e chuto a porta com força, fazendo-a se chocar violentamente contra a parede.

Assim que irrompo na suíte, com a arma firme

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em mãos, paro. Steve posiciona-se ao meu lado com sua arma também direcionada para uma cena incomum. Ele está com uma expressão perplexa enquanto olha para Eric Casey, morto com apenas um tiro em seu olho direito. Minha boca está ligeiramente aberta, ao mesmo tempo em que observo Laura, sentada em uma poltrona, segurando uma arma que, provavelmente, era dele.

— Laura, você está bem? — Minha voz quase não sai.

— Sim. Estou bem! — Sua roupa está um pouco rasgada na região dos seios e os cabelos estão desgrenhados, enquanto ela observa a automática que segura.

— Laura? — sussurro e, lentamente, ela levanta a cabeça, fazendo contato visual.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpe por isso! Eu realmente tentei levá-lo para a nossa suíte, mas... não tive escolha. — Suas palavras me deixam completamente assombrado. Vejo um leve tremor em suas mãos, mas quando observo seus olhos, não detecto qualquer arrependimento neles. Pelo contrário, ela parece confiante e nada arrependida pelo que acabou de fazer.

— Precisamos sair daqui. — Retiro, lentamente, a arma de suas mãos trêmulas e a entrego para Steve. Alcanço seu cotovelo e a arrasto em direção à saída. Olho para Steve e ele acena, sabendo muito bem o que deve fazer.

— Ela conseguiu, Walker! — diz com o que parece ser orgulho.

Eu sopro o ar pesadamente e não digo nada em

resposta. Sei que Laura foi totalmente capaz, mas, de qualquer modo, ainda estou muito agitado, talvez perplexo, para falar sobre o que ela acabou de fazer.

— Vou tirá-la daqui. Voltaremos para o Arizona.

Ele concorda com a cabeça.

— Não se preocupem. Há aliados cuidando da segurança do hotel. Vão embora; eles não virão nos próximos minutos. Steve alcança o celular e digita alguns códigos. Em seguida fala com agentes pelo rádio.

— Pane! — diz, e eu já sei o que está prestes a acontecer. Ele é o único que limpará toda a sujeira que fizemos, sem deixar o mínimo vestígio de

nossa presença por aqui.

— Tome cuidado!

Ele acena concordando, mas se concentra no homem inerte jogado ao chão. Puxo Laura pelos cotovelos e saímos pela porta, seguindo rapidamente até os elevadores.

Poucos minutos depois de deixarmos o hotel, já estamos longe.



Aperto o volante com tanta força, que os nós de meus dedos estão brancos. Steve está no viva-voz de meu aparelho celular. Ele garante que "limpou" todos os vestígios da nossa presença naquele hotel, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assim como tem feito em todos os lugares em que passamos.

O helicóptero nos trouxe de volta para o Arizona rapidamente e, quando pousamos, meu carro já nos esperava, como programado.

Não conversei com Laura até agora sobre o que aconteceu e, para minha total surpresa, ela, que fez exatamente o contrário daquilo que lhe foi instruído, não tentou justificar sua imprudência.

Pouco tempo se passou e meu carro estaciona em frente à minha casa; a mesma onde estivemos durante todo o mês. Estamos de volta e, por mais que eu esteja com raiva dela, não consigo deixar de admirar sua coragem. Laura se mostrou obstinada, como jamais imaginei que uma mulher como ela pudesse ser.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No momento em que pisamos no quarto, eu retiro meu terno e, em seguida, minha gravata. Abro os botões da blusa de linho, enquanto observo Laura, pensativa, com os cotovelos apoiados sobre os joelhos. Talvez o arrependimento por ter matado um homem tenha finalmente caído sobre sua consciência, mas eu espero sinceramente que não seja isso.

— O que estava pensando quando decidiu entrar naquela suíte com um assassino? — quebro o silêncio e ela me encara com o que parece a sombra de um sorriso. A impressão que tenho é de que ela se sente vingada pelo que fez.

— Eu apenas fiz o que deveria ser feito! — Inspira e se ergue, caminhando em minha direção. — Eu sabia que daria conta, mas não esperava que ele fosse apontar uma maldita arma para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu coração se acelera só em imaginar o perigo que ela correu.

— Ele se aproximou de mim e retirou os pontos eletrônicos dos meus ouvidos. Tentou rasgar meu vestido e eu fingi medo, esperando o momento certo para finalmente agir. Desarmei-o, bati com o meu cotovelo brutalmente em seu pescoço e ele caiu. Neste momento, eu atirei. A intenção era atingir sua testa, mas o tiro acertou o olho direito.

— Suga o ar, mostrando parcialmente os dentes apertados. — Ele não me tocou, Dan. Eu não deixei aquele verme me tocar!

— Por que atirou apenas uma vez, Laura? — questiono-a por pura curiosidade.

— Não havia necessidade de desperdiçar mais uma bala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu a observo, tentando assimilar o que acabou de me contar. Laura fez exatamente o que deveria ser feito. Agiu calculando cada passo e respiração do desgraçado, provando que consegue se virar em situações extremas sem entrar em pânico.

— Eu ainda acho que você não deveria ter feito isso, mas não há como ficar com raiva de você. Apenas não consigo, Laura. No entanto, tenho que admitir que, depois de anos, senti medo. Você me fez sentir medo do que iria encontrar ao entrar naquela suíte — afirmo, lembrando a última vez em que ela foi parar nas mãos de terroristas perigosos. Em seguida, seguro seu queixo, fazendo-a me encarar nos olhos. Analiso seu belo rosto, que aparenta calma.

— Ele poderia ter te matado — afirmo asperamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas não matou. Eu estou aqui, viva e ainda mais forte que antes. Não faria nada para...

— Você precisa de um banho — interrompo-a.
— Precisa tirar o cheiro daquele verme de você. Venha. Deixe que eu cuide disso!

LAURA RYDER

Três semanas depois...

Depois de ter matado aquele desgraçado, decidimos prolongar meus treinamentos com Selenia; hoje será seu último dia aqui. Segundo Dan, Adam finalmente entrou em contato com um homem que será sua isca. Eles combinaram de se

PERIGOSAS NACIONAIS

encontrar em breve e eu me sinto bem ao perceber que Dan Walker está se abrindo cada vez mais, a ponto de me contar seus planos.

O único assunto que ele evita é o Dia de Ação de Graças, quando ocorreu um ataque terrorista, do qual seu pai foi vítima. Steve me contou vagamente sobre o motivo de ele ser tão fechado, preso e completamente revoltado com os homens que destruíram sua vida naquele novembro. Adam também é responsável e, pelo que entendi, o maior culpado de tudo isso.

Soco, incessantemente, o boneco a minha frente, mas, de repente, um mal súbito toma conta de mim. Sinto-me tonta, devido ao esforço físico extremo, e, quando dou por mim, desabo no chão, sentindo-me mal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Laura? — Selenia me chama, apavorada, enquanto alcança meus braços, evitando que eu caia sobre o tatame. Ela me acomoda sobre a poltrona próxima à parede.

— Estou tonta... — informo entre respirações.

— É a terceira vez que você se cansa rápido e fica tonta. — Ela exala o ar. — Você precisa olhar isso, Laura!

Concordo com a cabeça, sem conseguir emitir uma palavra.

— Vou chamar o Walker... — Ela se afasta e eu não tenho tempo para impedir.

Não contei a ele que meu rendimento diminuiu por causa do cansaço físico e talvez emocional.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quero poupá-lo dos meus pequenos problemas. Pressiono minha testa com as duas mãos, enquanto sugo o ar com força. Tento me erguer, mas as mãos de Selenia já estão de volta, impedindo-me de me levantar.

— Walker já está subindo! — Afasta-se e logo retorna com minha garrafa de água. Eu bebo lentamente, sentindo que estou voltando, aos poucos, ao meu estado normal.

— Laura? — Dan se aproxima, com uma expressão um pouco aflita. Sorrio, ao vê-lo preocupado. Ultimamente é a única coisa que tenho visto estampar seu belo rosto.

— Já estou melhor. Foi apenas uma queda de pressão!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele se abaixa ficando rente a mim. Seus olhos me observam com nítida aflição.

— Tome. Passe sobre sua face. Ela está suando frio. — Selenia entrega um lenço e Dan o passa com suavidade sobre minha testa e bochechas.

— Acho que você está pegando pesado.

Sorrio, concordando com a cabeça.

— Fizemos alguns treinos diferenciados, mas nada de mais!

Dan olha para Selenia.

— É a primeira vez que isso acontece?

Ela me encara com uma expressão de desculpas.

PERIGOSAS ACHERON

— É a terceira vez!

Ele franze o cenho, com uma expressão que demonstra insatisfação.

— Por que você é tão irresponsável, Laura?

— Não foi nada de mais, eu só estava...

— Tentando acabar com a sua saúde! — ele me interrompe, completando a frase. — Venha! Amanhã terei que ir para Nova York, mas você irá comigo.

— Eu estou bem. Não há necessidade de que eu vá com vocês. Será um dia importante.

— Adam está em New Jersey, e já estamos monitorando seus passos. Dessa vez, quero que esteja por perto caso aconteça alguma coisa — diz,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

provavelmente, lembrando-se de Dubai e sua demora até chegar a Aspen para nos resgatar.

Sopro o ar, exasperada.

— Tudo bem!

PERIGOSAS ACHERON



Foi difícil me despedir de Selenia depois de muito tempo de convivência e ensinamentos. Combinamos que continuaremos nossos treinos, caso decidamos permanecer aqui em Nova York. Sei que ela recebeu muito bem para ficar a minha disposição, contudo não dá para negar que, embora seja seu trabalho, a amizade e afinidades que surgiram entre nós foi muito além. Ela se mostrou, o tempo todo, disposta a me transformar, e seus incentivos, berros e cobranças eram tudo que eu precisava para não desistir.

Para nossa tranquilidade, Dan reforçou a segurança ao retornamos a Long Island — a casa dos *rottweilers*. Quando pisei no seu interior, senti como se tivesse pertencido a este lugar por toda vida. Talvez seja porque aqui eu tive meus primeiros momentos íntimos com Dan Walker.

Antes de chegarmos, ele fez questão de me levar ao mesmo médico que havia feito aqueles exames. O homem de jaleco não fez qualquer pergunta, muito menos quis saber o que passei. Parece que Dan já havia relatado tudo por telefone, para evitar conversas demoradas. O médico apenas colheu meu sangue e disse que os resultados sairiam ainda hoje. Não fiquei preocupada, de fato, mas Dan insistiu e eu não quis argumentar.

Depois de ter me deixado aqui, acompanhada por cães e seguranças que cercam toda a

PERIGOSAS NACIONAIS

propriedade, Dan teve que sair para continuar com seus planos para pegar Adam. Confesso que estou aflita e, ao mesmo tempo, com medo de que algo muito errado aconteça. Ele me garantiu que nada poderia acontecer, já que eles têm Adam sob controle. Entretanto, passa das onze e, até o momento, não tive notícia dele. Dan Walker não me atende e isso chega a ser torturante.

Passa das duas da manhã, e minhas pálpebras cansadas dão sinal de que não conseguirei mais ficar acordada. Comi alguma coisa que prepararam para mim e continuei contemplando a escuridão do mar do lado de fora. Deito-me na cama, sentindo-me completamente exausta, e não demora muito para que eu caia no sono.

PERIGOSAS ACHERON



Acordo sobressaltada e observo o grande espaço vazio ao meu lado. Imediatamente, sinto-me angustiada por não ter notícia alguma de Dan. O que pode ter acontecido para que desaparecesse sem ao menos deixar uma mensagem? Ele e Steve sumiram e não atendem minhas ligações.

Ergo-me e, em seguida, alcanço o roupão sobre a poltrona. Quando estou prestes a sair do quarto, Dan irrompe pela porta. Paro, de súbito, assim como ele quando me vê. Observo a figura triste que me olha intensamente. Está sem gravata e a blusa de linho branca, aberta, deixa à mostra parte de seu peito e abdômen. Dan Walker parece cansado, e a impressão que tenho é de que ele estava aqui na

PERIGOSAS NACIONAIS

casa há mais tempo. Franzo o cenho, tentando imaginar o que aconteceu para que ele pareça tão... transtornado.

— Dan? Aconteceu alguma coisa? —
questiono-o com um olhar preocupado, enquanto, lentamente, aproximo-me dele. Para minha surpresa, ele se afasta e exala o ar sofregamente, parecendo angustiado. — Não conseguiram achar o desgraçado do Adam?

Ele fecha os olhos por alguns segundos, mas rapidamente os reabre, fixando-os intensamente em mim. — Adam já está em nossos radares. Não há como fugir! Está cercado e, amanhã, estará morto — afirma no mesmo tom frio de sempre, deixando-me ainda mais confusa.

— Então, por que razão você parece tão...

PERIGOSAS ACHERON

frustrado? O que houve?

Ele abaixa os olhos, fixando-os sobre meu abdômen.

— Você...

— Eu, o quê? — continuo confusa com o que ele está tentando me dizer.

— Você está grávida, Laura.

Abro muito os olhos, incrédula diante do que acabo de ouvir.

— Isso... não pode ser verdade. Eu tomei o anticoncepcional. Você mesmo pediu que o médico injetasse em mim e não há como...

— Sim, há! — ele me corta asperamente. — O
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

médico deixou de mencionar um pequeno detalhe sobre essas injeções. Não deveríamos ter tido relações sexuais no primeiro mês. Você nunca havia usado este método antes. Aliás, ele disse enfaticamente que nenhum método é...

— Cem por cento seguro — concluo imaginando o que ele iria dizer. Neste momento, lágrimas descem lentamente sobre minhas bochechas. Não estou chorando pelo fato de descobrir subitamente que estou grávida. Aliás, isso ainda é um choque que eu preciso assimilar aos poucos. Estou chorando pela constatação de que esse foi o real motivo para que ele ficasse tão transtornado; o motivo para que ele tivesse desaparecido. Isso só demonstra a revolta que ele sente por eu carregar um filho seu.

— Não me culpe!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele nega com a cabeça, cobre o rosto com as duas mãos e assim se mantém por longos segundos.

— A culpa é totalmente minha — afirma com veemência.

Tento me aproximar novamente, porém ele me repele, segurando meus pulsos com firmeza.

— Eu apenas queria você, Laura. Sua presença me fazia esquecer as dores que sinto, mas... — Balança a cabeça em negação. — Eu não consigo aceitar... Isso. Simplesmente não consigo. Preciso... — Ele não consegue concluir a frase.

Choro compulsivamente, enquanto observo o homem que não aceita o fato de ser pai.

— Deus, é uma criança. Como você pode ser

PERIGOSAS ACHERON

tão frio? Como pode odiar...

— Eu não o odeio — ele me corta. — Ainda é um feto de dois meses, que não se desenvolveu para que você o chame de criança.

Arregalo meus olhos, surpresa com o tempo de gravidez.

— Tive treinos pesados com Selenia e só agora descubro que carrego... um filho — sussurro, constatando o perigo que passei durante esses meses. — Eu... Você.

Ele balança a cabeça em negativo.

— Isso é um pesadelo, Laura!

Fico sem reação ao ouvir suas últimas palavras. Dan, de repente, demonstra a mesma frieza de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando o conheci. Sei que ele tem suas razões para não querer ter um filho, mas isso? Por mais que eu esteja em choque por essa notícia, ainda assim, fico emocionada em saber que carrego um filho do homem a minha frente. Do único homem que amo.

— Há uma vida dentro de mim — sussurro, entre soluços.

Parecendo inabalável, ele se afasta, como se ficar no mesmo ambiente que eu fosse a pior coisa do mundo. Dan aperta novamente os olhos e solta o ar pelo nariz.

— Depois, Laura! — diz com a voz quase inaudível.

— Não há nada que me fará tirar essa criança, entendeu? — afirmo enfaticamente, a visão turva

PERIGOSAS ACHERON

devido às lágrimas incessantes.

Ele não responde e apenas se afasta, andando de costas até alcançar a porta. Dan Walker me observa como se estivesse decepcionado. Vira-se sem dizer uma palavra e sai, deixando-me em um completo abismo de tristeza e frustração.

A CULPA


DAN WALKER

Nova York – Novembro de 2012

Meu celular vibra pela décima vez, é Erika. Ela quer que eu vá à comemoração do Dia de Ação de Graças, que acontece anualmente em Nova York. Eu Prometi ir, mas tenho que executar um serviço urgente.

Nos últimos meses, venho investigando algumas pessoas suspeitas de terem ligações com o terrorismo. Trata-se de algo que eu não poderia deixar para depois, já que Adam vendeu

PERIGOSAS NACIONAIS

informações sigilosas sobre mim e me entregou de bandeja para pessoas muito perigosas. Desde a explosão na rua 14, estou em estado de alerta a tudo ao meu redor.

— Erika... — atendo ao celular.

— *Dan, você prometeu!*

Inspiro o ar pesadamente.

— Eu sei, mas prometo compensar amanhã.

— *Não. Gabe sente sua falta! Seu filho vai fazer onze meses e você quase não o vê. Que tipo de pai é você?*

Fecho os olhos, sentindo suas palavras baterem em minha consciência. Não posso deixar de ver razão no que Erika diz, mas a verdade é que evito PERIGOSAS ACHERON

encontrar-me com ela e, conseqüentemente, não vejo meu filho com a frequência que gostaria. Além disso, evito ver minha família quando sinto o perigo iminente. No entanto, há meses, não tenho qualquer notícia sobre Adam. Acredito que desapareceram de vez.

— Meu pai está a caminho. Ele vai pegar meu filho. Sabe que eu amo esse garoto e sempre faço de tudo para estar com ele! Se você não pode levá-lo, apenas vá no próximo ano! — digo, impacientemente.

— *Talvez eu vá para Londres no próximo ano! Preciso voltar a estudar!*

— Você não pode levar meu filho...

— *Dan...* — ela me corta. — *Você quase não*

PERIGOSAS NACIONAIS

vem nos visitar ou visita seus pais por causa desse trabalho. Não estamos mais juntos “há séculos”, mas carregamos um laço, que é o nosso filho!

— Ele ainda é um bebê! — tento argumentar, mas ela parece obstinada a me convencer.

— *Seu filho sente a sua falta. Faça um esforço por ele!*

O que ela diz me causa certo mal-estar; sinto minha garganta se contrair. Erika sempre usou Gabe para tentar reatar, mas não há a menor possibilidade de retorno.

— *Dan, você sabe que Gabe vai amar. Há muitos bonecos na rua e este é o primeiro ano em que ele presenciará tudo isso*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fecho os olhos, buscando paciência.

— Tudo bem. Eu vou!

— *Obrigada! Você sabe que preciso me recuperar da operação que fiz.*

— Pessoas inteligentes não fazem cirurgias plásticas quando têm um filho muito pequeno para cuidar.

— *Eu estava com a barriga muito flácida!*

Emito um suspiro pesado, desejando apenas que essa conversa fútil termine logo.

— *Além do mais — continua ela —, sinto-me mais segura com você por perto! Há muitas pessoas por lá.*

PERIGOSAS ACHERON

— Ok. Você me convenceu, Erika. Eu vou!

— *Ótimo! Eu te vejo depois!*

Despeço-me de Erika e interrompo a ligação para ligar para o meu pai. Ele diz que já está pegando meu filho e que eles irão de metrô, devido ao trânsito. Combinamos de nos encontrar na estação da 34St.

— Vá ficar com seu filho, Walker. Eu te ajudo nessa! — Steve diz, com sua voz firme.

— Erika quer levar meu filho para Londres.

— Talvez seja uma ótima ideia, enquanto investigamos sobre estes terroristas. Lá é a terra dos seus pais, mande-os para lá. Assim, você se sentirá mais seguro, Walker!

PERIGOSAS NACIONAIS

Penso sobre o que Steve diz e acredito que essa seja a melhor solução.

— Certo. Vou pensar. É uma boa ideia. Amanhã continuamos a investigação.

— Nem pense em ir de carro. O trânsito nas principais avenidas de Manhattan está interditado!

Aceno e agradeço-o sinceramente por sua grande ajuda. Saio de seu apartamento, que fica próximo a Union Square e pego meu carro, mesmo sabendo que isso vai durar uma eternidade. O som de sirenes e buzinas se mistura em meio ao caos, enquanto sigo pela Sexta Avenida. Tento ser o mais rápido possível, até que, em um determinado momento, meu celular vibra. Olho para o visor e vejo que a ligação é restrita. Decido atender.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim?

— *Daniel Walker?*

— Com quem estou falando? — Franzo o cenho, já desconfiado de quem possa ser.

— *Você entregou meu irmão para a morte no Afeganistão e hoje eu vou adorar matar seu pai!*

— Você... — Minha voz desaparece, presa com minha aflição.

— *Dois homens-bomba estarão na rua 34. Sugiro que seja rápido!* — O homem interrompe a ligação e meu corpo gela dos pés à cabeça. Pelo tom de sua voz, isso não é brincadeira.

Alcanço minha arma dentro do compartimento entre os bancos. Olho para frente e vejo apenas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

veículos, que me cercam por todos os lados, deixando-me estático.

No ímpeto, decido abandonar meu carro no meio da avenida e corro desesperadamente pelas ruas. Completamente fora de controle, corro entre uma multidão de pessoas, empurrando-as com um dos meus braços, enquanto seguro minha arma com a outra mão. A adrenalina corre em minhas veias e o tempo está contra mim. As pessoas ao meu redor se transformam em um borrão, à medida que vou me aproximando da estação 34St. Quando estou prestes a atravessar a rua, alcanço meu celular, pressionando o número de meu pai. Ele demora a atender, deixando-me mais aflito.

— *Filho, já estou na estação e...* — Um estrondo, vindo da estação subterrânea, corta nossa ligação. Tapo os ouvidos instintivamente, enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meus olhos estão presos às pessoas, que correm sem rumo. Mais um barulho reverbera e a entrada para a plataforma está completamente destruída. Cubro meu rosto com os braços, na tentativa de me proteger dos fragmentos de destruição que caem do céu.

Muitos policiais já estão próximos ao local, mas não se aproximam, tentando entender o que de fato acabou de acontecer. Tento passar pela multidão desesperada, ainda na tentativa de salvar meu pai, mas sou impedido. Alguns corpos estão jogados sob os escombros onde, há poucos minutos, havia uma escada. Desvencilho-me das pessoas que me cercam e, quando estou próximo aos corpos, sou retido mais uma vez por policiais. Debato-me tentando soltar-me de sua contenção, mas paro ao perceber que não há mais o que fazer. Daniel Walker, meu pai, provavelmente não sobreviveu a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

este ataque. Muito menos meu filho. Sou retirado rapidamente dali pelos policiais, mas, novamente, desespero-me, debato-me, berro até sentir queimar os meus pulmões. Ajoelho-me e assim permaneço, observando a cena mais terrível de toda a minha vida. Por minha culpa, meu pai e meu filho estão mortos. Eu poderia ter evitado tudo se imaginasse que aqueles homens ainda estavam atrás de mim, mas não fui capaz de controlar isso. Não fui capaz de pensar que eles poderiam usar pessoas que amo para me atingir.

PERIGOSAS ACHERON



O medo ronda minha mente, como se tudo tivesse voltado para mim. O terror do Dia de Ação de Graças parece vivo em minha memória e em meus pesadelos. Não consigo esquecer um só dia daquele novembro; a dor dilacerante ao sepultar meu filho. Não consigo esquecer o ódio crescente e minha completa obstinação em matar os que cometeram aquela atrocidade. Eles tiraram a vida de pessoas inocentes e eu os matei.

Sempre soube que matá-los não devolveria minha paz. No entanto, queria acabar com cada um

deles até chegar a Zahir. Eu julgava que o líder terrorista fosse o último, mas agora sei que tudo isso só começou por causa da ganância de Adam. Ele deveria ter sido o primeiro da minha lista, o primeiro a morrer, mas não fui capaz de ler a periculosidade escondida naqueles olhos. Um verdadeiro psicopata, que sabia exatamente o que queria fazer.

Estou dentro do apartamento de Steve, em Manhattan, observando a noite chuvosa na Union Square Park. O lugar onde se concentra a diversidade nova-iorquina está vazio.

— A vida está te dando uma nova chance, Walker! Será que você não consegue entender isso?
— A voz de Steve se infiltra em meus pensamentos. Eu me viro, observando os monitores e aparelhos que estão à sua frente, sobre a mesa de

jantar.

— Eu... — Inspiro profundamente, como se fosse dizer algo, mas não prossigo.

Ele se ergue. Caminha em minha direção com uma expressão nitidamente triste. Steve sabe onde meus pensamentos estão agora.

— Meu amigo. Sei o que passou, eu estive lá. Acredite em mim, você não tem que se sentir culpado.

— Eu poderia ter evitado!

Steve nega com cabeça.

— Não. Você não poderia! Havia dois homens prestes a se explodir naquela estação. Eles iriam aonde o seu líder mandasse. Ele queria vingança,
PERIGOSAS ACHERON

Walker.

— Eu não fui capaz de prever isso!

— Você é bom no que faz, talvez o melhor, mas não é um vidente. Não se culpe! — ele aconselha.

— Tenho medo de perder de novo; medo de passar por tudo novamente. Estou vivendo um inferno muito maior, desde que descobri que Laura está...

— Sei que você não desejou isso, Walker — Steve me corta. — Mas, de qualquer forma, encare de um modo positivo. A vida está realmente te dando outra oportunidade. Ela se encarregou de trazer Laura para você. Está nítido que essa mulher não é apenas importante em sua vida. Ela é muito mais que isso. Você a ama. — Ele alcança meu

PERIGOSAS NACIONAIS

ombro e o aperta com firmeza. — O inferno que você carregou dentro de si vai acabar no momento em que você aceitar seu filho. Adam estará morto e você poderá seguir com sua vida.

— Tornei-me um mercenário por uma vingança e, dessa vez, tenho motivos suficientes para matar aquele desgraçado — afirmo com veemência.

Ele concorda com a cabeça e um sorriso escapa de seus lábios.

— Olhe para você, Walker. Estamos conversando sobre um assunto que, durante anos e a todo custo, você evitou. Percebeu que está finalmente enfrentando os demônios, meu amigo?

Encaro-o silenciosamente espantado com a sua constatação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou vencer cada um deles e me certificar de que ninguém mais nos encontre.

— Não vão. Tudo foi feito minuciosamente e as pessoas que matamos não tinham noção de quem somos. Não deixamos rastros pelo caminho.

— Eu quero Laura e meu filho, Steve. O medo que senti não pode impedir que eu dê mais uma chance para a vida.

— É assim que se fala, Walker!



Tudo cronometrado. Os agentes já colocaram localizadores no automóvel de nosso alvo. Adam não escapará dessa vez, já que o estamos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

monitorando o tempo todo. Ele está em New Jersey e se encontrará com a nossa isca em Manhattan, precisamente na Washington Square Park.

A noite está chuvosa e fria. Luvas negras envolvem minhas mãos, enquanto empunho a arma com o silenciador, pronto para atirar a qualquer momento. Estaciono o carro no fim da Quinta Avenida, frente ao famoso arco, exatamente onde Jordan, minha isca, encontra-se, impacientemente, olhando para o relógio. Segundo Steve, o carro de Adam se aproxima do lado "E" na Washington Square. O local majoritariamente frequentado por estudantes e acadêmicos da Universidade de Nova York receberá hoje outro tipo de visita. Adam não sairá vivo daqui.

— *Walker, a BMW está parada, mas ninguém saiu de dentro até agora.*

PERIGOSAS ACHERON

Franzo o cenho com a informação vinda através do ponto eletrônico.

— Fique atento quando ele sair — instruo, enquanto meus olhos observam a nossa isca. O homem que nos prometeu Adam está nitidamente nervoso; seu medo salta aos olhos mesmo para quem o vê de longe. Ele olha para o relógio mais uma vez, ergue a cabeça e observa um ponto fixo. Seu rosto se transforma como se tivesse visto um fantasma. Decide correr e um tiro o acerta em cheio, fazendo seu corpo desabar sobre o concreto.

— Merda, Steve! Alguém acertou a nossa isca! Vocês precisam cercar a BMW! — vocifero, enquanto ligo o carro e acelero pelas ruas em alta velocidade. Na confusão, meu telefone toca e, quando olho para o visor, vejo que é Laura. Com medo de que ela esteja precisando de mim,

pressiono o viva-voz atendendo à chamada.

— Laura?

— *Walker, Dan Walker!* — Meu corpo congela no mesmo instante em que ouço a voz de Adam, quando deveria ser a de Laura. Freio o carro, parando-o bruscamente.

— Onde ela está? — Minha voz, embora fria, ganha um tom a mais de desespero.

— *Laura está dentro do carro comigo, na parte "E". O que acha? Quero uma troca justa.*

Embora tente me controlar, respiro com dificuldade, voltando a dirigir, dando a volta ao redor do imenso parque, até aproximar-me do veículo que está estacionado. Permaneço a uma

distância segura.

— Eu estou aqui. — Minha voz sai quase inaudível.

— *Então desça!* — ele ordena e interrompe a ligação logo em seguida.

— *Walker, o que ele quer?* — Steve questiona através do ponto eletrônico.

— Ele está com Laura e quer a mim.

— *Merda, Walker! Como ele a pegou?*

— Não faço a mínima ideia. Todos os meus seguranças garantiram que ela estava lá o tempo todo.

— *Vou investigar isso. Talvez seja uma mentira*

para nos atrair!

Com o coração batendo a mil por hora, espero que Steve retorne com uma boa notícia. Mesmo que ele tenha ligado do número da Laura, isso pode ser facilmente mudado com alguns códigos. Adam tem acesso a muitas tecnologias, assim como eu.

— Walker...

— *Onde está Laura?*

— Ela saiu de sua casa há algum tempo com a ajuda de um dos seguranças.

A adrenalina percorre minha corrente sanguínea, enquanto meu coração bate furiosamente. Não consigo emitir uma só palavra. O medo que sentia, há poucos minutos, multiplica-se por mil.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Somos cinco homens apontando nossas armas para o carro.*

— Não atirem! Laura pode estar com ele! — imploro, mas, contrariando minha ordem, eles atiram. Antes disso, foram atingidos por disparos vindos do lado de dentro do carro, os quais acertaram um dos nossos homens. O desespero retorna quando vejo o veículo completamente crivado de balas.

— NÃO! — berro, mas minha voz é abafada pelo barulho ensurdecador. Quando tudo para, o silêncio e o vazio me atingem como um trem desgovernado. Eles podem ter matado Laura.

Corro desesperado, até alcançar o veículo alvejado, e, assim que abro a porta, deparo com Christian segurando uma arma, completamente

PERIGOSAS ACHERON

coberto de sangue. Steve surge atrás de mim e fica igualmente espantado ao observar o corpo sem vida do ex-colega de Laura.

— Poderia ter sido a Laura.

— Atiramos porque o vidro foi aberto e não detectamos a presença de Laura aqui.

— Adam nos enganou. — Embora aliviado por não encontrar Laura morta dentro do carro, eu ainda preciso, desesperadamente, saber sua localização. Sei que ela está correndo sérios riscos, já que ele ligou de seu número. Adam a rastreou e pode tê-la com ele quando quiser.

Ligo de volta para seu número, mas, para meu total desespero, ela não atende. Quando me viro, percebo que Steve está na linha com alguém. Ele

não diz nada, apenas ouve atentamente o que a pessoa diz do outro lado da linha. Tira o aparelho do ouvido e me observa com uma expressão assustada, como jamais vi.

— Walker, era Selenia na linha. Adam tem as duas em sua mira, presas no apartamento dela. Acho que ele descobriu o celular que ela escondia, porque a ligação foi interrompida.

— Onde fica o apartamento de Selenia?

— Próximo daqui. Vamos rápido! — Steve berra, enquanto monta em sua moto. Eu rapidamente faço meu caminho até o carro. Sigo em alta velocidade pela Quinta Avenida e, em poucos minutos, estamos em frente a um prédio que fica a poucos quarteirões de onde estávamos. Para minha surpresa, Selenia vive na 14 St, um lugar de

onde não tenho boas recordações. Seu prédio é tão antigo quanto os demais e, enquanto observo a fachada, reparo em dois homens casualmente parados junto à porta. Sei que estão armados.

Antes mesmo que eu me aproxime, Steve salta de sua moto e pega um deles com uma gravata. Logo um tiro, saído de seu silenciador, atinge o homem, que cai sobre o chão. Sem me importar, apenas atiro, acertando a têmpora do segundo homem, que estava prestes a atirar em Steve. Eles não tiveram tempo para pensar.

Destruímos a fechadura, entramos pela porta de madeira antiga e seguimos para o quarto andar, subindo pelo velho elevador. Steve sabe exatamente onde fica o apartamento de Selena, o que facilita nossa ida. Assim que chegamos ao andar, aproximamo-nos da porta; o silêncio me

deixa em alerta. Eu e meu parceiro nos encaramos. Apenas com um aceno de cabeça, invadimos, arrombando a porta de madeira antiga, que cai violentamente contra o chão. Corremos em direção à sala e, para meu alívio, encontramos Selenia e Laura, ambas vivas. Elas estão amarradas nas cadeiras e adesivos cobrem suas bocas. Há sangue escorrendo sobre a face de Selenia. As mãos de ambas estão presas na parte de trás da cadeira e as duas se balançam freneticamente quando nos veem.

Aproximo-me de Laura e Selenia, enquanto Steve faz uma vistoria na casa. Adam não está mais aqui. Puxo com cuidado os adesivos que prendem suas bocas; tento não machucá-las, mas as fitas estão tão fortemente aderidas, que é difícil ser gentil.

— Ele acabou de sair pela janela e está

PERIGOSAS NACIONAIS

descendo as escadas de incêndio! — Laura informa ofegante e eu me levanto imediatamente. Aproximo-me da janela e vejo-o descendo as escadas de metal velhas desajeitadamente. A chuva fina é um empecilho, mas, mesmo escorregando, Adam continua a descer.

— Steve, tire-as daqui! — ordeno e pulo para fora da janela. Adam olha para cima ao ouvir o barulho e acelera seus passos. Desço saltando os degraus escorregadios da escada de emergência, obstinado em pegá-lo. Ele salta do primeiro andar e cai sobre a calçada, rolando pelo chão. Estou no segundo e, quando percebo que ele se levanta rapidamente e corre em direção ao carro, atiro. Mesmo que o tiro tenha acertado seu ombro, meu alvo abre a porta e eu decido saltar de onde estou.

Bato meu ombro no chão, devido ao impacto, e

PERIGOSAS ACHERON

minha arma vai parar debaixo do carro. Adam tenta, desesperadamente, entrar, mas eu o alcanço puxando-o pelas pernas, enquanto tento me erguer. Ele desfere alguns golpes em meu rosto com o pé livre, mas eu o faço cair. Alcanço-o e golpeio repetidas vezes sua face. Já não há reação da parte dele, que permite que eu bata com toda minha força.

— Desgraçado. Você destruiu a minha vida! — Minha voz é vociferante enquanto cuspo as palavras.

Ele ri com o rosto completamente tomado de sangue.

— Eu vou destruir a sua vida de novo! — Ele levanta o braço para o ar e aperta um dispositivo que está preso à palma de sua mão. Antes que eu

possa entender o que está fazendo, ele pressiona o dispositivo e uma grande explosão é ouvida. O apartamento de Selenia voa pelos ares.

— DESGRAÇADO! — vocifero. Minha raiva é tão grande, que me afasto, alcanço minha arma debaixo do pneu e atiro, acertando sua cabeça, ao mesmo tempo em que sinto os fragmentos da explosão caírem sobre nós. Pela primeira vez, desperdiço todas as minhas balas sobre alguém, mesmo sabendo que já o havia matado com o primeiro tiro.

Levanto-me ofegante e sujo do sangue de Adam. Sinto um corte em meu supercílio, mas não me importo. Olho para cima, desesperado com a possibilidade de que tenha acontecido o pior com Laura. Tento puxar o ar para dentro de meus pulmões com a intenção de me recuperar. Meu

PERIGOSAS NACIONAIS

aparelho celular ou meu ponto eletrônico já não estão ao meu alcance. Corro em direção ao interior do edifício, passando por pessoas, que saem descontroladas, correndo para longe do incêndio, que começa a se espalhar em todo o prédio.

Quando estou prestes a alcançar a porta, Steve aparece e, logo em seguida, Selenia. Procuro Laura entre eles e, para o meu total alívio, lá está ela, aos prantos, mas aparentemente bem.

Quando me vê, Laura corre em minha direção, jogando seu corpo contra o meu. Eu a aperto com força, fecho os olhos e deixo as lágrimas rolarem livremente; lágrimas que eu segurei durante anos; que eu não imaginava que pudessem cair um dia.

Encaro sua face aflita, enquanto seus olhos observam meu rosto. Seus lábios, assim como seu

PERIGOSAS ACHERON

corpo, tremem, e as lágrimas ainda descem sobre suas bochechas. Eu a afasto do prédio tomado pelas chamas, enquanto o barulho ensurdecedor de ambulâncias, bombeiros e carros de polícia propaga-se por todos os lados. Laura parece fraca. Eu a ergo, segurando-a junto ao meu peito e a levo apressadamente para o hospital.



LAURA RYDER

Desperto sentindo mãos deslizarem lentamente sobre minha barriga e, quando abro os olhos, deparo com Dan Walker, que me observa detidamente. Ele tem um adesivo sobre o supercílio direito e seu ombro esquerdo está imobilizado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quanto tempo eu dormi? — questiono e o fantasma de um sorriso surge em seu rosto.

— Talvez umas doze horas. Como você se sente?

Pisco algumas vezes, percebendo que estou dentro de um quarto de hospital.

— Bem... — De repente, algo me vem à cabeça, uma constatação de que eu possa ter perdido meu...

— Nosso filho está bem! — Suas palavras me deixam estática, mas aliviada ao mesmo tempo.

— Nosso? — repito o que ele diz.

— Perdoe-me... — sussurra depois de inspirar profundamente, com seus olhos marejados. Vejo o movimento em seu pescoço e suponho que ele está

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com dificuldades para continuar a falar; parece emocionado.

— Eu saí da sua casa porque você parecia revoltado com a minha gravidez.

Ele fecha os olhos com força, mas logo os reabre.

— Eu quero esse filho, quero uma nova chance, Laura! Eu quero você.

A resposta que quero lhe dar está precariamente presa a minha garganta. No lugar de palavras, lágrimas tomam forma e eu choro compulsivamente.

— Shhh... Não chore ou eu serei expulso daqui. Você teve um pequeno sangramento, mas não foi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nada grave. Descanse!

Inspiro tentando conter o choro, enquanto seguro seu belo rosto aflito.

— Espero que me perdoe! Vou explicar tudo sobre mim. Tudo que me levou a agir como um idiota e, se você me perdoar, não tenho a intenção de te deixar ir... nunca mais.

— Também errei quando decidi sair da sua casa, sabendo que aquele homem...

— Não. Você fez o que qualquer mulher faria em seu lugar. Eu não deveria ter falado aquelas coisas sem, ao menos, explicar as minhas razões. Deixei subentendido que não queria esse filho. Deixei ordens expressas para não a deixassem sair, mas eles deixaram.

PERIGOSAS ACHERON

— Espero que você me conte tudo.

Dan acena lentamente com a cabeça. Segura meu rosto e aproxima-se de mim. Seus olhos estão próximos aos meus quando ele, lentamente, encosta sua testa na minha.

— Eu... — fecha os olhos com força — amo você, Laura! — e novamente suas palavras me deixam completamente perplexa.

— Suas atitudes demonstraram isso, mas é tão bom ouvir de sua boca — digo emocionada, mas feliz por ele finalmente conseguir expor seus sentimentos através das palavras.

— Eu também te amo, Dan Walker!

Ele me beija profundamente enquanto segura

PERIGOSAS NACIONAIS

minha nuca com delicadeza.

Sei que teremos um grande caminho a percorrer e problemas a enfrentar, mas estou disposta a lutar e ouvir tudo o que ele tem para me dizer. Quero fazer parte de sua vida.

PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO



LAURA WALKER

Londres... Dois anos depois...

A cor cinza define bem a vida das pessoas, a maioria proveniente de países como a Síria e Afeganistão, que vivem no maior campo de refugiados em Calais, noroeste da França. Estive lá, durante os últimos cinco dias, para levar alimentos e, claro, um pouco de afeto a essas famílias. Fiquei hospedada na casa de uma senhora que abriga ativistas e jornalistas próximo ao campo. Digamos que isso foi uma promessa silenciosa que fiz, caso conseguisse me livrar da morte mais uma vez.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aproveitei a viagem e, em poucos dias, fui capaz de montar uma importante reportagem para uma grande emissora. Essa foi minha primeira viagem, desde que me casei, mas, dessa vez, estive cercada por muitos homens, os quais fazem parte da agência de segurança privada de meu marido. Dan Walker, definitivamente, faz o que gosta, mantendo a segurança privada de pessoas muito importantes, principalmente ligadas ao governo. Seus agentes passam por rigorosos testes antes de se juntarem a sua equipe, a qual é altamente treinada para cuidar de pessoas que podem pagar para obter um nível máximo de segurança.

Dan se transformou em um empresário muito bem-sucedido e completamente comprometido com sua agência, ao lado do seu inseparável amigo, Steve, que, além de sócio, cuida da filial em Nova York junto com sua, agora, namorada e minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

grande amiga, Selena. Eles são padrinhos de Julie, nossa filha, e sempre vêm nos visitar.

Faço trabalhos esporádicos como repórter *freelancer* e isso já é o suficiente para me deixar extremamente feliz. Optei por fazer tudo sozinha, já que a última experiência com um parceiro não foi agradável. Christian teve o que mereceu. Queria muito que ele conseguisse lidar com sua covardia, mas se juntar com bandidos, definitivamente, foi sua sentença.

Agora, dedico a maior parte do meu tempo a nossa filha. Dan é obsessivo por segurança e não ficou nada satisfeito sobre minha decisão de ir ao campo de refugiados. Porém, promessa é sempre uma promessa e ele teve que aceitar.

O campo onde estive não é como a Somália.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não havia guerra lá dentro, mas isso não impediu que ele mandasse seus seguranças mais bem-treinados comigo. Porém, sempre havia violência contra os refugiados.

Nós nos falávamos todos os dias, mas confesso que não foi fácil ficar longe de meus dois amores, depois de tanto tempo juntos. Claro que quem cuidou de nossa filha enquanto estive fora, foi Vivian, a mãe de Dan. Ela é uma mulher doce e inacreditavelmente alegre. Conhecemo-nos nas vésperas de meu casamento, aqui em Londres, que aconteceu um mês depois que saí do hospital em Nova York.

Antes de vir para Londres definitivamente, vendi minha casa, mas, ao invés de me sentir triste por isso, tive uma grande surpresa ao deparar, pela última vez, com a minha caixa de correio. Havia

PERIGOSAS ACHERON

dezenas de cartas desnecessárias, mas, em meio a tantas, sem dúvida, uma me deixou em estado de felicidade completa. A carta estava endereçada a mim e, na outra face do envelope, lia-se apenas "Jamal" em uma letra cursiva. Mal acreditei quando comecei a ler as primeiras linhas. Ele não me conta onde mora ou o que anda fazendo, mas diz que está bem e totalmente seguro, realizando o sonho de estudar e trabalhar, assim como confidenciou que desejava em algumas de nossas conversas. Enfim, Jamal não está morto como aquele homem afirmou. Onde quer que esteja, sem dúvida, irá realizar seu sonho, pois, pelo pouco que conheci dele, sei que é esforçado o bastante para conseguir. Não deve ter sido difícil encontrar meu endereço, mas sei que ele deve ter se empenhado muito para isso.

Erika finalmente se conformou com o fato de que Dan seguiu sua vida. Sei que ela ainda nutria

sentimentos pelo meu marido e cheguei a recriminá-lo por lhe dar tanta atenção, mas, depois que ele me contou tudo sobre seu passado, compreendi seus motivos. Tratamentos psiquiátricos já a ajudaram muito e, depois que soube da minha gravidez, ela decidiu seguir com sua vida também; não mantemos contato, mas sei que está noiva de um empresário francês.

Depois de um longo banho relaxante na minha banheira, eu me ergo, deixando os pensamentos de lado. Seco meu corpo, alcanço o creme hidratante e deslizo suaves camadas sobre minha pele. Envolvero uma toalha macia ao redor de meu corpo e prendo o cabelo, enrolando-o para cima em um coque malfeito.

Quando estou prestes a sair do quarto para ver minha filha, que dorme ao lado, percebo uma

PERIGOSAS NACIONAIS

sombra vinda de uma das portas abertas, no fim do corredor, e sinto meu coração saltar acelerado. A casa onde moro é muito segura e cercada por cães. Não é tão grande ou luxuosa quanto a de vidro em Long Island, mas, definitivamente, é o suficiente para nós.

Não sei como alguém poderia entrar sem ser visto, já que há câmeras por todos os lados, monitoradas por Dan e por mim. Tudo está bem protegido, mas, nenhuma vez, desde que nos mudamos, precisamos usar tais tecnologias de segurança, já que nossa propriedade jamais foi invadida. Está escuro lá fora. Passa das oito da noite e o corredor mergulhado em sombras dificulta minha visibilidade. Não me recordo de ter acendido a luz do escritório que fica a duas portas da minha, mas percebo a luminosidade que atravessa as frestas da porta.

PERIGOSAS ACHERON

Volto para o quarto e alcanço minha arma, que fica escondida em um fundo falso no armário. Sigo, vagarosamente, em direção ao corredor; a luz do escritório já não está acesa e não tenho qualquer referência para me orientar agora. Ainda estou enrolada na toalha, com a arma em punho, apenas esperando, seja lá quem for, surgir em meu caminho. Mantenho minha respiração controlada e, quando estou prestes a apertar o gatilho, as luzes se acendem. Aponto a arma e a figura séria de Dan Walker se revela bem diante de mim.

— Você foi rápida!

Arregalo os olhos gradativamente ao perceber que ele está aqui. Dan nunca chega mais cedo do trabalho, mas parece que hoje decidiu me assustar chegando em um horário incomum. Talvez seja porque praticamente não nos vimos ontem à noite,

PERIGOSAS NACIONAIS

quando cheguei do campo de refugiados, já que eu estava completamente exausta.

— Eu poderia ter acertado uma bala bem no meio da sua testa! — sussurro e ele curva os lábios em um sorriso; um que tenho visto com mais frequência desde que nos casamos.

— Você é tão perceptiva quanto eu. Não iria me acertar!

Senti falta dessa voz grave e firme. Ergo apenas minha sobrancelha direita, ainda apontando a arma em sua direção. Ele parece gostar do que vê.

— Você está sendo uma mãe excepcional para a nossa filha, mas eu não me canso de admirar sua beleza enquanto segura essa automática.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um sorriso puxa o canto de meus lábios. Ele desce o olhar para meu corpo sugestivamente.

Abaixo a arma enquanto o observo. Giro meus calcanhares e sigo para o nosso quarto, guardando a arma no mesmo lugar. Quando me viro, dou de cara com seu corpo imponente bem próximo ao meu. Encaro seus olhos intensos sobre mim.

— Vim mais cedo, porque estava sentindo uma falta insuportável das minhas meninas, mas confesso que ficar sem você durante poucos dias foi uma das piores experiências que pude suportar.

Inspiro lentamente, deixando suas palavras resvalarem sobre mim.

— Eu sempre sinto a sua falta — confesso; e ele, habilmente, apenas com dois dedos, abre minha

PERIGOSAS ACHERON

toalha, deixando-a deslizar até o chão.

— Extremamente sexy — sussurra, retirando a presilha que sustenta meu desleixado coque. Meus cabelos caem feito cascatas sobre meus ombros e seios nus. Dan inspira, enquanto seus olhos passeiam por todo o meu corpo. — Não saia de perto de mim, Laura! Não suporto um dia sequer longe de você — confessa em um tom acima do normal.

— Foi torturante para mim também. É como se meu coração tivesse ficado para trás.

Ele sorri e passa as costas de sua mão sobre meu rosto com suavidade, deslizando-a através de meus ombros, até alcançar meus seios.

— Perfeita!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenho o mesmo corpo de antes da gravidez — afirmo, referindo-me às pequenas, mas visíveis marcas de estrias sobre minha barriga e seios.

— Não. Você não tem o mesmo corpo de antes. Você é uma mulher de verdade e é exatamente isso que me chamou a atenção desde que coloquei meus olhos em você! — sussurra e, por mais que eu queira discutir, sou impedida pelo desejo que vejo em seus olhos.

Dan começa a afrouxar a gravata, mas não consigo esperar que ele tire o terno e o agarro, segurando sua nuca e beijando-o com urgência. Sua mão envolve meu pescoço, puxando-me ainda mais contra ele. Nossos lábios se moldam perfeitamente. Retiro seu paletó e nos afastamos, sem fôlego, enquanto observo Dan terminar de desabotoar sua

PERIGOSAS ACHERON

blusa. Agarro-o novamente e, entre beijos, digo que senti muito a sua falta. Ele diz o mesmo, enquanto suas mãos passeiam pelas minhas costas até alcançar minhas nádegas. Dan me aperta contra ele e logo minhas pernas estão enlaçadas em seus quadris. Nossas línguas se misturam com mais intensidade, quando, de repente, um som familiar nos chama a atenção. Paramos de nos beijar e nos encaramos sem fôlego.

— Acho que tem alguém chorando no quarto ao lado! — Dan diz, mas sua expressão é tão frustrada, quanto acredito que seja a minha neste momento.

— Ela tem feito muito isso ultimamente!

Dan apenas acena com a cabeça, concordando com o que digo. Eu me afasto, enrolo-me novamente na toalha, enquanto ele abotoa

novamente a camisa.

Dan me acompanha até o quarto ao lado e, assim que entramos, vejo nossa pequena tentando se pendurar na lateral do berço. Minha filha já conseguiu escalar o berço algumas vezes. Houve algumas tentativas de fuga bem-sucedidas, por isso o piso é todo emborrachado; temos uma garotinha ninja dentro de casa. Julie tem apenas um ano e cinco meses, mas é bem mais esperta que os bebês da sua idade.

— Venha aqui, sua menina travessa! — Eu a alcanço e Julie me observa com seus olhos castanhos cheios de lágrimas.

— Fico feliz que ela se pareça tanto com você — diz Dan, atrás de mim. Eu me viro e rapidamente vejo seus bracinhos abertos em

direção ao pai. Ela quer o pai e percebe sempre quando ele está aqui, mesmo que não o veja.

Ele a carrega delicadamente.

— Ela não se parece comigo! — informo, admirando seu rosto deitado de lado sobre o largo ombro do pai. Dan sorri enquanto a aperta em seus braços.

— Julie é a nossa mistura perfeita! — ele diz e a beija no rosto, enquanto ela emite alguns sons ininteligíveis.

— Ela já se alimentou?

— Eu aceno, concordando com a cabeça.

— Ótimo. Apenas alguns segundos, e eu vou fazê-la dormir. — Ele curva os lábios em um

PERIGOSAS ACHERON

sorriso diabólico. — Eu ainda não terminei com você.

Sorrio, afastando-me e lembrando-me de todas as suas tentativas falhas de fazê-la dormir.

Volto para o quarto, visto um roupão e, depois de alguns minutos esperando que meu marido retorne, sigo para o quarto de Julie. Quando me aproximo da porta, vejo que, ao menos dessa vez, Dan conseguiu fazê-la dormir. No entanto, ele também dorme profundamente sobre a poltrona de balanço. Sei que seu dia foi desgastante e isso é perfeitamente compreensível. Poder assistir a essa cena é incrivelmente prazeroso para mim, o que não permite que eu lamente, embora esteja morrendo de saudades dele.

Dan Walker se transformou em um excelente

PERIGOSAS NACIONAIS

pai. Não vejo mais a tristeza que se escondia atrás do semblante sério que sempre carrega. Vejo aceitação, alívio e gratidão por termos tido a oportunidade de ter Julie em nossas vidas. Trocamos promessas, votos e, depois de tudo, nasceu uma certeza de que, se tivesse que passar por tudo que passei naquele inferno, eu passaria apenas pela oportunidade que tive de conhecer o homem que mudou a minha vida. O homem que me tirou do inferno mesmo vivendo um dentro dele mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

AGRADECIMENTOS

Este livro tomou forma em minha mente em 2015, quando eu assistia a um documentário sobre a Somália. Depois disso, comecei a pesquisar cada vez mais sobre casos de jornalistas sequestrados em zonas de conflitos, li alguns livros, reportagens e, finalmente, a história ganhava forma em minha mente. Algumas incertezas, no entanto, ainda pairavam, eu tinha dúvida, principalmente, se alguém leria algo ambientado fora do contexto habitual nos “romances”. Ainda assim, queria algo diferente, e somente uma pessoa foi capaz de proporcionar a luz que minha mente precisava naquele estágio de desenvolvimento da trama.

PERIGOSAS NACIONAIS

Glauce Valeriano, além de ser uma das minhas melhores amigas, é uma pessoa incrível e foi quem me ajudou muito na produção dessa história. Sem ela, eu teria demorado o dobro do tempo para concluir. Suas ideias e criatividade foram o pontapé inicial que me permitiu produzir este livro.

Queria agradecer ao meu marido, Daniel, que me ouviu incansavelmente ler, em voz alta, cada página... cada capítulo. Sua paciência e seu amor foram tudo de que eu precisava naqueles momentos. Obrigada por acreditar em mim, Dani.

A minha filha, conselheira e melhor amiga, Marina. Obrigada por me deixar amá-la do meu jeito supermegagrudento. Só sou capaz de respirar porque você existe, filha. Amo mais que tudo.

Aos meus pais, que, mesmo estando tão longe,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre me encorajam com palavras de carinho. Lourdes Ferreira e Ronaldo Ferreira são a minha base. Obrigada, mãe, por cuidar do meu pai. Nada substitui um abraço, mas eu me sinto abraçada quando vejo a troca de carinho, amor e cumplicidade entre vocês.

À Deh Ratton, uma grande amiga e quem fez a primeira revisão dessa história. Além de ser uma excelente revisora, é uma escritora extraordinária, em quem me inspiro todos os dias, pela inteligência e garra. Um ser humano incrível, uma pessoa que sempre me levantou com palavras encorajadoras.

À Bel Goes, responsável por me arrancar boas risadas quase todos os dias. Ela também é uma querida, tem uma mente brilhante e um dom inacreditável para encontrar soluções onde parece impossível; pessoa maravilhosa que tenho o prazer

PERIGOSAS ACHERON

de chamar de amiga.

A todas as meninas do grupo "Hospicionato Literário", principalmente Jaqueline Basilio, Ana Lucia Bruno e Mariana Ramos. Elas sempre dão apoio incondicional, além de ideias extraordinárias para novos projetos.

A todos da equipe PL, que me receberam de uma forma única. Ao capista Denis, que fez um belíssimo trabalho de design da capa. Ficou incrível e a cara da história. À Carla Santos, que fez um trabalho impecável na revisão e que está sempre disposta a ajudar. Sabemos que uma pessoa ama o que faz quando faz bem-feito. Obrigada. Às meninas, Brooke, Lisandra e Graciele, agradeço a acolhida e o fato de acreditarem em meu trabalho.

E, finalmente, aos leitores, cada um de vocês

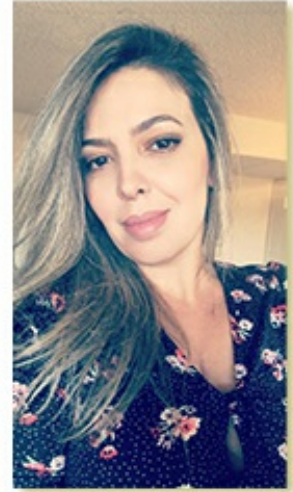
PERIGOSAS NACIONAIS

que acompanhou o livro, seja na plataforma Wattpad, seja na Amazon. Muito obrigada a todos que acreditaram em mim. Vocês são minha fonte de energia, o combustível que me impulsiona e me faz prosseguir. Obrigada.

PERIGOSAS ACHERON

BIOGRAFIA

CAMILA FERREIRA



Camila Ferreira é de Belo Horizonte, deixou o Brasil com a família em 2011, para viver nos EUA. Sua primeira parada foi Nova Iorque, onde se inspirou para escrever seus primeiros romances: “Infeliz Coincidência” e “Descobrimdo Você”. Sua paixão pela escrita surgiu ainda na adolescência, fruto das inúmeras leituras que realizou. Leitora compulsiva e apaixonada, deu asas à imaginação, e o que parecia ser uma distração se transformou em algo muito maior.

PERIGOSAS NACIONAIS

REDES SOCIAIS

Site

FanPage

Instagram

Wattpad

PERIGOSAS ACHERON



**Acesse o site da Editora PL para saber mais
informações sobre esse e outros livros:**

www.editorapl.com

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Em sua companhia

Sullivan, Brooke J.

9788568292822

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Verônica é uma mulher linda e atraente. Uma acompanhante de luxo que deixa os homens loucos por ela. Ela se mantém fria e insensível com seus clientes. Seu único objetivo: conseguir dinheiro suficiente para custear o tratamento de sua mãe. Até que um dia, ela é contratada por Adrian, um milionário que conhecia bem esse tipo de mulher. O que ele queria era a sua companhia apenas para uma viagem de negócios. Mas, Adrian não

PERIGOSAS ACHERON

conseguiu manter-se afastado de Verônica por muito tempo. A situação foge de controle e eles iniciam um relacionamento intenso e conturbado.

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Menina veneno

Galdo, Lilian

9788568292792

260 páginas

[Compre agora e leia](#)

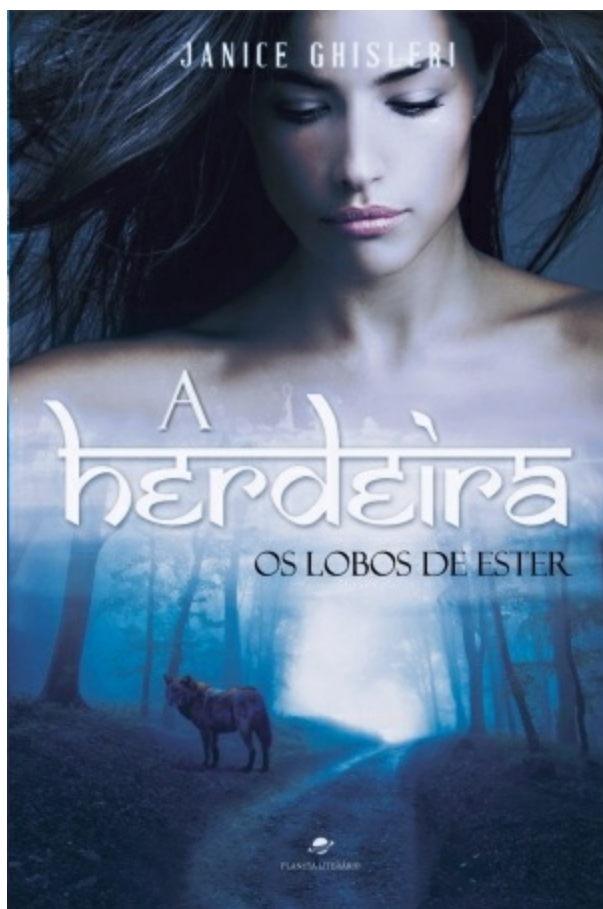
Depois de ter o coração quebrado por Canoa, Alana vai para a Europa fazer um intercâmbio por um ano. Nesse período fora ela amadurece, conhece pessoas novas e até mesmo começa a namorar, determinada a superar a dor causada pelo único homem que amou. Canoa conta os dias religiosamente à espera da sua menina. Apesar de tê-la afastado, a única coisa que queria era Alana nos seus braços, mas a idade era a o maior

PERIGOSAS ACHERON

problema entre eles. Quando finalmente ela está de volta, descobre que não é mais a mesma e, principalmente, que está namorando. Duas pessoas separadas pela idade e a teimosia. Porém, quando algo terrível acontece com Alana, é nos braços de Canoa que ela encontra proteção. Canoa teria que lutar com todas as forças para manter Alana segura e, quem sabe, finalmente tê-la ao seu lado.

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

A herdeira

Ghisleri, Janice

9788568292389

326 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eles eram milenares, míticos e poderosos, mas foram capturados e tratados como cobaias.

Com a ajuda de um cientista foram libertados, e agora lutam para resgatar os últimos lobos e começar uma vida nova. Noah era o alfa.

Apesar de belo e feroz, carregava profundas cicatrizes em seu coração. Por isso, estar perto de Ester era a última coisa que ele podia enfrentar, mas seu beta, Erick, pensava o contrário. Tudo estava indo bem para Ester.

PERIGOSAS ACHERON

Ela tinha uma nova casa, além de uma clínica veterinária, e um admirador secreto que lhe enviava flores e presentes, até ela atender um chamado para ajudar um animal ferido. E assim, Ester entrou em um mundo paralelo, onde havia homens altos, fortes, sensuais e com olhos exóticos que jamais havia visto na vida. Após o choque de descobrir a verdade sobre seu pai, Ester soube que não era uma herdeira normal quando o conteúdo do seu testamento foi revelado. Um deles era um companheiro, e isso teria uma consequência imensa para a sua vida. Porém, nem imagina o que acontecerá quando descobrirem sua verdadeira identidade. Embarque nessa aventura e descubra qual o mistério que uniu a herdeira aos lobos.

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Entre o amor e a fé

Ghisleri, Janice

9788568292655

519 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Urs Barker, do museu de Londres, envia a arqueóloga Marien Stewart para uma exploração das ruínas de uma suposta igreja na Itália, ele não sabia onde estaria se metendo. O que encontrariam junto do padre Sebastien Caseneuve não seriam meras ruínas, mas magia, paixão e sofrimento, que trazem para suas vidas uma arrebatadora história do século XIV. Suas vidas se misturam entre o passado e presente, fazendo-os reviver em

PERIGOSAS ACHERON

forma de estranhas visões a vida daquelas pessoas que viveram no passado e enfrentaram acusações de bruxaria, viveram como templários lutando em Jerusalém e tiveram suas vidas separadas. Agora no século XXI, eles são escolhidos para cumprir uma profecia e, assim, trazer à tona a história, a justiça e o amor. Não encontrarão apenas o destino de suas vidas, explodindo em um conflitante triângulo amoroso, mas também descobrirão o grande segredo oculto no templo que pensavam ser uma simples igreja católica medieval.

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Imperfeito amor

Bauer, JFB

9788568292594

348 páginas

[Compre agora e leia](#)

Vivemos em busca do amor perfeito. E o que fazer com as dificuldades da vida quando se almeja algo tão irreal? Maia nunca imaginou que o destino tornaria seu amor platônico uma realidade. Acreditar que o Dr. Rodrigo Ferraz, o homem mais cobiçado da cidade, teria seu relacionamento perfeito com Olívia acabado, era praticamente impossível! Contudo, a perfeição que uniu o casal mais afamado do município não foi o bastante para o famoso

felizes para sempre. Partindo misteriosamente, Olívia abandona o marido e o filho pequeno deixando uma ferida aberta no coração do nobre médico. Quem sabe, o amor verdadeiro não nasce das imperfeições? Com essa nova perspectiva, Maia tem a chance de viver seu grande amor... que, infelizmente, não dura eternamente! Alguns anos depois, em uma noite chuvosa, os dois se veem frente a frente. Ao se olharem, percebem que os sentimentos que os uniu no passado, ainda estão vivos em seus corações... A partir daí, Maia faz uma retrospectiva do romance e dos motivos aos quais os levaram a desistir tão precocemente de um Imperfeito Amor. IMPERFEITO AMOR trata da busca pela perfeição, do medo quando as coisas não saem como planejamos, da baixa autoestima que faz nos contentarmos com pouco. É um romance que ensina a amar a todos com seus defeitos e imperfeições.

PERIGOSAS NACIONAIS

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS ACHERON